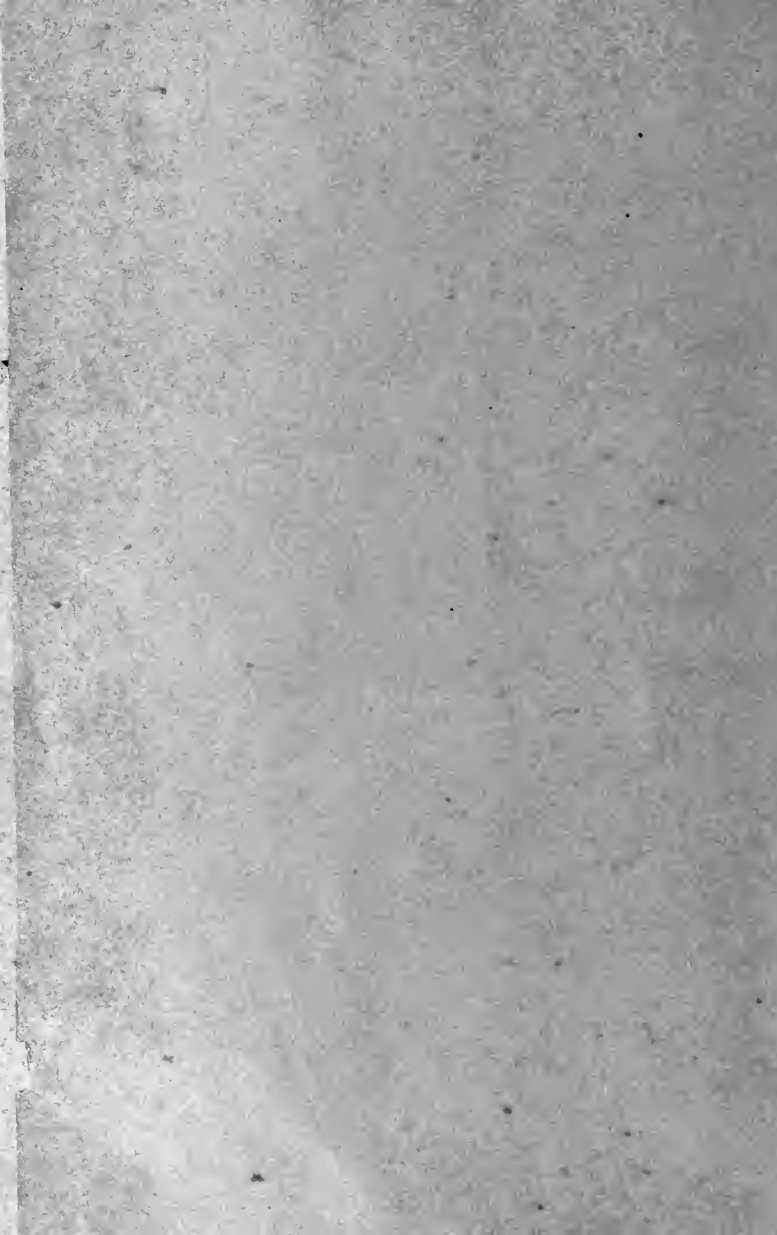




3 1761 03613 3486

Edwin







Numero 49

Arthur Hays

Sinapismos



*Zinão*

---

*Ridendo . . .*

*Sinapismos*

---

Valença do Minho

1889

Digitized by the Internet Archive  
in 2007 with funding from  
Microsoft Corporation  
1985

# DUAS PALAVRAS

(A SERIO)

---

Essas paginas são para rir.

Originou-as a curiosidade que despertaram alguns artigos humoristicos, publicados sob o titulo de *Ridendo*.

Ha n'ellas referencias pessoaes, como não póde deixar de ser, para que os periodos não tenham a aridez dos discursos do sr. conselheiro Adriano Machado; mas são referencias á vida social e á parte que n'ella tomam as individualidades, que chamo ao tablado da ironia.

Respeito sempre a vida particular e isso que ha de mais nobre e sagrado na sociedade — a familia.

O leitor verificará que, na composição dos artigos, segui um processo de critica differente do usado, até

hoje, nas polemicas litterarias e politicas da nossa terra.

Suscitada uma questão, exgottam os adversarios os argumentos mais ou menos concludentes, que as suas intelligencias lhes fornecem; depois, invariavelmente, vem a critica estulta e pueril da redacção dos periodos, sua composição grammatical, orthographia, etc., e conclue-se com as allusões á vida particular, em termos de collareja e argumentação de viella. Temos visto muito d'isso por cá...

N'essas paginas ha artigos inoffensivos e ha periodos, em que a ironia é violenta — desde já o declarar — porque foram inspirados no affecto, que a esta terra consagro e no vehemente desejo que nutro, de que ella se liberte da ignobil inercia, que a domina e de influencias ridiculas, que a amesquinham.

Descarna-se n'elles, com o escalpello do sarcasmo, a parte d'este organismo que a podridão ataca, applicando-se, como cauterio, o ridiculo e a-gargalhada, como desinfectante; mas não influe n'essa operação a sensualidade brutal do estripador londrino, ou a ferocidade selvagem da sanguinolenta tragedia de Pantomim. Ha a insensibilidade e a firmeza de pulso, que a Sciencia recommenda ao operador quando, para salvar órgãos essenciaes á vida, lhe impõe a immediata extirpação e cauterio violento d'outros, que o mal apodrece.

Essas linhas foram, pois, pautadas pela dignidade

e nunca n'ellas predominou a influencia de resentimentos mesquinhos, ou a intenção de referencias offensivas, que seriam torpes, como anonymas.

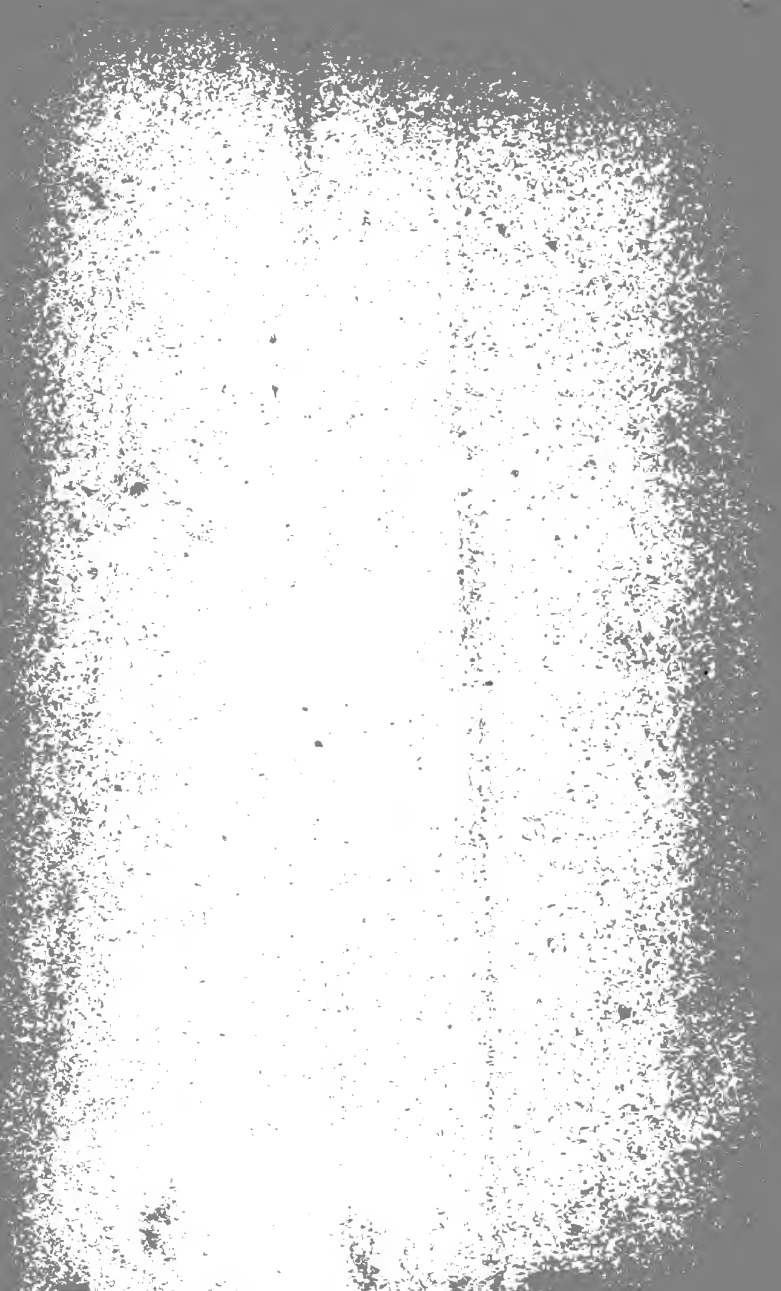
Eis o meu programma e se alguma vez se desfivelar a mascara do Zinão, oxalá que uma erronea interpretação do que se vae ler, não faça afrouxar a acção nervosa, que hoje me estende a mão de muitos amigos, que figuram n'essas paginas.

\*

Passo a afinar a rabeca.

Valença — Novembro, 1889.

*Zinão.*





## Aos pobres de Valença

---

Entrevados, paralyticos, cegos, escrofulosos, tísicos, hydropicos,

—Velhos, mulheres e creanças,

que sois o producto dos residuos—*caput mortuum*—da Humanidade e por ahi vos arrastaes, penosamente, aos sabbados, disputando, á dentada, o magro *chabo* que ás descarnadas mãos, em publico e notorio arrôto de rothschildica generosidade, vos arremessam os poderosos Cresus da nossa terra;

—miseros, que tivestes a desventura de ver a luz do dia coada pelas frestas da mansarda, quando esses

mesmos atomos e moleculas a que deveis a vida, atrazando-se, ou adeantando-se no seu labutar constante, podiam gerar-vos entre arminhos e flôres, entre aromas e caricias;

—preeitos, que dormitaeis, tiritando e gemendo com fome, enroscados, como cães, na ampla escadaria da Assembleia, em noites de baile e de festa e vos vêdes apartados, como reprobos, isolados como hydrophobos, do ruidoso e alegre tumultuar da vida, em que ha risos, mulheres formosas, affectos e diamantes;

—párias, que a doença algemou ao catre da dôr, e a quem a luz formosissima da alvorada vae encontrar no estertor da agonia, nas convulsões do soffrimento, nas infernaes torturas da miseria—essa mesma luz que desperta e illumina a caravana alegre, quando, exuberante de vida, de mocidade e de prazer segue, ruidosa, ao Faro, para respirar o oxygenio das montanhas e admirar as sorridentes paisagens da Natureza, d'essa desalmada Mãe, que para vós só teve quadros sombrios, horrores, vendavaes de infortunio, abysmos de soffrimento;

—famintos, que espreitaeis com olhos soffregos os doirados salões de Pantagruel e de Gargantua, e vos sentis deslumbrados com o faiscar dos crystaes, alcoolisados com os aromas das iguarias, estonteados

com o espumar do *Champagne*, até que o lacaio vos atire o osso que o mastim disputa, ou vos expulse a chicote, para que a miseria dos farrapos nojentos, o fetido dos membros descarnados, a pallidez cadaverica da face, não vão perturbar a alegria dos convivas, recordando-lhes que ha por este mundo gente que nasce, vive e morre, sem conhecer o que é *Champagne frappé*, *Punch à la romaine*, ou *Riz de veau à la Tartare*;

— imprudentes, que vos atreveis a bater á porta do Hospital depois das oito da noite, como se a Caridade não tivesse mais que fazer, do que estar á vossa espera, e por ahi appareceis, depois, mortos nas muralhas, com o ventre para o ar, olhos esbugalhados, membros hirtos, esverdeados, cheirando mal;

— reprobos, que nem entrada tendes nos templos, onde imaginaes que, por lá estar Christo, se egualam as condições, ignorando que o Christo da missa do meio-dia não é vosso, mas o dos argentarios que, para illudirem a consciencia e satisfazerem as exigencias da vaidade e as apparencias da hypocrisia, lhe dão capas de velludo e corôas de oiro; lhe fazem companhia nas longas noites do inverno, distrahindo-o com essas immoraes bambochatas das Novenas e da Semana Santa, com a somnolenta melopêa da padralhada, com as intrigas e confidencias amorosas, com o cochichar mordaz do beaterio, que entre *Torres*

*eburnea* e *Mater castissima*, discute a confecção de um vestido da Torrona, ou do Blanco — e lhe fazem venias, e batem no peito, e andam por ahi, de porta em porta, ostentando cynicamente crenças, que não possuem, crenças, que não comprehendem, a pedir em nome de Christo, que é o symbolo do amor e da humildade, os *cinco tostões* da subscripção, quando á mesma hora, infelizes, olhaes, soluçando, para a escudella vazia e as creanças vos mordem os peitos, porque já não tendes leite, nem o calor da vida...

Velhos, mulheres e creanças,

escutae:

Ahi tendes esse livro.

Lêde-o, ou dae-o a ler. E se entre os ricos e os felizes da vida esses periodos não se crystallizarem no oiro da esmola — encontrareis ahi lenitivo para os vossos infortunios, porque ficareis sabendo, que nas regiões, onde só imaginaes venturas, oiro e risos tambem ha, como entre vós, pustulas — da vaidade, aleijões — do ridiculo, febres — da ambição, contracções — da hypocrisia, doenças e disformidades mais dolorosas e repugnantes do que as vossas, porque não inspiram compaixão nem dôr, mas, apenas, tedio, ironia e a gargalhada.

## I

### O Microbio <sup>(1)</sup>

Tivemos á porta o Microbio.

Eu já o esperava.

A gente, para falar a verdade, porta-se mal cá por baixo e o Padre Eterno deve, com justa razão, encrespar as sobranceiras com uma boa dóse de mau humor, quando o globo terraqueo, no seu incessante rebolar por essas immensidades, lhe apresentar á vista a formidolosa praça e os seus arrabaldes.

Aquelle nefando e escandalosissimo caso, que tanto alarmou a fé das christandades e a religiosidade das beatas da nossa terra — a prisão da Santa, arremes-

(1) Este artigo foi publicado, quando a Junta de Saude inventou o Microbio de 1889.

sada aos baldões para os ferros de El-Rei e para a jurisdição autocratica do Borralho, de sucia com os desobedientes e reaccionarios philarmonicos de Ganfey -- deve tel-o incommodado seriamente.

Mas ha mais. É recente outro caso mais escandaloso ainda, que aqui, á puridade, vou referir.

Na vizinha villa de Monsão perpetrou-se, ha pouco, um gravissimo attentado contra a Moral, contra o respeito ás coisas sagradas e seriedade das nossas crenças religiosas.

Ao que parece, o conspicuo Senado não prestou a devida attenção á guarda da Santa Coca e esta, já enfastiada com as interminaveis polemicas e diatribes dos srs. padre Simão, Caetano José Dias e outros respeitaveis jornalistas, escapou-se á sorrelfa, internando-se nas terras da Galliza até Redondella, onde foi visitar a Coca da localidade.

Ora, segundo se conclue, esta era de sexo differente e, de incestuosa copula, resultou uma Coquinha, que os nossos bons vizinhos tiveram a imprudencia de apresentar em publico na ultima procissão de Corpus-Christi, com grande gaudio dos atheus e suprema indignação do ferrador da localidade, contratado para S. Jorge, que, em altos brados, reclamava maior salario, visto que ajustára a lucta contra uma só Coca e não contra duas!

E permitti que vos diga, respeitavel Senado monsanense, á fé de Deu-la-deu, que foi incorrecto o vosso proceder! Contra Cocas com familia deve-se, indubi-

tavelmente (as pandectas o determinam, artigo 1:007), pagar mais caro o S. Jorge.

Ora, com todos estes desacatos, repito, o Padre Eterno deve trazer-nos de ponta e claro é que, mais tarde ou mais cedo, cá teríamos o castigo:—ou qual-quer das pragas do Egypto, ou nova Exposição de Rosas, ou novo consulado do João Cabral, ou mais dois falladores, como os srs. Abilio e Leopoldo.

Do Mal, o menos. Veio o Microbio.

As planicies do Ganges já deram o que tinham a dar. O Egypto, a India, a China, a America Central são insupportaveis n'esta epocha, com as suas elevadissimas temperaturas. O Microbio é d'uma organização especial, que dispõe de todos os recursos para facil e rápida locomoção; anda sobre as aguas, como Ulysses, de chinelos de liga, e no ar, como nós, no sobrado das nossas casas. Requerem, pois, licença para uma viagem ao estrangeiro e o Padre Eterno, extendendo o index, indicou-lhe o caminho.

Microbio preparou-se convenientemente com repetidas abluções hydroterapicas, como o sr. Albino; abotoou o seu guarda-pó; sobraçou o guarda-chuva; despediu-se da familia e, de mala de viagem e guia Baedeker na mão, atirou-se cá para o Occidente e parou em Vigo.

Pelas condições economicas da viagem, que não teve character official, nem reclamos, nem discursos de congratulação dos Presidentes das Camaras e das Juntas de Parochia, este Microbio deve ser diffe-

rente, do que visitou a Hespanha em 85. Deve ser um Microbio burguez, pacato, com inscripções, reumatismo e dinheiros a juro; talvez Juiz de Paz, ou quarenta-maior contribuinte do seu concelho; deve usar suspensorios, botas de cano; tomar rapé e dormir com barretinho de algodão; deve ser um Microbio sensato, austero e de bons costumes; de principios e convicções firmes, assim como o sr. Agostinho; bom chefe de familia, temente a Deus, inimigo de *Malzabets* e de romarias, onde qualquer Pau-real amolga impunemente a massa cerebral, ou a mioleira da humanidade.

Em Vigo apresentou-se, pois, modestamente com um pequeno sequito de gastrites, gastro-enterites e algo de typhos; mas apesar do incognito rigoroso e da modestia d'esta apresentação, souberam da sua chegada, em Lisboa, os conspicios Membros da Junta de Saude.

Aquelles respeitabilissimos Esculapios, Argos vigilantes, a quem estão confiadas as nossas existencias, aborrecidos já da longa inacção em que vivem desde 1851, limitados a rubricar diariamente o fornecimento dos cemiterios da capital, de que se encarregam com inexcédivel pontualidade, arregalaram, de jubilosos, os olhinhos, vendo em perspectiva um Microbio legitimo, genuino, naturalizado americano pelo sr. dr. Arezes. Tocaram a rebate no paiz.

Os pharmacópolas açodaram-se em abundantes preparativos de tonicos, diaforeticos e antisepticos.



Koch, Pasteur, Brouardel, Proust, Fauvel, Ferran, Raspail foram consultados em laboriosas vigílias.

As tropas, emocionadas pelo santo amor da Pátria, prepararam-se para o holocausto no Cordão sanitário,—que tão boas libras produziu em 1885.

Os amanuenses, prevendo uma valente *razzia* entre os chefes cacheticos e tropegos, saboreavam as delicias d'uma rápida promoção.

Maridos, com vida atribulada, suspiravam voltados para o septentrião... Tudo se preparava, enfim, para receber o Microbio.

Entretanto, palitava elle a sua ociosidade, em Vigo, com alguns artilheiros, que ainda se não sabe, ao certo, se foram victimados pela febre, se pela gangrena originada no *excesso de limpeza*, em que viviam...

Informado dos preparativos, que no nosso paiz se faziam para o receber, Microbio Bacilla malhumorou-se.

Antipathizou com a calva luzidia do sr. dr. Meira, encarregado officialmente de o saudar em nome do governo lusitano.

Alterou repentinamente o itinerario e... foi-se.

Lá desapareceram com elle as fagueiras esperanças dos amanuenses, dos maridos infelizes e as cóleras dos senhores de Valença, que em 85 foram, violenta e despoticamente, espoliados dos seus direitos de propriedade por um governo futre e pouca-

roupa, que teve o descaro de pagar, como aluguel de nove mezes, uns miseros centos de mil reis, que representam o dobro do valor das propriedades.

Lá desapareceram as rações de 1.<sup>a</sup> classe e aquellas encantadas folhas de kilometros, que deram aos tropegos membros locomotores de amigos meus, obesos e adiposos, a agilidade e ligeireza do mais leve e reputado andarilho...

D'esta vez, ainda, déste xaque-mate ao Padre Eterno, oh grande doutor Lourenço!

\*

Augustus Sampaius, senhor da Balagotia; Intendente geral dos serviços phyloxericos, digo, (1) antimicrobicos da fronteira; Commissario geral dos inoffensivos Cerberos da policia concelhia e, como tal, terror dos Troppmans e Jacks adventicios; Chefe da Repartição do expediente do sr. Administrador (que Deus Guarde); Director da Repartição Municipal de Hygiene e Secção annexa das toleradas, artes *julianas* e *valladicas*; Inspector do serviço das bombas e de segurança publica; Fiscal dos pesos e medidas;

(1) Este *digo* não é consequencia d'uma simples abstracção do meu espirito. Originou-se no tratamento, ha dias applicado no posto de desinfecção do Caes, onde os viandantes eram considerados parreiras phyloxeradas e polvilhados com enxofre... a folle de sopro.

É economico e não faz bem nem mal.

Antes pelo contrario...

Secretario perpetuo das Juntas de Parochia; Orçamentologo official das Confrarias e Irmandades sertanejas; Irmão do SS. Sacramento; Mesario e Ex-definidor da Santa Casa da Misericordia; Mordomo da Senhora do Faro, da Senhora Santa Luzia milagrosa e outras Senhoras d'aquem e além mar, terras da Urgeira e Taião; Mestre de cerimoniaes nas contra-danças lithurgicas das nossas festas de Egreja: Estatistico distincto dos fogos, productos, criminalidade, bipedes e quadrupedes do Concelho; Numismatico abalisado; Agricultor emerito; Actor consummado; phantasista original e querido das damas, em debuxos de lettras para lenços de namoro—homem que representas, na vida social da nossa terra, a mais completa e complexa, a mais genial expressão da actividade humana—Augustus Sampains, senhor da Balagotia—eu te saudo!

Ao fallar no Micobrio, que tanto apavorou os conspicuos Esculapios da Junta de saude, e que tão ridentes esperanças fez agora despontar, no horisonte ennublado de muitas finanças oscillantes, eu não posso esquecer o teu nome, porque foi a ti, ao teu provado zelo, assaz reconhecida sollicitude, desempenhada actividade que a Patria, eu e a minha prole devemos a desejada immunnidade do terrivel Bacilla, na campanha de 85.

Commove-se-me profundamente a alma; inundam-se-me os olhos de lagrimas; sensibilizo-me, como se te ouvisse no palco com as lamentações de pae

tyranno e infeliz; foge-me dos labios o riso, como se te aturasse o *espírito* n'essas libertinas extravagancias a que te dás no Carnaval, encadernado de *princez*, ou á *antiga*, com os europeis e a farrapada do teu guarda-roupa—(boceta pandorica de frioleiras e de traça)—percorrendo as casas sérias, com grande gaudio das matronas do teu tempo e abundante colheita de mystificações, intrigas, pançadas de riso, chavenas de chá e tostas com manteiga—quando me recordo, oh Balagotio illustre, dos teus serviços no cordão sanitario!

Noites tempestuosas que passaste; asperezas do inverno; longas caminhadas; chuva, vento, frio, fome e sede; graves perturbações nas funções digestivas; fraqueza nas contrações peristalticas, occasionando incommodas e demoradas accumulações no cœcum; nas longas noites de vigia, ao avizinhar-se vulto sombrio e suspeito, afrouxamentos instantaneos do *sphingter* com defecações abundantes, enfraquecedoras; fartas exhalações de acido carbonico e hydrogenios carbonado e sulfurado—e tudo isto pelo amor da humanidade, provocado pelo mais desinteressado altruismo, inspirado na mais acrisolada philanthropia e, depois ainda, aggravado com os arranços da tua dyspepsia chronica e com a ingratitude da Patria de quem, contrariado, espezinhado na pureza dos teus sentimentos humanitarios, tiveste de receber, a *fortiori*, umas mesquinhas dezenas de libras!

Tu, Balagotio amigo, engrossaste o longo marty-

rologio, da Patria. Salvaste-a e continuas ahi esquecido, ignorado, com a tua dyspepsia e o teu barretinho de seda preto, condemnado a um eterno roçar de canhões do casibeque na mesa da Administração, sem uma commenda, sem veneras hespanholas, que se vendem ao alqueire, sem um viscondado sequer!

Mas eu, contrerraneo illustre, não serci tambem ingrato. Já que esse *Zé Barros pequenino* foi insensível aos vehementes protestos do teu amor, e te não fez Commissario das Policias, com pingue gratificação de categoria; já que o teu Chefe no Cordão se não compadece dos olhinhos de ternura e piedade, com que tu, cem vezes por dia, lhe fitas a janella, eu te protegerei, cidadão benemerito e prestantissimo.

Tu soffres. Essa dyspepsia cruel, quando se não fala em Microbio, mina-te a existencia, curva-te o tronco, descora-te a face, dissemina no teu organismo os germens de uma anemia lenta e perigosa.

Brown Sequard nada te póde fazer.

A Deus nada posso pedir a teu favor, porque tu tambem foste connivente, com esse feroz Attila do Registro predial, na prisão da Santa.

Nada temos a esperar do Céu, mas recorremos ao Olympo, que outr'ora fazia tão bons milagres, como o Senhor S. Campio, que sua uma vez por anno, ou a Senhora da Cabeça, que, para mostrar competencia na cura de fracturas da dita, reúne traiçoeiramente na sua festa, quantos caceteiros comem boroa e feijão, por estas boas vinte leguas em redondo.

Pois bem! Que Jupiter ouça os meus rogos. Já que as delicadissimas funcções do teu organismo te consentem apenas o leite, como alimento, que Elle te mande Io, para que tu, nas suas cem tetas, possas de noite e de dia chupar a vida, novas forças, novos elementos e os teus tecidos tomem, a breve trecho, a salutar obesidade do sr. João Ignacio, do saudoso doutor Pacheco, ou do nosso prestantissimo deputado, o sr. Visconde da Torre!

Setembro 1889.

## II

### Passe-Calles

Oh Justininho!

dá cá o braço...

Ora aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> um rapaz, que se o Marianno não atira para o Pico, era muito capaz de se guindar ao pico da popularidade, cá na terra.

Ainda não conheci quem mais sympathias tivesse entre Clero, Nobreza e Povo; mas tambem, ainda não conheci rapaz mais sensato, conciliador e serviçal.

Para chamar á paz um casal amuado; para prégar Moral ás creadas de servir; para uma visita de pesames, a rigor, com o *resigne-se V. Ex.<sup>a</sup> com a*

*vontade do Altissimo* engatilhado; para dirigir um baile nos *tricanés*; para entreter senhoras nas reuniões da Semana Santa, em S. Estevão, ou nas do Carnaval, na Assembleia; para acompanhar famílias á missa das onze; para representar a Associação artistica; para umas funcções serias de secretario (tinha o monopolio); para a descripção d'um baile no *Mensageiro das salas*; para dirigir a eleição das comadres, a coisa mais redondamente patusca e interessante, que gentes da Coroadá teem produzido — não ha, não houve, nem nunca haverá quem o eguale.

Quando passava na rua de S. João, todo tesinho e perliquitetes, apesar da magreza e do nariz, diziam d'elle

as meninas — é muito engraçado.

as mamãs — é muito sympathico.

os papás — é muito bom moço.

os velhotes — é... é... é... o Justininho.

\*

Estava nos bailes como em sua casa. Só tinha um defeito para homem de sala: dançava pouco e mal.

E eu digo porque.

N'um baile da Assembleia reuniram-se, em qua-



drilha de *Lanceiros* (a mesma que David dançou ao pé da Arca) os srs. dr. Lopes, dr. Ladislau, Padre Cunha e Justininho.

Justininho gostava de florear nas marcas. Ordenou um *chevaliers au milieu*, e os quatro Cavalheiros, entusiasmados com as damas, com a musica, com as luzes e com as flôres, avançaram com *ropia*.

Eu não sei bem, como aquillo foi. O que sei, é que se chocaram, que se enarigangaram, e de tal fórma foram abalados os respectivos e respeitaveis vomeres e cornetos, que o sangue espirrou, e os quatro Cavalheiros foram retirados, em braços, da sala.

As senhoras desmaiaram. O baile acabou.

Foi o diabo.

D'ali em diante, tanto o sr. dr. Lopes, como o sr. Padre Cunha e o Justininho (V. Ex.<sup>a</sup> deve ter notado isso) dão-se pouco a danças. Quem continuou foi o Ladislau, porque esse, no tremendo choque foi o mais feliz. Como é pequeno e de baixa estatura, o seu nariz não abalroou com os outros; roçou no umbigo do sr. Padre Cunha e enfraqueceu o choque.

É verdade: aqui está mais uma vantagem que a gente tem, em dar falta ao estalão.

E ainda o sr. dr. Pestana se entristece e zanga, quando o alfaiate lhe pede noventa centímetros para umas calças, e lhe assevéra, que não necessita de um metro e dez, como os outros senhores!

\*

Sou amigo do Justininho, mas já lhe roguei uma valente praga; e talvez fosse por isso, que elle *to-cou rabeça* com o Pereira.

Eu conto o caso, porque não é de segredo:

Lavrava por ali essa epidemia, peor do que cem microbios, das charadas.

Nas Assembleas, nos Clubs, nas lojas, nas mercarias, nas boticas e nas nossas casas, não se tratava d'outra coisa.

O Almanach de Lembranças, essa escarradeira de quanto semsaborão existe n'estes reinos, ilhas adjacentes, terras do sabiá e da Tijuca, espalhára, por toda a parte, os germens da maldicta mania.

Havia enigmas; charadas antigas, novas, novissimas, com premio, sem dito, em prosa e em verso; de — nas costas — 1, sem indicação syllabica; emfim, de toda a raça e feitio.

Descobrira-se, que para espalhar o flato e para aquecer os pés, no inverno, não havia melhor remedio do que: charadas, quino e *trinta e um* de bocca.

Justininho deve uma boa parte da sua popularidade, entre as damas, á facilidade com que *matava* charadas. Em se lhe dizendo :

O que é, que é  
Que toca de dia  
No alto da torre  
de Santa Maria?

respondia logo, immediatamente:

— É um sino.

Ora, uma noite, — isto foi, talvez, ha doze annos — estava eu á mesa do trabalho com a familia.

Minha mulher fazia meia. Minha sogra lá estava com as charadas.

O rapaz mais novo — o Toncca — estudava a lieção de francez. O outro — o Zéca — andava com a Avó á cata de decifrações.

Eu estava a turrar com somno, mastigando entre bocijos, uns periodos muito alambicados, em fôrma de lambedor, com que Justininho descrevia um baile, no folhetim do *Noticioso*.

Soavam todos aquelles estafados bordões de — gentilissimas damas — corações feridos — sorrisos angelicos — amores — gruta dos ditos — arrufos — horas fugitivas — recordações sandosas — rainha do baile — reticencias — etc. — etc. — etc. —.

V. Ex.<sup>a</sup> deve conhecer tudo isto, porque de mil bailes, que tem havido em Valença, appareceram mil descripções eguaes.

São como os necrologios do sr. Verissimo de Moraes. Estão sempre promptos. A questão está em se

dar o nome do perecido. Às vezes, ha o seu engano, mas escapa.

Por exemplo :

Ha annos, morreu n'esta villa um velhote com 90 janeiros.

Estomago fraqueiro e arruinado, atacára á noite uma pratada de arroz com lampreia e ... arrefeceram-lhe os pés.

Tambem, foi uma infelicidade, porque, se o sr. Pacheco (diga-se a verdade) chega mais cedo uma hora, o homem, em vez de morrer ás 10, arrefeceria ás 9.

No dia seguinte, dizia o *Noticioso* :

*«Mais um anjo, alando-se para as ethereas regiões, fugiu hontem da terra, roubado cruelmente, pela terrivel Parca, aos affectos dos seus carinhosos paes.*

*Polycarpo Bezerra, aquella encantadora e gentil creança, que era o enlevo ... etc.»*

Ora, Policarpo Bezerra, era exactamente a *creança* de 90 janeiros, que a lampreia victimára! Os barbaros dos typographos, se haviam de aproveitar a chapa dos adultos, serviram-se da que havia para as creanças.

Isto succede.

\*

Mas, como estava dizendo, eu turrava com somno, á espera do chá.

De repente, levanta-se o Zéca e diz:

Oh Papá ! Que é, que é  
Que, pela calada,  
Gosta de dar  
O Marquez de Vallada ?

— *Cou*, (1) diz o Toneca, que acabava de tirar no Dicionario a palavra pescoço. (Só o soube depois).

Levantei-me indignado, enfurecido com aquelle enorme desacato á Moral e á Decencia, praticado nas minhas barbas!

A decifração da charada foi immediata e violenta para os rapazes: duas valentes bofetadas!

Indignação geral da familia. Minha sogra levanta-se irada e chama-me tyranno!

Retorqui-lhe que aquillo era escandaloso, anti-moral e era uma falta de respeito á gente graduada, porque o sr. Marquez era um Marquez, estava no seu direito de dar o que quizesse, e ninguem tinha que lá metter o nariz.

Augmentou o barulho, porque os rapazes, defendidos pela mãe e pela avó, cada vez berravam mais.

Levantou-se minha mulher, chamou-os, e lá foi tudo a chorar.

No dia seguinte, minha sogra, fiel ás tradições, quiz requerer o divorcio. Andei amuado oito dias.

(1) Isto é francez e do mais decente.

Data, até, d'essa occasião, o meu reconhecimento á Isabelinha, creada de sala...

Só quando fiz as pazes com minha mulher, é que conheci a origem da resposta do Zéca e a coincidência do *significado*.

O Toneca, como é mais agarotado, lêra o *Pimpão* e appetecêra-lhe tambem, sem saber o que dizia, *metter* a sua farpinha no senhor Marquez.

Mas, tudo isto não teria succedido, se não fosse o diabo do folhetim e se o Justininho não tivesse a mania de chroniqueiro de saias.

Veja V. Ex.<sup>a</sup>, como se perturba a paz d'um lar e o socego d'uma familia honesta!

\*

Mas, effectivamente, o Justininho, para charadas, era d'uma perspicacia sibyllina. Como elle, só a Sociedade charadista dos Terriyeis de Villa Real.

A gente reunia-se á noite na Assembléa. O Club, n'esse tempo, estava ainda no embryão das sociedades pacatas, porque o sr. dr. Pacheco, se bem que já andasse, como o povo diz, com a barriga á bocca, ainda o não tinha dado á luz.

Ou se faziam charadas, ou se jogava o quino. Duas distracções innocentes e engraçadissimas! Que saudosas noites! Que piadas! Que pilherias e facecias!

Que espirito fino, alegre, saltitante, amenisava aquellas horas!

Quem mexia sempre nas bolas era o Melim. Uma mania como outra qualquer.

Cartão, dez réis; *corda*, sessenta réis.

Marcava-se a feijão carrapato.

Quem recebia as pagas, dava os trocos e quebrados, era o sr. Agostinho.

Cada *quinada* era recheada de surpresas, ancias, esperanças e decepções!

— Trinta e tres, dizia o Melim.

— Annos de Christo, exclamava sr. João Ignacio, erguendo-se, todo contentinho, para gosar o effeito da pilheria.

Andavamos aos tombos com riso, e quem poderia resistir?

— Vinte e dois!

— Patinhos a nadar — berrava o sr. Baptista.

Ai que demonios aquelles! A gente até chorava!

— Trinta e sete!

— João Pimentel Castanheira — lembrava o sr. Elias.

Não se podia continuar; estava decidido! Pois se até a ceia nos queria trepar á bocca!

— Venha a precisa, ó vizinho e chegue-se cá, que quero bulir nas bolas, dizia o sr. dr. Pacheco.

— Oh diabo! Isso não, que podem ver as irmãs da Caridade, aconselhava eu, sempre prudente e cauteloso.

— Sessenta e seis!

— Quinei! — berrava o sr. escrivão Brito.

— Ora sebo! — murmurava tristemente o sr. dr. Evaristo. E eu que já tinha cinco quadras! Bem se vê, que os padres não nasceram para trabalhos com bolas.

Estavamos todos tristes, como a noite.

— Alto! Foi rebate falso. Siga! — dizia o sr. Brito todo rejubilante pela facecia, e casquinando frouxos d'aquelle seu riso, tão patusco e tão original: ki-i, ki-i, ki-i...

Afinal, quem quinava sempre era o Leopoldo. Este diabo, lá com os capellães arranja-se sempre bem ...

\*

Reunia-se, pois, gente fina e perspicaz.

—o Veiga, que viu no Jardim das Plantas uma *zibolia*, com sessenta metros de comprimento;

—o Izidoro que, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, descobriu as aguas de S. Pedro, é amigo do amigo Lopo e tem a Grão-cruz da Sociedade de Geographia e da ordem do Sol, do Japão;

—o Serrão, que viu um comboyo, que levava dez regimentos de infantaria, dez de cavallaria, oito de artilheria, um de engenharia; tudo em armas, officiaes a cavallo, etc., etc. (Isto foi no tempo d'uma guerra qualquer).



—o Machado, que, assistindo a um baile da Assembléa até ás duas horas da madrugada, apparecia, ás cinco, na praia d'Ancora, lá ao longe, entre as brumas do mar, dentro d'uma bateira, e já em regresso da ilha da Madeira.

—o Maximino, que sem perceber uma palavra da lingua de Milton, encontrou uma *ingleza*, com quem se entendeu muito bem.

—o Leopoldo, que viu e apalpou os pendulos e o ponteiro do relógio, que ficou entupido, nas alturas do coccyx, ao larapio da rua do Ouvidor.

—o Abilio, que conheceu o pae da mãe, do tio, do pae do dito larapio — Rua da Quitanda, 23, sobre-loja.

Emfim, tudo gente fina e perspicaz.

É verdade: tambem lá estava sua Excellencia, o Senhor Governador e sua Excellencia, o Senhor Vice.

Na Academia real das Sciencias não havia melhores cabeças; nem na Camara dos deputados, se exceptuarmos os srs. Oliveira Mattos e Visconde da Torre.

\*

Para arranjar charadas, quem tinha mais gosto e geito era o sr. Polycarpo Monteiro. Pelos modos, carteara-se com o mano de Lisboa, a tal respeito.

Elle pensava um pouco e dizia:

Que é, que é  
Que faz: pum! pum!  
Quando lhe arrima  
O Vinte e um?

Justininho escrevia, logo, qualquer coisa n'um papelinho; collocava-o debaixo do seu chapéosinho e... sorria.

Nós andavamos às aranhas.  
Tira d'aqui, põe acolá...

Nada!

O Senhor Governador, forte em Mathematicas, punha logo o caso em equação:

$$2 \text{ pum} + 21 = x$$

tirava os logarithmos, deduzia todas as formulas da triangulação :

Nada!

O sr. Zagallo, que não estava para contas, lembrava-se dos nomes de todas as terras de Hespanha, por onde transitou no tempo das guerras...

Nada!

Ninguém falava. Ouvia-se o zunir d'um mosquitinho.

De repente bradam duas vozes:

Adivinhei!

— É o chapéo alto do meu subordinado Durães — dizia o sr. Borges.

— Não é, não senhor. É um chapéo, mas o do sr. Monteiro, dizia o Senhor Vice-Governador, que já, n'aquelle tempo, era o homem mais fino cá da terra.

É! Não é! Levantou-se uma questão dos demonios.

— Fala o Justininho! — bradamos nós, como quem recorre a um Juiz.

Justininho abriu o papelinho e mostrou, sorrindo:

Zabumba!

Rompeu nova celeuma. Ninguém queria ceder. A final, depois de muito berrar, descobriu-se que todos tinham razão.

Havia alli um caso, como o da Santissima Trindade: tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro. Eram tambem tres coisas, todas distinctas, todas eguaes e uma só verdadeira: o zabumba — do Justininho.

\*

N'outra noite, o sr. Polycarpo, entrou na Assembléa, muito contente, e esfregando as mãos, debaixo do seu chale-manta.

Trazia uma charada muito difficil, que lhe levára seis horas a compôr.

O sr. C. Barros offereceu logo, como premio, um exemplar do seu drama: *Marília*, ou a *Moirá dos bosques*.

Reuniu-se o povo todo, e ouviu:

Quem é, quem é,  
Que faz a desobriga  
E, sendo capellão  
Tambem é rapariga?

Esta, é que nos deu agua pela barba. Fazer de homem e de mulher, é que nunca podemos comprehender.

O maroto do Leopoldo, esse, parece que a percebeu. Sorriu-se, porque tinha entrado n'aquella occasião e, pelos modos, vinha de se confessar...

Trazia no chale-manta palheiras da muralha...

Foi o Abilio, que o traz de ponta, quem descobriu isso.

Ninguem matou a charada, mas desconfio que alli

andou também influencia do premio... Parece-me que afugentou um pouco as ideias.

Isto é mera supposição.

\*

Depois d'essa, appareceu outra do sr. Zagallo, mas *matou-se* logo. Foi:

O que é que é  
Que dá *sól* e *dó*  
E se o Cruz lhe bufa  
Faz : Pó, Pó !

V. Ex.<sup>a</sup> certamente, já adivinhou.

É um *figle*. Não teve graça.

Pois o sr. General podia apresentar coisa melhor.

Bastava que nos dissesse :

Ora digam cá,  
Sem hesitar  
Se hoje na camara  
Occupo logar ?

Claro é que ninguém responderia, a não ser que se verificasse o conteudo do mais recente, do que tivesse ainda a tinta fresquinha, dos officios com que sua Ex.<sup>a</sup>, oito vezes por mez, participa ao Senado que,

por motivos justificados — sahe  
que,  
por justificados motivos — entra  
e vice-versa  
e versa-vice.

\*

Este sr. Zagallo, na Camara, lembra-me o Conego Vaz.

Eu fui sempre muito agarotado e por isso me não admirei, do que queria fazer o Tonéca ao Marquez de Vallada. Se por ahi houver alguma mamã, com filha casadoira, disponivel — francamente — que não tenha saudades da minha pessoa, porque lhe não serviria, ainda que fosse *numero um*.

Quando não podia dar a minha *gazeta* á aula do Conego, escapava-me sempre que podia, cá para fóra, para a muralha, onde os Guerreiros e os Garções jogavam o pião e o *escabichu*.

Juntos, eramos insupportaveis. O Ignacio Soares e o Zé, quando passavam por nós, tiravam com todo o respeito o seu chapéosinho e tratavam-nos por Excellencia, mas ainda assim, levavam o seu puxão de orelhas porque, quando estavam encarrapitados na varanda de ferro, e se lhes dizia cá de baixo:

Presos como os macacos!

cuspiam, e atiravam com botas velhas.

O Zé, hoje é homem de genio e palpita-me que, na Politica, ainda chega a ser importante; mas n'aquelle tempo andava com o *hora, horae*, e isto de latim é coisa, que debilita muito a gente.

\*

Como estava dizendo, quando me juntava aos Guerreiros e aos Garções, andava tudo, por ahi, n'uma dobadoira.

Pelo Maio, já tínhamos organizado uma inspecção rigorosa á producção do concelho.

Era-mos, assim, uma especie de agronomos.

Se nos perguntassem:

Quem é, que n'este anno vem a ter:

melhores peras? — o Chico Veiga.

melhores melancias? — o Boticario.

melhores melões? — o Ascencio.

melhores uvas? — O senhor José Rodrigues.

A este senhor José Rodrigues sempre tivemos muito respeito. Quando, por acaso, nos encontrava perto do Prazo, ou da Boavista, (a gente, já se vê, andava a *passar innocentemente*) falava logo em ti-

ros, mortes, carabinás, punhaes, ratoeiras, facadas, cães de Castro Laboreiro . . . o diabo!

Por isso, não era como os outros:

o Chico Veiga,  
o Boticario,  
ou o Ascencio;

era: o Senhor José Rodrigues.

A final, foi sempre um santo, e pagava o seu tributo em bellas uvas e bons melões, como os outros.

Eu falei no boticario . . .

Era assim nos outros tempos, mas hoje é camarista e chama-se — o sr. Fontoura.

Este senhor é que nos pregou um susto! Eu conto, se não me torno massador para V. Ex.<sup>a</sup>

\*

As propriedades, como disse, estavam debaixo da nossa vigilancia permanente.

Logo que a uva principiava a pintar, a pera a mudar de côr, a melancia a ganhar casca — dávamos assaltos medonhos!

Uma vez, combinamos o ataque ás melancias do sr. Fontoura. Ainda estavam verdes, mas duas, ou tres, principiavam a carregar na côr.



O calor abrazava. Era necessario ser um Santo, para resistir á tentação.

Á hora combinada, entramos na propriedade, cautelosamente, sorrateiramente, como quem anda aos grillos.

Tinhamos, já, duas melancias cortadas e tratavamos de metter a unha, em certa parte das outras (de que eu não digo o nome, porque pôde ser lido por senhoras) para verificar se estava molle ou rija, quando ouvimos gritos de *agarra! agarra!* e logo, após, o estampido d'um tiro!

Eu não posso explicar o que succeden. Parece que nos agarraram pela golla da jaqueta e nos levaram, pelo ar, até á Esplanada!

Alli paramos, porque já não havia ar no mundo para os nossos pulmões. Consideramos no caso . . . .

Apalpamo-nos cuidadosamente, demoradamente. Estendemos primeiramente uma perna; depois outra; depois um braço.

Cuspimos. Passamos a mão pela cabeça.

Não havia sangue.

Serenamos. Voltou-nos a voz.

Só então verifiquei que, no auge da afflicção, *sem querer*, tinha trazido as melancias!

Não estava tudo perdido. O que é o instincto da conservação!

Ainda nos incommodava a ideia, de que o sr. Fontoura fosse fazer queixa ás familias — o que significaria uma valente taponas.

Felizmente não succedeu isso, porque elle, no auge do seu furor, (do qual V. Ex.<sup>a</sup> pode fazer idea, quando o ouve ameaçar céos e terra, clamando, á porta da pharmacia, contra os seus devedores) não nos conheceu.

Parece que Deus não o dispoz para a nobre carreira das armas, porque, ao apontar a espingarda, fez como os pretos e os soldados brazileiros — voltou a cabeça.

Quando novamente olhou, diz elle, que só viu fumo. Não era só fumo; eram nuvens de pó, que nós levantavamos.

Eu contei agora este caso, porque somos todos de maioridade, paes de filhos, eleitores, elegiveis, e já não temos receio de taponar em casa. Mas, até hoje, tem estado debaixo d'um certo segredo.

Como d'aquelle endiabrado rancho sahiram tão bons paes de familia, é que eu não sei.

São effeitos da idade.

A gente muda muito.

Eu conheço pessoas, que na juventude faziam o que podiam. Chegaram, mesmo, a dar nome; e que agora, sendo uns santos, em certas occasiões embicam com qualquer coisa, e nem sequer consentem, que no theatro se aqueçam os pés.

Isto vae tambem muito dos genios... e dos corações.

São como Deus os quer.

Valha-me Nosso Senhor Jesus Christo...

\*

Mas, veja V. Ex.<sup>a</sup> como eu perdi o fio ao discurso! Tudo isto veio a lume, para dizer que o sr. Zagallo, na Camara, me lembrava a aula do Conego Vaz.

Eu queria-me safar, como disse, e, volta e meia, dizia ao Conego, levantando o dedo:

— Senhor Mestre, dá licença de ir lá fóra?

O Conego, ou dizia: vá, — ou:

— Está lá gente.

Mas aquillo tanto vez se repetia, que o Conego principiou a desconfiar que era doença, como teve o sr. Sampaio nas noites do cordão sanitario, doença que tanto dinheiro deu a ganhar á lavadeira . . .

Uma vez disse-me elle: Oh, senhor! Eu não sei para que cá vem. Nunca tenho a certeza se o senhor está fóra, ou dentro. Ao menos, quando sahir, deixe aqui ficar um papelinho.

E foi d'este papelinho que me lembrei, com os officios do sr. Zagallo.

\*

Voltemos ao Justininho.

Justininho escrevia nas gazetas. Inventou o *Mensageiro das salas*, aquella interessante secção, que eu

nunca deixo de ler, em todos os jornaes, porque é muito mais barato remedio, do que o Sedlitz Chanteaud.

Foi tambem elle, quem arranjou as seguintes classificações para as differentes posições sociaes:

Juizes	integerrimos.
Delegados	meritissimos e dignissimos.
Medicos	habeis. (1)
Negociantes	probos e honrados.
Bispos e Padres	virtuosos prelados.
Proprietarios	abastados.
Cavalheiros	de fino trato.
Officiaes do exercito	illustrados e briosos.
Galopins eleitoraes	valentes caudilhos.
Meninas	galantes.
Noivas	gentis e encantadoras.
Senhoras solteiras	gentilissimas damas.
ditas casadas	virtuosas esposas.
ditas viuvvas	inconsolaveis.
Quarentonas	interessantes senhoras.
Jarrões	respeitaveis damas.
Creanças que nascem	robustos meninos.

(1) Com esta classificação é que foi ás nuvens o sr. dr. Pacheco. Nunca o vi tão zangado, a não ser quando aquelle barqueiro de Vigo lhe respondeu á letra...

ditas que vivem	interessantes filhinhos.
ditas que morrem	innocentes anjinhos.
ditas que, nem nascem, nem morrem, nem vivem	mallogrados. (1)
Estudantes	intelligentes e esperançosos.
Meninas . . . de fallar	infelizes peccadoras.

Como V. Ex.<sup>a</sup> vê, aqui ha para tudo.

É pedir por bocca.

Esta classificação teve voga. Foi adoptada em Monsão, em Caminha pelo sr. Ricardinho, em Cerveira pelo sr. Romeu, em Vianna pelo sr. Eugenio Martins, em Paris pelo sr. Xavier de Carvalho, etc.

Nas ilhas Sandwich é que eu não sei, mas vou sabel-o.

Ora, nós podiamos fazer um contracto com as redacções: abatiam uns tantos por cento nas assignaturas e mandavam depois, sem adjectivos, os Cavalleiros, os Padres, as Meninas . . . de fallar, etc., que a gente cá se punha . . . a dispôr os *virtuosos e finos tratos*.

Esta evidentissima e valiosa manifestação do progresso intellectual do nosso jornalismo deve-se, como disse, ao Justininho.

(1) Salvo seja.

\*

Justininho era correspondente de varios jornaes.

Tinha um estylo especial, caracteristico, archaico, indigesto, tirante a classico.

Por exemplo: se fosse necessario dizer n'um jornal, que a esposa do meu amigo Fabricio dera á luz um rapaz, e que já estava prompta para outro, eu empregaria, pouco mais ou menos, essas palavras.

Justininho diria:

*Como prenoticiamos, a virtuosa consorte do nosso dilecto amigo Fabricio, probo e honrado negociante d'esta formidolosa Praça, deu á luz na preterita terça feira, um robusto e interessante menino, que presentemente é o enlevo dos seus tão extremosos, quão apreciaveis progenitores, e o encanto de todos os que hoje gozam a doçura ineffavel, d'aquelle pequenino ser.*

*A parturiente encontra-se já, graças ao Altissimo, liberta de perigo, devendo, tambem, a sua rapida convalescença ao desvelo e intelligentes cuidados do distincto e perito facultativo, o sr. dr. Pacheco. (1)*

*A suas ex.<sup>as</sup> endereçamos, em nome da redacção, os nossos emboras; e seja permittido ao auctor d'estas mal esboçadas linhas, incluir as suas cordiaes felicita-*

(1) Para partos era o melhor clinico que cá havia. As senhoras viam-lhe a barriga e... suppunham logo simultaneidade de soffrimento.

*ções, que já algures exprimiu, como o mais obscuro, o mais somenos admirador das excelsas virtudes, que exuberantemente adornam suas Ex.<sup>as</sup> (1)*

\*

Ora aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> o que é uma imaginação fértil, e a triste figura que faz um pobre Fabiano, como eu, quando escreve nas gazetas.

O sr. Verissimo de Moraes, em tal caso, escreveria, ou não escreveria o mesmo.

Se fosse convidado para a festa do baptisado, usava exactamente d'aquelles termos, e accrescentava:

*Todos os convidados d'aquella esplendurosa e inolvidavel festa se retiraram altamente penhorados, com a maneira fina e delicada, e inexcédível amabilidade — que só a verdadeira fidalguia de sentimentos e nobreza de character podem conceder — com que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Fabricio e sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa acolheram as pessoas, que tiveram a honra de entrar em sua casa.*

*Que perduravel ventura, e immensas felicidades, bafejem o berço do penhor de tantos affectos...*

Se não fosse convidado, o parto e o baptisado seriam assim annunciados:

(1) Justininho. — Desculpa se foi tolice. Faz como o sr. Illydio Dias: — declaração nos jornaes. Eu cá não me zango.

*A esposa do sr. Fabricio deu á luz um rapaz, que hontem, ás seis e meia da tarde, foi baptisado na egreja parochial de S. Estevão.*

E eu faria o mesmo, se tivesse jornal. A gente trata bem, quem bem a trata. Isto já era assim no tempo de Noé e ainda não havia gazetas.

N'esta classe de gazeteiros, quem rasoavelmente se distingue, é o Aurelio.

Tem um estylo á Victor Hugo e á Guerra Junqueiro.

Isso explica-se muito facilmente.

Está provado que a Materia anda n'este mundo, em constante giro; e que as moleculas, que actualmente estão no corpo A, podem muito bem estar, amanhã, no corpo B.

E sendo assim, não admira que na massa cerebral aureliana, se anichem algumas cellulasitas vagabundas e patuscas dos grandes poetas.

Recordo-me, ainda, d'aquella grande questão, que elle sustentou, no *Primeiro de Janeiro*, contra o Exercito, por causa do Real d'Agua.

Ahi vae um trecho e diga-me V. Ex.<sup>a</sup>, se lhe não parece que está lendo a *Morte de D. João*, ou a *Legenda dos Seculos*:

A lei é só uma com a espada da Justiça!

Palpitam corações nobres, sob as dobras da jaqueta,

Como palpitam e se orgulham debaixo da fardeta.

Quer se cinja uma espada, quer o cabo da rabiça,



Ha leis a obedecer. E com vontade, ou com magua,  
Das batatas e do bacalhau que gastaes da Cooperativa,  
Haveis de pagar, inteira, completa e positiva  
A decima que todos pagam: os direitos do Real d'Agua! (1)

Aurelio tem, tambem, incontestavel merecimento no theatro; mas nas doiradas espheras em que, entre nós, a Arte alli se expande e libra, nunca a minha nervosidade e a dynamica do meu espirito foram, tão extraordinariamente abaladas, como n'essa saudosa noite, em que aos meus olhos e sentidos se patenteou a intuição artistica mais nitida, a percepção psychologica mais frisante, que tenho logrado admirar nos palcos dos grandes centros civilizados.

Alludo á magistral execução e genial relevo que, na *Morgadinha de Val d'Amores*, deram aos seus papeis, os meus amigos Machado e Romano.

V. Ex.<sup>a</sup> deve recordar-se. . .

Representava-se o *auto* entre moiros e christãos. Figuravam reis, prophetas, anjos, *princezes*, pagens, *donzellas*, pastores e pastorinhas.

Das bandas do Oriente surgem: Manassés—o propheta, e Adonis—o *princez*.

As meias da sopcira, solidamente atadas, com tres voltas de fio de vela e nó cego, acima da articulação do femur com a tibia, desenhavam-lhes as

(1) A metrificacão é livre, como a setta no ar.

N'estas coisas de versos, sigo a opinião do Capitão-mór da *Morgadinha*: o papel é para se escrever e não para se estragar com versos de quatro syllabas.

linhas bamboeantes do pernil, escassamente roliço para despertar sensações eróticas; o pé, pequenino e adamado, encafuava se, gentilmente, n'um cambado sapato de entrada *abaixo*, com fivela doirada; o calção retesado limitava-lhes a curvatura das nadeegas; dos hombros pendia-lhes graciosa quizeninha de velludo defuncteiro; na cabeça, um carapucinho patusco, com o seu tope arrebitado.

Nas faces mimosas e assetinadas, espetára a mão endiabrada do Rocha ferozes matacões de caprina pellugem, e enfarruscára as sobranceiras avelludadas, com repetidas fricções de rolha queimada, embebida no azeite de purgueira.

Marchavam com fronte altaneira, nariz reponente, seguidos pela sua côrte de paradas-velhas, ao compasso do hymno picaresco, que o meu amigo Argar, com a sua finissima intuição artistica, tão caracteristicamente soube conceber, adaptar e colorir.

Ao apparecimento de tão illustres personagens—um propheta e um *princez*—abalaram-se os alicerces do edificio, com a violenta expansibilidade dos applausos. Ao longo da medulla espinal, desde o bolbo rachidiano até á cauda equina, corriam-nos vibrações de enthusiasmo; as senhoras choravam; os homens arremessavam os chapéos; os paradas-velhas e esplanadas do *loiceiro*, impregnando o ambiente, no sonoro explodir do seu arrebatamento, de exalações duvidosas e aromas assaz compromettedores,

irrompiam em galhofeiras invectivas de affectuoso e *intimo* conhecimento, com os pagens e as *donzellas* da real côrte:

— Vira para lá a rabáda, oh Transmontana!

— Tens o rancho á espera, oh 35 da 4.<sup>a</sup>

— Pica o pé, oh Estrella!

.....

E na intima audição do meu espirito, entre os fulgores e as scintillações d'aquelle gloriosissimo triumpho, subjectivou-me, subito, o Senso:

Oh filho! Quanto póde a... Arte!

.....

Mas... onde diabo está o Justininho?

\*

Justininho era o fiel depositario, o mais denodado paladino das gloriosas tradições, que apresentam Valença, como a terra da provincia, em que ha mais convivencia, e em que as senhoras se apresentam, melhor, n'um baile. É uma superioridade, esta, como qualquer outra. Cornelia, Joanna d'Arc, Filippa de Vilhena, Deu-la-deu e outras matronas distinguiram-se a seu modo. São feitos.

Foi elle, tambem, o inventor d'aquelle celebre phrase, ainda hoje acceite e adoptada, quando neces-

sitamos occultar a nossa inércia, as nossas fraquezas, ou a nossa ingenuidade provinciana. *Valença é madrastra para os seus e mãe para os estranhos.*

Nunca pude comprehender o que Justininho, e outros sectarios da sua eschola philosophica, querem dizer na sua — n'uma terra, que não acceitou o legado do Conde de Ferreira, em que a Politica é o que sabemos, e em que os jovens engraçados, que hoje pos-sue, se riem franca e desassombradamente, quando, nos bailes da Assembleia, uma senhora tem a infelicidade de cahir, ou quando, nos bailes de Tuy, onde são obsequiosamente acolhidos, mettem os cotovellos á cara dos infelizes pares, que de perto os seguem. (1)

São tambem opiniões . . . e feitos.

Ainda hei-de interrogar, sobre este ponto, os srs. Abreu e Oliveira, que são os homens que, por aqui, vejo mais nos casos de fallar de tudo e de todos, com auctoridade e competencia. Esses senhores devem saber muitas coisas e todas a fundo. Basta observar aquella constante concentração de espirito, e completa indifferença, com que encaram este mundo.

São cerebros, que, indubitavelmente, trabalham na resolução de grandes problemas sociaes.

Lembram-me tanto Mr. Prudhomme . . .

(1) O que arde cura, diz o *Pimpão* e confirma a sagrada Escriptura.

\*

Justininho tinha muitos diplomas de Socio Honorario e de dito benemerito; tinha pennas d'oiro e de prata, etc. Era um perfeito rapaz de sala; recitava poesias; tinha album para ellas; conhecia uma infinidade de marcas no jogo do Senhor Abbade; e, para os rapazes, tinha uma grande habilidade: assobiava magistralmente.

Atacando um *spartito* de Mozart, de Verdi, de Gounod, ou a cadencia das valsas de Strauss, de Metra, ou de Waldteufel, aquelle assobio tinha a malleabilidade d'um rouxinol, a limpidez das notas da Patti, o crystallino da escala de Gayarre, ou do Masini. Quando, em noites de luar, Justininho passava na rua de S. João, todas as janellas se abriam para dar passagem, até aos leitos conjugaes, ás ondas sonoras, deslocadas pelo assobio.

\*

Ora, como V. Ex.<sup>a</sup> deve ter verificado, não lhe faltavam condições para inspirar sympathia e, certamente, vac ficar admirado, quando lhe disser, que havia quem embirrasse com elle!

Era o sr. Coronel Almeida. Chamou-lhe, por ironia, *importante* cá da terra.

Ignoro as razões, que originaram a antipathia de sua Ex.<sup>a</sup>

Tambem por cá havia muita gente, que embirrava com o sr. Coronel. O Isidoro diz que elle era um homem muito fino; mas o Agostinho torce o nariz e Agostinho é homem, que se não engana, que é consultado pelas pessoas mais importantes da nossa terra, homem que sabe o que diz, e que não dá *ponto sem nó*.

Seria bom, ou mau, como quizerem. O que eu digo, é que era muito feio; mais feio ainda, do que o sr. dr. Salgado!

Devo ao sr. Coronel um grande serviço e um grande desgosto.

Conto o primeiro:

\*

Eu tinha ido ouvir um sermão do Padre Capellão, em que sua Reverendissima, desviando-se, completamente, no estylo, na fôrma, na sublimidade das ideas, na concepção das imagens, no arrojado da Phantasia, da vulgar Oratoria do Palmeirão e quejandos, me descreveu, d'uma fôrma completamente original, intuitiva e concludente, em face da moderna Sciencia, a maneira como o animal homem appareceu n'este mundo.

Foi no Eden. Eva tinha ido aos grillos, mas estes, sahindo rebeldes á *palheira* e, como ella não conhecia ainda o outro meio *natural* de os fazer abandonar a toca, andou por montes e valles, cançou-se, e... adormeceu.

Veu então Nosso Senhor, tirou-lhe uma costella, bufou-lhe e sahiu, já prompto e acabado, o nosso primeiro Pac.

Ora, isto satisfiz completamente o meu espirito; dissipou todas as duvidas, porque é, realmente, uma das mais... respeitaveis e maravilhosas concepções dos livros sagrados.

Mas, passado pouco tempo, soube eu que, lá fóra, andavam ás turras diferentes sabios por causa de novas theorias de evolução, selecção natural, transformismo, etc., sustentadas por Darwin e Lamark e combatidas por Linnen e Cuvier.

Alvorçou-se a minha curiosidade e tratei de estudar a questão, com a attenção devida á sua importancia.

Durante muito tempo, nunca tirei o caso a limpo. Se passava por o sr. José Luiz, (1) dizia com os meus botões: vou com Darwin; se passava por o sr. Velloso dizia: vou com Cuvier.

Assim estive muito tempo, hesitando, e sem saber se, realmente, o meu coccyx foi sempre o extremo da columna vertebral, ou se em tempos remo-

(1) Podemos fallar á vontade, que isto é grego para o sr. Joaquim...

tos, esteve ligado a algum appendice, que hoje tem um nome muito sympathico ao sr. Marquez de Vallada.

Chegou o sr. Coronel a Valença e entrou a verdade no meu espirito. Fez-se a luz! Venceu Darwin.

Indubitavelmente, inquestionavelmente, o sr. Almeida não teve a mesma origem, que teve o sr. Veloso; a não ser, que se possa admittir uma hypothese, mas com essa nada tenho, porque não entra no meu programma. É questão de portas a dentro:— que houvesse troca nas vias da expedição...

\*

Agora conto o desgosto:

Já lá vão quinze annos! Minha mulher andava, com licença de V. Ex.<sup>a</sup>, no seu estado interessante.

Uma noite, para lhe combater a insomnia, li-lhe uma historia do Egypto, em que figurava o grande Sesostris, que morreu, como se sabe, ha perto de 4:000 annos e de que existe a mumia n'um museu qualquer.

Havia, n'essa historia, mortes, egypcios de barriga furada, pharaós com as tripas de fóra, creanças desventradas, velhos postejados — uma matança de arrepiar carnes e cabellos.

O livro tinha gravuras e n'uma pagina, via-se o grande Sesostris mumificado por aquelles processos, ainda hoje ignorados, dos antigos egypcios.



Minha mulher não gostou e affligiu-se. Fechei o livro e abri a porta, para ir cumprir uma necessidade urgente.

N'isto, passa na rua o sr. Coronel. e logo que minha mulher o vê, desata a berrar:

—Ai o Sesostris! Ai o Sesostris!

Teve uma syncope e, depois, dôres violentas.

D'alli a duas horas a sr.<sup>a</sup> Maria do Hospital aproximava-se de mim e, com aquella amabilidade, delicadeza e fino trato que, infelizmente, lhe conhecemos, dizia-me estas terriveis e significativas palavras:

—Senhor, nada de affligir, porque a *fabrica* ainda cá fica; mas esta... deu-a para fóra!

.....

Compreendi. E no auge da minha dôr, para explosão da minha cólera, só pude exclamar:

Raios partam o Sesostris!

\*

Deixemos coisas tristes...

Eu fallei no Velloso...

Este Candido Velloso, com os seus olhos negros, com o seu collete branco, o seu collar decotado, a sua perna bem lançada e elegante, o seu pequenino bigode á *mosqueteiro*, e com o oiro do seu uniforme, é o terror dos Paes de familia d'esta região peninsular.

João, é Candido e candido; meigo, carinhoso, delicado, para o bello sexo. Tem a sensibilidade d'um bardo; a alma sonhadora d'um menestrel; o espirito cavalleiresco d'um paladino; a pureza immaculada d'um Abeillard; o lyrismo d'um Romen; a altivez d'um Quichote—todos os attractivos, enfim, d'um João com Dom e ás direitas.

Cinco seculos antes, e Velloso seria um dos onze companheiros de Magriço, n'aquella cavalheiresca aventura da côrte ingleza.

Apparece em toda a parte, onde ha senhoras. Corteja, sorri, offerece os seus serviços e conta coisas, que entretêm.

A sua organisação affectiva é poderosissima. Com o amôr, as contracções dos ventriculos, para a diastole e para a systole, realisam-se com uma força equivalente a 750 kilogrammetros por segundo.

O seu coração é um enorme *caravanserail*. Tem cem auriculas e cem ventriculos, com a capacidade de 64 metros cubicos cada um. Os amôres cabem lá dentro vestidos, calçados e com guarda-chuva aberto.

Cada um tem o seu quarto numerado. Ao levantar-se, Velloso, passa em revista todos os seus affectos e escolhe para o dia.

Não revela preferencias, para não originar baralhas. Ás vezes desaparece da circulação, porque os Papás valencianos e tudenses, aterrados, inquietos, vão ter com o sr. Silva Pereira e exigem-lhe a deportação do incendiario.

Lá vae para Castro Laboreiro. Quando é necessario por cá, basta pronunciar baixinho, esta palavra:—baile. No aureo tempo, em que João Morães era entusiasta pelas danças e promovia aquellas *apatuscadas reuniões-familiares*, em que a gente ia á Assemblêa, para apprender a fazer meia, ou para ajudar a dobar maçarocas e novelos ás senhoras—acontecia ás vezes o seguinte:

João Morães lembrava-se d'um baile. Só no seu cerebro se definia essa idea. Matutava sobre o caso. Fechava-se no gabinete e, concentrando todas as suas faculdades, principiava o orçamento.

Calculava e annotava:

<b>Chá</b> (póde ser comprado aos homens do papel, que o vendem a 800, o kilo) .....	§372
<b>Assucar</b> (Metade do <i>pilé</i> e metade do mascavado).	§723
<b>Pão para fatias</b> (Cada peça dá 20, cada <i>cornucho</i> dá 12).....	1§207
<b>Manteiga para as tostas</b> (Vende-a o 'oisa a 200, o kilo, com ranço; póde ser misturada).....	§247
<b>Carqueja e lumes de pau</b> .....	§015
<b>Agua de Colonia</b> para o <i>toilette</i> das damas (1 quartilho, de Tuy).....	§060
<b>Pó d'arroz</b> (e farinha) .....	§030
<b>Aluguel do Panorama</b> , ao Albino.....	§120
<b>Iluminação</b> (nas escadas póde ser de sebo).....	1§473
<b>Contracto</b> com 3 cavalheiros para cearem em casa.	3§900
<b>Roscas de Tuy</b> para os quatrocentos meninos e meninas, que costumam vir aos bailes.....	12§747
<b>Gratificação ás amas</b> , que tomem conta dos que ainda manem .....	1§500

<b>Piões e faniqueiras</b> para os mais velhinhos se entreterem no salão.....	\$140
<b>Musica de Ganfey</b> para tocar á porta o hymno real, quando entrar o Representante do Rei, Nosso Senhor.....	6\$000
<b>Gratificação</b> a 4 artilheiros para, armados, guardarem os taboleiros, na passagem do corredor...	2\$000
<b>Brinde</b> ao Aurelio para recitar uma poesia tragica: valor de.....	\$700
<b>Idem</b> ao Roldão para marcar as quadrilhas: valor de	\$720
<b>Gratificação</b> a 6 creados.....	\$300

Total 30 mil e tanto. Por cabeça—tanto. João Morães verificava. Tirava a prova dos nove. N'isto, batiam discretamente á porta. João abria e cahia-lhe o Velloso nos braços, offegante, pallido. Vinha de Castro Laboreiro a pé, a cavallo, no comboyo.

—*Sei que projectas um baile. Ah! tens a minha quota. Risca; e olha lá—oh menino—vê se arranjas isso depressa. Passam-se tão bem aquellas horas...*

Este João deve ficar na terra. Deve ser expriado por utilidade publica. Barcellos, que se arranje lá, como quizer. O Velloso Candido é que para lá não volta. *D. Joões* temos muitos por cá; agora, candidos, ha só um, que é elle; e esses, é que se apreciam, porque não fazem mal.

Velloso Candido! Trata de te matrimoniar, filho. Oh diabo!... E a Mé...?

\*

Em Politica, Justininho foi sempre, como eu — um desgraçado. O mais que podia conseguir, (e n'isso levou-me a palma) era um convite para fazer parte das mesas eleitoraes. Pois arranjou popularidade nas aldeias. Os lavradores respeitavam-n'o e affirmavam, que tinha *lume* no ôlho.

Em leis do Real d'agua e da Contribuição do Registo era um Salomão.

Ahi vae um exemplo:

Os guardas do fisco trouxeram-lhe, preso, um camponio, que tentára introduzir na villa, sem direitos, um garrafão com meio almude de vinho.

Perguntou o desgraçado quanto tinha a pagar e, aterrado com a multa e tantos por cento, nas barbas honradas da auctoridade, levou o garrafão á bocca e despejou-o d'um trago.

Nada se podia fazer, porque o Regulamento não previne esse caso.

Sahiu o homem, mas ao virar a primeira esquina, sentindo-se afflicto, levou as mãos á bocca e despejou o vinho.

Justininho vê isso e manda-o novamente prender. Intima-o a pagar direitos e multas correspondentes.

— Mas eu bebi o vinho, senhor!

— Bebeu, mas deixou-o ficar na villa, dentro de

barreiras. Alli está, introduzido sem pagamento de direitos. Art. 1007.º do Regulamento de 6 de Maio de 1884. Pague!

--Mas eu *esgumitei-o* (1), senhor!

--O dito Regulamento, no seu paragrapho de isenções, não lembra esse caso. Pague!

E pagou, que não houve volta a dar-lhe. Nem sete doutores o salvavam.

\*

Ora aqui está, o que pude *apanhar* ao Justininho d'outros tempos. Hoje está homem sério, como eu; já nem escreve nas gazetas, o que é realmente para lastimar, porque nem a gente sabe quantos robustos meninos, por ahí nascem.

Justininho,

boas noites.

(1) Do natural.

### III

Carta a Sua Excellencia,  
o sr. Governador... de Paysandu

Senhor!

Tenho a honra de me apresentar a V. Ex.<sup>a</sup>  
Sou o Zinão.

Quarenta annos; casado, e com bom comportamento moral, civil e religioso.

Nunca tive contas com o Borrvalho, nem com o Assiz dos Algarves, nem com o Julinho.

Sou de muito bom genio; depois que vi as caras feias, que fazem os srs. Barros e João Monteiro, quando se zangam, abracei immediatamente as doutrinas philosophicas da eschola optimista, e digo com Leibnitz: «Tudo vae bem n'este mundo, que é o melhor possivel.»

Sou irmão da Misericordia e aprovei a admissão

das irmãs de Caridade, porque em coisas de religião sou muito temente a Deus, como o sr. José Narciso. Tenho bulla, porque se a não tivesse, quero dizer, se a não pagasse, diz a Santa Madre Egreja, que era peccado comer carne.

Vou á missa e á desobriga; além d'isso, sendo amigo intimo do sr. Baptista e, como affirma o dictado, os amigos dos meus amigos, meus amigos são, tambem sou das relações intimas da Senhora do Faro, que tem tomado chá na casa d'elle, e com quem este senhor se trata por tu, jogando, nas noites de inverno, a bisca e o 31 de bocca.

Tambem sou militar, porque pertenco á terceira reserva.

Respeito a mulher do meu proximo. Sou economico; tenho chapéos ainda mais antigos, que os do sr. Polycarpo.

Como portuguez, amo a minha patria; odeio os ibéricos, como o sr. João Ignacio.

Em Politica sou legitimista, como o sr. Santa Clara, porque ninguem me tira da cabeça, que estes reinos pertencem ao sr. D. Miguel e a mais ninguem.

Tenho sido, por vezes, Juiz de Paz e, se na minha terra me não guindei, ainda, ás alturas a que chegaram os srs. Joaquim, que se carteia com o Ministro do Reino, ou o sr. Illydio Dias, que com a sua Bibliotheco-mania telegrapha ao Rei, como amigo velho, quem viver verá, que talvez consiga roubar-lhes o pennacho.



Ora aqui está a minha folha corrida; e por ella já Vossa Excellencia vê, que sou homem sério e que, se não moro na rua de S. João, podia muito bem lá morar.

Excellentissimo Senhor!

Dizem-me que Vossa Excellencia está prestes a deixar-nos, para ir fulgurar na brilhante constellação dos nossos generaes; e não quero que isso succeda, sem apresentar a Vossa Excellencia a homenagem sincera do meu respeito e enthusiastica veneração, porque considero Vossa Excellencia, como um dos melhores Governadores, a quem, para felicidade d'estes povos e d'estes reinos, Sua Magestade tem havido por bem confiar o *governo* d'esta Praça.

Na pleiade de homens illustres que, ha doze annos para cá, teem *governado* Valença, Vossa Excellencia destaca-se pelo seu senso, illustração, excessiva modestia e desprendimento das glorias do mundo, que tão tentadoras e offuscantes são, quando, após annos de luta, de vigílias, de laboriosas lucubrações de espirito, de penosissimo labutar das funcções cerebraes com senos, cosenos, raizes quadradas de *a* e ditas cubicas de *b*, chega a gente a alcandorar-se nos inacessiveis pinaculos d'uma tão elevada posição social.

Os dois illustres antecessores, que precederam Vossa Excellencia, eram e são muito boas pessoas; mas alargavam demasiadamente a esphera das de-

pendencias da Praça, de fôrma que faziam incluir no seu Estado-maior uma certa pessoa, clara já, talvez, á perspicacia de Vossa Excellencia — pessoa que, até alli, tinha a seu cargo o caridoso e humanitario myster de desobrigar pessoas serias, como eu, Excellentissimo Senhor, e que, depois da chegada de Suas Excellencias, se viram na dura necessidade de, ou desviar para outra applicação a sua potencia vital, como, por exemplo, para o estudo de construcções, principiando com a rudimentar disposição das traves nos tectos, ou a curtir... as suas maguas pelas muralhas, entregando, assim, o organismo á terrivel atonia d'essa perigosa enfermidade, que a todos ataca na puberdade. (Vossa Excellencia tambem devia dar o seu contingente...)

Ora, o tal monopolio, Excellentissimo Senhor, tornou-se muito funesto á povoação. Foi, até, na epocha d'elle, e por causa d'elle, que aconteceu aquella grande desgraça ao sr. Abilio Araujo...

Eu sou muito amigo de Vossa Excellencia e Vossa Excellencia tambem é meu amigo. Sou d'aquelles que, no dia do Anno Novo, apanham o seu quinhão nas *boas festas* que Vossa Excellencia, lá das alturas, se digna dar, como os antigos senhores feudaes, á burguezada e aos paradas-velhas, cá da terra.

Depois, venero Vossa Excellencia, porque é um homem enérgico, que tem, como o povo diz (e real-

mente tem) cabellinhos na venta (com o devido respeito).

Aquella felicissima resposta, que Vossa Excellencia deu ao Padre Magalhães, quando elle foi pedir para a Semana Santa com o innocente sr. Joaquim e com o ingenuo Abbade das Gandras, foi fulminante de espirito; foi á Pombal, á Richelieu, á Pitt, á Bismarck, á Duque d'Olivares; teve a potencia explosiva d'uma bomba á Orsini, ou d'um petardo nihilista, preparado chimicamente, com os mais poderosos elementos endothermicos.

Disse-se, por ahi, que Vossa Excellencia procedera mal; porque, se queria dar carambola ao *Noticioso*, que lhe chamára General não sei de que, não devia escolher para bola vermelha um homem que ia de preto, que tinha entrado na sua sala de visitas, onde, até a pretalhada do Bonga, que pouco sabe de hospitalidade, recebe e trata bem a gente.

Accusaram Vossa Excellencia de ter faltado, n'essa occasião, aos mais rudimentares preceitos da delicadeza e até se asseverou, fazendo justiça ao caracter de Vossa Excellencia, que a tal resposta foi soprada ao ouvido, por Sua Excellencia, o Senhor Vice.

Eu não sou d'essa opinião. Vossa Excellencia respondeu e respondeu muito bem. N'isto de militanças praceiras, não ha attensões, nem hospitalidades, nem sala de visitas, ha... o regulamento do Conde de Lippe! Quem o não acatar... leva a sua conta, e assim é que deve ser.

O Padre devia ficar ainda mais pequeno do que é, mas Vossa Excellencia tambem escapou de boa! Se elle tem ao lado o Sant'Anna, lá do Porto, Vossa Excellencia bem podia gritar por Sua Excellencia, o Senhor Vice ...

Então o caso era serio!

\*

Depois, quem não ha-de respeitar Vossa Excellencia, com a sua variadissima illustração?

Nunca me hei-de esquecer d'aquelle esplendido discurso, que Vossa Excellencia, de improviso, pronunciou na Assembleia, em 20 de janeiro de 1887, quando tomou conta da Presidencia. Sei-o de cór; e tão profunda foi a impressão, que causou no meu espirito, que até n'elle ficaram gravados os ápartes e as interrupções.

Se Vossa Excellencia dá licença, eu repito alguns periodos. Os ápartes, para falar a verdade, são ainda para mim um tanto enigmaticos, mas deve haver por ahi, quem os possa explicar a Vossa Excellencia.

Ahi vae uma tirada: (1)

«... As prestimosas agremiações, como esta, com que as Sociedades modernas procuram deleitar e amenizar os espiritos,

(1) Copia do natural. Recommendo aos leitores que tomem um bocado d'ar; especialmente aos que soffrem d'asthma.

após as laboriosissimas horas da lucta e contrariedades da vida, nascem, crescem e desenvolvem-se, como essas enormes, vas- (o sr. capitão *Marques da Costa*: — *Vaz? É o amigo Lopo? Então apoiado!*) tas e florescentes ilhas do Atlantico e Pacifico, formadas pela organização rudimentar das algas marinhas e de myriadas de seres microscopicos, da familia dos polypos, classe dos coelenterados, grande grupo dos radiados, ou zoophitos. (Os srs. *Roldão, Polycarpo Monteiro, Zagallo e outros cavalheiros versados em sciencias naturaes*: — *muito bem!*)

«Da Natureza, meus senhores, deliciam-nos as suaves fragancias das flores: a modestia da violeta; a pureza immaculada do lirio; o murmurar dos bosques, os seios tumidos (o sr. *José Lopes, da Principal*: — *apoiado!*) da donzella, os alvores da madrugada e o canto das avesinhas. (Os srs. *Alberto Marques, Gaspar Durães, Justino Guerra e outros poetas e prosadores da estafada eschola romantica*: — *muito bem!*)

«Pois na vida social, as horas fugitivas, que aqui deslizam em encantador e aprazível convívio, com os Cavalheiros de fino trato (o sr. *Verissimo de Morães*: — *apoiado!*) e com as amaveis, airosas e donairosas e gentilissimas damas d'esta formidolosa Praça (os srs. *Justino Guerra, Eugenio Martins e Soares Romeu, interessantes collaboradores do interessantissimo «Mensageiro das salas»*: — *apoiado!*) ou com as encantadoras hijas da hidalga y noble Espãna (o sr. *D. Ramón*: — *Ká! Muy bien! Maunifico! Precioso. Ká! Señor Gobernador: Viva la gracia! Ká!*) bellas, como uma virgem de Murillo e castas, como a esposa de Jacob, de que me não recorda agora o nome (*diversas pessoas serias*: — *apoiado!*) quando as cingimos em suave enleio, no vertiginoso redemoinhar da valsa (o sr. *Salazar Muscoso: muitobemmuitobemmuitobem!*) (1) ou quando as brindamos com preciosas iguarias e delicados vinhos (os srs. *C. Oliveira, Verissimo de Morães,*

(1) Ortographia sonica.

*um Cavalheiro de Tuy e outro de Monsão, que não tive a honra de conhecer: — apoiado!)* essas horas, repito, representam em a nossa vida social aquellas alegrias da Natureza!

«Não ter alma para sentir isto, meus senhores, como muito bem disse o nosso grande ex-historiador (1) Alexandre Herculanó, é proprio d'um ser doentio; é, como vulgarmente se diz, proprio de gente pequena. (*Protestos ruidosos dos srs. dr. Ladislau, Alvaro Garção e P. Magalhães. — O sr. dr. Pestana: — peço a palavra para explicações.*)

Trabalhar, pois, para esta Sociedade é uma acção de elevado patriotismo; (*o sr. José Lopes, da Principal: — muito bem!*) é uma acção de larga influencia regeneradora (*protestos dos srs. Alvares d'Oliveira, P. Cunha e Agostinho*) para os nossos costumes; é um symptoma da benefica evolução progressista; (*protestos dos srs. Appollinario, Camisão e do dito sr. Agostinho*) é, emfim, como ainda ha pouco me disse, e disse muito bem, o sr. Capellão (*o sr. Leopoldo Gomes: — qual d'elles? Então Vossa Excellencia tambem gasta? Por isso eu estive á espera!...*) que aqui me ouve, uma missão altamente honrosa e humanitaria!

«Por isso, meus senhores, unamos os nossos esforços e como os polypos e as algas . . . . . as algas . . . . .»

Que Vossa Excellencia me perdõe o que vou dizer, mas... perdi o fio ao discurso e o melhor é ficar por aqui, porque, n'estas questões de Historia, não quero *metter* de minha casa.

*Verba volant, scripta manent...* (2)

(1) Historico.

(2) Um bocado de latim, no meio d'estas coisas, faz sempre bom effeito, porque dá á gente um tom de sabio. Se foi asneira Vossa Excellencia desculpará... Do que me ficou do Conego Vaz, foi o melhor que pude arranjar. Vossa Excellencia tem cara de quem sabe muito latim.

\*

Eu atrapalho-me sempre, quando falo de Vossa Excellencia, que representa para mim o que ha de mais alto, mais nobre e augusto, nas elevadas jerarchias e coisas serias da minha terra.

Quando encontro Sua Excellencia nas ruas da vizinha cidade de Tuy, pisando com arrogancia e altivez, genuinamente portuguezas, o solo d'aquelles odiosos Filippes, seguido automaticamente, á distancia regulamentar, por alentado e escolhido artilheiro, como estabelece o regulamento de Sua Excellencia, o Senhor Conde de Lippe, eu tremo de respeito e envergonho-me de mim mesmo — pobre e mesquinho verme da terra.

Quando assisto á entrada de Sua Excellencia, solemne, magestoso, omnipotente, rutilante de oiro e pedrarias, constellado de *crachás*, faiscante de venéras,—no templo de Santa Maria, em festividade da Semana Santa, para mandar prevenir as auctoridades civis e ecclesiasticas, que superintendem no ceremonial, que está alli, para, como unico e fiel representante de Sua Magestade El-rei, n'estes burgos, (1) depôr o osculo de respeito nos chagados pés do Senhor dos Passos, exactamente como, á mesma hora, faz o

(1) Historico. Anno de Nosso Senhor Jesus Christo 1886.

mesmo Augusto Senhor Rei, no templo da Graça — quando o vejo aproximar vagarosamente da veneranda imagem, n'aquelle passo grave, solemne e arrastado de solas, com que os prophetas de barba de guita e cara borrada com pós de sapato, acompanham em Tuy o sagrado esquife, e o ouço depôr o respeitoso osculo, confundindo assim, em edificante e enternecedora homenagem, a magestade dos céos com a magestade da terra — quando sigo, depois, Sua Excellencia na retirada do templo, rodeado do seu luzido e brilhante Estado-Maior, essa pleiade de homens illustres, que representam o que ha de mais intelligente, nobre e indispensavel nas instituições militares do meu paiz, homens encanecidos em mil batalhas contra columnas cerradas de algarismos, cifras e cifrões de indomitas contas de feijão e batata, do rancho geral, ou dos cadernos da arrecadação dos puxa-friectores, morteiros, colubrinas, missa-gras, lanternetas, chapuzes, cepos, boldriés, sacres, caçoletas, falconetes, lanadas, cucharras, soquetes, munhões, sotros, trinque-bales, tira e mette-buchas e outros tarecos velhos, que nas dependencias da Praça são do exclusivo dominio e usufructo dos ratos e aranhões, formando, no seu conjuncto, collecção superior, em inutilidade, á feira da Ladra — quando eu vejo tudo isso, meu Senhor, sinto-me mais pequeno do que um feijão fradinho; mais sumido, do que um certo parasita que Vossa Excellencia, d'essas alturas em que vive, não enxerga, mas com o qual, eu, infe-



lizmente, estou relacionado, desde que commetti a imprudencia de (com licença de Vossa Excellencia) verter aguas, detraz das portas do Meio, onde tambem o faz a soldadesca!

Vossa Excellencia deslumbra-me; offusca-me; tem para mim as proporções d'um semi-Deus; mas quer Vossa Excellencia saber, respeitabilissimo Senhor?

Ha, por ahi, gente tão nescia, tão ignorante, tão alheia ao mechanismo d'esta complicada engrenagem das instituições sociaes, que chega a perguntar (pêrdõe-lhe Vossa Excellencia) para que serve o Governo da Praça, alliando, ainda, á ignorancia, a grosseria de lastimar que, do que a gente paga nas decimas, do que se rouba ao trabalho honrado e aspero do lavrador e do padeiro, se desviem 500 e tantos mil reis mensaes, obra de sete contos por anno, para ter ahi (que malcreados!) n'um rasoavel sybaritismo, cinco ou seis servidores da patria, equiparados escandalosamente (dizem elles) em honras e proventos, ao official, que nos corpos atura, diariamente, o brutal trabalho do quartel, com enorme responsabilidade, com necessidade de instrucção e arriscado a, d'um momento para outro, receber ordem para expôr a caixa craneana á bala do trabuco assassino, que anda a monte, ou ao zagalote do bacamarte desordeiro e avinhado, nas grandes borgas eleitoraes.

Eu, até, já ouvi dizer, Excellentissimo Senhor, que se isso era por causa das procissões, das missas pela alma do Senhor D. Pedro IV, ou da recepção

das musicas gallegas, o Governo podia muito bem contractar, para tal effeito, os *gigantones* de Tuy, ou os *barbacenas* da Guarda romana, porque eram de mais apparato, era outra limpeza e ficava muito mais barato.

Mas quer Vossa Excellencia saber ainda mais? Ha, até, n'esta terra de cafres, quem reponte com a posição original que Vossa Excellencia dá á sua boquilha, quando, nas ruas, se delicia com os aromas d'um bom charuto! Como se Vossa Excellencia, pelo simples facto de não ter Tosão. d'Oiro, que dá honras de principe e direitos a poder fazer a gente o que quizer, não tenha a plenissima faculdade de trazer uma coisa (a boquilha), como muito bem lhe appetecer, horisontal, ou ao penduro, e como se esta ultima posição não fosse, realmente, a mais decente e appropriada á cidade de Vossa Excellencia!

Ora diga-me Vossa Excellencia, agora que desceu commigo a estes profundos abysmos da ignorancia popular, se é, ou não, necessario applicar, de vez em quando, a estes barbaros, umas espadeiradas á Macedo, ou quatro *mimos* com o historico chicote do Bruto, digo, do Barão do Rio Zezere...

Excellentissimo Senhor!

Eu folgo de ter encontrado pretexto, para manifestar o meu respeito e veneração a Vossa Excellen-

cia, mas, como esta já vae longa, abrevio o muito que lhe tinha a dizer e contar.

Não se incommode Vossa Excellencia com as más linguas. Nosso Senhor Jesus Christo perdoou aos que não sabiam o que faziam. As realezas da terra, meu Senhor, são representantes legitimos da realeza dos céos. Affonso Henriques, quando em Ourique dava tapona na moirama, a folhas tantas, olhou para o céu e de lá fizeram-lhe um signal com a cruz, que queria dizer: *vences*. Constantino, quando se viu atrapalhado com os barbaros, olhou tambem para lá e o Padre Eterno fez-lhe o que a gente faz, quando está sentado na praia com o namoro, deante do futuro sogro e da rabujenta futura sogra e, não podendo dizer á rapariga: *amo-te, oh filha!* escreve sorrateiramente essas palavras na areia, com a ponta da bengala. Pois o Padre Eterno foi-se ás areias do céu e, com a vergastinha com que tosa a canalhada miuda dos anjos e seraphins, escreveu tambem disfarçadamente:

*In hoc signo vincis.*

Ainda ha mais exemplos, mas eu sou muito fraco em mnemonica.

Ora, sendo as realezas da terra representantes da realeza dos céos, e sendo Vossa Excellencia representante da nossa realeza, como muito e muito bem disse e declarou, ao annunciar o seu osculo nos chagados pés do Senhor dos Passos, *ergo*, por irreto-favel syllogismo, Vossa Excellencia é tambem repre-

sentante, n'esta terra, de Nosso Senhor Jesus Christo! Isto não falla.

Por conseguinte, Vossa Excellencia pôde e deve perdoar, aos que não sabem o que dizem.

Eu não lhe aconselho isto com interesse directo, meu Senhor. Vossa Excellencia nada tem que me perdoar.

Eu adoro tanto as instituições da minha Patria, reputo tão necessarias e consentaneas, com as aspirações da epocha hodierna, as disposições dos regulamentos do sr. Conde de Lippe (que o diabo levou ha perto de 200 annos e podia, mesmo, ter levado logo ao nascer) das quaes, a mais branda e attenciosa é mandar varar por uma bala (1) o desgraçado, que tenha o atrevimento de — utilizando-se da unica applicação d'essas muralhas e torturado com as ancias e arrancos de urgentissima necessidade corporea, sem poder esperar um unico segundo, — baixar as calças, (permitta-me Vossa Excellencia a liberdade que vac expressa, ainda assim, em portuguez de lei, do que usava o Padre Antonio Vieira) que, se tivesse alguma importancia politica, se fosse homem de prestigio e d'estes que valem uma eleição, como os srs. Joaquim, Cardoso e seu amigo P. Cunha, Alvares d'Oliveira, Santa Clara e Agostinho que, unidos todos no mesmo partido, belliscados para a

(1) Para vergonha nossa, direi que tão bello regulamento é o que ainda vigora n'esta terra. Em leis civilisadas, ou Vaiença, ou as terras do Kalakana...

victoria do mesmo candidato, são capazes de levar á urna, não digo 6, mas, talvez, para cima de 3 votos, se fosse homem d'essas craveiras, repito, era capaz de ir a Lisboa, apresentar-me ao sr. Zé Luciano, ao Senhor Rei, se tanto fosse necessario, e reclamar energicamente, como indispensavel ao brilho das nossas instituições, ao prestigio do nosso exercito, á manutenção da nossa dignidade nacional, mais um segundo Governador, com um segundo... (não me lembro do nome... ah!) Estado Maior.

Sómente estabeleceria uma condição:—baseada no muito apreço, em que tenho os grandes homens da minha Patria; convencido da necessidade de haver aqui, na fronteira, nas barbas do hespanhol, quem dignamente possa representar o paiz—e seria: que, para fazer pár com Vossa Excellencia, não me dariam outro bis-Governador, que não fosse o grande, o saudoso, o inimitavel

Zé da Rosa!!

\*

E se tal conseguisse, ai que alegria a minha, quando encontrasse Vossa Excellencia na rua de S. João, com a gravidade propria a um representante de Sua Magestade El-Rei, de braço dado ao sr. Zé da Rosa, outro representante de Sua Magestade (a Rainha, não meu Senhor?), seguidos por Sua Excellencia o Senhor Vice, com o seu chapéo de pennas

de capão, e com a espada politica de Brenno, ao lado do outro Senhor Vice (quem devia ser? O sr. Roldão, por exemplo. É da arma de cavallaria...) e depois, atraz, o Senhor Baptista da Senhora do Faro com os outros Estados-Maiores; e depois ainda, atraz, muita gente, a sociedade do *Provarei*, o *Filleiras*, o João de Ganfey, o Senhor Martinho, que deitava *la coca*, o Capellão (o n.º 2), todos os para-das-velhas, etc., etc.

Com que arrebatamento então, meu Senhor, eu perderia as estribeiras e, mandando para o diabo a minha seriedade de Juiz de Paz, de irmão da Misericordia, de pae de filhos, como eu saltaria para a frente de *Vocellencias* e perdido, enthusiasmado, louco, distribuindo pançadinhas e piparotes e atando nas Excellentissimas trazeiras este raboleva de ridiculo,—que é a suprema essencia de toda essa grotesca mascarada, com que gargalhada homERICA, ensurdecedora, colossal, lhes não bradaria:

- Oh que rica tropa fandanga!
- Quebra esquina, minhá gente!

Com o respeito devido a um Representante de Sua Magestade El-Rei, sauda *Vocellencia* o

*Zinão.*

#### IV

### Uma descoberta do Dr. Charcot

Accedendo a frequentes reclamações diplomaticas do governo de Sua Magestade, o Imperador do Brazil, resolvera o Governo de Sua Magestade El-Rei de Portugal, que o primeiro fôsse auctorizado a expulsar dois cidadãos portuguezes que, segundo officialmente se asseverava, incalculavel prejuizo estavam causando ao regular movimento dos negocios commerciaes e, portanto, ao desenvolvimento material d'aquelle florescente imperio.

Não se fundamentava a necessidade da expulsão na cumplicidade em crimes politicos; attentados contra o Imperador, ou imperial familia; propaganda de ideas reaccionarias; troça ás preciosas producções poeticas de Sua Magestade; capoeirada nos chimpan-

zês da policia urbana, ou assuada ao Senhor Conde d'Eu.

Allegava-se, unicamente, que esses individuos, penetrando nas repartições do Estado, nos estabelecimentos commerciaes, nos grandes edificios de industria, nas escholas, nas egrejas, nos clubs, nos passeios publicos, nas chacaras e nos *xadrezes*, em qualquer parte — enfim — interrompiam as manifestações da actividade d'aquelle laborioso povo e creanças, mulheres e homens abandonavam, immediatamente, o exercicio de qualquer mestêr, fugindo espavoridos e como fustigados, por mal extranho e desconhecido.

A origem d'aquella nociva influencia, a natureza dos phenomenos que ella produzia, a complexidade dos seus effeitos, escaparam, sempre, á perspicacia dos doutos Galenos das terras do sabiá, porque as mesmas propriedades repulsivas obstavam ao demorado exame, que o caso requeria.

Annunciava, n'essa epocha, o eminente Pasteur os seus primeiros trabalhos sobre Microbiologia, que tão poderosa influencia vieram exercer na orientação das sciencias medicas; e não faltou, no estudo investigador dos clinicos d'alem-mar, a applicação das novissimas theorias, com pacientes trabalhos de microscopio, observações por analyse e por synthese e outros processos que a Chimica medica aconselha e, até, com demoradas experiencias nas fezes em acção sobre os órgãos das cinco funcções especiaes da sen-



sibilidade, incluindo a pituitaria e a membrana, onde se ramifica o nervo de Wrisberg.

Lembrou-se alguém de classificar aquelles phenomenos, como *suggestões motrizes* do moderno Hypnotismo; mas Charcot, Richer e Bernheim, consultados sobre o caso, oppozeram-se á diagnose, visto que elles se manifestavam sempre com a mesma intensidade, isto é, que todos os individuos soffriam igual influencia repulsiva e não se evidenciavam as differenças na sensibilidade á hypnose, que nos *sujets* estabelece, como caracteristico, a diversidade de circumstancias physiologicas e pathologicas.

Nada se podia descobrir.

Havia no organismo dos dois individuos uma propriedade repulsiva, identica á das tremelgas, ordem dos selacios, grupo dos peixes cartilagosos; mas desconheciam-se os elementos constitutivos d'essas propriedades e elles continuavam a exercer, em toda a parte, e a toda a hora, a sua funestissima influencia.

Uma unica circumstancia se pôde descobrir, graças á perspicacia do mais reputado Esculapio da Tijuca, a quem se deve a preciosa descoberta da cataplasma de linhaça e foi: que diminuia, consideravelmente, a intensidade d'aquelles phenomenos, quando se isolavam os dois individuos, ou quando permaneciam incommunicaveis.

Utilizando-se d'esta descoberta, o Governo do Imperador, attendendo aos laços de sangue e affecto, que unem os dois paizes, resolveu exportar a praga

em epocha e vapor differentes. Assim se fez, com effeito.

O governo portuguez, assustado com o flagello, que subitamente cahia no solo da Patria, reuniu immediatamente a Junta de Saude e, por indicação d'esta, foram os dois compatriotas enviados a Pariz—onde, n'outras espheras e com outros horisontes se dilata a intelligencia humana—para lá serem submettidos á analyse dos grandes Mestres da Sciencia.

Após demorada observação e attento exame, o eminente Charcot, encontrou, enfim, a resolução do problema, que largamente foi demonstrada no *Boletim da Academia de Medicina de Pariz*, (mez de novembro de 1876) e, com prodigioso interesse, escutada por selecto auditorio, na mesma Academia, em sessão extraordinaria de 27 de dezembro, do mesmo anno.

Não tendo aqui, presente, a lucida exposição do eminente sabio, limito-me a reproduzir, e certamente d'uma maneira deficiente e incompleta—attendendo á escassez dos meus conhecimentos scientificos—a theoria, em que Charcot baseou a explicação do estranho phenomeno.

\*

V. Ex.<sup>a</sup> sabe, como a moderna Sciencia explica, na Acustica, a producção e a propagação do som.

«O som é o resultado d'um movimento vibratorio,

communicado á materia ponderavel» — eis a base da theoria, hoje adoptada e conhecida por «theoria das ondulações».

Conhece, tambem, o mechanismo da voz humana. A voz provem da acção do ar nas cordas vocaes. O ar, que sahe dos pulmões, produz, n'essas cordas, vibrações, mais ou menos rapidas, que transmittindo-se ás paredes da larynge se tornam sonoras, e que, depois, a acção combinada da lingua, das maxillas e dos labios, altera modifica e articula.

Conhecido é, tambem, o mechanismo da audição. As vibrações executadas pelas cordas e transmittidas, em ondas, ao ar exterior, chegam-nos ao pavilhão do ouvido e vêm, pelo tubo auditivo, actuar na membrana do tympano. Seguem, depois, até ao ouvido medio, no ar n'elle contido, e, pela cadeia do estribo, do martello, da bigorna e do osso lenticular, reproduzem-se, ainda, nas membranas das janellas redonda e oval, communicam-se ao liquido, que existe no ouvido interno e d'alli, pelos filetes do nervo acustico, ao cerebro. (1)

A potencia das vibrações, o deslocamento, mais ou menos violento, das ondas sonoras depende, portanto, alem d'outras circumstancias, da força com que os pulmões fornecem o ar, e da maior ou menor vibratilidade das cordas vocaes. Por isso, vêmos indivi-

(1) Esmiuço, aqui, materia conhecida. para boa comprehensão d'alguns, menos versados em Sciencias naturaes. Em questões de tanta magnitude, toda a clareza é pouca.

duos com voz forte e penetrante, como o sr. Barros, e outros, com voz debil e sumida, como o sr. Nunes de Azevedo, que difficilmente se percebe.

Ora succedia que, por uma disposição especial dos pulmões, da larynge e das cordas vocaes, aquella força expulsiva do ar e a vibratilidade das cordas, existiam nos dois individuos em grau extraordinario e ainda desconhecido para os mais eminentes physiologistas. D'essa disposição especial resultava, tambem, que a voz, já potente e forte, obtinha, ainda, consideravel augmento de intensidade com a reflexão nas paredes da larynge, attingindo o que em Acustica se denomina *resonancia*.

Quando as vozes não encontravam obstaculo, pouco se conhecia esse augmento de intensidade, porque, então, se perdiam na atmosphaera; mas, se as ondas deslocadas por cada uma se encontravam, era tal a violencia do choque e das vibrações, d'elle provenientes, que só a poderemos comparar, nos grandes phenomenos da Natureza, á rapidez e violencia das ondas do Oceano quando, açoitadas por furioso vendaval, avançam, chocam-se, equilibram-se com medonha expansão de força, recuam para formar novo salto, até que uma perde a força resistente, e a outra vence, esmigalhando, com espantoso ruido, tudo o que se oppõe á sua passagem.

Este effeito destruidor soffriam todas as peças dosapparelhos auditivos, que o circulo da primeira projecção podia abranger.

As membranas do tympano dilatavam-se n'uma dolorosa expansibilidade; o martello batia desesperadamente na bigorna com o mesmo furor, com que Mestre Borralho batia a sola, quando não era director dos Presídios civis; o estribo andava aos saltos, como anda em corcel fogoso, quando, no meio da batalha, entre o rugir da artilheria e o sibilar das balas, perde o cavalleiro e parte, desvairado e furioso.

Na trompa de Eustachio desencadeava-se um verdadeiro cyclone.

Nem as trombetas de Josaphat, n'esse terrivel dia do Juizo final, poderão egualar o infernal ruido, que supportavam osapparelhos auditivos.

Depois, para aggravar o flagello, dotára Deus os dois individuos com uma extraordinaria loquacidade, e constante verborrhea que, de dia e de noite, lhes agitavam nervosamente os labios para questionarem, discutirem, argumentarem sobre tudo e sobre todos, em portuguez, em francez, em latim, em allemão, em quantas linguas vieram de Babel.

Era sempre de funestos resultados, de dolorosas consequencias a sua presença, e por isso, homens, mulheres e creanças fugiam, prestes, ao sentil-os, interrompendo todas as manifestações da sua actividade e todo o exercicio dos seus mestéres.

Desculpavel fôra, pois, o proceder do Governo brasileiro, expulsando os nossos compatriotas.

\*

Ora aqui tem V. Ex.<sup>a</sup>, sem exaggero, sem alterações da verdade (que, por ahi, n'este assumpto, tanto tem sido alterada) subordinada a rigorosa demonstração scientifica—a razão, porque regressaram a esta terra, e se respeitam, e se evitam, a ponto de viverem separados pelas grossas muralhas da Praça, os nossos amigos:

Leopoldo Gomes

e

Abilio Lucas.

\*

Evitam-se e respeitam-se—disse eu, e demonstro.

Um vive dentro, outro fóra. Um foi a Paris em 75; outro em 79. Quando um é da Camara, o outro é da Commissão do Recenseamento. Abilio é socio da Assembleia e frequenta-a; Leopoldo despede-se. Entra novamente Leopoldo; Abilio deixa de frequentar aquella casa. Leopoldo conta a historia dos relógios; Abilio sorri maliciosamente e insinua a duvida; explica Abilio o remedio, que descobrira o ilheu, para salvar a *senhora mãe*; Leopoldo mastiga

em secco e pisca o olho para os circumstantes. Um faz-se agricultor e trata de terras no Arraial, em Picões, na Esplanada; o outro faz-se politico e «*pro-varei*». Entra o segundo na Politica activa; des-via-se o primeiro, e trata de terras em Gondomil — polo opposto. Um, gosta do *Capellão* e *fala-lhe* a miúdo, como homem temente a Deus; outro, não se dá com esse *ministro do Senhor* e rosna-se, até, que tem as suas questões com elle. Um, move-se, agita-se, apparece de manhã na villa, ao meio dia em Monsão, á tarde em Gandra e sempre a pé; outro, limita o exercicio dos seus membros locomotores á loja do sr. José Lopes, ou do sr. José Seixas.

É evidente, palpavel, esta incompatibilidade, esta heterogeneidade de individualidades, que se origina na intima convicção, que elles teem da sua influencia destruidora e no accordo, ou *modus-vivendi*, que, para mutua conveniencia, secretamente estipularam, ao fixarem a residencia na terra, em que nasceram.

\*

Quando, ha annos, estive em Paris, no regresso da minha viagem de estudo pelo Oriente—á Mongolia, ao Turkestan, a Niphon, a King-Ki-Tao e outros centros da Asia—onde fui recolher materiaes e elementos comparativos de civilização, com os da minha terra, para a composição d'este livro, encon-

trei-me, na Academia de Medicina de Paris, com o sr. Zagallo, que alli estudava, commissionedo pela Excellentissima Camara d'esta villa, a organização do serviço de Hygiene publica, indicado, por aquella faculdade, á municipalidade parisiense; — missão, essa, que Sua Excellencia, tão brilhantemente desempenhou, e que tão beneficos resultados produziu para esta povoação, como se prova com esse elegante, commodo e original *water-closet* do jardim publico.

Tive, n'essa occasião, a honra de ser recebido pelo eminente dr. Charcot.

Falando no meu paiz, alludiu o illustre clinico aos dois portuguezes, que em 74 examinára, por recommendação do Governo; e foi grande a sua admiração, quando lhe affirmei, que com elles vivia em Valença, e que, ha dez annos, permaneciam na mesma localidade, se bem que, nas condições especiaes de isolamento, que já referi.

Mas, a minha asserção tocou para Charcot as raias do inverosimil, quando, á supposição, que me apresentou, da existencia inevitavel de graves doenças e perturbações no apparelho auditivo dos meus conterraneos, sujeitos á convivencia e aos perigosos effeitos da presença e communicabilidade d'aquelles amigos, eu lhe affiancei que não eram essas enfermidades, as que mais avultavam nas estatisticas da secção de Hygiene municipal.

Charcot fazia bem em duvidar. Eu faltei á verdade, e a isso me levou a amizade, que a esses Ca-



valheiros me liga, e a repugnancia, que tive, em tornar odiosa, para o eminente sabio, a existencia de dois patricios, que tanto prezo, acato e... respeito.

Mas V. Ex.<sup>a</sup> sabe o que por cá vae...



## V

### Perfis

—

#### Abilio

Examinando-os, apreciando-os isoladamente, reconheço os valiosos serviços que os meus amigos—Abilio e Leopoldo—teem prestado ao desenvolvimento material e intellectual da nossa terra; e não se esquivam a minha consciencia a declarar, que são uteis e, mesmo, indispensaveis, entre nós, as suas individualidades.

Abilio entrou, por um generosissimo impulso de gratidão, na Politica activa de Valença.

Accusam-n'o de violento, de precipitado, de faccioso, ou, como diz o povo, de... petroleiro. Eu classifico todo o seu proceder politico, como o de um innocente noviço, ou ingenuo collegial.

É um homem, meus senhores, que trabalhando ha seis annos em eleições, n'esta terra, independente em Politica, como se sabe, tem sustentado a creancice de seguir um só partido e respeitar uma só opinião — a dos regeneradores!!!

Ora isto, em Valença, se não indica falta de senso, revela excesso de ingenuidade e para esta ultima hypothese me inclino, porque não admitto que, para umas manifestações da mentalidade humana, haja falta de senso e isso se não dê com as outras.

Abilio é, pois, um ingenuo politico e — o que mais é — um ingenuo faccioso. Referindo-se á administração progressista, tem a eloquencia de Danton, a arrebatedora oratoria de Robespierre, a impetuosa dialectica de Cassagnac.

É violento, incisivo, caustico.

N'aquellas medonhas explosões de colera, fere, trucida, chacina, esposteja nas hordas contrarias, como S. Thiago na moirama.

Chega a rubro a temperatura da sua palavra.

«É preciso, meus senhores, mostrar ao povo os seus direitos, para que elle saiba expulsar, a chicote, das cadeiras do poder e *de tudo aquillo*, esses bandidos, sem cira nem beira, que estão delapidando os dinheiros publicos e *tudo aquillo*, que representa o trabalho honrado do povo, o suor do seu rosto, *tudo aquillo*, que ganha para o sustento dos seus e de *tudo aquillo*, que lhe pertence.

As nossas finanças vão, de cada vez, a peor, *tudo*

*aquillo*, que representa a riqueza da nação vae parar, vae sumir-se n'esse insondavel abysmo de ladroeiras, de arranjos, de afilhados, de *metades*, de *tudo aquillo*.»

.....

N'este periodo de excitação, Abilio deixa-se apoderar, tanto, da sua convicção partidaria, perde, de tal fórma, a cabeça, que se esquece de tudo e de todos, concentrando todo o seu ser, toda a sua vitalidade na idea e na palavra, com que, mais rapidamente, possa inutilizar o adversario.

É assim que, ás vezes, o vemos sahir de casa, arrebatado, irado contra algum *arranjo*, que lhe foram annunciar, e entrar, precipitadamente, na sala das sessões da nossa Excellentissima Camara, com uma bota branca, outra preta; assoar-se a uma luva, suppondo-a um lenço; metter o cigarro na bocca pelo lado acceso; tirar rapé d'uma caixa de phosphoros—perfeitamente allucinado, colerico, perdido!

Originam-lhe inimigos estes arrebatamentos; mas se o Papa, como unico correspondente, cá na terra, do Padre Eterno, me enviasse o livro das informações particulares, que hão-de influir no tremendo dia de Juizo e d'onde dependerá, ou a nossa absolvição, ou a condemnação ás caldeiras de Pero Botelho, em que fazem caras tão feias aquelles bispos mitrados, que por ahi vemos nas *alminhas* dos caminhos ruraes, na folha corrida do Abilio, eu não hesitaria—desassombradamente o declaro, sem pretenções a adulator, sem interesse occulto presente ou futuro,

sem desejar provar a *Paraty*, ou tencionar pedir dinheiro emprestado — em exprimir o conceito e a consideração, que este homem me merece, sobretudo quando a lente da minha observação se desvia um pouco do campo, que lhe tracei para a critica e m'o apresenta no outro, que respeito em todos: a familia, — n'estas cinco palavras:

É um homem de bem.

E ao escrever isto, com plena consciencia e convicção, vem-me á lembrança, *não sei como, nem porque*, a constante recommendação, que o meu tutor me fazia, quando, ao partir para os estudos, me introduzia na mão, com uma generosidade vanderbiltica, coisa de dois patacos em cobre, com estas reflexões de moral preventiva:

—Ahi tens dinheiro... Tem juizo; foge dos cafés, das ruas de movimento e... das más companhias.

... das más companhias...

Para fugir d'ellas, e dos seus perigos, é que se fundou a sociedade dos *Provareis*...

Valha-me Nosso Senhor Jesus Christo!

Que tentações...

\*

## Leopoldo

Leopoldo é um homem de costumes austeros. Podia muito bem morar na rua de S. João, ao lado do sr. Joaquim.

Tem predilecção pelos estudos archeologicos e o seu nome é citado, com respeito, na Sociedade Martins Sarmento.

É homem versado em anthropologia. Possui as obras de Cuvier e de Quatrefages.

Conhece diversas linguas, mortas e *vivas*, e entusiasma-se, quando as vê manejar *com pericia*, como lhe succedeu em Paris, com aquelles sêres pertencentes á classe dos mammiferos, ordem dos carnivoros, familia dos *canis familiaris*. (1)

Tem ideas avançadas em materia religiosa. Sustentou, ha tempos, uma questão de philosophia racional, relativa a crenças, tendo por oppositor o sr. Tenente Silva e com tal arte se houve, que fez calar este cavalheiro!!!

(1) Nem tudo se póde dizer claramente. Ha sempre quem dê mau sentido ás coisas . . .

É copiosamente lido em sciencias naturaes e, concedendo-se-lhe vinte e quatro horas de praso, apparece armado de ponto em branco, com quantas theorias antigas e modernas se debatem entre sabios.

Como polemista, tem um grande merecimento: não deixa falar o adversario, o que é de incontestavel vantagem para quem... padece do peito.

Acceita as theorias de Lamareck e de Darwin; crê na existencia do homem terciario e, se Carlos Ribeiro o não classifica, talvez ainda viessemos a ter o *Anthropopithecus Leopoldi*.

É homem illustrado. Foi á China, ao Japão, ao Perú, a toda a parte. Fez encavacar Pio ix, deu uma pitada a Grevy, um piparote a Crispi, bateu na pança de Gladstone, offereceu rebuçados a Bismarck.

Não vae feito com as realezas. O verdadeiro fóco, para que elle faz convergir a sua actividade intellectual, é a Sociologia, na parte repressiva da immoralidade e na que estuda a protecção aos menores.

S. Vicente de Paulo merece-lhe entranhado culto.

Tem sido, por vezes, camarista e no desempenho das importantissimas funcções d'esse elevado cargo, evidenciou, sempre, a mais extraordinaria actividade.

Todos se recordam, ainda, d'essa memoravel sessão, em que elle apresentou, defendeu e discutiu dezenove propostas! O caso foi falado nas gazetas,



mas, como as edições, na nossa terra, se exgotam rapidamente, eu vou reproduzir essas propostas e repetir as considerações, com que foram acompanhadas:

\*

Plena sessão camararia. Galerias concorridas. Tachygraphos a postos.

Leopoldo, de casaca e gravata branca, sobe, solenne e grave, ao estrado; faz uma delicada venia ao sr. Zagallo; deixa passar um minuto de longo silencio e severa concentração dos espiritos; ergue a fronte, agita os labios e exclama:

Senhor Presidente!

Respeitaveis collegas e senhores.

Illustrado auditorio!

Eminentes publicistas e philosophos, consultando os trabalhos recentemente publicados nas nações mais civilizadas, tem evidentemente demonstrado a enorme differença e aterradora diminuição que, de anno para anno, se nota nas estatisticas da reproducção humana.

Os excessos perniciosos da Civilização, com o cortejo de gosos corporeos e sensuaes de toda a especie, enfraquecem a raça, definham o individuo, tornando-o inapto para aquella função, aliás importantissima para a estabilidade das nações e para o desenvolvimento da riqueza publica.

Com effeito, senhores; que seriam os preciosos filões d'oiro

da California, os jazigos, não menos preciosos, da hulha; que seriam esses uberrimos territorios da America, se não fosse o homem, para com o seu braço e a sua intelligencia arrancar da Terra tanta riqueza e tanta maravilha?

O que seria da Agricultura? O que seria do Commercio e da Industria?

Senhores! — Abrem-se, presentemente, á actividade do homem, novos campos, novos e dilatados horisontes n'essas, até hoje, mysteriosas e legendarias regiões africanas. O Brazil, a Europa do futuro, estende a sua acção civilizadora por essas enormes provincias, até hoje, despovoadas e desertas.

Braços, muitos braços: homens, muitos homens — eis o *desideratum* para este importantissimo problema do futuro.

Verdadeiramente benemerito, pois, se torna da Patria, da Civilização e da Humanidade todo aquelle que, directa ou indirectamente, contribuir para valer áquella necessidade, aggravada, ainda, com o enorme desfalque, que as estatisticas accusam.

Como homens do seculo XIX, que possuem a completa intuição dos seus deveres sociaes, temos, até hoje, prestado bom serviço a tão sagrada causa (1) e aos vossos sentimentos humanitarios e illustração recorro agora, pedindo attenção para as propostas que, sobre tão momentoso assumpto, vou ter a honra de apresentar (2).

### 1.<sup>a</sup>

Proponho a fundação d'um hospicio para expostos, que ponha côbro aos frequentes actos de barbaridade, que por ahi diariamente se commettem, com a exposição de creanças nos portaes e nas muralhas.

(1) A camara, n'essa occasião, era composta dos srs. Zagallo, Vieira, José Seixas, J. Lopes, Albino, J. Narciso e do orador.

(2) Peço attenção para a redacção das propostas.

2.<sup>a</sup>

Fica a Camara auctorisada a contractar provisoriamente, na vizinha villa de Coura, seis robustas camponezas, para exercerem as funcções de amas.

3.<sup>a</sup>

Como actual fiscal do pelouro dos expostos, sou auctorisado a fiscalizar. os trabalhos das ditas amas e a verificar se, fiel e rigorosamente, são aptas. para todo o serviço.

4.<sup>a</sup>

É expressamente prohibida, para manutenção da Moral no interior do mesmo Hospicio, a entrada a qualquer pessoa do sexo masculino, com excepção do vereador do pelouro — que sou eu — e isso, para o exercicio das funcções mencionadas no precedente artigo.

5.<sup>a</sup>

Fica expressamente determinado, na acta d'esta sessão, que nunca poderão exercer as attribuições de fiscal do Hospicio, os ex.<sup>mos</sup> srs. Abilio, Vieira e José Seixas, attendendo, simplesmente, a que para tal cargo se exige uma actividade inconcussa, zelo inexcedivel, o que esses Cavalheiros não poderão offerecer, porque não são livres, como eu, que estou solteiro.

6.<sup>a</sup>

Como consequencia do artigo 4.<sup>o</sup>, não pode haver Capellão no Hospicio, que pode ser substituido por irmãs de Caridade, para os exercicios da religião. Para a sua competencia n'esse mestér, consultará a Camara o muito digno Capellão do Hos-

pital, o sr. Padre Melim, varão de excelsas virtudes e preclaro entendimento.

7.<sup>a</sup>

Será limitado o numero de expostos, que o Hospicio possa recolher; mas ao Vereador do pelouro — que sou eu — é concedida a faculdade de admittir as que faça. encontrar pelos guardas nocturnos, em perigoso estado de saude.

8.<sup>a</sup>

Como consequencia ainda do artigo 4.º, não poderá haver medico no Hospicio e, para tratamento das creanças e das doenças, ou quaesquer. accidentes, a que podem estar sujeitas as amas, no exercicio. das suas funções activas, será contractada a Senhora Dona Maria do Hospital.

9.<sup>a</sup>

É auctorisado o Fiscal do Hospicio — que sou eu — a, para rigorosa e permanente fiscalisação, poder passar as noites, quando o entender necessario, com as creanças e. com as amas.

10.<sup>a</sup>

Se no fim de seis, oito ou. nove mezes, qualquer das amas apresentar symptommas de doença grave, dilatações. de tecidos, etc., cessará o contracto provisório e o Fiscal — que sou eu — arranjará, logo, outra que a substitua.

11.<sup>a</sup>

Em urgente caso de perigo, só o Sr. Dr. Pacheco pode ter entrada no Hospicio, attendendo a que é impotente. a maledicencia, quando d'elle se refere; e a que bem publica e notoria é a

sua honestidade, como por ali firmemente o attestam os seus *dois. creados*, e todas as pessoas com quem intimamente vive, que são unanimes em apontar S. Ex.<sup>a</sup>, como um real modelo de virtude.

12.<sup>a</sup>

É auctorisado o Fiscal—que sou eu—a contractar, para o serviço interno, tres raparigas das suas relações e de que já conheça, praticamente, as aptidões e trabalhos.

13.<sup>a</sup>

Fica revogada toda a legislação em contrario.

14.<sup>a</sup>

PELOURO DE HYGIENE PUBLICA — SECÇÃO DO COMMERCIO  
E INDUSTRIA

É permittida a matricula a diversas pessoas de determinado sexo, para a industria do methodico uso e regular acção de determinadas funcções da vida vegetativa.

15.<sup>a</sup>

É expressamente prohibida a entrada na villa, a individuos extranhos e de sexo differente, que venham prejudicar, com illegal concorrência e depreciação de valores, a industria da terra. Esta prohibição será extensiva até, ao proprio Julio Cesar, (apesar da protecção da *gente graduada*.) se elle resuscitar.

16.<sup>a</sup>

É nomeada uma commissão, composta do fiscal do Hospicio—que sou eu—do sr. J. Narciso e do sr. Joaquim, para organi-

sar uma tabella de preços d'aquelles trabalhos, nas diversas variedades, que tal Industria hoje possue.

17.<sup>a</sup>

Fica expressamente determinado, que não poderão fazer parte d'esta Commissão os ex.<sup>mos</sup> srs. dr. João Moraes, Alpoim, J. Soares e Albino, porque por vezes, publicamente, teem manifestado uma tendencia para elevar, demasiadamente, os valores dos productos de tal Industria, o que é nocivo para a povoação.

18.<sup>a</sup>

É nomeado, para Inspector sanitario d'esta secção, o sr. Augusto Sampaio.

19.<sup>a</sup> E ULTIMA

A presidencia d'esta nova instituição municipal será offerecida, como manifestação de consideração e respeito, ao Senhor Marquez de Vallada. (1)

Escusado será dizer que todas as propostas foram approvadas e por unanimidade.

(1) Ao verificar a impressão d'estas propostas vejo, com desgosto, que os typographos espalharam por ahi, sem nexo nem intenção, bastantes pontos, compromettedores para a candidez e honestidade de costumes d'alguns Cavalheiros. Ahi fica a declaração para os salvar da intenção criminosa.

São coisas que succedem...

\*

### Albininho...

Pertencia-te agora a vez... Davas para vinte folhas; mas salvas-te d'esta.

Ha poucos mezes, ainda, corriam as lagrimas n'essas barbas brancas...

Cahiu-me uma nas costas da mão e, em casa, fiz-lhe a analyse chimica.

Deu-me: agua, albumina, chloreto de sodio; encontrei moleculas d'um outro elemento, que é a base da affinidade social:—o affecto da familia. Percebi, tambem, vestigios d'uma grande dôr.

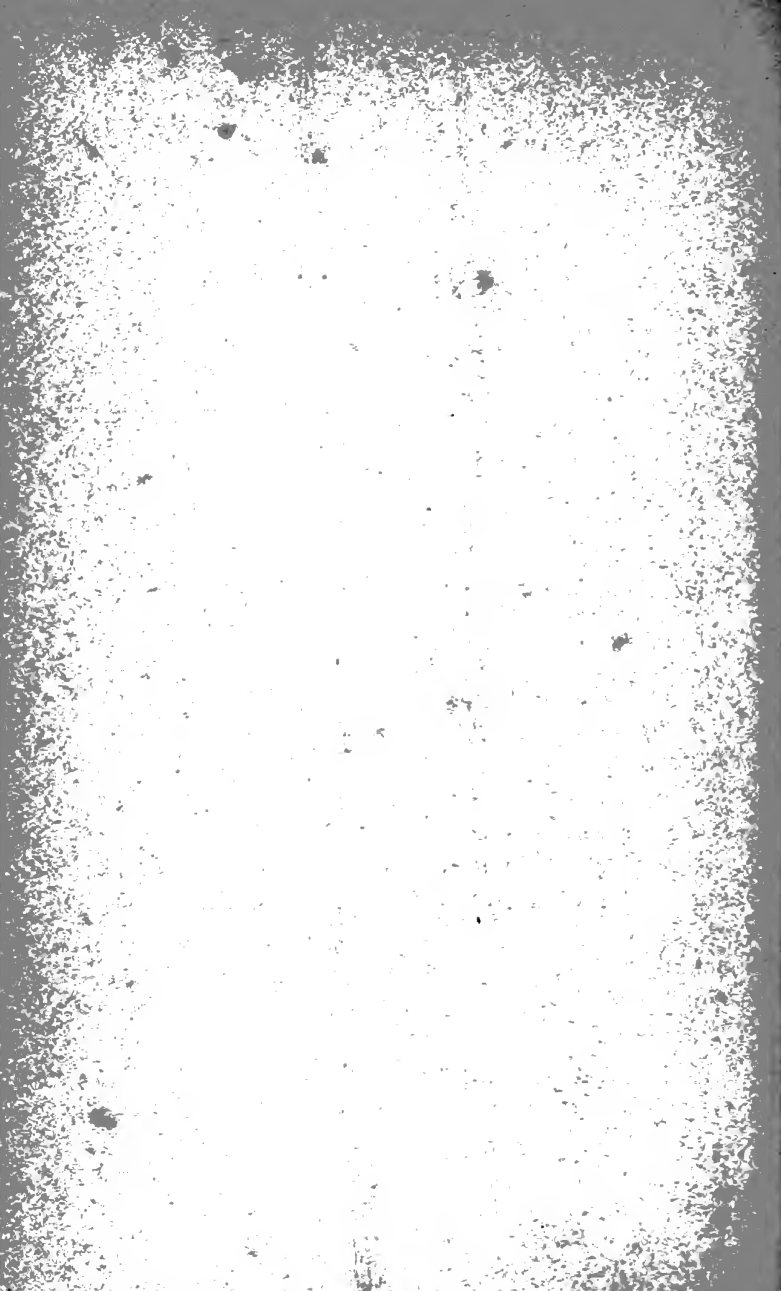
Respeito-a...

Mas, quando os atomos d'essa lagrima se desagregarem, por evaporação, e continuarem na Natureza o giro constante e permanente da Materia, então, se me appareces... entras na berlinda.

Não te entristeças, que este livro é para rir e, quem o escreve, é um dos teus amigos.

Vira a folha e...

vamos a outros.





## VI

### Coisas de Igreja

---

#### **Beatas — Procissões e Romarias**

Terminára a faina do dia.

O fogo que elevára a temperatura nos grandes caldeirões do Olympo, onde se manipulava a Humanidade, consumia, apenas, carvões isolados que, pouco a pouco, se transformavam em cinzas.

Os cyclopes, destacados por Vulcano para essa secção da grandiosa fabrica da Natureza, que o proprio Jupiter dirigia, raspavam, apressadamente, nos grandes extendedores, a massa, que ficara collada, e deitavam-n'a, como inutil, nos baldes do lixo e da immundicie.

Jupiter encastellava o dinheiro das ferias; fechava a escrevaninha; trocava a japona da fabrica pelo

manto de arminho, e dispunha-se a sahir, tocando de passagem a sineta, para se fechar o estabelecimento.

Mas n'isto, principiou a elevar-se do caldeirão que estava proximo, cheiro activo e nauseabundo, (como o do esturro em guisado francez) que, espalhando-se na atmosphaera, seriamente incommodou a regia pituitaria.

Aproximou-se Jupiter e olhou.

No fundo do pote, já com a côr do carbonisado, estrugia o resto da massa que ficára, da que n'esse dia se tinha dosado para a preparação dos hypocritas. Pouco valor aquillo tinha, porque era da mistella mais vulgar e mais facil de preparar; mas Jupiter não perdia ensejo de incutir nos seus operarios os deveres d'uma administração rigorosa e economica.

Ordenou, pois, a dois cyclopes que trouxessem do barril do lixo algumas aparas, recommendando que preferissem as mal-cheirosas e de côr escura, que pertenciam á massa dos invejosos e dos usurarios.

Avivaram o fogo; deitaram os novos elementos no caldeirão; remexeram com o cabo d'uma vassoira, porque a ferramenta já estava guardada e limpa; e, depois de cinco minutos de ebullição, Jupiter provou a mixordia. Estava sobre o insipido.

Deitou-lhe umas pitaditas de sal e de pimenta, com que preparava os maldizentes.

Provou de novo. Estava picante de mais.

Temperou, então, com o betume dos ociosos; e deixou ferver tudo, durante outros cinco minutos.

Os cyclopes retiraram o caldeirão. Trouxeram os moldes; vazaram n'elles a massa, que se conservava no estado pastoso e esperaram.

Pouco tempo depois, Jupiter aproximou-se; arrotonhou, e dos moldes sahiram duas coisas, duas formas humanas, com movimento, côr e vida.

Eram duas mulheres.

Ora Jupiter não se podia demorar, porque combinára, para aquella hora, uma entrevista com Europa, e os cyclopes principiavam a murmurar, porque dera a hora e tinham as familias á espera.

Assim, mandou Jupiter abrir o postigo do Olympo, empurrou até lá as mulheres e atirou com ellas, cá para baixo, com um valente pontapé.

Por esse ether fóra, assustaram-se as creaturas; agarraram-se uma á outra afflictivamente; principiaram a rezar a *Magnificat*, a *Ladainha*, e assim foram cahir sobre o telhado d'uma egreja, aterrando o escorropicha-galhetas, que se deliciava, occultamente, com os restos do precioso sangue de Christo.

Aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> como chegaram as beatas ao globo terraqueo, e ahi fica a formula da sua composição molecular: aparas de hypocritas, de usurarios, de invejosos, de maldizentes e de ociosos.

Representando esses elementos pelos respectivos symbolos, poderemos estabelecer:

$$H^5 + M^4 + I^3 + O^2 + U = \text{Beatas}$$

\*

Aquellas moleculas da Hypocrisia e da Ociosidade deram-lhes facil e rapida admissão na sociedade.

Casaram; reproduziram-se; e, em pouco tempo, estava a raça extraordinariamente desenvolvida e disseminada por toda a parte, desde a cidade populosa e civilizada, até á aldeia humilde e rude.

Cá as temos e cá as aturamos... Submettendo-as agora, para as descrever, a rigorosa analyse, encontrei-lhes todas as propriedades dos primitivos elementos.

Vão á missa das sete—*uma missinha que faz muito arranjo, porque dá tempo de arranjar a casa e de se mandar, á praça, cedo.*

Rezam; inspeccionam tudo o que se faz e tudo o que entra na egreja; communicam e transmittem as novidades do soalheiro; e, entre o cochichar do *Padre Nosso*, segue uma enfiada de casos novos e de commentarios:

Padre Nosso, que estaes no céu (*e o vestido novo que hontem levou a X ao jardim! É da Torrona. Ficou a dever. O Blanco é que as canta...*) santificado seja o Vosso Nome (*acabou o namoro da filha do Y, porque a Mãe bateu-lhe. Diz que o rapaz gosta muito de mulherinhas*) venha a nós o vosso reino e seja feita (*sahiu a creada da casa do W. Oh menina!*

*Sempre ella conta coisas... Diz que tem a casa como um ovo! Comem todos os dias prato de meio!) a vossa vontade, assim na terra, como no ceu (Lá entrou o Velloso... que raio de homem! Tem mais de vinte namoros. É como o Prado! Elle é elegante, isso é! Já lhe reparaste nas pernas?) o Pão nosso de cada dia nos dae, Senhor, perdoae-nos (oh... Faltava aquelle... o Leopoldo. Tambem já podia casar... Para o que anda por ali a fazer...) as nossas dividas, assim na terra, como (agora é o dos pombos correios... Tambem é fresco, com aquella cara de santo...)*

Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus...

Como V. Ex.<sup>a</sup> pôde suppôr, a *fervorosa* oração foi cortada pelo badalo do sachrista, que tocou a Santos. Se elle não interrompe, o que teriamos nós de ouvir...

\*

Este beaterio é muito casto e excessivamente pudibundo.

Na egreja de S. Estevão ha uma Virgem do Leite, que, se não é, realmente, uma preciosidade artistica, é, com certeza, a melhor tela que existe em Valença, não falando—já se vê—n'aquellas caras de malagueta e colorau, todas com a mesma fôrma e feitio, que o sr. Julião exporta, mensalmente, para

as salas nobres dos hospitaes minhotos, a soberano por caveira, com dez por cento de abatimento, por duzia.

Pois o beaterio scandalizou-se com a nudez dos peitos da imagem, isto é, repugnou-lhe que se visse o que na mulher representa a sua missão mais nobre, mais elevada e mais santa — a maternidade. E a instancias d'esses respeitaveis camafeus, muito castos e muito pudibundos, mas que nunca faltam á Rosinha Ferreira, quando ella representa; e mandam logo de manhã comprar bilhete, e dão pançadinhas com riso, e coram (não de pudôr) e se apimentam, e se agitam, nervosas, na cadeira, quando Lili conta as suas *coisas* — a instancias e reclamações d'essa gente, repito, uma auctoridade ecclesiastica, que eu agora respeito, porque já não está entre vivos, mandou, por um caiador de Arão, borrar os peitos da imagem!!!

Isto, minhas senhoras e senhores, em pleno seculo XIX, n'uma terra que tem dois jornaes, correspondentes varios de ditos, representantes de Sua Magestade El-Rei, Vigarios geraes e não geraes, Conegos Presidentes, e não Presidentes, Capellães, etc., etc.! E entre toda essa gente, que sabe ler e escrever, segundo se diz, não houve um unico homem que corresse a pontapés o cafre de Arão, reproduzindo-lhe com a biqueira da bota, ahi pelas alturas do coccyx, os borrões com que profanou a imagem!

\*

O beaterio communga quinzenalmente e confessa-se duas vezes por semana, a padres velhos, surdos e rançosos.

Padres novos são o diabo!

Até os Patriarchas fazem das suas... Ainda não ha muito tempo, que osapparelhos de Morse, de Bandot, de Hugues e os telephones da Hespanha e França, não designavam outras palavras, alem de: *as botas?*

José Luciano perguntava a Vega d'Armijo: *as botas?* Vega d'Armijo perguntava a Carnot: *as botas?* Carnot reperguntava ao Luciano: *as botas?*

Em Pariz, Madrid e Lisboa não se falava n'outra coisa.

Averiguado o caso, fôra o Patriarcha das Gandricas que, em Salamanca, se enamorára perdidamente dos *ojos* negros d'uma andaluza. Gargalinho, seu companheiro, arrastava a aza á sopeira.

A andaluza dava, com certo recato, nocturnas entrevistas. Uma vez, quando o Patriarcha se inebriava com os effluvios do amor... platónico, surgiu o protector da *niña*, de *cuchilla* toledana em punho.

O Patriarcha saltou, em meias, pela janella. Gargalinho sumiu-se debaixo da cama; quando de lá o tiraram, tanto puxaram pelo pescoço, que ficou como o do P. Alexandre.

Do *Alcalde* reclamou o Patriarcha as botas; o *Alcalde* officiou ao Consul; o Consul officiou ao Ministro. Não appareceram as botas e o Patriarcha andou na Exposição, subiu á Eiffel, visitou o Carnot, com o seu inseparavel capote de forro vermelho e golla de pelle, chapéo braguez, chinelo de liga, calça dobrada em baixo, deixando ver os atilhos das ceroilas, symetricamente apartados e dispostos em cuidadosa laçada. Nos *boulevards*, quando elles passavam, diziam as mundanas:

C'est um Hottentot et son petit; ... mais quel cou, mon Dieu! (1)

\*

O Soares, no principio ainda agradou, porque dizia a sua missinha de Santo Antonio a muito boa hora e era pontual; mas, depois, principiou a desleixar-se e a vir para a egreja, tarde e a más horas.

Foi o Albino, que andava sempre com elle, quem o fez peço. Principiou a dizer-lhe que estava *n'uma boa posição official*, que se devia apresentar sempre *muito limpo e lavado*, porque o conego velho nem ce-

(1) Sinto que as acanhadas dimensões d'este volume me não permitam incluir um artigo, que esbocei, ácerca da origem do Patriarcha. Tem por titulo: *Aventuras do Patriarcha dos Gandricos e do seu amigo Gargalinho, em Paris da França*. É um estudo realista. Faço, porém, obra para dois tostões...



*roilas usava, apresentando-se n'um desarranjo completo, com a barba por fazer, amarello, completamente deitado abaixo, a ponto de a gente recear, ás vezes, que fosse de bruços; e que era bom, aos sabbados, preparar-se e lavar-se de vespera; levantar-se depois cedo, lavar-se novamente muito lavado, tomar a sua chavenasinha de café com a sua colher de prata; e nunca chamar a attenção das más linguas, que estão sempre a postos, porque a missa sempre dava os seus sete e vinte, que já chegavam para uma posição graduada; mais isto, mais aquillo, com outros periúdos, — de fóрма que o rapaz gastava duas horas a lavar-se, a vestir-se, e a gente que esperasse, só com um café bebido!*

O resultado foi perder a missa de S. Antonio, porque já não tinha freguezia.

O Magalhães será muito boa pessoa, mas... não se dá com o sr. Joaquim.

Ora o sr. Joaquim é um homem muito temente a Deus. No inverno, quando ha mais frio e fome, anda por ahi, de porta em porta, com a subscrição... da Semana Santa, para que a pobreza possa curtir... na egreja, as suas maguas e dôres.

Alem d'isso, não se poupa a despesas, quando é Juiz da Senhora da Saude, da Urgeira, e vê probabilidades de (tudo pela santa religião) fazer uma pirraça ao diabo... do João Cabral!

Um homem assim, é um philanthropo e deve andar de bem com Deus. Quem com elle não se dá,

não se dá com Deus; ergo: Padre Magalhães não serve.

Depois, prega uns sermões que ninguém entende. Parece que não fala português!

Nem, sequer, faz chorar a gente na Semana Santa! Resumindo: não serve.

\*

Eu falei na Semana Santa...

É o carnaval do beaterio. N'aquelles ultimos sete dias as beatas dão ar às mantilhas, e largas á bisbilhotice, á curiosidade e... ao flato.

Quinta e sexta feira santas são em Valença, para a egreja de S. Estevão, o mesmo que domingo gordo e terça feira de entrudo são para a Assembleia.

Ha musica, serviço variado de pastilhas de chocolate, rebuçados e amendoas; confidencias, intrigas, sorrisos, trocas de cartas perfumadas, ciumes, arrufos, apertos de mão e — sobretudo — esta *cavaqueira* intima, expansiva, franca e alegre d'uma verdadeira reunião de familias.

A gente está alli, perfeitamente bem, e á sua vontade.

Com as temperaturas da egreja e das salas da Assembleia eleva-se, consideravelmente, o mercurio no thermometro dos affectos, em que o zero é — o arrufo, e os 100° — o casamento.

O Christo, já se vê, como dono da casa, lá está no alto da Cruz, recebendo sempre, com reconhecimento cordial, tão fervorosas e *animadas* manifestações de amor e respeito...

As beatas arranjam, com a Semana Santa, que contar para um mez.

Quando os escorropicha-galhetas abrem, de manhã, as portas do templo, já ellas entram apressadas e remelosas, escolhendo o melhor lugar «*onde o bruto do povo e os pobres não incommodem, onde se esteja á vontade e se veja tudo*». Levam as suas pastilhas de chocolate para a debilidade, a caixa do rapé, o banquinho de tapete, agasalho para os pés e lenço para as lagrimas, que são da praxe. quando o Padre mostra o Santo Sudario.

Installadas assim, com todas as commodidades (tudo pelo amor de Christo, que tanto soffreu na Cruz) no seu ponto de devoção e de observação, gozam á *tripa-forra* não perdendo um olhar, um sorriso, um vestido novo, uma *tournure* mais arrebitada...

Á noite vão para casa, consideravelmente allivadas da consciencia, mas pouco satisfeitas com o Magalhães, que falou em problemas sociaes, em pauperismo, em *Philosophia da Historia*, em altruismo, em protoplasma e outras coisas, que nem o sr. Joaquim entenderam, apesar de, por vezes, (certamente por delicadeza) abaixar a cabeça, como quem diz: compreendendo, approvo e... estou satisfeito.

O Palmeirão, quando conta imbecilmente pela decima vigesima vez, a tragedia do Calvario — tragedia sublime e benefica para as agruras da nossa existencia, se todos a soubessemos comprehender, mas que por ahi anda como o *libretto* estafado, nas epochas lyricas da egreja, para especulação, para immoralidades e para descrenças — esse percebe-se e agrada muito mais!

\*

O beaterio tem uns Santos da sua particular estima.

Os Santos, a final, são como a gente, com quem se lida. Ha physionomias que logo inspiram sympathia e ha outras que, sem a gente saber como, nem porque, provocam embirração.

Isto é razoavel e intuitivo. Diga-me, por exemplo, V. Ex.<sup>a</sup> quem ha-de gostar do S. Christovão, com aquella grande cara arrenegada, parecendo dizer ás gentes que, se lhe chegam a mostarda ao nariz, corre tudo com a vara, pela egreja fóra, como o Pau-real na feira de S. Bento da Porta-aberta!

Assim, quando rareiam as festas e as bolsas andam exaustas, com as frequentes subscrições da Assembleia, não havendo possibilidade de se organizar a Semana Santa, então, promove o beaterio umas novenas á Senhora de tal.

«São umas festasinhas muito razoaveis, porque a musica é mais alegre, são de dia e sempre ha probabilidades de, terminadas as ladainhas e as encomendações, se dar, ainda, um passeio até ao Jardim. Emfim, n'uma terra, que tem poucas distracções e onde a Rosinha se não póde sustentar, tudo se aproveita.»

\*

O caso da Santa alarmou vivamente os animos d'estas esgrouviadas bisbilhoteiras.

«Parece impossivel que se não abrisse a Terra, que não viesse um raio, um diabo, que castigasse aquelle pedreiro-livre, aquelle atheu do administrador!»

O malandro que trazia a imagem e a metten na taberna da Esplanada, expondo-a ás chufas e obscenidades avinhadas dos comparsas, esperando que o contra-regra desse o signal de subir o panno, para essa asquerosa comedia, da nossa asquerosissima Politica,—o malandro que, com um sebento balandrau, de imagem e prato na mão, por ahi chatina semanalmente, a meias, com as crenças do povo, e não hesita em transpôr os humbraes do bordel, pedindo para a bemdita e milagrosa Senhora de tal, interessando assim, a religião de Christo no producto que a barregan obtem da venda, em publico, do corpo e da honra—esse icha-corvos torpe e vil, d'uma ga-

nancia mais vil e mais torpe, do que os trinta dinheiros de Judas, que por ahí esfarrapa as poucas crenças, que ainda existem no povo — esse:

*«coitadinho! Mettia dó rêl-o. Estava amarello, aterrado. Foi preciso leval-o, quasi em braços, e dar-lhe café quente, porque lhe podia dar alguma coisa»!*

Ah, baratas de sacristia! Como eu desejava possuir o açoite, com que Christo expulsou os phariseus e de que côr eu vos poria as nadegas...

\*

As procissões...

Eu não conheço coisa mais estúpida, barbara e deshumana.

Felizmente, sou, n'esta opinião, apoiado pelo espirito do seculo que, pouco a pouco, vaé terminando com ellas.

Qual é o fim das procissões?

Qual a sua necessidade?

São para avivar as crenças?

Que ha, por esse mundo de Christo, mais ridiculo e caricato do que Santas Cocas, bois bentos, S. Jorges de carne ou de madeira, isto é, com tar-racha, ou sem ella, prophetas com barbas de crina, pendões em varas de pinheiro por descascar, gaiteiros

aos pinotes, matulões de cara aparvalhada e cabello empastado com gomma de pevides de marmelo?

Que ha, por ahi, de mais barbaro e deshumano, senhoras de Valença, do que essa perigosissima exposição a que, por vaidade, condemnaes os membros ainda tenros das creanças, carregadas com adereços de pechisbeque e diamantes de vintem, peito e braços nus, tiritando e caminhando custosamente, com os pesitos entalados nos escarpes do *uniforme*, e atiradas, por essas ruas, á voracidade das bronchites e pneumonias que o frio origina, ou das febres e meningites que o calor provoca?

Dizei-me: a Christo, se é a Christo que desejaes honrar, não seria mais agradavel que essas duas libras, com que entraes em ajuste d'uma pneumonia para vossos filhos, lhes fossem entregues para, com ellas, na bemdita missão da Caridade, penetrarem n'uma d'essas barracas da Parada-velha e as deporem nas mãos tremulas e descarnadas do pobre velho que tem fome e frio aos 80 annos, illuminando-lhe assim com a luz do céu, com a luz de Deus, aquelle tenebroso occaso de soffrimento e dôr?

E quando a creança voltasse a casa, risonha e feliz, como Deus a sabe dispôr, ao fazer d'ella a meñsageira do Bem, não seriam para vós mais agradaveis as lagrimas da gratidão do pobre entrevado que, como perolas, deslizassem ainda nas mãos pequeninas, do que esse immundo cartucho de papel mata-morrão com doces de farinha de milho e assu-

car mascavado — suprema delicia dos matulões da Urgeira — com que o boçal e estúpido Juiz da festa lhe paga o papel de comparsa?

Senhoras de Valença, que tendes filhos! Pensae n'isto...

\*

A procissão, que os Paes de familia mais respeitam, é a de *Corpus-Christi*.

Quando se approxima, é inevitavel a contribuição de chapéos novos para as senhoras. É uma coisa feia, na verdade, o apparecer-se n'esse dia, consagrado a Deus, com chapéos de inverno...

Pois se o Blanco os tem tanto em conta... Já se não fala em vestidos, porque enfim, dá-se uma *volta* ao do anno passado e ainda póde escapar; mas o chapéo é da praxe.

As janellas guarnecem-se, n'esse dia, de caras bonitas. Nas ruas, vae e vem, chibante e taul, a juventude da terra; os aspirantes aduaneiros, com Veloso á frente, pimpam o oiro dos seus uniformes; barrigudos camaristas passam, atados á banda bicolour; ha muita gente do povo; colchas espaventosas, flammulas, etc., etc., e, no fim de tudo, a tropa e as descargas.

N'este anno, então, essa ultima parte esteve magestosa. Digo a verdade: manobras assim, tão complicadas e com tanta tactica, só as tenho visto em



França, no campo de Chalons, e em Portugal... no largo de S. João. Consta-me, até, que para o anno cá temos officiaes dos exercitos europeus, em commissão de estudo.

Pelo menos, assim m'ò asseveram Moltke, Carnot, o Czar de todas as Russias, o Schah da Persia e o Bey de Tunis. Se o affirmam por lisonja, sabendo que sou de Valença, isso é com elles.

Vae pelo preço...

\*

Agora as romarias.

Diversos pensadores e philosophos consideram as romarias, como indispensaveis e necessarias, attendendo a que o povo que, durante seis dias, labuta e trabalha, necessita de descanso e distracção ao setimo, para que possa retemperar as forças.

Concordo com isso, mas não colhe o argumento na defeza d'ellas, como elemento vivificador de crenças.

Quem é que vae á Urgeira, a Ganfey, ao Faro, a Segadaes, que não seja por mero divertimento, por distracção, pela novidade de um caso ruidoso e differente na pacata vida da provincia?

Quem annuncia em casa á familia a visita á Senhora da Cabeça, ou a S. Campio, que isso não signifique um dia de *borga* e de folgança?

Vejamos as coisas como são, limpando o prisma da observação e da critica, das teias de aranha, com que a rotina, o uso e a tradição lhe mancham a transparencia.

O que é a «Senhora da Cabeça»?

Um concurso legal de caceteiros.

Perguntem ao meu amigo Joaquim Queiroz, se elle de lá vein com mais crenças, apesar dos esforços que os salta-pocinhas de Lara e de Lapella fizeram, para lh'as introduzir na massa cêrebral.

Perguntem a esse amigo, imprudentemente envolvido por generosa dedicação e por nobre arrebatamento, na batalha de *Montes Claros*, se essas mulheres, que nivavam como hyenas e clamavam em furia horrenda, contra tres homens, não eram as mesmas que se espojavam pelo adro da capella, e se arrastavam de joelhos nas *cinco voltas* da promessa, com que, sentindo estoirar o bandulho nos arrancos de brutal indigestão, recorreram á fama milagreira da Santa...

Perguntem-lhe se esses matulões, que á porta do Chico Mello o cercavam, embrutecidos pelo vinho, apertando o circulo dos varapaus ferrados, com gritos de chacal e esgares sensuaes de anthropophagos, não eram os mesmos que, horas antes, carregavam, como bestas, com o andor da Santa e abalavam o solo com o poisar da pata na marcha truanesca, pelos atalhos do logarejo.

O que é *S. Campio*?

A prostituição ao ar livre, sob o manto estrellado da noite, como diria qualquer poeta; e a charlatanice, fazendo suar o Santo e... os milheiraes.

\*

A pequena distancia d'esta villa ha um burgo chamado—Urgeira. É feudo do sr. Joaquim. Descendem em linha recta, os seus habitantes, d'aquelles antigos cultivadores de cebolas do Egypto.

Formam um elemento importante na Politica do nosso Hospital e prestam assaz reconhecido serviço, nas procissões da Semana Santa. Chegam em mesnadas, marcham bem, formam, com os seus balandras, duas alas, já muito razoaveis e, além d'isso, são faceis de contentar: quaesquer tres patacos de borôa e zurrapa lhes enchem as panças, depois da procissão, na sacristia da Misericordia, provocando-lhes sonoro arrôto.

No verão, rara é a noite de sabbado, em que estes pacovios não queimam algumas duzias de libras, com foguetes de lagrimas e bombas de dynamite.

Ora, no burgo ha pobreza e ha miseria; ha velhos, que gemem na cama com o frio do inverno e ha creanças esfarrapadas, que chafurdam no lamaçal dos becos; ha aleijados, que se arrastam até á villa mendigando o *chabo*.

Com esses 500, ou 600 mil réis, que annualmente

se gastam em festas, podia a Junta de Parochia fundar um Hospicio para os velhos, e estabelecer uma sopa economica para os famintos.

Mas a pandega? O grande brodio da vespera da festa? A *figura* que se faz na procissão com a vara de Juiz?

\*

Necessita o povo de distracções.

Verdade é, mas dêem-lh'as que o civilizem e não que o embruteçam. Festas, Romarias e Procissões são ainda vestigios d'aquelles primitivos tempos, em que era necessario inveterar pelo mysticismo, pelo apparato e sumptuosidade das manifestações, o espirito da crença.

Mas hoje, em que para o plebeu entrar no templo até á grade, onde a aristocracia aninha, se lhe exige roupa lavada e calçado decente; hoje, em que elle vae á romaria para jogar o pau, beber vinho e entregar fielmente á *Batota* a fêria da semana—acabem com tudo isso e deixem ficar a Religião nos templos, e só nos templos, d'onde nunca devera ter sahido.

E, para divertir o povo, substituam, então, esses grotescos cortejos de Santos, entre espelhos de pataco e plumas de gallo, por verdadeiras procissões civicas, onde figurem os heroes da nossa Patria, que os temos tantos e tão dignos d'essa apotheose.

Em vez de pulpitos ao ar livre, levantem-se tablados, onde se reproduzam os factos mais gloriosos das gloriosissimas epopéas que, a um paiz de tão acanhadas dimensões, deram a celebridade das grandes nacionalidades.

Organizem-se-lhe jogos, luctas, em que se adestre no exercicio das armas e possa desenvolver os musculos e a energia, de que tanto necessita para a constante lucta da existencia.

Conte-se e mostre-se ao povo o que fomos, e assim, distrahindo-o, lhe incutiremos os germens d'esse sentimento, que é o principal impulsor dos grandes feitos e das grandes civilizações—o amor da patria. (1)

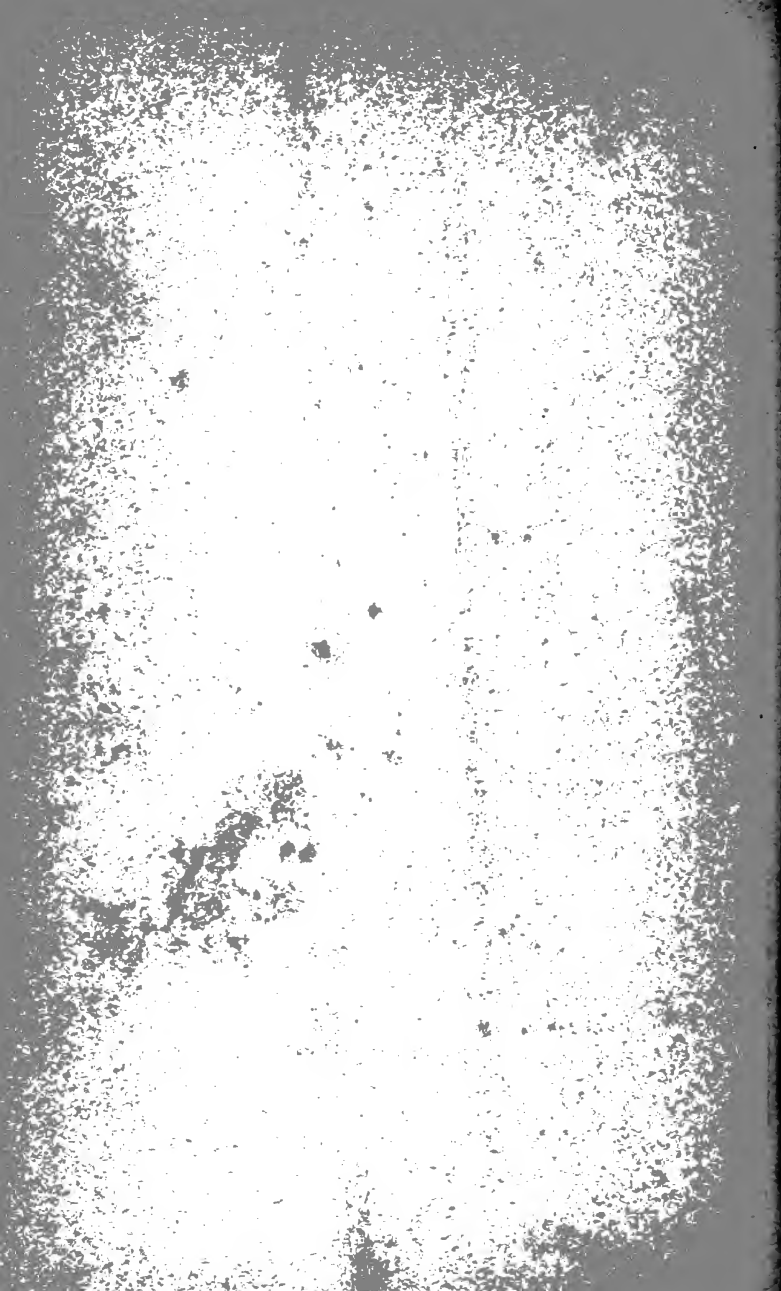
Basta de coisas de egreja.

E agora,—beaterio da minha terra!—um

Padre Nosso e uma Ave-Maria por este Zinão, que já está ás portas do inferno... mas esperando que entreis, para atrancar solidamente a porta e assim vos acabar com a raça!

*Pater Noster...*

(1) Não vá este artigo fundamentar suspeitas, ácerca das crenças do auctor. Zinão respeita a Religião e perfilha o que ella tem de sensato; mas só a admite no Templo—depois de varrido de hypocritas, de traficantes, de escorropicha-galhetas e de icha-corvos—com um Evangelho e um Sacerdocio : a Caridade.



## VII

### Litteraturas

(DUAS PALAVRAS)

Claro é que, tendo subordinado o programma d'este livro ao titulo de *Estudos sobre a actual sociedade valenciana*, me não posso esquivar a fazer incidir, por momentos, na minha lente de observação, os raios luminosos que os nossos *homens de letras*, semanalmente, fazem convergir no fóco das *lamparinas* cá da terra.

N'esta epocha, em que legalmente está em uso, reconhecida e sancionada, essa nojenta e nociva convenção litteraria do *elogio-mutuo*, que tanto talento atrophia, que tanta intelligencia embriaga com os aromas d'um incenso macanjo, parvoçada é—reconheço—o meu proposito, que significa perigo emi-

nente nas cannelas, irremediavelmente condemnadas á dentuça dos *critiqueiros*.

Limito a area da observação com as muralhas da Praça e d'ella exceptuo, ainda, algumas individualidades que, demasiado, me ferem a retina com o seu talento, e que a insignificante distancia focal da lente me não permite abranger.

\*

N'esta nossa terra, a penna serve, unicamente, para estadulho de deslombar politicos, ou nas protervias e diatribes, originadas em questiunculas ridiculas e comicas, como as da *Prisão da Santa*, ou nas pacholices rimadas, com que se visa á critica galho-feira.

A penna photographa a Idéa. A Idéa pôde evolvar-se, librar-se sobre todas as manifestações da actividade humana, consoante as aspirações que a orientam e as intelligencias que a esclarecem. Pôde fixar-se na Arte, na Sociedade, no Homem, etc. Entre nós, embirrou com a Politica e não a larga.

Por isso, chafurda na insulsez parrana, na gragola afadistada, na metaphora besuntona.

Ao *brazileiro barato*, ao *fidalgo sem pergaminhos* e a outros escarros-piadas, que por ahi fluctuam á tona da enxurrada, corresponde esse constante martellar de bordões estafados, do *gaiteiro*, do *João Ber-*



nardo, com que ainda hoje a fedelhada sahe á estacada, empunhando a babuzeira e acenando a quem passa com outro Ideal e com outras armas: não o insulto soez á familia, mas o sorriso caustico do epigramma á individualidade social.

A Imaginação e a Phantasia vasam-se, por ahi, nos moldes d'uma linguagem mascavada, em que pulula o neologismo pretencioso, d'onde resalta a phrase de sensação dos ultimos figurinos, que o francez atira, por cima dos Pyreneus, como uma bota cambada e velha, e que o rabiscador, prestes, enfia nos pesunhos para, coxeante e rufião, seguir em truanesca marcha, campos fóra da critica e da... tolice.

Esfuzia, frequentemente, o gallicismo inutil nas espalmadas linhas; é constante a referencia ôca á lombada das recentes publicações francezas; e, n'uma epocha em que o mercieiro fala na *Sapho*, de Daudet, ri com as frescuras de Catulle, estremece com as *Blasphemias* de Richepin, salta com as pinturas realistas de Zola, entretém a familia com os Goncourt e auxilia a chylicação com Maupassant ou Coppee, a arlequinada do rabisca, não só denuncia ignorancia completa da nossa litteratura e dos recursos da nossa lingua, mas, ainda,—com a impropriedade dos termos, apanhados a dente e atacados a soquete sublinhado nos periodos—uma deploravel vaidade e tristissima inconsciencia.

Não ha orientação litteraria, nem eschola definida, nem percepção nitida da idea, nem conscien-

cia na phrase, nem centelha de imaginação que desperte a vibratilidade da nossa alma. Ha, d'um lado, a atrophia voluntaria e criminosa, a que se condemnham faculdades intellectuaes de superior quilate, e d'outro, a ambição ridicula e chatissima de se mostrar á familia—ao papá e á mana, ao titi e á prima, ao namoro e á sopeira—o nome em lettra redonda, claro, ou nas malhas transparentes d'um pseudonymo, que o sorrisinho immodesto descobre ao primeiro e desejado ensejo.

\*

Poderá alguém suppôr com estas minhas reflexões, tão discordantes na fórma, das hosannas, que por ahi se entoam, impostas pela nojenta convenção do *elogio mutuo*, que nego merecimentos, ou repudio aptidões intellectuaes?

Tal não succede.

De quando em quando, aqui e acolá, mesmo n'esses a quem a vaidade e o pedantismo desnorteiam, descubro e reconheço os vestigios d'uma expontaneidade de phrase, evidente; d'um colorido de expressão, notavel; d'uma receptividade emocional, definida; d'uma accommodação visual para a analyse, apreciavel;—propriedades que, vigorizadas pelo trabalho, orientadas pelo estudo persistente nos bons modelos e impulsionadas para um Ideal, podiam educar-lhes

o espirito e eleva-los, porventura, á consideração que ambicionam e que crimosamente lhes attribuem.

O que eu desconheço é:—o trabalho; o que eu censuro é:—a inercia; o que eu repudio e calco aos pés, é essa perfida e nojentissima convenção, que faz do *cinco reis de gente* um Adamastor, do balbuciente bebé um polemista, do Rosalino Candido, um Ramalho Ortigão, ou, como elles diriam, de Prudhomme, um Pierre Veron, ou Albert Wolff.

A penna exprime a Idea. A Idea parte do cerebro. O cerebro significa a Intelligencia, a Alma, isto é, o conjuncto da sensações e sentimentos, que na sua phenomenallidade, separam o Homem do bruto.

A faculdade de sentir e a expressão nitida e clara, pela penna e pela palavra, de todos os phenomenos da natureza psychica, são o que o homem tem de mais nobre.

Triste é, portanto que, na critica d'um facto, na discussão d'uma idea, no desforço d'uma aggressão, eu vá encontrar aptidões intellectuaes com elementos tão apreciaveis, na choldra da Politica, ou descedo, ainda, tanto e tanto, que se não pejam com a pasquinada a carvão nos logares, onde o carregão usualmente se encosta, para ... ensalitrar as paredes.

\*

E no grupo dos que a inercia atrophia, dos que deviam libertar-se para outras espheras mais luminosas e mais puras, porque já possuem na Imaginação e na Phantasia a vigorosa organização do condor, vejo eu um homem—que sabe burilar preciosamente a idea, que filigrana artisticamente a palavra—debater-se, na triste condição de bonifrate, movimentado pelas guitas dos especuladores, transformando o cerebro, d'onde arranca chispas d'um verdadeiro talento, na bola ensebada e porca dos jogos malabares que os politiqueiros por ahi exhibem, visando á esportula dos magnates.

E como se não fosse profanação bastante, o manchar a penna nos bispotes, em que essa megéra—a Politica—diariamente evacua, ainda ha pouco manchou tambem os labios d'onde, palpitante, quente, phantasiosa e bella, lhe resalta a palavra, na dentuça carriada e porca d'um salta-pocinhas eleitoral agargalado!

Suprema humilhação do talento!

Pudesse eu agarrar-te pela golla do casaco e, applicando-te em certa parte do corpo duas palma-

das, fazer actuar no teu espirito, incisiva e caustica, a affectuosa indignação, com que d'aqui te brado:

Livra-te d'esse chiqueiro, *homem de Deus!* (1)

(1) Depois do que expuz, acerca do *elogio-mutuo*, n'estas paginas, onde manuseio ridiculos, poderá alguém attribuir-me intenções provocadoras da tal *convenção*, com a referencia que ahi faço a um homem, que, entre nós destramente maneja a penna.

Declaro que, n'estas e n'outras referencias, digo o que penso e o que sinto; sem pretensões a adulator, independente de preconceitos, de considerações pessoas e das imposições dogmaticas com que, por ahi, se celebra e incensa muita *coisa* vulgar e ôca.

Não preparo o exito dos *Sinapismos* com a offerta de exemplares ás redacções, ou aos amigos, que as frequentam, com aquelles galanteadores e irresistiveis offerecimentos de: *ao distinctissimo escriptor, ao precioso estylista, etc.*, com que se arma ao reclamo, — porque d'este não necessito.

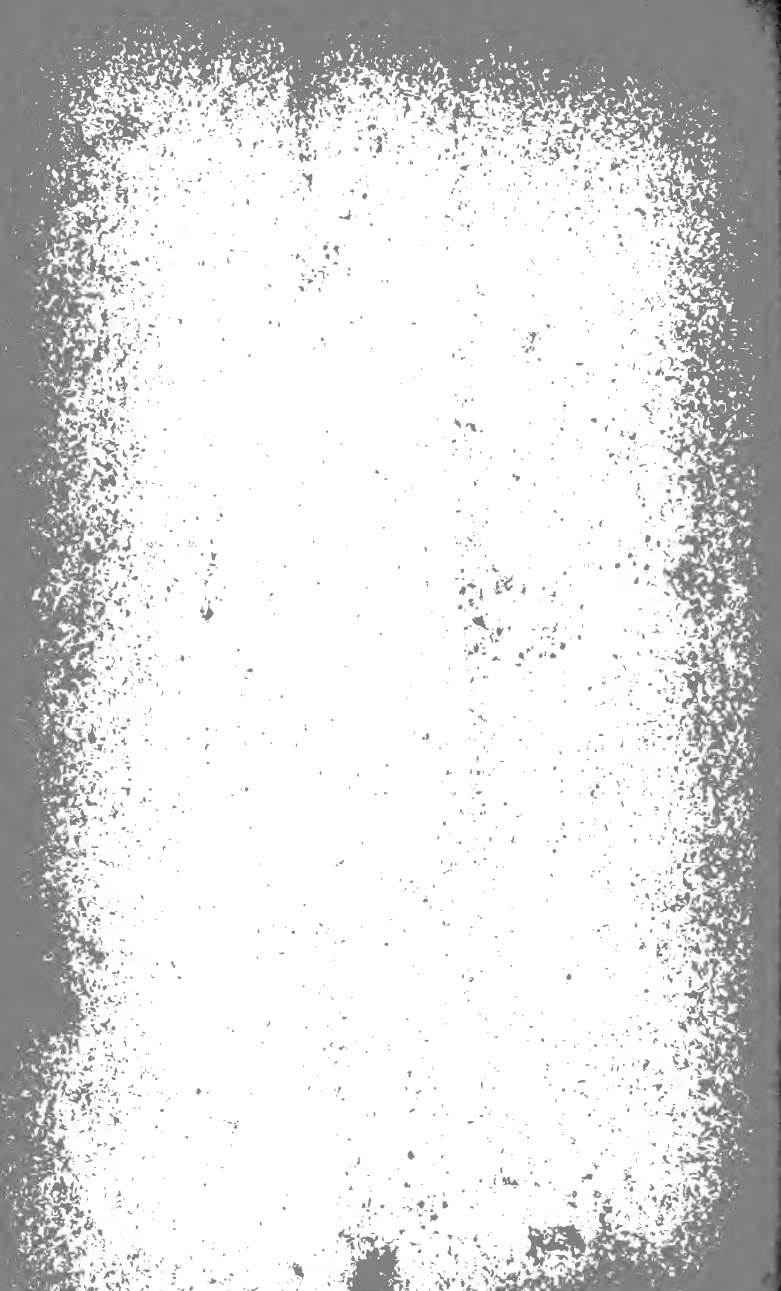
Não viso á honra de ser considerado entre os litteratos, e por isso occulto o meu nome; não escrevo por especulação, e por isso offereço aos pobres qualquer producto do meu trabalho.

Dos defeitos da obra, que são muitos, salvo-me com este desinteresse e com esta independencia de opinião.

Não me dotou Deus com *feitio* para incensar vulgaridades pretenciosas, nem tambem com orgulho e vaidade para repudiar, ou amesquinhar meritos.

Entre a Critica e a minha individualidade está essa mascara:— Zinão. Se aquella me fôr hostile, respeit-a-hei no que tiver de sensato; se me fôr favoravel, francamente, não lh'o agradecerei, porque não peço elogios.

Que este livro proporcione a quem o ler alguns minutos de distracção; que essa distracção valha *uns tostões* e que d'esses tostões possa apartar *uns cobres*, que mitiguem alguma dôr — eis o que ambiciono d'este ignorado laboratorio, onde preparo os *Sinapismos*.



## VIII

### Quimtilinarias <sup>(1)</sup>

---

Diz algures Macaulay:

*«É nas grandes crises politicas, nas grandes agitações populares, que se denunciam os grandes homens e se manifestam os grandes genios.»*

Cá temos a confirmação d'esse periodo do eminente historiador inglez.

Ruge, infrene, a colera do povo por causa do *mandado*; e no meio d'essa espantosa effervescencia da nossa politica, ergue-se aos céos da posteridade,

(1) Não posso ficar calado perante um tão extraordinario acontecimento, como esse que o sr. Joaquim debate na imprensa, com as suas sessenta epistolas. Altero, pois, a ordem dos capitulos, que já estavam no prelo, para não perder a opportunidade d'estas linhas coordenadas á pressa, entre as espiraes azuladas de dois *Princezas*, de seis ao vintem.

dardejando raios mortiferos de oratoria epistolar, um homem, até hoje ignorado na republica das lettras: Quim Fonseca!

Tenho lido muita epistola e muita carta; li as epistolas de S. Paulo aos corinthios; as de Horacio e Cicero; as de Racine e Pascal; as de M.<sup>me</sup> de Sevigné e de Girardin; as do Rosalino e Jayme José; mas, coisa tão puxada de rhetorica, tão desembolada de logica, tão *frecheira* de estylo—é que ainda não pude encontrar nas litteraturas passadas e presentes, desde a sanskrita, até á dos papuas, ou á das gentes do Molembo-Kuango!

Sempre desconfiei que, no cerebro d'este Fonseca, vascolejava algo de extraordinario e de superior. Quando, por ahi, aventavam deformidades psychicas, amesquinhantes do intellecto, affirmava eu sempre:

*Fonseca tem lume no olho! O futuro o dirá.*

Ahi estão as suas sessenta epistolas engrançadas nas gazetas da terra, confirmando, plenamente, os meus presentimentos.

\*

Estudei durante muito tempo o Quim Fonseca, auscultando as minucias da sua existencia social e as subteis ramificações da sua politica.

Considero-o como um dos vultos mais importan-



tes da minha terra, porque é o fulcro *diamantino*, onde se apoia a alavanca civilizadora (?) do Progresso. Impõe-se, portanto, á minha observação e ao meu respeito.

Consumi annos n'esse estudo, sem poder formular uma classificação exacta e rigorosa.

Mas, um dia, descobri que Fonseca usava... suspensorios!

Ora, os suspensorios teem para mim uma grande significação; considero-os como elemento precioso e infallivel na investigação do character individual—elemento mais precioso e mais infallivel, do que as protuberancias do craneo, na theoria de Gall; os traços physionomicos na de Lavater, ou o volume do cerebro na de Broca. Após minuciosas analyses e confrontações, cheguei á conclusão, de que os suspensorios pôdem significar: reflexão, sobriedade, economia, providencia, sensatez, paz do espirito, pureza de costumes, existencia de virtudes civicas.

Homem que usa suspensorios, sabe de cór quanto produz, livre do imposto de rendimento, o capital de doze moedas d'oiro a tres e meio por cento; sabe em que lua se cortam as madeiras; sabe em que epocha convém semear a couve penca, o rábano, a nabiça e as pevides de marmelo; sabe em que mez se capam os gatos; sabe salgar um porco, dispôr os presuntos no fumeiro, encher um chouriço; sabe *coisas* de emphyteuta, de fóros, de aguas de rega, de bacellos, de alporcas e de bens de mão-morta; sabe aparar um

callo e applicar um crystal; conhece remedios para o gôgo e para as bichas; conhece as propriedades do sebo de Hollanda; sabe—emfim—de tudo um boccadinho, porque é encyclopedico em Sciencias caseiras e perito em questões de vida pratica.

E V. Ex.<sup>a</sup>, que conhece o Fonseca, diga-me, agora, se as aptidões do seu intellecto não estão ahi, nitidamente inventariadas.

\*

Eu venero as commendas.

Quando, em Quinta-feira santa, na vizita ás casas do Senhor, encontro o sr. V. de Moraes, deslumbrando a gente com a sua casaca e com as scintillações da Gran-cruz gallega, onde o sol poente arranca chispas—tiro humildemente o meu chapéo e curvo-me submisso.

Venero a banda bicolor, diagonalando a obesa pança d'um senador; venero a vara d'um juiz de irmandade.

Reconheço tambem, a importancia social dos titulos honorificos.

Um Visconde foi, é, e será, sempre, um homem de massa mais afinada do que qualquer Zinão; um homem estremado entre a peonagem; um homem de sangue *cruzadico*, de alta sabença, de apurado senso. Ahi está o sr. V. da Torre, que, ainda de molleirinha

e a fazer *tem-tem*, escrevia os *Preconceitos*, para... *despreconceituar* a heraldica dos viscondados.

Venero e respeito tudo isso, repito, porque, emfim, Deus que resolveu distinguir na sociedade umas certas pessoas, com titulos e com penduricalhos, lá se entende e lá tem as suas razões...

Mas cá no fôro intimo, nada provoca, mais fortemente, a minha consideração, como umas alças, uns suspensorios, d'aquelles de tres cores, como a bandeira franceza — com as suas fivelas doiradas, as suas prezilhas de coiro unidas, symmetricamente, aos quatro botões alinhados pelo buraquinho do umbigo.

\*

Este meu culto ás alças já me originou grave desgosto na familia.

Minha filha mais velha, D. Fagundes, namorisca o filho do nosso procurador em Monsão. Ha cinco annos entra o mocinho na sala de visitas e, deante da rapariga, balbucia trémulo de commoção:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

O Senhor passou bem?

Eu vinha pedir a mão de sua filha D. Fagundes d'Atouguia. Tenho 25 annos; sou camarista na minha terra; as minhas propriedades rendem 40 carros e 60 pipas; tenho doze contos nominaes em inscrições; vinte obrigações das Aguas de Melgaço e

de S. Pedro, cinco acções do piano da Assembleia e dez do Theatro Valenciano...

—Perdão, interrompi eu; e enquanto ás ultimas, pagou todas as prestações?

—Não, senhor; assignei, mas só paguei a primeira prestação de 10 p. c.

(O homem convem-me, disse com os meus botões, já vejo que é *agostinhado*.)

—Serve-me para genro; mas, um esclarecimento apenas, que é o mais importante: o meu amigo usa suspensorios?

—Ora essa! exclama o joven, acaso é isso importante no meu futuro marital? Pois a minha barbiga é que tem de *crescer*...

—Basta, senhor! Visto que ridiculariza uma coisa tão seria, —nada feito! Queira bater a outra porta.

E Fagundes ficou solteira...

Ora ella está longe de ser uma belleza e, ás vezes, tem *telha*; mas para Monsão servia e, servia, até, muito bem.

\*

Recebi hontem á noite um telegramma de Bismarck, pedindo informações urgentes ácerca das sessenta cartas. Como sou correspondente da *Gazeta da Allemanha*, tratei de averiguar o caso inspirador d'aquellas Catili—digo—Quimtilinarias.

Eis o que descobri:

Na ultima reunião dos *quarenta-maiores*, o Fonseca, subitamente atacado de violenta verborrhea, poz em pratos limpos a historia do *mandado*, segredada ao bichinho do ouvido por um *amphibio*.

Os senadores ficaram aterrados e os municipales bateram palmas, porque tinham farejado escandalo.

Fonseca exaltou-se, berrou, vociferou; e, por vezes, para o acalmar no furor do seu zelo pelos interesses do Municipio, teve um prestimoso amigo de lhe molhar a palavra, com agua da Fonte de S. Sebastião, que é a mais fresquinha <sup>(1)</sup>.

A final serenou e retirou-se satisfeito.

Jantou e soube-lhe bem; mesmo muito bem. Com o entusiasmo *entrou* de mais n'um arrozito de *berberichos*.

Retirou-se para o seu escriptorio.

Os *berberichos* principiam, porém, a *repontar* com elle, provocando-lhe, em certo aparelho, uns beliscões diabolicos.

Lembrou-se de ir convidar o Leopoldo a dar um passeio nas muralhas; mas, por outro lado, a rigidez e a austeridade dos seus habitos aconselhavam-n'o a ir ter com o Capellão, certamente para se desobrigar dos peccados do dia.

Mas, n'isto, no lusco-fusco da sua somnolencia,

(1) Isto sem pimenta não tem graça.  
Foi só uma pitadinha . . .

viu apparecer e avançar o vertice d'um angulo de 25°, angulo que foi alargando, alargando, sustentando sempre, um dos seus lados, em parallelismo com os olhos do Fonseca.

Linhas irregulares, verticalmente dispostas, desenharam, depois, uma cabeça collada a esse grande appendice angular; novas linhas configuraram um corpo, como appendice d'aquelle primitivo appendice.

Appareceu um nariz com perninhas!

Em seguida, surgiu uma coisa redonda, muito arrebitada e rechonchuda, que foi, tambem, crescendo, crescendo...

Rebolava-se uma pança que, avançando, exclamou:— *Oh Quim! Tu falaste bem; mas foi e Zé, quem te deu o papel!*

Approxima-se o nariz, aos saltinhos, e diz tambem, roçando pelo respeitavel dito, do Fonseca:

— *Sim! O Zé deu-te o papel!*

*Foi o Zé! Foi o Zé! Foi o Zé!*

— *Ah, Morõeses do diabo! Bofé, que mentis! A mim, gentes de Verdoejo e de Taião!*

E arremessando para longe as lubricas tentações, o chale-manta e o barretinho bordado com a sua borlinha toda repenicada, a dar-a-dar,—foi-se á escrevaninha e principiou a escrever uma carta; depois, outra; depois, outra;—total sessenta cartas!

No intellecto do Fonseca deu-se, então, aquelle phenomeno da scissiparidade por segmentação.

Cidadãos pacatos e sisudos, pouco versados na mechanica epistolar e affeitos á bolorenta erudição do:

«*Muito estimarei que ao receber estas mal esboçadas regras, esteja gozando perfeita saude, em companhia de quem mais deseja, pois a minha, graças a Deus, ao fazer d'esta, é boa...*»

sahiram-se com puxadas de estylo de rachar tudo, graças á communicabilidade galvanica do intellecto fonscoide, saturado de rhetorica e prenhe de syllogismos irrefutaveis.

\*

Mas vem cá—oh Fonseca—O que é, afinal, que pretendes dizer na *tua*, com essas sessenta epistolas?

Que diabo te disse o *Noticioso*, que tão violentamente arrepiou a tua espinha, como se te communicasse a irritabilidade nervosa do galvanismo?

Offendeste-te por elle affirmar, que na sessão dos *quarenta-maiores*, o teu esplendido discurso não foi improvisado e que houve, até, quem te desse o *ponto*?

Mas—oh filho—suppões, acaso, que no intimo da alma dos nossos conterraneos não existe, profundamente radicada, a absoluta confiança nos teus dotes oratorios, embora se reconheça, sem desdoiro, que não és, precisamente, o que se póde chamar um Pico de Mirandola?

Então não está ahi, bem pronunciado, no teu luzidio craneo, o extraordinario desenvolvimento da terceira circumvolução cerebral, em que Broca localizou a eloquencia e a arte oratoria?

Olha, Quim, um conselho de amigo:

As tuas sessenta epistolas,—embora, verdadeiramente, se não saiba, ainda, para que as escreveste e para que incomodaste tanto cidadão pacato, tanto cerebro, tanta caneta, tanto bico e tanto papel de chupeta — estão boas; isso estão. Mas ouve, filho, a respeito de litteratices, de cartas — isto é — de escripturas e de lettras, manda-n'os algumas, mas d'essas que tens com hypothecas e com fiadores.

As que para ahi estás a publicar, guarda-as, para quando não tiveres quem te *chegue o papel*...

Não maces mais a gente, que tem de aturar bissemanalmente o *Noticioso*, diariamente o *Marilio* (1) e — aos domingos,

o João de Ganfey.

(1) Este *Marilio dos bosques* já deu sorte com os *Sinapismos*. D'estes é que eu queria mais...

Uma pergunta: se Cuvier agora trabalhasse na sua zooclassificação, onde incluiria o *Marilio*?

Oh *Marilio*! — tu respondeste com um *peccado* ao entregador dos *Sinapismos*...

Approxima-te.

Vira-te para cá...

Agora para lá

Põe-te de *banda*...

.....  
..... olha! Vae-te embora.



## IX

### Politiquices <sup>(1)</sup>

Anda coisa no ar...

A horas mortas, nas sombras da noite, quando as venerandas paternidades desatam pachorrentamente os nastos das ceroilas e extendem as delgadas tibias entre a alvura dos lençoes, deliciando-se com a voluptuosa sensação do linho — quando os technicaphilas experimentam a potencia dynamica do coice e a rigidez do craneo contra os muros e bancos de praça, e as sopeiras, sedentas de luxuria e amor, abrem sorrateiramente a janella para sentimentaes gargarejos com almiscarados artilheiros — quando o beateiro resmunga entre boccejos, n'este meio cá — meio lá, da somnolencia, o ultimo *Pater-*

(1) Já publicado.

*noster*, e dois amigos meus, dos respeitaveis e probos, depois do nocturno repasto, se entregam, extramuros, a indigestos estudos de anatomia... *patriotica* — n'essas horas da noite, repito, nota-se nas ruas de Valença um movimento desusado, extraordinario e inquietador para quem de perto conhece, como nós, a indole pacifica e a habitual obediencia dos nossos contreraneos ao toque militar das oito e meia.

Cruzam-se vultos mysteriosos e sombrios, murmurando rapidamente palavras convencionaes; a fróuxa luz dos candieiros projecta nas calçadas a sombra de longos *capindós*, de amplos *libertés* com que, indubitalmente, conspiradores sinistros, caras patibulares e alvellicas, se disfarçam e acobertam.

Denuncia-se, emfim, a effervescencia d'uma agitação occulta, surda, quicá perigosa e violentissima, que prepara para breve, na historia d'este brioso povo, acontecimentos extraordinarios e imprevistos, que hão-de suscitar aos pósteros um ponto de exclamação tão elevado, tão grande e tão alto, como o sr. professor de Verdoejo, como o nariz do sr. dr. Ladislau, ou como um chapéo siamez que, ha um bom quarto de seculo, eu por ahi vejo, nos dias festivos do anno, luzidio e repontante, contra o ether dos céos.

Mercê da perspicacia e actividade do zeloso Commissario das Policias, o sr. Sampaio, está já conhecida a causa de tal agitação; e á amizade, com

que esse cavalheiro me distingue, devo eu a possibilidade de aqui a communicar aos meus conterrâneos, para tranquillidade das damas nervosas, das donzellas chloroticas e hystericas, que se tenham inquietado com o que acabo de denunciar.

Trata-se d'uma conspiração politica.

Preparam-se traças; urdem-se planos; consultam-se esphinges; interrogam-se oraculos; assediam-se as potestades eleitoraes; arietam-se as opiniões renitentes; hypnotisam-se os refractarios á conversão desejada, e tudo com a intenção sinistra e machiavelica de attentar, nas proximas eleições, contra a soberania e omnipotencia do senhor feudal d'este burgo, de quem tudo-lo-manda, o muito alto, poderoso, e excellentissimo Senhor Administrador do Concelho!!

Quem diria, senhores, o que no ultimo quartel do seculo teriamos de presenciar n'esta nossa terra tradicionalmente fiel ás instituições, cégamente obediante aos poderes constituídos, amante do seu Rei e de toda a sua Excellentissima familia (como se diz em Monsão) — n'esta terra onde, depois que os legendarios 7:500 bravos implantaram e regaram com o seu sangue o systema constitucional, inaugurando essas grotescas bambochatas, chamadas eleições, nunca os nossos antepassados tiveram a ousadia de contestar a opinião, as ideas do Senhor Administrador, embora ellas fossem tão extraordinarias e tão estramboticas como o dizer-se agora — por exemplo

— que o sr. José Narciso não accêita a legitimidade dos direitos do Senhor D. Miguel de Bragança; que o Senhor Velloso, com o seu bigode negro e a alvura immaculada do seu collete branco, não é, para as damas, o mais esbelto e airoso joven, que terras de Portugal têm exportado para a nossa galeria aduaneira, ou ainda, que o Senhor Agostinho não significa na politica um caudilho poderoso, um secretario fiel, seguro e intransigente do partido progressista — regenerador — constituinte — reformista esquerdista — republicanó — socialista.

Mas, perguntarão Vossas Excellencias, não faz Valença parte d'um circulo? Não têm os seus habitantes, como os d'outras terras, semelhantemente illustres — Fornos de Algodres, Terras de Bouro, Cannas de Senhorim — direitos e regalias que a Carta Constitucional da Monarchia concede para a amplissima e plenissima liberdade da opinião, em materia de eleições?

Verdade é.

Temos os mesmos direitos e á custa do mesmo preço...

Pagamos religiosamente as nossas decimas, as nossas congruas, sem contestações, nem aggravos, desprezando, até, com generosa e espartana altivez os quebrados, os dois, tres e quatro reis — uma ninharia — que o Senhor Recebedor, escravo dos dictames da sua consciencia, á força nos quer devolver.

Mas, eu recorro á Historia, a que Thierry chama «espelho da verdade» e Michelet «guia do futuro» para affirmar e provar, *urbi et orbi*, a inflexivel immutabilidade das opiniões politicas da nossa terra, recordando factos que, fiel e genuinamente, exprimem e caracterisam a superior orientação, que aqui existe sobre os direitos do cidadão.—factos que não architecto com materiaes da Phantasia, nem illumino nas penumbras dos tempos remotos, porque são rigorosamente exactos e coevos da geração que passa.

Approximava-se, ha annos, o dia em que o povo soberano, forte nos seus direitos, em troca do liber-rimo voto a uma tarraçada de vinho, ou a indigestão de *calhos* na cantina eleitoral de Mestre Pedro era chamado a influir nos destinos da Patria e a metter a sua colherada n'essa sordida e nojenta palan-gãna, chamada *urna*, onde com putridas exalações, referve e azeda a mixordia das ambições estultas, das vaidades irritantes, das pressões odiosas, das promessas fementidas, e em que os ambiciosos e especuladores — os Pausanias e Wilsons de todos os tempos — se refocillam e afocinham, disputando, á dentada, o appetecido osso do *arranjo*...

Nos campanarios sertanejos agitava-se o badalo chamando o servo da gleba que, de roupa domin-gueira e quinzena nova, se dispunha a, mais uma vez, com boçal inconsciencia, conspurcar o direito do voto — uma das mais bellas conquistas da liberdade na sua sangrenta evolução atravez de seculos

de lucta, producto abençoado da laboriosissima reacção que n'essa enorme retorta, a França, na inferioridade do sudra, na degradação de ilota, nas algemas do escravo, na dependencia humilhante do servo — como elementos componentes — provocaram os raios chimicos da formosissima luz d'essa bem-dita, mil vezes bem-dita, alvorada de noventa e...

Mas, perdão.

Que diabo estou eu a escrever? *Ridendo*... Eis o meu programma.

Ao largo, pois, logares communs de estafada Historia!

Pensamentos tristes, arredae! Acoitae-vos e multiplicaе-vos no cerebro do Padre Capellão para, nos sermões de sexta-feira santa, com que, tão auspiciosamente, inaugurou a sua eloquencia n'esta terra, nos descrever mais uma vez, com a voz embargada pelo sentimento, o martyrio da MÃE, as afflicções da MÃE a dôr da dita MÃE.

Continuemos, pois, a rir, senhores, um riso bom, sonóro, vibrante e desafogado, que o riso é das poucas coisas que ainda escapam á rede tributaria, e representa, n'este arido deserto da vida, a frescura vivificante e consoladora do oasis.

Ha annos, ia eu dizendo, em vesperas de eleição, teve um vizionario estranho a ingenuidade de tentar combater o sr. Administrador do Concelho, arrepiando-lhe a submissão dos eleitores, em determinadas freguezias.

O caso engatinhou ás culminancias do desafôro; alcandorou-se nos topes do escandalo!

Apimentaram-se os animos; esturraram-se os genios; apopleticaram-se os mais sisudos e conspicuos habitantes da rua de S. João — esses santos varões, que são na nossa terra os genuinos representantes dos ricos-homens e infanções dos tempos medievaes, sobrios de costumes, austeros no porte, d'um puritanismo feroz; tementes a Deus, ao diabo, ao abbade e ao sr. Joaquim Apollinario.

Reuniram-se, em conclave mysterioso, os mais valentes e poderosos homens d'armas do partido governamental — o unico, n'estes reinos, legalmente constituido.

Mensageiros esbaforidos chegavam, tressuando, de toda a parte com informações sobre os manejos do inimigo e, praça aberta á discussão, depois de grave ponderação e demorada concentração dos espiritos, sahiu d'aquellas venerandas cabeças o plano de combate que, para efficaz execução, para infallivel resultado,urgia communicar immediatamente, sem demoras, nem hesitações, a um rico-homem de Coura.

— Ora, n'aquella epocha, se bem que já estivesse iniciado o caminho das grandes descobertas geographicas e scientificas, que constituem a epopeia gloriosa da humanidade, e se conhecessem já, a America, a Africa, o phonographo, os camarões, o xarope do dr. Gibert e o sabão do sr. Moutinho; existindo

já Pasteur, Jenner, João da Gaiteira, Edison, os srs. Zé da Rosa e Roldão; se bem que a Sciencia, em todos os seus ramos, estivesse consideravelmente aperfeiçoada, como por exemplo, a Jurisprudencia em que, no Direito penal, Lombroso, Garofalo, Aubry, attenuavam a responsabilidade criminal, combatendo essas brutaes penas da forca, da guilhotina, do pôtro, e substituindo-as, quando o crime tinha as revoltantes particularidades de Pantin, de Fuencarral, ou de White-Chapel, por uma audição, mais ou menos demorada, do drama do sr. C. Barros, ou d'um discurso do sr. Presidente da Camara — n'essa epocha, repito, ainda o sr. Miguel Dantas não tinha inventado Coura, a preciosa povoação, que tanto deu que matutar aos srs. Fontes e Bismarck, nos procellosos dias da revolução de Bico.

A Mesologia estava, ainda, no estado rudimentar e não tinha definido e aproveitado a extraordinaria influencia procreadora do clima, que n'aquellas uberimas paragens, melhor do que a Physiologia de Debay, do que qualquer intervenção abbacial, ou leopoldica, mantem nas robustas camponezas uma fecundidade tal que, annullando por completo as theorias de Fourier, na resolução do importante problema do pauperismo, estabelece para a pittoresca povoação a reputação invejavel e, sobremodo honrosa, de fabrica permanente de amas para bebés.

Coura, enfim, meus senhores, a indispensavel Coura, estava ainda no casulo das sociedades mo-



dernas, na pevide das povoações minhotas, no caroço dos baluartes eleitoraes e não podia, portanto, alli influir a civilização como agora, em que o luxo das edificações principia a abandonar o colmo na cobertura das casas, substituindo-o por umas coisas vermelhas e arqueadas chamadas telhas, e em que ha Correio e Telegrapho, com um movimento tão extraordinario e assombroso, que a gente guinda-se aos mastaréos da popularidade, trepa aos carrapitos de um semi-deus, escarrancha-se na celebridade do proprio Boulanger se, n'um só dia, recebe da familia duas cartas e um telegramma!!

Mas... era necessario lá mandar um proprio, unico recurso d'aquelles felizes tempos, em que estavamos livres da Companhia real, e podiamos, sem despeza de testamento, nem afflicções de quem está nas garras da Morte, tentar qualquer viagem.

E tal era a urgencia, a imprescindibilidade da communicação, que o portador devia ir a cavallo!

Ora, esta urgencia, formulada na intervenção do rocinante e lançada á discussão na maior effervescencia do furôr opposicionista, despertou no espirito dos mais sensatos e perspicazes ricos-homens e abba-des um subito resfriamento de enthusiasmo.

Perceberam o quer que fosse de sombrio e tetrico, que baixou a zero a ebullição tumultuosa da sua dedicação partidaria.

Como o Mane, Thecel, Phares, que entupiu Balthazar, ou a sombra de Banco que engasgou Macbeth,

ou a estatua do Commendador, que foi para o D. Juan, de Molière, o que o vulto do capitão Teixeira de Moraes foi em noite procellosa de inverno, nas cercanias do solar da Balagota, para o Sr. Sampaio. (1) a lembrança do cavallo aterrou os mais ousados d'aquelles ricos-homens, que representavam, no seu conjuncto, feudos e rendas superiores a muitas centenas de mil cruzados.

Empallideceram, subitamente, as faces até alli purpurinas e rubras de excitação; baixaram-se, evitando-se, os olhos, até alli coruscantes de furôr; cerraram-se os labios, como se uma pressão de muitas atmospheras actuasse brutalmente sobre as maxillas. Os mais ousados coçavam nervosamente a região occipital...

É que ao longe, lá muito ao longe, na sombra do magro rocinante, percebiam elles, já, as formas indecisas e vagas do burriqueiro, reclamando, com humilde postura—vergado o corpo n'aquelle respeitoso angulo de 65° com que o nosso homem, o supracitado Sr. Sampaio fala, cheio de blandicias e ternuras, ao Sr. Dr. Brito—o meio pinto da tabella para uma viagem a Coura.

Meio pinto, senhores!

Menos do que o Sr. Seixas ganhava n'uma caixa de amendoas, *quando mostrava a factura*; coisa de

(1) Cumpre-me declarar, para respeitabilidade das instituições de segurança publica da nossa terra, que o sr. Sampaio não exercia, n'aquella epocha, as funcções de Commissario das Policias.

dois conselhos do Dr. João Cabral; meia dose florindica, pagando á Rotschild; o lucro do sr. Fontoura n'uma tisana de treze vintens.

Meio pinto, senhores!

.....  
 Rapida foi a dissolução do conclave. Pretextos futeis, encapotados com razões imprevistas, fizeram debandar, como corvos açoitados pelo furacão, os graves maioraes da politica concelhia.

Foi o mensageiro a Coura, e durante muito tempo, nas altas e transcendentales concepções philosophicas, em que o animalejo constantemente se absorvia— (indecifraaveis para nós, os mortaes, como a opinião politica do Sr. Vigario Geral, ou como a origem do subito rejuvenescimento do nosso muito querido Sr. Sampaio ao ler nos jornaes a palavra *Cordão*)— entrou a influir grave ponderação sobre o alcance dos decretos da Providencia, que se apraz em confiar de um misero sendeiro a salvação d'um partido, como do nada, do pó, do humus empapado da chuva, que demorou Grouchy, forjou o camartello possante, que em Waterloo esmigalhou o pedestal d'esse feroz açoite da Humanidade, chamado Napoleão.

.....  
 Creio inutil dizer que, depois da eleição, para a gamella do burriqueiro havia mais um commensal... um cão! (1)

(1) Consta-me que este cão foi depois resgatado pelo sr. dr. Pestana. Sua ex.\* está aqui e pôde dizelo . . .

\*

Prosigamos n'este escabroso trilhão da Historia em que, para fiel e rigorosa exposição dos factos, temos de executar os milagres do equilibrio de Blondin, ou de Leonne Doré, entre os exaggeros dos informadores apaixonados e as erroneas reflexões de commentadores pouco escrupulosos.

Serve-nos de maromba a consciencia e oxalá ella nos guie até ao fim d'esta penosa caminhada, através da original e curiosissima politica da nossa terra (1).

\*

Indubitavelmente, o dia 22 de Novembro de 1879 é um dos mais memoraveis para os habitantes d'esta antiga e mui nobre povoação.

(1) São indigestos estes periodos. Talvez, até, que Vossa Excellencia, approximando a pituitaria, sinta os vestigios do mau halito, que essa casquilha matrona, D. Politica, exhalava, quando a auscultei para conhecer as causas da atonia que a consome.

No entanto, queira Vossa Excellencia lêr. Talvez que, com estes sinapismos, a creatura melhora e lhe suba a côr ao rosto, indicio de . . . saude.

Se Vossa Excellencia tal perceber, pôde haver cura.

Eu (aqui á puridade) duvido.

Essa data deve estar indelevelmente gravada no livro d'oiro dos grandes acontecimentos historicos; insculpida, a traços diamantinos, na epopea das grandes solemnidades de Valença, ao lado das procissões de S. Sebastião e *Corpus Christi*, grotescas mascaradas, com que no Minho se avivam as descrenças, digo, as crenças, a ociosidade, a pasmaceira, o ar marcial e aguerrido das tropas, os namoros, as bambinelas dos armadores e as transacções do commercio, na sua importantissima secção de: birimbaus, peixe frito e... limonada de cavallinho.

Foi um dia festivo, solemne; d'aquelles em que o caiado das casas nos parece mais branco; a porcaria das ruas menos escandalosa; a atmospheria mais diaphana; o verde das campinas mais vivo; a abobada celeste mais limpida; o aroma das flôres mais penetrante; a cara dos amigos mais risonha—um d'estes dias, em que a gente se sente mais feliz, com menos dinheiro e mais tentações, e em que as fibras do coração que movem o badalo do enthusiasmo, bruscammente se agitam, como se ouvissemos o hymno da Carta, um discurso do sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, ou como se os canhões da Coroadá, os sinos de Santo Estevão, a bandeira real desfraldada aos quatro ventos, celebrassem festivamente o anniversario da Restauração!

Acotovelava-se nas ruas uma multidão expansiva, ruidosa, com a alegria a pinotear na mioleira; com todos os macaquinhos do sr. Palhares, em borga

infernall no sotão; expondo por ahi, escandalosamente, a habitual gravidade, de saia arregaçada e peitos descobertos, em desenfreado e lascivo minuete com as posições officiaes.

Para exprimir tudo, emfim, havia no intimo de cada um, tanta satisfação e tanta alegria, como hoje sentiria o sr. Joaquim se recebesse auctorisação do Ministro do Reino para obsequiar o dr. Cabral com todas as trombetas de Josaphat, sopradas por innumeras legiões d'aquelles anjos e seraphins de bochechinha gorda e purpurina, que por ahi vemos em S. Estevão, -- embora, para esse justissimo desforço de cidadão offendido nos seus direitos, de Juiz da Senhora da Saude, affectado nas suas crenças, tivesse de arredar, das suas arcas de nababo, com arrebatado impulso de perdulario enthusiasmo, coisa de doze vintens -- captivos a troco!

N'esse dia, meus senhores, era restituído o batalhão de caçadores 7 a Valença, chyprado ao berço da monarchia, á terra dos condes, dos conegos, das cruces e dos cutileiros, por Sua Excellencia, o sr. Ministro da Guerra.

Nada faltou no programma das recepções festivas: coroas de loiros; discursos do sr. Presidente da Camara; mensagens de congratulação; odes e alexandrinos do vate Aurelio Victor Hugo; bailes; regabofe nos presidios; bodo aos pobres; arcos de triumpho forrados a gazetas; musica, foguetes e luminarias.

O enthusiasmo estonteava os cerebros; alcoolizava os espiritos; absinthava os animos.

O sr. Francisco Durães, homem sério, pacato e já na escala para camarista, deitava foguetes na muralha, como qualquer *careca* sertanejo em arraial da festa de Urgeira.

Um camarista illustre luctava duas horas, para enfiar no par de luvas, que por engano lhe tinham vendido para a mesma mão — o dedo *mata-parasitas* na casa do *mindinho*.

O sr. Abilio, nos paroxysmos de um enorme enthusiasmo, apparecia de gravata branca, casaca, no pé direito uma bota de polimento, no esquerdo um chinelo de liga, representando a Associação Artistica!

E no meio de todo este contentamento, nas expansões de todo este delirio, um unico nome soava, tanguido constantemente pelo enthusiasmo popular, nas praças, nas ruas, nas lojas, nos clubs, — nome que parecia ser o fóco convergente para todas aquellas ruidosas manifestações, nome que n'esse dia tinha mais prestigio que o da Senhora do Faro, nome aureolado, nome querido de — Elyseu de Serpa!

Victoriava-se	Elyseu de Serpa
---------------	-----------------

Discursava-se sobre	Elyseu de Serpa
---------------------	-----------------

Telegraphava-se a	Elyseu de Serpa
-------------------	-----------------

Rezava-se a	Elyseu de Serpa
-------------	-----------------

e Clero, Nobreza e Povo, fraternizando, hobreando, felicitando-se, davam largas á plenitude da sua gratidão a Elyseu de Serpa.

Jurava-se aos deuses, pela nossa consciencia, assim dardos de Jupiter nos partissem, se durante a nossa existencia, embora ella attingisse a longevidade de um Mathusalem, que viveu, segundo diz a Biblia, 900 annos (o que eu acredito) outro homem se sentasse nas cadeiras de S. Bento com o nosso mandato, porque Valença tinha contrahido com elle uma divida sagrada, immorredoura, imperecivel, immensa, de profunda, eterna e vivissima gratidão.

E se alguem, mais pratico em coisas do mundo se atrevesse a revelar pouca confiança na estabilidade d'aquelles fervorosos protestos, recordando que já lá vae o tempo dos Eros, dos Scevolas, dos Martins de Freitas, dos Egas, etc.,—oh Christos de Villar!—corria grave risco de ser lançado aos fossos, empalado no pau da bandeira, ou esquartejado pelo primeiro magarefe, que por ahi apparecesse, em ociosa disponibilidade.

Pois, meus senhores, ahi vae a Moral do conto mais um tento para a marca preta e um documento para a nossa historia politica. Poucos mezes depois, mettia o sr. dr. Lopes o seu nariz na Administração do Concelho e aquelle grande vulto (não o do nariz) absorvia, completamente, todos os enthusiasmos que descrevi!

A urna entrou mais uma vez no templo, para servir de leito nas sensuaes orgias do voto com a immoralidade e o sr. Elyseu de Serpa, o mesmo, em carne e osso, a que me referi—obtinha em todas as



assembleas eleitoraes do nosso concelho:—cinco votos!

Ora, um povo que denuncia tão vehemente firmeza de convicções e de sentimentos, está—digam lá o que disserem—reservado para grandes destinos.

Abençoado torrão este, da Patria minha!

\*

Com os argumentos irrefutaveis, que os factos nos fornecem, estudamos até aqui a politica de Valença nas suas espheras mais elevadas, isto é, na villa e entre as camadas illustradas; e, indubitavelmente, não existe no nosso espirito outro sentimento, que não seja o baseado em tristissimo desalento...

Vejamos agora, em breves palavras, antes das considerações geraes, o que o povo imagina e sabe de toda esta engrenagem que lhe rouba os filhos, dinheiro e... os votos.

Ha annos, Ramos Paz, que aqui dignamente exerceu as funcções de Sub-Inspector de Instrucção, presidia a uma conferencia pedagogica nos Paços do Concelho. Extranhando as theorias apresentadas por um professor, sob a intervenção da auctoridade administrativa na legislação municipal, relativa ao professorado, perguntou alizando aquellas grandes barbas á D. João de Castro:

—Então quem nomeia os professores?

—O Sr. Administrador—respondeu o homem.

—Ora essa! Então as Camaras?

—As Camaras são tambem nomeadas pelo sr. Administrador—confirmou ainda, com a má interpretação que dera á pergunta.

Meditemos, senhores.

De feito; na ignorancia d'aquelle pedagogo havia uma grande verdade, que nós, rigorosamente, não podemos refutar.

Luiz xi disse uma vez ao Parlamento, levantando o chicote:

—*L'etat c'est moi!*

Rodrigues Sampaio, não ha ainda muito tempo, que bradava ao paiz:

«O unico poder que entre nós existe é o Rei!»

Nós poderemos plagiar Luiz xi, Rodrigues Sampaio e o pedagogo, asseverando:

N'este concelho de Valença ha só uma força, uma vontade, um poder:—o Senhor Administrador <sup>(1)</sup>—quer o represente a taciturnidade esphingica do sr. Dr. Lopes, ou a gulliverica estatura do sr. Dr. Ladislau, ou a inoffensiva bandido-mania do sr. Dr. Malheiro, ou a feroz iconoclastia do sr. Dr. Cabral, ou ... a paz d'alma e de corpo do sr. Dr. Brandão-Malheiro-Lopes da Cunha-Cabral!

Abençoado torrão este, da Patria minha!

(1) Vejam-se os acontecimentos politicos de 21 de Outubro e 3 de Novembro e todos os outros d'esta especie.

\*

Historiamos até aqui. Philosophemos agora, porque a Historia sem a Philosophia pouco vale e não pôde servir, como disse Michelet, para guia do futuro.

É evidente que não temos organização pulmonar, que desafogadamente possa funcçãoar na atmosphera das nossas liberdades civis.

É evidente que, seja qual fôr o proceder da auctoridade administrativa, só ella pôde, quer e manda; e que, no campo a que hoje Vossas Excellencias são chamados—as eleições—, ella exerce para qualquer opposição o mesmo terrifico effeito que, em dilatado feijoal, produz para os pardaes e pardocas, o espantalho armado com dous rabos de vassoira em cruz, cartola velha no vertice e casacão enfiado nos braços, com as mangas pendentes e á mercê do vento.

E, evidenciado isto, para que precisamos nós de deputados, seja qual fôr a chancellia que tragam? Que temos nós com o que vae por esse paiz, com o nariz do sr. Beirão, com a marreca do sr. Hintze, com a somnolencia do sr. Henrique de Macedo, ou com os chouriços do sr. José Luciano?

Que necessidade temos nós de fazer perder a gravidade aos Ministros, pondo-os aos saltinhos de contentes, quando o sr. Zagallo, com os seus Men-

tores e correligionarios lhes officiam, annunciando que... deliberaram apoiar a marcha do Governo— ou que diabo lucramos com a mudança de ceroilas, a que os obrigamos, enviando uma representação dos tres mil negociantes da terra <sup>(1)</sup> contra a Companhia vinicola, communicando, pelo telegrapho, que estão fechadas as quitandas de Valença e que vate Aurelio Victor Hugo fala ás massas, em imponente e assaz concorrida reunião politica?

Senhores! Por Deus, simplifiquemos tudo isto; todas estas inuteis formalidades, que são proprias para terras civilizadas. Fazem perder tempo, e tempo é dinheiro, como diz o bretão.

Qual é, em ultima analyse, o regimen em que vivemos? O feudal.

Adaptemo-nos, pois, ao que elle nos estabelece e concede. Ahi vae um alvitre:

Sabem Vossas Excellencias o que eram as antigas *behetrias* da epocha medieva: povoações que tinham o direito de escolher o senhor, que viviam independentes e de portas cerradas, até, aos senhores estranhos. Aqui estava um modelo, mas lá vae outro, talvez preferivel.

Na vertente meridional dos Pyreneus ha uma amostra de estados autonomos—a republica de Andorra.

Tem approximadamente, sem escandalosa diffe-

(1) No tocante a corpo commercial ou Valença, ou... Manchester.

rença, a população d'este Concelho. Tem legislação civil, militar e religiosa. Tem Governo civil e militar; Alfandega, Repartições de Fazenda; Camara; Junta de Parochia; o seu Cordão sanitario de quando em quando; lazareto com respectivas rações; reforma de matrizes; irmandades e confrarias; isto é, nicho para todos os pretendentes.

Ora aqui está o que nos serve. É uma organização baratinha e fica em casa.

Proclamemos hoje mesmo a nossa independencia! Behetriemo-nos! Andorriemo-nos! Entregue-se o poder a um só homem, que se denomine Rei, Imperador, Presidente, Syndico, Regulo, Papa, Bispo, Soba ou Cabinda!

Precisamos, verdade é, d'uma auctoridade, para regular as nossas questões e moderar as nossas exigencias.

É necessario que, quando alguém se lembrar de dizer, que as aguas da fonte de S. Sebastião pertencem á Camara, haja quem garanta as reclamações justissimas com que o sr. Joaquim prova á evidencia que são suas, muito suas, embora não se recorde da gaveta onde conserva as provas, o que póde succeder a toda a gente; quando a vizinhança do sr. C. Dias, incluindo a Excellentissima Camara, continue a esticar a guita dos limites das suas propriedades, avançando sobre a que aquelle bom e innocente amigo possui no Caes, haja quem faça respeitar os seus direitos e impedir, que nas terras da Saibreira

se não possa continuar a observar o extraordinario effeito da dilatabilidade da Materia sob a acção dos raios solares, phenomeno alli tão evidente e precioso para o estudo das revoluções geologicas do globo; quando o sr. Agostinho se lembrar de mandar vir do estrangeiro casas feitas para os seus terrenos, haja quem lhe apresente esse doirado codigo, que é o palladio das nossas liberdades civis — o regulamento do Senhor Conde de Lippe dado ás gentes em 1700 e tantos.

É preciso, enfim, um braço e uma cabeça.

E quem devemos escolher?

Quando me lembro que estou n'uma terra que não quiz o legado do Conde de Ferreira; n'uma terra em que, se a gente tiver um nariz, como os dos srs. Cunha ou Ladislau, e se collocar em noite de eclipse, sobre o telhado da sua casa, para espreitar a lua, ou escutar a harmonia das espheras, vem logo o estalão do Conde de Lippe verificar, se dos cabellinhos da venta á soleira da porta existe, realmente, maior distancia de que 4 metros, 5 decímetros e 6 millímetros e meio do regulamento;— eu, meus senhores, para o poder supremo da nova organização politica que proponho, só me lembro de dois homens, que tenho a honra de apresentar á vossa apreciação e para os quaes, desde já, peço o vosso suffragio, porque estou plenamente convencido de que hão-de satisfazer ás exigencias e aos deveres da actividade, firmeza de convicções e orienta-

ção politica, que a vossa orientação politica, a vossa firmeza de convicções e a vossa actividade lhes impoem.

Eil-os:

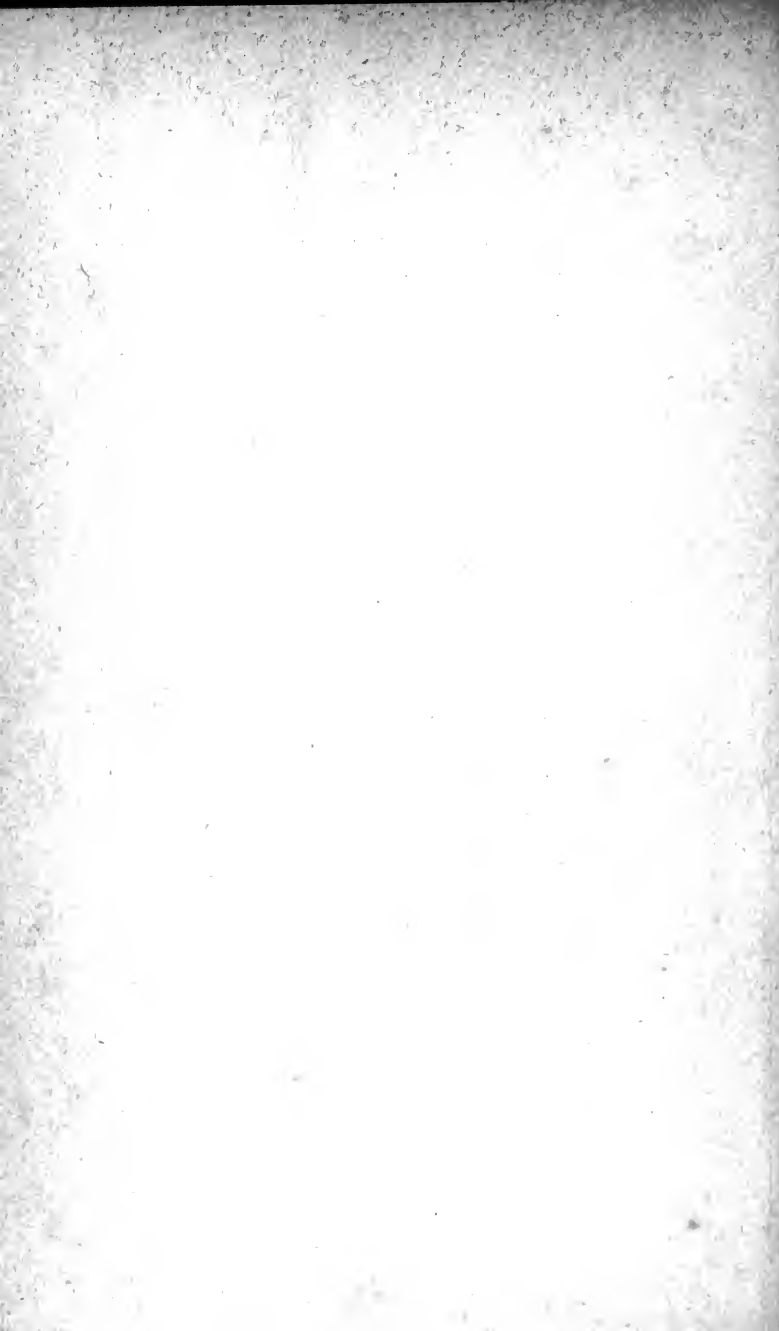
O Fileiras,

ou o

Cachimbo dos melros.

Em 20 de outubro de 1889.

Dia da eleição de deputados.





## X

### Violetas

As imagens até aqui reflectidas no foco da minha lente ficam delevelmente estereotypadas n'essas paginas, porque é indeciso o traço, debil o colorido, irregular o contorno e imperfeitissimo o relevo.

Falta ahi a luz indispensavel á nitida percepção de todas as minucias das individualidades sociaes, que a minha critica envolve, porque não é dado a espiritos vulgares o emittil-a.

Encontro na expressão escripta as difficuldades características d'essa lesão ccrebral, que os physiologistas incluem na classe das *aphasias motoras*, sob o nome de *agraphia*; e, se até aqui deplorei as consequencias d'essa lesão, que se oppõe á reprodução fiel das minhas impressões sobre a sociedade

em que vivo, sincero é o meu pesar, reconhecendo-me incapaz de avivar a imagem d'um vulto, que já desapareceu sob a loisa dos tumulos, mas que deixou luminoso rasto de bondade e de honradez nas sombrias atmospheras onde, implacavel e feroz, se trava a eterna lucta pela existencia.

\*

Schopenhauer filia-se n'essa eschola philosophica, que poderemos denominar *pessimista*, em que sarcasticamente se dissecam as fibras do coração humano, negando-se-lhe sentimentos affectivos e a possibilidade de alimentar aspirações puras e nobres.

Na fria analyse, que o philosopho allemão nos apresenta do homem na sociedade e na familia, ressaltam os exaggeros d'um espirito sombrio, em que poderosamente influiram a acção morbida de temperamento e a acção do *meio*; mas ha tambem nas suas paginas grandes verdades que nós, dissipada a má impressão originada na rudeza da phrase, intimamente não podemos refutar.

*«O nosso mundo civilizado não passa de uma grande mascarada. Encontram-se n'elle cavalleiros, frades, soldados, doutores, advogados, padres, philosophos, que mais sei eu? Mas não são o que representam ser; são simples mascaras, debaixo das quaes se*

*occultam, a maior parte das vezes, especuladores de dinheiro.*

*Um toma, assim, a mascara da justiça para melhor ferir o seu semelhante; outro, com o mesmo fim, escolheu a mascara do bem publico e do patriotismo; um terceiro a da religião, da fé immaculada.*

*Para toda a especie de fins secretos, mais de um se occultou sob a mascara da philosophia, como tambem sob a da philanthropia. Ha tambem mascaras vulgares, sem character especial, como os dominós nos bailes, e que se encontram por toda a parte; estes representam a rigida honestidade; a polidez; a sympathia sincera e a amizade fingida.»*

.....

\*

Ora, observando a nossa actual sociedade, n'esta epocha de egoismo, de ambições, de illegalidades, com que por ali se conspurcam e desprestigiam as mais nobres instituições,—n'esta epocha de Wilsons, de Hersents, de bonds e de processos *da fava*—poderemos, com intima convicção, acoiar de exaggeradas essas linhas do pensador allemão?

A consideração social chatina-se vilmente nas Bolsas, onde se expõe á venda com as inscripções de tres por cento. Os titulos do governo teem, como *bonus*, uma certa maquia de respeito publico; por

consequencia, o valor d'este está na razão directa da quantidade total, que cada um possue dos outros.

Quem tiver duzentos contos, póde ser um larapio e um canalha; mas, com certeza, é um homem de consideração.

\*

Antonio da Silva, aquelle carpinteirito da Esplanada, ganhava dezoito vintens por dia; sustentava mulher e tres filhos.

Adoeceu: contrahiu dividas no mercieiro, na botica e na padaria; deixou de pagar ao senhorio; pôz no *prego*, a pataco por corôa ao mez, o relógio de prata, os brincos da mulher, os cobertores do inverno e a ferramenta.

Esteve dois mezes de cama.

Voltou fraco e abatido para o trabalho. Tentou desempenhar-se. Fazia serões. Não poudo pagar uma divida.

Os credores perseguiram-no.

As mulheres e os filhos não tinham roupa; tiritavam e... choravam.

Um crédor requereu a penhora; levaram-lhe a cama.

Na alma d'aquelle homem havia um inferno porque era honrado—o pateta!—e era doido pela familia.

Um dia, collou a massa encephalica nas paredes da latrina com a balla do revolver.

—Um criminoso—disse o abbade.

—Um caloteiro—disseram os do pataco por mez.

—Um pobre diabo—responsaram as almas piedosas.

—Um pateta de menos—resmungou a sociedade.

A Santa Madre Igreja, toda Caridade e Amôr, recusou-lhe o latim da padralhada—esse latim tão sonoro, tão vibrante, tão repenicado, quando resposta o negreiro e o ladrão de gravata, que deixaram quarenta moedas, para missas de pinto a duzia.

Foi enterrado no fosso, ao lado d'uma pileca do Guilherme; como responso, teve uma enfiada de pragas dos coveiros, porque estava realmente muito frio e ainda não tinham *matado o bicho*.

—*Oh estupor—disse o Coruja—podias arreben-tar a pinha no verão. Não tinhas agora tanto frio!*

.....

À mesma hora, Henrique de tal, Conde de Burnay, mandava *photographar* os bonds do sr. Hersent e mais de trezentas carruagens com fidalgos, bispos, padres, conegos e escorropicha-gallhetas varios, acompanharam até aos Prazeres o cadaver d'um beneficiado na *falcatrúa hersentica*, portuguez abrazilado, que mantinha relações illicitas com a irmã—o que era publico e notorio na freguezia, alli para os lados de Penafiel—e que, n'uma terrifica visualidade do

inferno, apartára trezentos mil reis, adquiridos n'esse infamissimo trafico de carne humana, para missas cantadas e por cantar.

Viremos folha...

\*

—Mas, Senhor Zinão,—diz Vossa Excellencia—isso é velho, é sedição, é estafado e massador...

—Esta jeremiada veio a lume, meu Senhor, porque no meio da *reles pataqueirice* da nossa actual sociedade onde pullulam os Iagos, os Tartufos, os Pausanias, os Wilsons, os Tamandarés—toda essa corja de falsarios, de perjuros e de traidores, que Dante implacavelmente esfarrapa e esphacela com as torturas do nono circulo—a gente pôde soltar uma exclamação de surpresa tão ruidosa e tão violenta, como aquella trombetada de Rolando na batalha de Roncesvalles, quando encontra um homem, caminhando sempre, sem tergiversar, no caminho da Honra e da Dignidade.

Consagro estas linhas á memoria d'um valenciano, que não deixou fortuna nem filhos governadores civis, ou deputados, que possam premiar esta homenagem com um naco do orçamento, como é da praxe pedir e conceder.

Não me conhece a familia que elle deixou; e não é, portanto, o vil interesse, ou a lisonja porca, ou a

torpissima adulação, que actua na minha penna, obrigando-a a vergar-se, a perder a inflexibilidade com que, até aqui, tem fustigado muita importancia ridicula e chata.

Ninguem, no concelho de Valença, até hoje adquiriu maior estima e maior consideração do que esse homem.

Ninguem, como elle, poderia, mais proveitosamente, especular com o affectuoso prestigio, que o seu nome alcançou por essas freguezias.

Era, porém, nobilissimo o seu character para que lhe permittisse manchar o nome n'esse bordel de pantomineiros e de histriões que por ahi especulam com a ignorancia do aldeão, fazendo do voto degraú para chegarem á mesa do orçamento e poderem roer as codcas babadas, que os Gargantuas politicos abandonam, ou lamber os productos do vomito, que a orgia e a indigestão provocam.

\*

Esse homem morreu pobre; não é vergonha dizel-o; mas levem o aldeão acolá, ao cemiterio, mostrem-lhe todos esses mausoleus de marmore e de granito, e perguntem-lhe qual é o nome que, ainda hoje, mais affectuosamente vibra na sua alma rude, mas sincera.

Dizem que as mulheres de Sparta, fazendo ajoe-

lhar os filhos sobre o tumulto dos grandes heroes, alli lhes referiam os feitos gloriosos que insculpiram os seus nomes no livro d'ouro da Patria.

Era assim que ellas preparavam a vigorosa musculatura dos futuros cidadãos da grande republica.

Como ellas, *valencianos dignos*, quando a razão dos vossos filhos estiver preparada para receber os germens, que mais tarde devem fructificar na Honra-dez, apontae-lhes para essa pagina que, por escripto-respeito e por enthusiastica veneração, separo das outras, onde escoceiam ridiculos.

\*

Zinão descobre-se, perante o nome que alli vêdes.



## XI

### Os Quadros da Collegiada

A Arte nasceu d'esta nobilissima aspiração do espirito humano para, na investigação do Bello, dar á Materia a fórmula das suas idéas e das suas crenças.

O desenvolvimento intellectual de um povo e a sua influencia na obra da Civilização, podem estudar-se nos diversos productos, em que se reproduziu o genio dos seus artistas.

Aos *dolmens* e *menhires*, aos toscos instrumentos das edades paleolithica e neolithica succedem essas colossaes construcções das margens do Nilo, as pyramides, os templos, as esphinges; os bronzes, as loiças e esmaltes, já de notavel perfeição, dos antigos egypcios.

Surge, depois, o povo helleno com a sua admira-

vel architectura; com as formosissimas e inimitaveis estatuas de Phidias e de Lysippo; com a Venus de Milo e o Apollo de Belveder; com as formosas telas de Zeuxis e de Parrhasio; com todas as maravilhas, emfim, d'essa assombrosa civilização tão alta e tão brilhante, que ainda depois de passados vinte seculos, quando no horisonte despontavam os primeiros clarões da ridentissima alvorada — a Renascença — era ainda d'ella que, para geniaes concepções, recebiam inspiração e luz esses divinos artistas, que se chamaram Vinci, Raphael, Ticiano, Carrachio e Miguel Angelo.

Com a Renascença accelerou-se a marcha evolutiva da Civilização; e o espirito do homem, depois de enriquecer as sciencias com preciosas descobertas, de desenvolver as industrias com novas e utilissimas applicações, crystallisa-se em fulgidas creações onde, com toda a nitidez de contornos, com toda a opulencia de colorido, com toda a fidelidade de cambiantes e com todos os esbatidos do iris se reproduzem as mais extraordinarias maravilhas da formosissima Mãe — a Natureza.

A Historia da Arte é a Historia da Civilização; é a Historia do Homem no seu *meio*, nas suas crenças, nas manifestações da sua intelligencia, nas aspirações da sua alma, na grandeza dos seus affectos.

Estudando o Homem, estuda-se a Nação e a influencia que ella exerceu nas outras sociedades constituidas.

São, pois, d'uma benemerencia incontestavel os esforços e os auxilios com que n'um paiz se tenta colleccionar, agrupar, reunir todos os elementos que possam reconstruir a sua historia artistica; e como essa empreza, de larga magnitude e importancia, só é cabalmente desempenhada pelo Estado, dever é do cidadão illustrado cooperar, quanto possivel, no desenvolvimento das instituições que possam mostrar aos extranhos o que o genio nacional produziu e creou.

Com uma vergonhosa teimosia e deploravel inconsciencia, a esse dever se nega a actual Junta de Parochia de Valença, recusando-se a entregar ao delegado do Governo os quadros e a cadeira, que pertenceram á extincta collegiada de S. Estevão.

\*

Senhores da Junta,

ou antes

Senhores Agostinho e Sampaio: (1)  
conversemos.

Vossas Senhorias, n'essa manifestação volitiva, (saberão Vossas Senhorias que *volitiva* significa: emanada da vontade) n'essa tenaz opposição ás ordens do Governo, devem estribar-se n'uma razão,

(1) Especializo estes cavalheiros porque são os mais calorosos n'esta questão.

n'um argumento, n'uma conclusão qualquer. Mas eu — com franqueza — como conheço perfeitamente, por dentro e por fóra, (deixem-me assim dizer) o que Vossas Senhorias valem em materia de zelo pelas instituições, que estão dependentes das suas luminosas e peregrinas deliberações, — eu, que me recordo muito bem que Vossas Senhorias, que hoje energicamente bradam aos céos contra a reclamação do Governo, são exactissimamente os mesmos que, ha quatro ou cinco annos, deixavam estragar esses mesmos quadros e essa mesma cadeira, consentindo que um *Terrinha* as borrarasse com verniz de portão, depois de borrar, tambem, os peitos da Virgem do leite, — eu que me recordo ainda, que foram tambem Vossas Senhorias os *engenheiros* n'aquella boçal mutilação da fachada de Santa Maria, parvoamente *restaurada* ha annos, — eu, emfim, que (sem offensa) avalio a capacidade intellectual dos seus, aliás preciosos cerebros, como insufficiente para conter umas tristes cellulasitas, onde se aniche um errante atomo de intuição artistica; porque, afinal de contas, estas coisas de Arte não são precisamente o mesmo que coisas de bombas, ou de receitas eventuaes e decimas de juros, — eu, repito, não posso explicar satisfactoriamente ao meu espirito a causa do proceder de Vossas Senhorias.

Por zelo nos interesses da Junta não é — com toda a certeza — que Vossas Senhorias se revoltam contra o Governo. Isso é coisa averiguada, conheci-

da, evidente, que não admitte réplicas e a que não convém, mesmo, contestações.

Recearão Vossas Senhorias que esses objectos, passando para as mãos do Estado, se *extraviem*, ou *percam*?

Repillo, como absurda, a hypothese, porque só com tristissimo desalento veria dois funcionarios publicos suspeitarem de *larapio* o Governo que lhes paga.

O que é, pois, que actua nos seus cerebros?

Não o sabem, mas sei-o eu.

O que obriga Vossas Senhorias a esse tristissimo papel é isto: — o rheumatismo, o barretinho de seda preto, o cano das botas, os suspensorios, o alcapão das calças, a caixa do rapé, o pingó, a caspa; é essa maldicta enfermidade epidemica, peor do que a actual *influenza*, porque não ha profilaticos que a debellem, e que se origina nas exalações mephiticas e deletérias dos fossos e das muralhas que teem musgo, ratos, corujas, toupeiras, morcegos e silvados coevos do mammuth; é essa coisa que sendo incorporea, invisivel, imponderavel, tem a rigidez bastante para encravar a roda do Progresso; que sendo inerte e fria, tem a temperatura sufficiente para caldear os embolos da Civilização; é — finalmente — a rotina!

Vossas Senhorias, com essa teimosia, recordam-me (salvo o devido respeito) aquella conhecida anedocta do gallego:

Alonso Perez y Perez ouvira dizer na sua terra

que em Portugal se ganhava muito dinheiro, mas que era necessario pedir, exigir e reclamar sempre mais do que se recebesse por qualquer serviço.

Perez y Perez entregou a mulher ao diabo, digo, ao Abbade e atravessou a fronteira, dilatando os póros de todo o corpanzil para, como ventosas de tentaculos cephalopodes, absorverem quantas *pesetas* e *perras chicas* fosse possivel.

Caminhando por essas estradas fóra, ao terceiro dia, veio o cansaço; vergava-se-lhe o corpo, dobravam-se-lhe os joelhos, incharam-lhe os pés, pesava-lhe a cabeça: prostrado e doente, abeirou-se da valleta e cahiu succumbido, recordando com saudade as veigas da sua terra, a familia, a vacca e os bezerros, a missa do domingo, o recorte das montanhas, as columnas de fumo que, ao toque das Trindades, se evolavam no esbatido azul dos céos, o balido das ovelhas, o piar das avesinhas, todas essas coisas — enfim — saturadas d'um sentimentalismo feroz e piegas, que tão violentamente agitavam a alma do Justininho, quando elle concebia aquelles preciosos folhetins do *Noticioso*.

N'isto, passa na estrada um almocreve com a sua enfiada de machos e, vendo o gallego n'aquelle miserero estado, convida-o carinhosamente a escarranchar-se n'um dos animaes.

— *E quanto xe me dá?*

— pergunta o bruto.

\*

Vossas Senhorias, n'esta estrada do Progresso, são (salvo o devido respeito) uns verdadeiros Alonsos.

Como portuguezes, que põem luminarias á janella no 1.º de dezembro e no anniversario da Carta, devem amar a sua patria; como funcionarios publicos devem interessar-se no engrandecimento d'ella; como homens do seculo XIX, que usufruem todas as vantagens e liberdades que tanto sangue custaram, n'essa sangrenta lucta do despotismo e das trevas contra a luz, devem contribuir para que aos seus filhos seja entregue intacto, pelo menos, o inestimavel patrimonio da Civilização, que herdaram dos seus Papás.

Ora, uns homens que por esse mundo de Christo, consagram toda a sua existencia no estudo dos meios, que podem elevar e engrandecer os povos, reconheceram a enorme utilidade das collecções artisticas, das bibliothecas, dos museus, de todas as instituições, onde se enthesoiram os productos do espirito humano na sua marcha evolutiva atravez dos seculos.

Esses homens dizem a Vossas Senhorias:

Pretendemos reconstruir a historia da Arte portugueza, reunindo e dispondo convenientemente, chronologicamente e por distincção de escholas, n'uma

boa sala com ar e com luz, essas telas, que Vossas Senhorias por ahi inconscientemente dependuram em paredes humidas, e imbecilmente inutilizam, mandando, de quando em quando, envernizar, a brocha, pelos *Terrinhas*.

O Estado toma conta d'isso que lhe pertence; e, quando Vossas Senhorias tiverem uns amigos hespanhoes, francezes, inglezes, turcos ou moiros, que lhes perguntem, fazendo obra pelos mais aperfeiçoados dictionarios geographicos estrangeiros, se Portugal é provincia hespanhola, ou ingleza — podem leval-os ao Museu nacional, onde lhes provarão que somos livres, que temos Historia mais brilhante que a d'elles, que temos Arte, que temos Civilização, que temos alma nacional que já se expandiu pelo mundo inteiro com o genio dos grandes heroes e dos grandes artistas.

Dirão mais a Vossas Senhorias:

Se tiverem filhos que necessitem de estudar a Pintura, ou as Artes decorativas, ahi ficam á disposição d'elles todos esses productos que permaneciam dispersos, ignorados e inuteis pelas egrejas sertanejas. Ahi encontrarão, tambem, para o estudo comparativo, exemplares da eschola hespanhola, com as telas de Velasquez, de Murillo e de Ribera; ahi está a eschola flamenga com Rubens; a hollandeza com Rembrandt; a italiana com Raphael, Ticiano, Tintoretto, Miguel Angelo; podem entrar, ver, estudar minuciosamente, copiar — nada pagam.



E, apesar de todas estas incalculaveis vantagens, exclamam Vossas Senhorias:

— *e quanto xe nos dão?*

\*

Vossas Senhorias teem ido, por vezes, a Lisboa. Lembro-me, até, que muito antes que Succí fosse conhecido com os seus jejuns, já a gente por cá admirava as especialissimas propriedades da membrana mucosa do estomago do sr. Sampaio, que não segrega sómente succo gastrico, mas, tambem, succos nutritivos, como se evidenciou n'aquella viagem, em que Sua Senhoria, tendo sahido da Balagota com o cabazinho repleto de pastelinhos de bacalhau e de girimu, pitos assados, rabanadas e cornuchos, com elle intacto, depois d'uma ausencia de oito dias, na Balagota entrou.

Vossas Senhorias teem ido, por vezes, repito, a Lisboa. Conhecem tudo o que existe na capital.

Extasiaram-se perante a pujança granular do regio coreel no Terreiro do Paço; viram subir o balão que indica o meio-dia; ouviram o carrilhão de Mafra; estiveram no curro de S. Bento; admiraram o leão da Estrella e os macaquinhos do Jardim Zoológico; visitaram a esquadra ingleza no Tejo; sopesaram a *Paulo Cordeiro*; saudaram o Senhor Rei e a

Senhora Rainha; viram as mulas do paço e o bicho municipal; conheceram o Rosa Araujo e o marquez de Vallada; foram a todos os theatros; mas o que — com certeza — não viram foi o Museu Nacional, e isso porque... não tiveram tempo.

Teem ido a Lisboa, por vezes; assistiram aos festejos das bodas e dos baptisados reaes, aos da chegada dos reis de tal e tal; foram, até, engrossar a pasmaccira indigena na recepção do Principe de Galles, d'esse exemplar com encadernação de luxo de John Bull — o eterno larapio das nossas colonias, o traiçoeiro Johnston dos makololos, o perfido Wellington de 1828, o astucioso Canning, o desleal alliado da nossa Politica, o insolente comedor dos nossos dinheiros, a quem todo o bom portuguez devia, respeitando as conveniencias da hospitalidade, voltar, com despreso, as costas; mas quando n'aquella capital se realison a Exposição de Arte ornamental, que foi como o livro aberto onde se descreveu a riquissima epopea das nossas glorias artisticas, então... ficaram na Balagota e na rua Direita porque... não valia a pena!

.....

\*

Aqui tem Vossa Excellencia, sr. Macedo, os homens que se negam a entregar-lhe os quadros e a cadeira de S. Estevão.

Segreda-se por ahi que muita coisa, reclamada pelo Governo, desaparece antes de entrar no Museu Nacional. Pena é que o Governo não denuncie os roubos, que tem encontrado quando procede ao arrolamento dos bens pertencentes ás collegiadas e congregações religiosas extinctas.

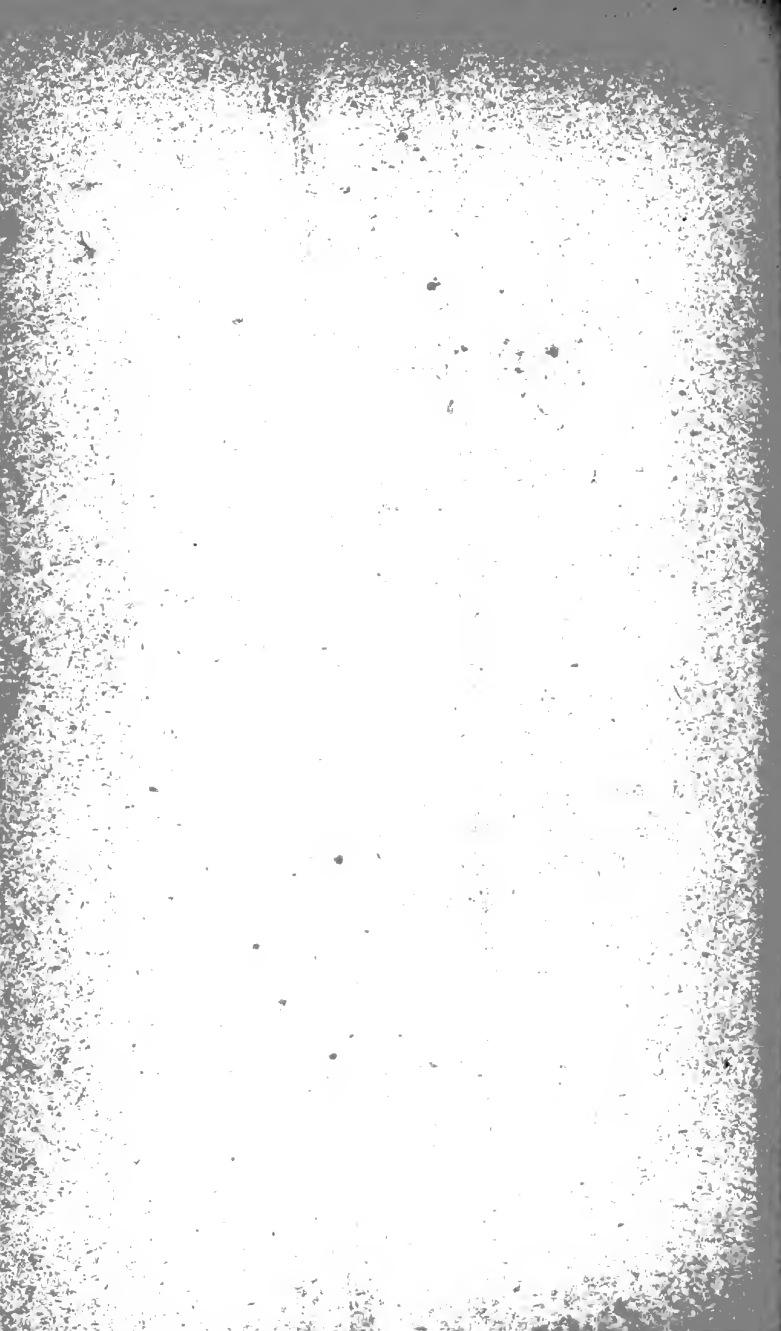
A teimosia da Junta é mais um caso porco, para engrançar no rosario das vergonhas de Valença, onde já brilham a recusa da Eschola Conde Ferreira, a eleição do sr. Serpa... do Batalhão, a Prisão da Santa, a Questão da Musica e essas curiosissimas eleições...

Mas Vossa Excellencia, sr. Macedo, resolve facilmente todas as duvidas; como ellas, em ultima analyse querem dizer:

*Quanto xe nos dão?*

Digne-se Vossa Excellencia mandar ao sr. Agostinho meia duzia de trutas leopoldicas, de S. Mamede, e obtenha Vossa Excellencia do Governo de Sua Magestade, que ao sr. Sampaio seja concedido o diploma do unico cargo rendoso, que lhe falta: o de

sineiro de S. Estevão.



## XII

### O Senhor Deputado

Mais uma vez manifestou o Circulo eleitoral n.º 3 a sua opinião politica e, pela acção liberrima e independente do suffragio popular, tem hoje uma cadeira em S. Bento, o sr. dr. Queiroz Ribeiro.

Nos campos do partido opposicionista lavra o descontentamento com a decisão dos eleitores; nos arraiaes, em que tremula a bandeira progressista, erguem-se os clamores da victoria e entoam-se hosiannas ao novo representante do povo.

Os regeneradores negam a competencia de Sua Excellencia para tão elevado cargo, fundamentando a insufficiencia na pouca idade e escassa madureza para os negocios publicos; alguns, até, os do respeitabilissimo grupo da rua de S. João, exprimem e

synthetisam todo o valor e força dos seus argumentos em tres palavras:—até faz versos!

Os progressistas exaltam a aptidão intellectual do seu correligionario; affirmam que é um rapaz que deve *dar alguma coisa*; servem-se do proprio argumento dos adversarios—os versos—, impondo-o á consideração dos eleitores; citam os seus conhecimentos sobre Direito penal, o seu enthusiasmo pela *nova* eschola italiana, etc., etc., e rematam por asseverar que a escolha foi felicissima.

Ora eu, meus senhores, sou tambem eleitor e recenseado na freguezia de S. Maria dos Anjos; não estou filiado em partido militante da actual politica, porque sou, como os srs. José Narciso e Santa Clara: legitimista, genuinamente legitimista, por convicção e por tradição. Aceitar, n'estas condições, a faculdade do voto equivaleria a approvar e reconhecer, tacitamente, a legalidade dos poderes que nos regem e, procedendo assim, faltaria ás minhas convicções e ao respeito que tenho e devo ao meu Rei, a Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom Miguel de Bragança, que Deus guarde.

Estou, portanto, n'um campo perfeitamente neutral e insuspeito, ao abrigo do tumultuar das paixões partidarias, n'uma região serena de paz e livre reflexão e posso, n'estas circumstancias, dar a minha opinião sobre a escolha dos eleitores, depois da rigorosa apreciação que fiz dos argumentos apresentados pelos dois partidos.

Vou ter a honra de a apresentar a Vossas Excelências.

Na futura Camara electiva devem reunir-se cento e tantos deputados. N'esse numero entram estrellas de primeira grandeza na constellação brilhantissima da nossa politica. Ha talentos de raça; espiritos privilegiados, que honram e ennobrecem o paiz; ha oradores fluentissimos como os srs. Oliveira Mattos e Visconde da Torre; ha polemistas de irresistivel logica de argumentação, como os srs. Ferreira d'Almeida; ha celebridades em todos os ramos das sciencias e da publica administração.

Pois, meus senhores, com verdade lhes digo, que é a seguinte a minha convicção:—entre todos esses homens, entre todas as individualidades aptas no nosso paiz para as funcções da representação popular, ninguém — absolutamente ninguém — nos poderia satisfazer tanto, comprehender as nossas ideias, adaptar-se melhor á nossa politica, interpretando-a e assimilando-a nas suas aspirações—como Sua Excelencia o sr. Dr. Queiroz Ribeiro.

—Ora essa! (ouço eu bradar aos meus amigos, os srs. Joaquim e Abilio, os mais fogosos caudilhos da politica regeneradora), fará o favor de provar.

A isso vou, meus senhores, e com argumentos leaes, solidos, porque os sustento com a irrefutavel demonstração, que vou estabelecer dentro do campo positivo das sciencias abstractas: a logica e a mathematica.

Vejamos, meus senhores, o que é a Politica em Valença? O que foi, o que é, d'onde vem e para onde vae? Como se poderá e deverá classificar n'uma terra em que, se a gente vae á estação do caminho de ferro assistir á recepção do sr. Marianno de Carvalho, ou do sr. Barjona, ou do sr. Lopo Vaz, ou do sr. José Dias Ferreira, ou do sr. Rodrigues de Freitas, ou do sr. Consiglieri Pedroso, vê sempre na gare — além dos *engajadores* dos hoteis e do sr. Capellão (1) — as mesmas caras, as mesmas casacas e as mesmas cartolas, que, depois, vão acompanhar Suas Excellencias até Cerveira. com ruidosas e entusiasticas demonstrações de adhesão e fidelidade partidarias?

O que poderemos julgar da Politica d'um conselho em que a padralhada, com o seu rebanho de carneiros votantes, vae, submissa, para onde a toca a aguilhada da Administração, sem consciencia, nem orientação, nem ideal politico?

N'uma terra, em que os mais importantes caudilhos teem, na opinião, a variabilidade constante do catavento de Santo Estevão e em que ha potestades eleitoraes que, vistas de Coura, são regeneradoras, vistas de Valença são progressistas e não são barjonaceas e republicanas, porque ninguem as examinou ainda de Gandra ou de S. Pedro da Torre?

Estudemos os chefes, senhores, que devem representar as tradições, a opinião, a respeitabilidade dos

(1) Agua vae...



partidos. Temos d'um lado — o progressista — o Sr. Dr. Ladislau; temos do outro — o regenerador — o Sr. Dr. Pestana. (1)

O Sr. Dr. Ladislau sahiu, approximadamente ha seis annos, dos bancos da Universidade e filiou-se, franca e desassombradamente, no partido do sr. José Dias Ferreira; hoje obedece ao sr. José Luciano, isto é, duas opiniões diversas, oppostas, heterogeneas, como as que separaram e dividiram os guelfos dos gibelinos, os armagnacs dos borguinhões, os jacobinos dos girondinos, os da rosa branca dos da rosa vermelha, os malhados dos realistas.

Ora, consultando os trabalhos estatisticos dos mais eminentes socialistas, sobre a longevidade da vida humana, observamos que a media actual é de sessenta annos. (Deus n'este caso a prolongue e livre o Sr. Doutor de dyspepsias hermogenicas, que tão prejudiciaes são á juventude...)

Se quizermos, pois, avaliar rigorosamente a capacidade opinativa de Sua Excellencia, nada mais teremos do que estabelecer uma proporção, admittindo a hypothese mais favoravel — que em egual espaço de tempo não augmentará a volubilidade. Representando, pois, por *a* os seis annos decorridos e os

(1) Classificando politicamente estes dois cavalheiros, declaro, para facilidade das futuras investigações historicas, que me refiro ao momento actual, e que faço obra pelo que ouço dizer e não pelas suas consciencias, que são inacessiveis.

trinta que a Sua Excellencia faltam, por *op* as opiniões conhecidas e por *x* as desconhecidas, teremos:

$$6 a : 2 op :: 30 a : x.$$

Operando, encontramos:

$$x = 10 op.$$

Reunindo as opiniões conhecidas, temos

$$x = 12$$

quer dizer: teremos de pedir, por empréstimo, alguns partidos á Hespanha, porque cá não os ha para tanta opinião; e, aos sessenta annos, o Sr. Dr. Ladislau attingirá um grau de *saturação* partidaria muito superior á que hoje possue o Sr. Agostinho, que é a coisa mais perfeita e acabada em Politica, que terras de Valença teem produzido.

Agora, o sr. dr. Pestana...

En desejava fazer identica demonstração com referencia a Sua Excellencia, e tenho, para isso, elementos e factores ordenados; mas são d'uma tal complexidade e obrigam a operações algebricas tão complicadas, que me abstenho de aqui as reproduzir, limitando-mo a dar conhecimento a Vossa Excellencia do resultado obtido.

Para o sr. dr. Ladislau tivemos:  $x = 10$ .

Com o Sr. Dr. Pestana chegamos a:  $x = \infty$  isto é,  $x =$  infinito. E como o infinito existe muito para lá dos limites, a que a intelligencia humana pôde levar a analyse, está prejudicado o raciocinio.

Temos, pois, n'estas condições, os dois chefes politicos da nossa terra e ha vinte e cinco annos, em que aqui residio, os sub-chefes, as potestades, os abbades e as patrulhas seguem exactamente o mesmo systema.

Os que hontem eram regeneradores, são hoje progressistas, serão ámanhã barjonaceos e no dia seguinte socialistas. No mundo politico somos cosmopolitas, e Valença é para o paiz, o que a casa do Sr. Agostinho é para Valença—um perfeito *caravan-serail*!

Synthetisando, eu repito a pergunta, que deu logar a estas considerações, com que desejo fundamentar a minha demonstração:

Como se deve classificar a nossa Politica?

Politica voluvel, incolôr, de... contradança!

Repito:

de *contradança*.

Ora aqui está, justamente, o ponto de reunião entre ella e a individualidade do nosso deputado. Aqui está, onde uma e outra se coadunam, se substanciam, se identificam.

Em Politica somos dançarinos. Pois para representar dançarinos e para comprehender as suas as-

pirações, como o Justino Soares, ou os srs. Roldão e dr. João Cabral se não habilitam a um circulo, claro é que se devia escolher um estranho, versado e perito nos segredos da arte de Terpsichore. E, para satisfazer cabalmente a estas condições (creio que os srs. Joaquim e Abilio se não atreverão a refutar esta minha proposição) ninguém — absolutamente ninguém — se encontraria mais habilitado, do que o nosso actual representante.

Isto não é uma asserção gratuita. A vizinha villa de Cerveira a confirmará, quando se torne necessario.

Porque é que o sr. Visconde da Torre não *provou bem*, como deputado? Porque nunca poderia representar dignamente Valença, com o seu volumoso abdomen, com a abundancia do seu tecido adiposo, com o pouco desempeno dos seus movimentos, com a pouca elegancia (perdoe Sua Excellencia) da sua *linha*. Dançava pouco e mal. Era, mesmo, detestavel a sua posição quando, pela complicadissima tactica das danças, era obrigado a fazer um *en avant*. Não tinha *ropia* nem *salero*, nem *entrain*.

Mas o nosso actual representante...

Que sandosas recordações não originarão estes periodos ás tricanas e sopeiras de Villa Nova — a chiquita!

Que dulcissimas reminiscencias não entristecerão, por momentos, aquelles formosissimos rostos da terra das solhas!

Que pranto amargo e copioso não verterá a estas

horas o bom e fiel Maldonado, socio commandita nos bailes do sopeirame !

A Meca, a terna e legendaria Meca, com que acerbo pungir, não enxugará das mimosas e assetinadas faces as perolas crystallinas, como as do rocio matutino, que a lembrança de Sua Excellencia, a cada momento lhe faz brotar das glandulas lacrimaes !

Redomoinhar vertiginoso das valsas; suave enleio de pequeninas cinturas; exalações dulceissimas; doces fragrancias de solha e azeite, bacalhau e alho, das formosas tricanas; noites de amor e de phantasia em que vós, encantadoras filhas da — *Chiquita* — vos deliciaveis com os *papos d'anjo* de Caminha e as *ros-cas* da Galliza; noites inolvidaveis de luar, em que os vossos castos seios se alvoroçavam com desconhecidas sensações, quando Sua Excellencia, sob as janellas, acompanhado ao violão pelo fiel Maldonado e pela artistica cohorte dos Figaros, soltava ás brisas, com voz maguada e terna, as melancholicas trovas do:

Gondoleiro, a noite é bella !

Recordações saudosas, miragens gratas e fugitivas... adeus!

Tudo se sumiu na voragem da urna eleitoral!

\*

### Eleitores do concelho de Valença!

Nos annaes da benemerita Sociedade Artistica, *Harmonia e Recreio Cerveirense*, registra-se, como um periodo aureo de engrandecimento e prosperidade, a epocha em que o nosso Deputado honrou, frequentando, os salões da Associação.

A arte de Terpsichore obteve consideravel impulso e desenvolvimento. Á voz auctorizada de Sua Excellencia, transformaram-se os *Lanceiros*, floreou-se a *Franceza* e surgiu, vaporosa e louçã, a moderna valsa *a dous tempos*. Abandonaram-se marcas velhas e rançosas, substituiudo-se por elegantes *couronnes de dumes* e graciosos *moulinets de chevaliers*.

Foi, pois, profundamente civilizadora a influencia que Sua Excellencia exerceu nas classes medianamente abastadas:—sopeiras e tricanas—, porque lhes incutiu os germens d'uma larga intuição artistica e senso esthetico, já com as brilhantes manifestações da arte de Terpsichore, já com mimosas produções musicaes, com que Sua Excellencia as deliciava, acompanhado pelo fiel Maldonado e—em occasiões solemnes—pela brilhantissima cohorte dos Figaros cerveirenses.

Quem, pois, se atreverá a dizer, quem ousará

ahi, dos arraiaes da opposição, affirmar que não foi acertada e felicissima a escolha?

Concluo a demonstração, srs. Lucas e Abilio. Pódem Vossas Excellencias refutal-a?

Eleitores do concelho de Valença! Damas e cava-  
lheiros do Club e da Assembleia! Ditas e ditos do  
Gremio artistico; tricanagem, technicaphilas e para-  
das-velhas dos bailes do Theatro, eu—Zinão—vos  
felicito!

E vós, vizonarios, descrentes, que por ahi apre-  
goaes a incompetencia do sr. Deputado, em breve,  
—eu vol-o affirmo—se dissiparão as vossas duvidas  
e os vossos applausos hão-de juntar-se, fervorosos e  
delirantes ás acclamações enthusasticas da grei pro-  
gressista quando, no proximo carnaval, assistirdes,  
nos bailes do Theatro, á verdadeira consagração, á  
apotheose do nosso Deputado, vendo-o, como *par*  
*marcante*, offuscar a fama, até hoje immaculada, dos  
srs. Trincheiras e Zé do Caes, gritando ás *multidões*,  
radiante e enthusiasmado, em francez adoptado nos  
nossos tricanés:

*An ivant! Chevaliers* dão as mãos e *les Dames* ó  
*miliú*.

\*

Ah Esteves! Ah Caetano!

Que futuro brilhante e glorioso não está reservado para os vossos violões!

Emquanto a nós:

*vá de redrò, Senhor Doutor!*



### XIII

## Carta ao Zé Senso

---

TERRAS DA PARVALHEIRA

Burgo de Paysandu. Terça-feira,  
17 de Dezembro de 1887.

Meu Zé.

Recebeu-se, hontem á noite, o 2.º fasciculo dos *Sinapismos*.

Não sei ainda como te conte o que se passou. Ha onze horas que estou de cama, a caldos de gallinha e copinhos de geleia.

O Dr. Pacheco só me deixa chuchar uma azinha de pito, de seis em seis horas, tal é o estado de fraqueza e abatimento em que me deixaram as violentas commoções, que hontem agitaram este pobre corpo.

Vou coordenar as ideas para te descrever o caso mais extraordinario, que fastos de Valença podem mencionar ás gerações vindoiras.

Tu sabes o que é o indígena sem illustração: corpo amanhado com borras de nababo, betume de Prudhomme, com leucocytos de Tartufo e cellulas philosophicas de Sganarello; alma ingenua, pura, immaculada, feita de arminho, gesso cré, grude de sapateiro e saliva de Zé Povo; no todo, uma mescla de tanso, de rufião e de sacripanta.

Sabendo isto, certamente não te admirarás do que vaes lêr.

Quando hontem á noite, já em ceroilas, punha o barretinho de dormir, ouvi na rua um enorme barulho: tropel desusado, gritos, rodar de carretas, patadas de mula, tiros, etc.

Como estava em fralda, disse ao Zéca que fosse á janella vêr o que era, e na minha mente surgiu a idea de que teriamos uma invasão ingleza por causa dos makololos.

— *São os mokololos? perguntei ao menino.*

— *Não sei. Papá. São muitos homens que passam correndo; uns com espadas, outros com chuços, outros com chicotes, revolvers, punhaes, facalhões e espetos, gritando:*

*mata! mata!*

*Vão todos com o sim-senhor á mostra e levam nas nadegas duas manchas vermelhas, como ficam nas pernas, quando o Papá me deita sinapismos. Atraz d'elles vem um diabo vestido de amarello, que traz na*

*mão esquerda umas disciplinas de coiro, com que os fustiga, e na direita um ferro em brasa.*

\*

Calcei á pressa as piugas e approximei-me da janella para presenciar tão inesperado acontecimento. Com o ruido que fiz, abrindo-a, a multidão parou subitamente. Todas as cabeças se ergueram, todos os punhos se levantaram, fechados com crispções nervosas; abriram-se mil boccas, onde rangiam sinistramente os dentes; insultaram-me; chamaram-me *porco* e *chulo*; berravam que me haviam de matar, de *escuchinar*, de virar de dentro para fóra, de arrancar as barbas, as orelhas e mais *isto* e mais *aquillo*.

Reparei que aquella medonha e terrível multidão se dividia em tres grupos distinctos.

O primeiro era composto de maltrapilhos com feitio afadistado, que uma collareja porca e abandalhada, a quem ouvi chamar D. Politica, segurava pelos cabrestos. Zurzia n'elles, com uma aguilhada de ponta d'oiro, El-Rei buffo, D. Milhão.

O segundo era formado por *patetinhas*, d'estes infelizes, que nos hospitaes de alienados são conhecidos por *doidos mansos*.

Guinchavam, mostravam papelinhos, davam saltinhos, faziam esgares burlescos, descobrindo os den-

tes sujos. Tinha conta n'elles, dando-lhes, de quando em quando, um pontapé, outra mulher em desalinho e que parecia soffrer de grande myopia. Conheci D. Idiotice.

No terceiro, então, misturaram-se fedelhos e cães; d'estes *tótôs* pequeninos de pello branco e encaracolado, muito nojentos e muito libidinosos, que mostram sempre a linguinha quando veem as amas, que trazem os focinhos molhados com um liquido que lembra, pelo cheiro, a cal e o peixe da Noruega, e que por ali chamam, *fraldiqueiros*. Ladravam, davam ao rabinho, levantavam-se sobre as patinhas de traz, agitando para cima e para baixo a linguinha, d'onde escorria um fio de baba mal cheirante.

Aquella multidão saturava a atmospheria de aromas insupportaveis; distinguiam-se os do bafio, do arroto dyspeptico; este cheiro particular do azebre, do mofo, da catinga, de pé gallego, de coisas lippicas e rançosas, que tresandam a raposinho e a chulé.

No ruido ensurdecador de tanto grito e de tanta explosão de colera, apenas se percebiam estas palavras:

Mata! Mata o Zinão!

\*

O meu cerebro illuminou-se, então, com aquelles vividos clarões das grandes angustias; pinoteavam-

me na imaginação, em infernal dança macabra, todas as vibrações das grandes dôres; vergalhadas cyclopicas açoitavam-me as ideias; a alma rebentava-me com explosões terríveis, minada pela robulite do terror; o coração desfibrava-se esphacelado pelas garras do susto; as cellulas nervosas achatavam-se sob a prensa hydraulica do pavor; o cordão espinal estoirava, esticado pelas fúrias da raiva; as saliências do corpo sumiam-se arietadas pela allucinação; na trompa de Eustachio trovejavam as maldições; na retina faiscavam punhaes de odio; na pituitaria abriam chagas os atomos do rancôr; as cordas vocaes rebentavam com a tensão da ira; as papillas da derme eram esmagadas pelos martellões da colera; diabos vestidos de vermelho arrancavam-me os cabellos; harpias esgrouviadas furavam-me a cornea; satanazes com rabo reviravam-me as unhas; demonios acephalos rasgavam-me a bocca; morcegos sinistros esfarrapavam-me as carnes; lebreus hydrophobos roiam-me as cannelas; corujas esfomeadas espicaçavam-me as orelhas; chacaes lazarentos mordiam-me as nadeegas; corcodilos e jacarandés triturravam-me os ossos.

\*

E no meio de toda essa *coisa* phantastica, apocalyptica, satanica, horripilante, onde havia carcavões,

fragoas, tenazes, forcas, venenos de Borgias, estyletes ervados, lanças quichotescas, navalhas de ponta e mola, balas de papel, espadas de pau, caçoletas e obuzes, explosões sulfuradas, bofes de leão, tricornos de gazeta, furores de Ugolino, ciumes de Othello, terrores de Machbet, perfidias de Iago, risos de Voltaire, astucias de Loyola, sarcasmos de Erasmo, pançadões de capoeira, chulipas de fadista, rugidos de Adamastor, pedradas de garoto, cobras e lagartos, viscosidades de lesmas, virus de serpente, commissões de *quinzes* e de *paysanducos*, protestos, duellos, policias correccionaes, boquilhas, aguas sebastianicas, beliscões kilometricos, musas hystericas, zoilos epilepticos...

—quando contemplava aquelle horroroso quadro em que, as tintas de Miguel Angelo, o pincel de Rembrandt e a phantasia de Hans Mackart, pintavam a sede de Tântalo, a insaciabilidade de Gargantua, a podridão de Imperia, o odio de D. Bibas, o servilismo do eunucho e o calcanhar d'Achilles,

—entre aquelle côro infernal de uivar de feras, clamar de moiros, ulular de caraibas, guinchar de idiotas, urrar de quadrupedes, pinchar de macacos, zunir de vespas, silvar de cascaveis, ladrar de *bulldogs*, d'onde apenas se destacava:

Mata! Mata o Zinão!

—senti alguém ao meu lado.

O tal diabo vermelho pinchára da rua para a janella; extendia-me o braço e dizia:

— *Oh Coisa! dá cá um cigarro. Cusca n'elles, que ainda bolem!*

e desapertando a carcela das calças, voltou-se para a turba e...

*esguichou-a.*

Já sabes, Zé amigo, quem elle era:

O Ridículo.





## XIV

### A Questão da Musica

(LEITURA PARA HOMENS)

Ha poucos annos, alli pelo Maio, quando a Primavera floresce os campos e a Natureza parece despertar, com novo vigor, da somnolencia invernall, Dona Politica sentiu pular o sangue nas veias, reclamando folia e brodio.

Teve uns arrebiques eroticos de matrona insensivel á influencia lunar e amancebou-se, clandestinamente, com o Conde de Lippe e com o Senhor Administrador.

Noitadas com um, barrigadas de camarões com outro, lá se arranjou de tal fórma que, d'essas relações, resultou um producto hybrido:— **A Questão da Musica.**

Parto acabado, os amantes disputaram a paternidade do aborto:

—É meu!

—É teu!

—Parece-se commigo!

—Não se parece contigo!

Zangaram-se e ficaram de mal.

Nunca mais se puderam vêr.

A desavergonhada, ora sorri para um, ora para outro; acirrando, assim, pela sua inconstancia e bandallice acadellada, o odio dos dois rivaes.

O *mostrengo* (sahiu femea) veio ao mundo com todos os defeitos dos Papás e da Mamã: vaidosa, ridicula, traiçoeira, caprichosa e porca.

Ao nascer, embirrou que não queria Musica. Papás e Mamã teem-lhe feito a vontade. Qualquer dia, embirra que quer Musica; teremos, então, de soffrer e pagar as furias dos paus-tesos, até hoje refreadas.

O que por ahi não irá!

\*

A *Comedia da Santa*, ou antes, a **Comedia da Musica**, absorveu e absorve toda a actividade dos nossos politicos—dos homens que se apresentam á consideração do povo, allegando serviços e pedindo votos.

E em que diabo hão de pensar esses santos varões, se o Concelho voga em mar de rosas, com vento fresco e bons timoneiros?

Examinemos, de relance, as instituições da nossa terra:

### Camara Municipal

Praça de toiros com serviço permanente. Empregado: o Senhor Administrador. Intelligentes: o Senhor Joaquim (por procuração), ou João Cabral.

N'este anno, as corridas promettem. O *primeiro espada*, Senhor Abilio, foi occultamente a Madrid adestrar-se com Lagartijo e com Frascuelo. O gado, do lavrador Ladislau, é manso. Tem fraca *pinta* e pouco *pé*. A casa está passada para as primeiras corridas semanaes. Ha toiros para curiosos.

\*

Agora, duas tiradas a serio:

A administração do nosso Municipio anda como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, querido leitor, em bolandas e ao deus-dará. Muito lhe poderia dizer a tal respeito; mas esta gente séria da terra, tanto me tem soprado aos ouvidos com aquella preventiva phrase de:

*Nem todas as verdades se dizem*

que, *por emquanto*, ainda me resolvo a conservar na minha carteira os curiosos apontamentos que d'estas

coisas de Valença, cuidadosamente tenho colligido. Prosigamos.

— Approvou-se ultimamente um novo traçado de estradas para o districto; todos os concelhos foram contemplados, menos o de Valença. Pelos modos, lá nas secretarias das Obras publicas ainda se não descobriu, ao certo, se isto pertence a Portugal, se á Galliza. A Camara podia elucidar este caso e requerer, ou instar por concessões a que tem direito. Os politicos, porém, teem mais em que pensar... Ainda se não decidiu a **Questão da Musica**.

— Alli, na Esplanada, amontoam-se, sem ordem nem regularidade, as novas construcções. Ora, apesar da opposição dos paysanducos, a futura povoação de Valença ha de estender-se por esses campos fóra, e esta latrina acastellada com muralhas, poternas e tenalhas, passará a ter o merecimento historico das ruinas de Lapella, hoje excellentes para ninhos de morecos, luras de toupeira e tocas de grillos.

Portanto, a qualquer cerebro medianamente esclarecido parecerá urgente e indispensavel o levantamento d'uma planta, que desde já disponha, com regularidade, as arterias da futura povoação.

Não se pensa em tal, nem é preciso. Temos a lei das expropriações. A ordem é rica, os frades são poucos e os imbecis são muitos. Ha mais em que pensar. Temos a **Questão da Musica**.

— No centro da villa, ao lado da Ex.<sup>ma</sup> Camara, existe uma commua, que chamam: Eschola municipal.

Quando quizerdes avaliar a civilização d'este povo, que se ri de vós — oh gentes de Monsão e de Coura! — vinde cá, embebei o lenço em agua de Colonia e entrae alli, na Eschola, onde sem ar, sem luz, sem condições hygienicas de qualquer natureza, se atrophiam diariamente dezenas de creanças.

Os rapazes, cá na terra, sahem da barriga das mães, já com a caneta atraz da orelha para escreverem á familia; não precisamos, portanto, de subsidios do Conde de Ferreira, nem de utensilios escholares.

Corre tudo muito bem. Só falta uma coisa: um pelourinho, alli ao pé da *Sexta*, com os nomes dos philanthropos que responderam aos testamenteiros do Conde:

— *Dispensamos o subsidio; não temos terreno para a eschola; está tudo occupado com cacos de guerra e com o Assento dos militares!*

— Diz-se que é util o saber lêr e, n'esta crença, auxilia-se em toda a parte a instrucção do povo, fiscalizando-se o serviço das escholas, animando-se as creanças e estimulando-se os professores.

O pelouro da instrucção (?) no concelho de Valença é um mytho, uma coisa nominal e hypothetica.

Regateiam, por ali, miseravelmente, os dois patacos de expediente; e na Eschola, como verdadeira commua, não ha mobilia, não ha um mappa, não ha

uma esphera, uma loisa, um dictionario. A Camara não gasta dinheiro n'essas ridicularias; gasta-o, mas com outras applicações, que fazem parte dos meus apontamentos particulares...

De quando em quando o bandalho da Politica entra tambem nas Escholas; e d'essa visita, nascem as perseguições torpissimas e ineptas contra homens que, politicamente podem ter todos os defeitos, mas que para o exercicio do cargo que exercem, possuem incontestavel aptidão.

— Construíram-se, no largo principal da terra, os Paços do Concelho. O edificio ficou uma gaiola de grillos, com uma unica porta, para elles não fugirem, quando lhes appetecer a serradela.

As divisões interiores são d'uma disposição perfeitamente apatetada. Com as dependencias do Tribunal, repetiu-se aquelle caso dos *moinhos de Coura*. Lá, só pensaram na agua, quando os moinhos estavam promptos; cá, só depois do Tribunal concluido, é que surgiu na mente dos illustres senadores a necessidade *provar* d'uma sala para jurados.

Mas o defeito remediou-se e bem.

Fez-se uma especie de espigueiro, um sotão, como os que a gente tem para estender as batatas por causa do grelo e para lá se manda o Jury. Está alli muito bem, livre de correntes d'ar, e com grande vantagem para os curiosos da terra: muito antes que se pronuncie a sentença, já se póde saber, pela ja-

nella das escadas, se o réo vae para a rua, ou para o *cavallinho de pau*.

Não ha dinheiro que pague esta commodidade.

— Na Coroadá, admiram os forasteiros a desconjunctada architectura d'uns cortelhos, onde, em nauseabunda promiscuidade, se aconchegam de noite: mulheres, porcos, creanças, bacòrinhos, gatos com tinha e cadellas com sarna.

Em terra menos civilizada, já o *senado* teria estudado o meio de, por uma operação financeira possível de realizar, sem graves encargos, transformar esses focos de immundicie em habitações economicas, mas hygienicas.

Mas, então, V. Ex.<sup>a</sup> não viu na Exposição de Paris, entre tantas maravilhas da Arte, as primitivas construcções dos differentes povos? Pois cá, em Valença, não precisamos de arranjar artificialmente essa exposição. Alli estão os *cortelhos* da Parada velha, immundos, doentios, nojentos, — como nota caracteristica do nosso Progresso moral e material.

— A gente das cidades tem a mania da Civilização. Abre mercados, rasga ruas espaçosas, aformoseia praças, alinha os edificios e varre as ruas.

Com o pretexto da hygiene e da limpeza faz dinheiro até do esterco.

— *Miserias humanas!* — dizem os nossos camaristas. Nas ruas de Valença, o que cai, deixa-se ficar.

*Podem-nos chamar immundos, mas ao menos, não somos dos futres que vendem carros de lixo.*

Cá, a gente é assim...

— O concelho precisa de estradas que unam as freguezias e facilitem as communicações. A estrada de A para B foi considerada, como a mais urgente, pela importancia (politica, já se vê) de B.

Principiou-se a estrada: terraplenagens, aterros, desaterros, etc.

A folhas tantas, desabou a caranguejola ministerial e o que era politicamente positivo em B passou para negativo. Suspendeu-se a construcção da estrada.

Chegou o inverno: lamas, enxurradas, desmoroamentos. O que estava feito inutilizou-se, mas não importa: a ordem é rica, os frades são poucos e os imbecis são muitos. Ha mais em que pensar: a **Questão da Musica.**

---

### **Junta de Parochia**

Instituição composta de differentes membros, sob a direcção do Senhor Sampaio e patrocínio do Senhor Agostinho. Nada mais, creio eu, é preciso dizer:



Essa instituição, que n'outras terras presta valiosos serviços á Beneficencia e á Instrucção, jaz ahi na mais abjecta inutilidade.

A manifestação mais evidente da sua actividade, deu-a na importantissima *Questão da Porta*, com o Senhor Baptista.

A Junta não tem meios; é pobre, vive da graça de Deus. Tem os telhados da Egreja desmantelados; não pôde gastar um real em adornos, ou reparos, no interior do templo. Conserva, nos adros, as ossadas dos nossos antepassados — n'esses adros que a gente pisa, onde os cães levantam as pernas e dão muitas voltas, fingindo que se sentam; onde, á noite se baixam as calças e se praticam mil obscenidades. Alli, debaixo d'aquella terra e d'aquella pedra estão os craneos dos nossos parentes, craneos que já tiveram carne, olhos, bocca, labios que acarinharam os nossos paes; estão alli os restos dos braços que aconchegaram ao peito, em noites de amargura e de afflictiva ancia, a cabeça dos nossos avós, quando a febre lhes amortecia os olhos e escaldava as faces.

O respeito aos mortos e o espirito da Religião impõem a urgente exumação d'essas ossadas e a sua mudança para o cemiterio.

Não pôde ser. Não ha dinheiro; a Junta é po-brissima e tem despezas mais urgentes e indispensaveis, como as que se fizeram com a *Questão da Porta*. Pois não era um escandalo? Ainda que se empenhasse a Cruz de prata! Mas não foi preciso; para

isso, para a Justiça, ainda a pobre Junta teve as trinta libras, que a questão levou...

Deus, Nosso Senhor, se lembre, para desconto dos meus peccados, da repugnancia com que nego licença á penna, para reproduzir as ideas que, n'este momento, tumultuam no meu cerebro...

---

— Ascencio José dos Santos deixou á Junta de Parochia de Valença estas e aquellas propriedades, com o encargo seguinte: instituição d'um lausperenne mensal com tantos padres e tantas luzes, etc.

Com o rendimento d'essas propriedades pagaria a Junta as despesas do lausperenne, applicando o restante ao desenvolvimento da Instrucção do Concelho.

A Junta acceitou o legado, vendeu as propriedades e convertem o producto em inscripções que rendem, annualmente, *cento e dez mil reis*.

A despesa total dos lausperennes, pagando-se generosamente, é de *doze libras*, ou *cincoenta e quatro mil reis annuaes*, restando, por consequencia, um saldo importante.

A Junta de Parochia acceitou, como disse, o legado; mas os mezes passam e ninguém ouve falar dos lausperennes, porque não se fazem. O Senhor

Sampaio, apesar de ser um homem muito temente a Deus, não quer gastar dinheiro com padres.

Dispõe do que é seu e faz muito bem.

Estas coisas consideram-se, cá na terra, como admissíveis e legaes. Uns chamam-lhes descuidos, outros desleixos, etc. Eu pouco sei de sciencias juridicas; mas confrontando este facto com outros, que por ali vejo punir na cadeia, não ha quem me tire da cabeça, que o *descuido* da Junta entra na classe d'aquelles *descuidos*, que a Lei chama: roubos.

Pura e simplesmente **um roubo**; ao culto, á Lei, ás crenças d'um morto, á Moralidade, á fé dos contractos, ás disposições d'um testamento, que em toda a parte se cumprem fiel e rigorosamente.

E já que o vendaval do Tempo levou os ultimos sons d'essas fervorosas manifestações de Sentimento, que á beira do tumulto d'um homem que caíu fulminado defendendo os interesses de Valença, inspirou tanto necrologio bombastico e tanto discurso farfalhudo—já que em homenagem á memoria do homem que amou, como ninguem, esta terra, porque tinha na alma a rigida austeridade d'um caracter impoluto e sacrificava os haveres, como sacrificou a vida, sem pedir á Politica o salario dos seus serviços—se não ergueu ainda, ali, uma voz para reclamar da Justiça o cumprimento rigoroso das disposições a que se obrigou a Junta de Parochia, seja-me permitido alterar, por momentos, a feição humoristica d'estes artigos para, com verdadeira indignação, dizer

ás auctoridades que, n'esta terra, vigiam pelo cumprimento da Lei:

A Junta de Parochia **rouba**, mensalmente, ao culto os lausperennes instituidos no legado de Ascencio José dos Santos.

Esses lausperennes representam *cento e dez mil reis annuaes*, que são desviados para applicação illegal e ignorada.

Ha, ou não ha obrigação de cumprir as disposições dos legados?

Ha, ou não ha Lei que peça responsabilidades aos auctores d'estes *desvios*?

.....

— Prosigamos, porque a rabeca desafina.

### Santa Casa da Misericordia

É uma Santa Casa de Politica.

As eleições disputam-se (tudo por philanthropia) como as da Camara, ou do deputado. Impera sempre n'ellas, para suprema humilhação dos valencianos, a massa bruta da Urgeira, porque ha o cuidado de conservar alli a maioria dos *irmãos*.

Quem escreve estas linhas já teve, por duas ve-

zes, a honra de ser convidado para *irmão* da Santa Casa. *Por acaso*, aconteceu sempre isso em vespervas de eleições. Mero *acaso*.

Na ultima lucta eleitoral entrou uma fornada de 60 ou 70 *irmãos*. Offereciam-se os diplomas com todas as despesas pagas, e depois da eleição houve regabofe de castanhas e vinho branco. O moderno *carneiro com batatas* ainda não estava inventado.

Foi uma eleição renhida, tenazmente disputada; e, com ropias de parva politiquice, dotou-se a terra com mais uma loja de... barbeiro!

Deus me livre de duvidar, por um momento, dos sentimentos caritativos dos especuladores, quero dizer, dos protectores da Santa Casa.

Mas (pergunta-me um diabo que tenho aqui, ao pé de mim, e que desconfia de tudo), porque será que em todo o anno ninguem se lembra do Hospital para lhe augmentar os rendimentos, ou para alargar a sua acção benefica?

Porque será que esse zelo se não manifesta agora, auxiliando os Provedores nos trabalhos da utilissima instituição que o legado Cruz fundou — o Asylo?

Porque vos não reunis agora em activa propaganda,— oh cafila de pântomineiros! — angariando no Concelho donativos em dinheiro e em materiaes que habilitem a Santa Casa a, quanto antes, poder levantar esse edificio tão util para os infelizes?

— Parece-me (diz o tal diabo) que se a Santa Casa, em vez de ter um capital de **cento e tan-**

**tos contos**, em inscripções, escripturas com hypothecas, e **fiadores** com **paes**, **manos** e **cunhados**, tivesse apenas algumas de X, ninguém lhe disputaria as eleições.

Que diz V. Ex.<sup>a</sup> a isto, interrogando a sua consciencia?

Teremos n'este caso Philantropia, Politica, ou... abandalhado Arranjo?

Em coisas da Santa Casa, *por emquanto*, vem só isto á luz do dia.

Ora aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> um rapido e superficial exame sobre as principaes instituições da nossa terra.

A Politica, a Hypocrisia e a Rotina imperam soberanamente em tudo que póde ser util em Valença. Por isso, quando a gente bate á porta de muitos filhos d'esta terra, que lá fóra, pela sua posição e pela sua fortuna podiam auxiliar novas instituições, só ouve queixas, reclamações e justos resentimentos.

O grande homem da nossa terra seria um velhaco qualquer que em eleição renhida pudesse *empalmar* o João de Gaiteira, ou o Abbade de Cerdal.

Se alguém conseguisse isso, á noite, na taberna do Pedro, teria uma apotheose de *calhos* e de chouriço com ovos, de rachar tudo.

\*

—Mas, oh sr. Zinão, dirá V. Ex.<sup>a</sup>, então não ha por ahí homens que tenham interesses no Concelho e que lucrem com o seu desenvolvimento?

—Oh, meu senhor! V. Ex.<sup>a</sup> sabe quem verdadeiramente mexe os pausinhos da nossa Politica? São os pyrotechnicos da *Questão da Santa*. São dois homens que teem tantos interesses no Concelho como eu, que por duas *perras chicas* offereço a V. Ex.<sup>a</sup> as minhas propriedades. São os que armam as *baralhas*.

Não teem um palmo de terra que os interesse no desenvolvimento da Agricultura; não teem uma capoeira nas freguezias, que lhes faça sentir a necessidade de estradas; não teem relações directas ou indirectas com o Commercio, nem com a Industria. Entre elles e as instituições civis ha um abysmo. Nunca fizeram parte d'uma corporação que tratasse do desenvolvimento do Concelho. De administração municipal sabem tanto, como eu sei quem V. Ex.<sup>a</sup> é. Influencia pessoal: como são dois, levam dois votos. Tem Politica de sapa. Ensaiam as comedias, põem os actores na rua, mas quando veem fogo nas barbas da vizinhança mettem-se em casa e fecham as portas.

Posso francamente asseverar a V. Ex.<sup>a</sup> que esses homens inspiram na povoação mais antipathias do que affectos. Elles que digam a V. Ex.<sup>a</sup> se não teem

a consciencia d'isso... Aos que lhes fazem a côrte oiço ás vezes cada arcada, em surdina...

Um quer por força pôr o pé nas muralhas para trepar á tina, onde se tingem as meias. O outro surgiu ahi na tripode das sibyllas sem a gente saber *como nem porque*; dizem que vê as coisas muito ao longe. Ás vezes adivinha, mas se dá a *palavra d'honra*... é tolice certa.

Ora, como na terra dos cegos e dos dorminhocos quem tem um ôlho é rei, os homens por cá vão arranjando a sua vida muito honradamente e livres de vergonhas do mundo.

\*

Esses dois maioraes representam os dois partidos; porque nós, meu senhor, nominalmente, tambem temos dois partidos, como as terras grandes. A gente é sempre a mesma.

V. Ex.<sup>a</sup> recorda-se do que succedeu ha quinze dias, em S. Pedro, com os comparsas d'aquelle *Auto dos Moiros e Christãos*?

O Zé da Cancellia, o Chico da Aguilhada e o Tóne do Pernicas, no primeiro domingo *faziam* de judeus. N'aquella scena em que, por ordem do Bento Cambádas, que era o Herodes, matam os innocentes, o publico e especialmente o mulhero, *escamou-se* com



elles, mandou-os *p'ro raio que os parta* e correu-os a *soque*.

No outro domingo nenhum d'elles quiz *fazer* de judeu e para que a *peça* se representasse, metteu-se o Senhor Abbade no caso. Os que eram christãos passaram para judeus e vice-versa.

Cá, nas farças da nossa Politica, succede o mesmo. Quem faz de Abbade é o Senhor Administrador.

---

Ora aqui está, meu senhor, a razão porque o Concelho ganhou o titulo de *burgo podre* e a razão porque a gente, quando vae offerecer o circulo a pessoas serias, como succedeu ha mezes, é posta no olho da rua pelo creado da casa.

\*

Voltemos á **Questão da Musica** e encaremol-a pelo seu verdadeiro aspecto—o comico.

Esta celeberrima questão, decomposta nos seus factores, baseia-se n'uma simples formalidade, n'uma pueril e ridicula cerimonia: a licença do Conde de Lippe, a licença do Administrador, ou uma e outra concedidas ao mesmo tempo.

É um caso comico, como o do Hyssope.

Examinemos:

A Musica é a applicação artistica do som; influe poderosamente em a nossa natureza psychica, quer a agite com as sonatas de Beethoven, em que o Sentimento nos apparece burilado e subtil, como uma cinzeladura de Cellini, quer tumultue nas estranhas innovações de Wagner, em que a Harmonia, á primeira audição, nos fêre de imprevista e áspera.

Decomposta nos seus elementos, a Musica reduz-se a simples vibrações, transmittidas pelas ondas sonoras. No caso presente, visto que na **Questão da Musica** se trata d'um grupo de labregos, que selvaticamente mortificam os nossosapparelhos auditivos, essas vibrações que, pela instrumentação, se transformam na Harmonia, partem do organismo humano.

Examinando o organismo humano, verificamos que os elementos essenciaes á potenciação d'essas vibrações podem, egualmente, ser fornecidos pelas duas extremidades do canal digestivo e modulados, ou regulados, pela articulação da maxilla inferior, ou pela elasticidade muscular do esphincter.

A composição molecular d'esses elementos será pois: oxygenio, azote, acido carbonico e vapor de agua (caso *a*), ou: hydrogenios carbonado e sulfurado e acido carbonico (caso *b*).

A sua acção vibratil chama-se vulgarmente sôpro, ou bufo; e n'esta ultima designação, que é a mais geral, para distincção dos dois casos *a* e *b* relativos á composição molecular, costuma o povo usar do ge-

nero masculino no primeiro caso, e do feminino no segundo.

Assim, por uma rigorosa analyse, de deducção em deducção, chegamos ao seguinte resultado: que a essencia (caso *b*), o valor, a importancia d'essa celebre questão, que fez perigar a paz das nações e que, por ahi, inspirou tanta facecia e tanto remoque de *fino espirito* — é um simples caso de sôpro, é um reles caso de bufo (*b*).

E continuando a empregar o methodo deductivo, visto que esse caso foi o producto d'uma laboriosissima gestação politica, com muita vigilia, muita tactica e muito estudo, por isso que foi cuidadosamente preparada pelos dois partidos contendores — visto que elle symbolisa e exprime os valimentos intellectuaes e politicos dos chefes e maioraes — afoitamente podemos dizer, synthetizando: tudo isso e todos elles não valem um bufo! (*b*)

Politiquemos:

\*

Os dois partidos prepararam com longa anticipação, no remanso dos gabinetes, esse estupendo acontecimento.

Mediram-se as forças, calcularam-se os accidentes, preveniram-se as hypotheses, estudou-se cuidadosamente o terreno, escolheu-se a hora e inven-

tou-se o pretexto. A malandragem de Ganfey foi as-soldadada para deitar fogo ao rastilho.

Na vespera de rebentar a bomba, descobriram-se os jogos e todos ficaram logrados. Um dos chefes recebia ordem para ficar ás ordens do outro; este, esbarrava a cabeça na estupidez do Zé Povo e nos barrancos que a sua inepecia cavára.

Cá a gente (já se vê) n'essas alturas, arrebitava a pança com o brodio, a vêr os toiros de palanque; e, como elles ainda escabeceiam no curro, vae-lhes mettendo a sua farpa muito honradamente.

Depois da explosão da *coisa*, principiou a desembestar-se por ahi a mais sordida mistela de pilherias apanascadas, que tiveram echo no districto, como se o ridiculo de tudo isso não fosse bastante para nos fustigar o rosto e alvoroçar o sangue.

A partida perdeu-se. Quem a pagou (e foi carita) chorou sete dias e sete noites. Os pyrotechnicos metteram-se em copas. É da praxe: nas barracas do *Pim-pam-pum*, quem ageita os bonecos não paga entrada. Entra pela prenda...

\*

Farpeemos...

Depois d'essa dejecção politica, os campos conservam-se armados, medindo-se os adversarios com rancor. No meio d'elles, lá está o sôpro, o bufo (caso *b*) — eterno pômo de discordia.

Progressistas teimam em obstar que a gente em occasião de festa, possa, á noite, dar a sua gaitada por essas ruas e muralhas.

Regeneradores, pela penna auctorizada do Senhor Joaquim, como Juiz da Senhora da Saude, invectivam o Ministerio, reclamando a livre expansão do bufo (*b*).

E agora, que estamos em maré de syndicatos, n'esta carencia de bufo (*b*) muito dinheiro podiam ganhar alguns senhores cá da terra e aquelle barqueiro de Vigo...

Ha coisas que, guardadas, engarrafadas, servem para occasiões de falta e dão muito dinheiro...

\*

O certo é que não se obtem licença para Musica dentro de Valença; ou porque seja negada por mero capricho do Senhor Administrador, ou porque a recuse o Lippes.

Porque nós — louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo — somos cidadãos tão portuguezes, como os de Coura; pagamos decima, como os de Coura; damos votos, como os de Coura; fazemos filhos para o exercito, como os de Coura, mas não temos as liberdades civis, que teem os de Coura.

Pelos modos, ainda nos corre nas veias algum resto d'aquelle bulhento sangue dos nossos antepas-

sados, os soldados de Viriato, que, segundo diz o Senhor Joseph Avelino, tanto assarapantaram o mundo com os seus feitos; e o Governo, em vez de uma auctoridade administrativa, manda-nos duas!

—Quer V. Ex.<sup>a</sup> dar a sua gaitada? Precisa de dar o seu *bufo*?

Tem de ir pedir ao Administrador e á Praça; e antes de transitar por essas ruas tem de bufar, voltado para a casa do Governo. Se offerece as primicias do *bufo* á Camara, ou á Administração, a Praça amua e ha baralha, como succedeu com a *fanfurri-lha* gallega.

—Tem V. Ex.<sup>a</sup> fogo em casa?

Acodem, logo, da Praça e da Administração:

—Mando eu.

—Não mandas tu.

—Apago eu.

—Apaga tu.

Levanta-se questão; tudo grita, tudo berra, e V. Ex.<sup>a</sup>, para se livrar de prejuizos, o que tem a pedir ao seu Anjo da Guarda é que o deixem ficar só-sinho com o fogo, que é mais socegadinho e pacato.

—Ha *banzé* no theatro, ou na rua? Lá os temos em disputa.

De fôrma que, se um dia, V. Ex.<sup>a</sup> por esquecimento, por descuido, larga o seu bufo (*b*) na cara d'uma das auctoridades, e sem a devida licença, leva pancada dos dois.

É preso. Chega um paysanduco e agarra V. Ex.<sup>a</sup>

pelo braço direito. Vem o Balagota e agarra-o pelo esquerdo.

— Venha para a Praça!

— Venha para a Administração!

Puxa um; estica o outro.

V. Ex.<sup>a</sup> atrapalha-se, reclama, gesticula, bufa... (*b*)

Se o faz na cara do paysanduco, mais pancada leva. Se mimoseia o Balagota, este põe-se ainda mais amarello do que é, e apita.

Santo nome de Maria! O que ha-de a gente fazer?

Sem musica, sem *bufo* não se póde passar. Fossem-no lá prohibir ao Senhor A. Seixas! Estoirava... de raiva.

Dentro de casa, felizmente, ainda V. Ex.<sup>a</sup> póde mandar tocar a Musica e dar o seu *bufo*; mas eu estou a vêr isto de tal fôrma que, d'aqui a pouco, se V. Ex.<sup>a</sup>, em qualquer sitio, na sala de visitas, na cama — por exemplo — lhe appetitece bufar, tem logo, ao seu lado, um paysanduco e o Balagota, procurando, investigando, cheirando, esmiuçando, por cima e por baixo da cama, levantando, até, a roupa para metterem os narizes (imagine V. Ex.<sup>a</sup> a sua desgraça se, para essa operação, lhe apparece o nariz do Dr. Ladislau...) e berrando depois, irados:

— *Aqui deu-se um bufo!*

E V. Ex.<sup>a</sup> terá de pedir perdão, confessar o crime; ou desculpar-se humildemente, dizendo:

— *Não dei, não, senhor! E se dei... não foi por querer...*

Ora a nossa desgraça!

Oh gentes do Kalakana! que dizeis a isto?

\*

Esta interrupção dos tubos... musicaes — claro é — vem a acabar; e com a mesma imbecilidade, com que actualmente os progressistas impedem a livre circulação do *bufo*, os regeneradores, subindo ao poder, hão-de metter cá dentro, quanto nedio folle por ahi haja, previamente reforçado com alimentos explosivos.

E n'esse dia anti-pituitario, em que tenho de encontrar: uns, de vexados, em casa ou fugindo de corrida ao apupo; outros, de pança tesa e cara alegre, abraçando-se por essas ruas — e todos, supinamente idiotas e essencialmente ridiculos — cá me tendes, oh *bufos* e *anti-bufos*!, para vos estralejar nas ventas a mais sonora gargalhada, que gentes de Valença teem ouvido!

E tenho tambem uma idea...

Emfim, vocês merecem recompensa, pelo entusiasmo com que teem tratado d'essa questão, de grande valor e importancia para a terra. Mastigae já em secco e ouvi lá marotinhos: (mas caluda, por emquanto):

Nos *cómes-e-bébes* dos philarmonicos hei de misturar umas gottasinhas d'um certo elemento drastico

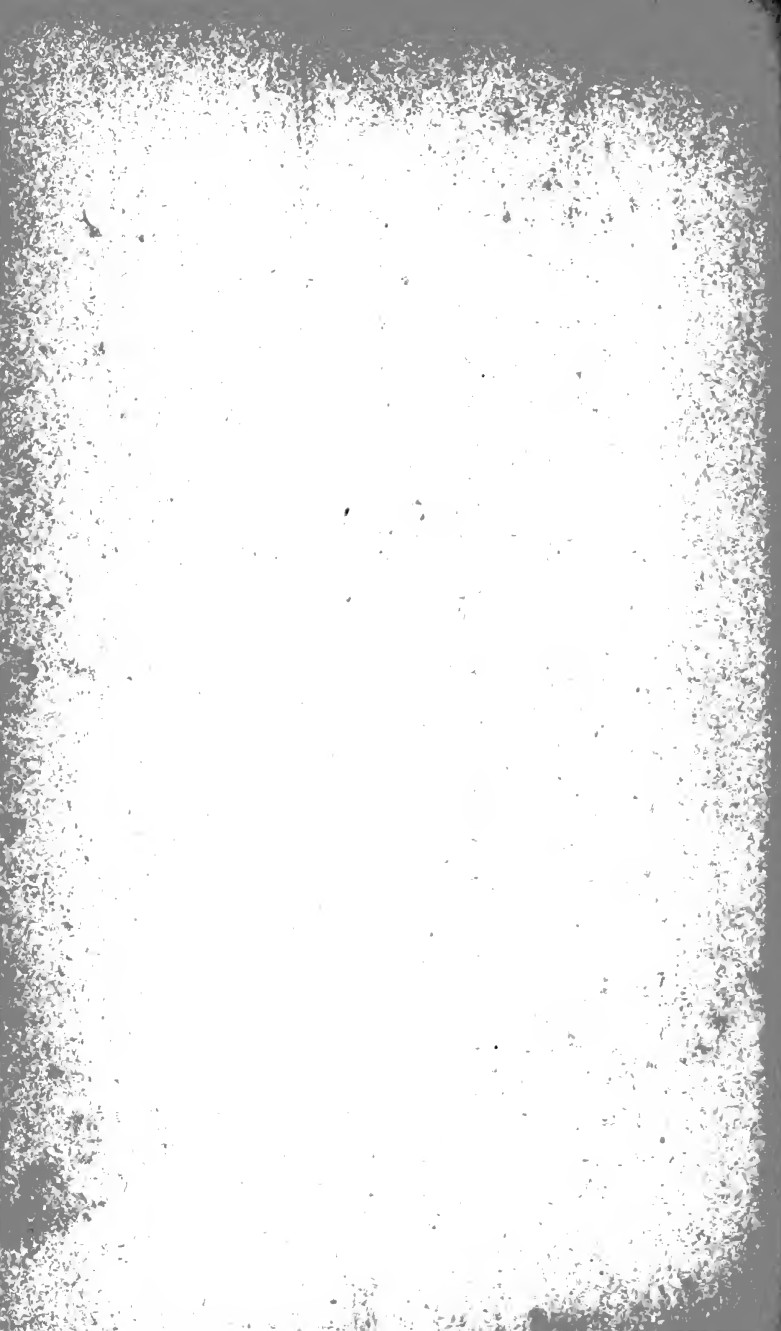


---

— Oleo de Croton Tiglium — por exemplo, para que elles, nas ruidosas e puxadas explosões dos seus *buffos*, vos possam dar tambem — oh progressistas e regeneradores do pataco! — algo mais de...

...solido!

Toca a aguçar a dentuça, Politiqueiros de meia-tigela!



## XV

### As Muralhas

Em que condições vivemos?

Com pejo hesito em denuncial-as.

Vivemos acorrentados ao estúpido regulamento, dado ás gentes, ha perto de seculo e meio, pelo Conde de Lippe.

Vivemos como os forçados e os grilhetas—cercados de muralhas.

O que significam, hoje, as muralhas?

O retrocesso, o dominio brutal da pedra; isto é, Pasteur, Edison, Comte, Jenner, Spencer, Hugo, Castelar, Capello, Ivens, Herculano, Pestalozzi, Broca, Kossuth, Humboldt, Chevreul, Wurtz, Lesseps, Eiffel, arremessados para a barbarie dos tempos primitivos, para a idade paleolithica, em que o homem usava cuecas, cozinhava de cocoras, contava pelos dedos e pescava trutas á unha, porque desconhecia,

ainda, a engenhosa disposição do anzol e a grande vantagem da minhoca.

Significam os combates dos barbaros; a bruteza dos despotas; as luctas fraticidas; o assassinato legal; a ambição copulada pela força; a lucta braço a braço, arca por arca, alma a alma; a feroz e brutal sensualidade do vencedor, que sorve dos labios do vencido o ultimo alento; o escabujar do moribundo nas vascas de cruissima agonia...

Significam as pontes levadiças, o embate de duas ondas humanas que se chocam, se enroscam, se atropelam, se mordem e se agitam por fim, convulsivamente, n'um montão disforme de farrapos, de carnes ensanguentadas, onde rouquejam as maldições, os estertores, até que as rodas da carreta, ou as patas ferradas d'uma mula acabem de esmagar, de confundir e triturar.

Significam o assedio, o bombardeamento, o incendio, a fome, as mil privações e sobresaltos; a viuvez, a orphandade, o lucto — a morte; isto é: quatro pás de terra sobre um corpo amado, que jaz hirtto e nú, ahi para qualquer canto, sobre o monturo, proximo á *Sexta*; as canções roucas e truanescas dos coveiros do Hamlet; o uivar sinistro da canzoada lazarenta, que escancara as mandibulas, esgaravatando a terra para esfarrapar as carnes; o crocitar lugubre dos corvos, que revolteiam no azul dos céos, espreitando lauto e succulento festim no rebordo ensanguentado das feridas...

Significam a agonia lenta, afflictiva; o velar-se da vista nas sombras da Morte e, n'esse debil bruxolear do espirito, a visão meiga e então dolorosa da familia, da infancia, dos affectos que nos ligaram á vida sem que, collados os labios, confundidos os alentos, n'um derradeiro olhar e n'um derradeiro beijo, se possa desprender a alma entre almas que nos amaram.

\*

Com que veneração e respeito eu conservaria uma das tuas cans, benemerito Pasteur, apostolo bemdito do Bem, e com que tremendo pontapé eu te esmigalharia o busto, se aqui o tivesse, feroz Napoleão, negro chacal da Morte, para quem são poucos todos os horrores e tormentos, que a genial e portentosa imaginação de Dante phantasiou nos seus nove circulos!

\*

Felizmente, toda esta sentina de granito que os espiritos bellicos e phantasistas denominam *formidolosa Praça*, nunca teve um real de importancia, na historia militar do nosso paiz.

Isto foi sempre o que hoje é—uma *feira da lada* de tarecos velhos e de cacada guerreira.

Quando em 1809, Soult atravessou a fronteira, o

aspecto d'esta carcassa não o atrazou um minuto na marcha. Passou ao largo, sorriu, atirou cá dentro meia duzia de obuzes e continuou em paz o seu caminho. Palpitou-lhe que não valia a pena subir a Gaviarra, porque não tinhamos custodias d'ouro para roubar, nem preciosidades artisticas; n'essa epocha não existia o muzeu do sr. Sampaio, nem se falava na mystica collecção do Albininho.

Em 34, Napier, a cavallo n'um burro pôdre, veio de Caminha a Valença, seguido por um pelotão de marujos inglezes. Sem estribos, com a volta das meias cahidas sobre os sapatos, rindo com bom humor, berrou alli da Esplanada: «*Ao governador de Valença! Senhor: tenho uma esquadra em Caminha e se vos não entregaes, mandarei buscar cem peças de artilheria, cercarei a praça e a vossa guarnição será passada á espada.*» (1)

D'alli a um quarto de hora, Napier estava cá dentro.

Depois d'isso, os grandes successos militares da nossa terra limitam-se a breves assedios, nas luctas civis de 37 e 47. Houve muito susto, muito fanico nos dois sexos, alguma granada para espalhar tristezas, e assim se arranjou um simulacrosito pacato e economico d'um cerco em regra, como o que soffreu, ha 19 annos, Strasburgo — (senhoras e senhores, que ainda fallaes com pavor de 37 e 47) — em que aquella

(1) *Portugal contemporaneo*, do sr. Oliveira Martins.

desgraçada cidade teve constantemente, vomitando a morte e a ruína para dentro dos seus muros, umas 170 boccas de fogo—ninharia que devia fazer um pouquinho de barulho...

Mas apesar d'isso, de nada valeram os ultimos assedios; eu—com franqueza—sinto-me muito mais feliz do que os srs. Manoel Antonio de Barros, José e João Seixas, Santa Clara e outros que assistiram a essas tristes scenas das nossas dissensões politicas; e sinto-me mais feliz, porque, enfim, não me destinou Deus para empresas guerreiras e contento-me em conhecer os effeitos e propriedades da polvora nas bichinhas de rabear do S. João, ou nos devaneios pyrotechnicos da palerma Urgeira, sem offensa para o sr. Chiquinho Veiga.

\*

Mas vejamos qual é a necessidade de conservar essas odiosas reliquias dos tempos barbaros e qual a razão que se oppõe, a que nos seja permittido o que já conseguiram outras terras da fronteira, como Caminha, Cerveira, Monsão e Melgaço—o arrasamento de tão brutaes construcções.

Será a posição estrategica?

Condições excepcionalmente favoraveis na opposição a uma invasão estrangeira?

O inexpugnável d'aquella posição?

Cartas na mesa, teias d'aranha limpas e jogo franco, senhores da alta militança, lá das Secretarias da Guerra.

Toda esta coisa, com as suas muralhas, baluartes, fortes, contra-fortes, revelins, fossos, falsas bragas, casamatas, cortinas, tenalhas, poternas, escarpas, contra-escarpas, banquetas, meias-luas, taludes, pontes levadiças, abobadas, etc., etc., que constituem na sua complicada relação a arte de Vauban, toda esta coisa, repito — não vale um pataco sebento do sebentissimo D. João VI!

E tanto não vale um pataco, que apesar do apre-goado valor estrategico augmentar com a Ponte internacional e de os engenheiros militares terem lembrado, quando se construiu a linha ferrea, certas obras que garantissem as condições da defeza, prejudicada com os aterros e desaterros — até á data nada se fez, nem se fará, se Deus Nosso Senhor quizer.

E tanto não vale um pataco, que se eu tiver em Lisboa um bom *trunfo* politico para empenho: se eu fôr, por exemplo, um João da Gaiteira, elevado politicamente em potencia votante, ao quadrado ou ao cubo, obterei, não só licença para construir nos arrabaldes da Praça, como, tambem, limite de altura superior ao que eu desejar, embora a isso se opponham todos os paysanducos e todos os regulamentos do sabio conde de Lippes.

Ora, de duas, uma: é ou não é importante o valor estrategico da Praça?



Não é. Dil-o a sua historia; dil-o a historia das ultimas campanhas europeas e encarrega-se de nol-o dizer o Governo de S. Magestade, quando o apertam com a tarracha do voto.

Será parvoçada suppor que, no caso d'uma invasão, o inimigo se deteria por um momento com as momices e os esgares d'esta desdentada carcassa.

Perguntem a Strasburgo, a Verdun, a Bitche, a Toul, a Soissons, a Metz, a Schelestadt, para que lhes serviram as vantagens do terreno e as prevenções de Vauban.

E sendo nullo o apregoado valor estrategico, que outra causa fundamenta a estúpida prohibição que se oppõe á construcção de novos edificios, ao desenvolvimento de povoação, tornando odiosa a missão d'esse official que, com um curso de engenharia e com a elevada orientação scientifica, que hoje se obtem nas Escolas superiores, ahi está de sentinella ao regulamento senil que tresanda a raposinho, a catinga, e de que a rotina, o egoismo, e por vezes a velhacaria fazem instrumento de valimento e, até, de vinganças pessoas? (1)

Attende-se á probabilidade d'um cerco, d'um acampamento, e á necessidade de inutilizar, rapidamente, ao inimigo quaesquer pontos de abrigo?

Mas, oh Molkes pataqueiros! Então prohibis que

(1) Alludo á infamissima vingança que, ha annos, se perpetrrou na habitação d'um cidadão, alli para os lados da Ponte.

em minha casa possa elevar meio palmo ao cano da latrina, impedis que no meu quintal levante uma barraca para guardar as melancias e os nabos, e deixaes ahi cavar, a dezenas de metros da praça, esse deserto, onde se abriga uma divisão com as respectivas familias, se tanto fôr necessario?

Impedis que lá fóra, na minha horta, levante um pau com o gallo, para catavento, ou equilibre quatro taboas, que um cão, alçando a perna no exercicio de certa função, faz cahir, e mandaes construir essa outra fortaleza de granito — a estação do caminho de ferro?

Admittindo, mesmo, que o inimigo se estabelecesse para cá da fronteira, que seria de Valença se no Faro, no Marco, ou em qualquer outra eminencia, elle assestasse quatro canhões Krupp, Bange, Armstrong ou Fraser, que arremessam projecteis com menos peso do que as vossas cabeças — verdade é, porque não teem tanto municio — a 12 e 16 kilometros de distancia?

Para que nos asphyxiaes, pois, com estas montanhas de pedra, militarões lá das altas repartições da Lysbia, estrategicos de meia tigela, que por ahi inficionaes de rheumatismo, de gotta, de rapozinho e de pingo simontado o que póde haver de proveitoso e util nas instituições militares da nossa Patria?

\*

As muralhas para nada mais servem do que para attestar aos extranhos que — portas a dentro — o Progresso deixou de actuar.

Servem, como pittorescamente disseram, ha mezes, uns lisboetas que ousaram entrar cá dentro: para impedir que a porcaria e... manchem a belleza dos arrabaldes; servem para balde do lixo, das immundicies, e para os habitantes da villa satisfazerem, prompta e commodamente, um determinado numero de necessidades, tanto em funcções de reproducção, como em funcções de nutrição.

Servem para a gente se desfazer das ninhadas de gatos, que a *Malteza* arranja em janeiro com as suas serenatas ao luar; servem para uma entrevista baratinha e recatada com pudibunda sopeirinha; servem para manter certas artes e officios; servem para fornecer o Hospital militar de bronchites, tysicas, pneumonias e doenças assizicas, que essas desgraçadas sentinellas arranjam em larga copia nas frigidissimas noites de inverno, quando o nordeste, que corta e açoita, as apanha amarradas com a trela da disciplina á carreta d'uma peça rachada, vigiando que o gallego não escale as muralhas e a leve para berloque da cadeia.

E servem, mais, para sustentar essa coisa cadauca, ridicula, inutil, offenbachicamente intitulada o

### Governo da Praça!

\*

—Governo da Praça!

Raciocinemos logicamente.

Qual é a idea implicita n'este titulo?

Commando, direcção na defeza da dita Praça.

O que exigem estas funcções?

Conhecimentos estrategicos e noções de todos os ramos da moderna Sciencia militar, alliados ao senso, ao valor, á prudencia, ao prestigio e á energia.

A quem tem sido confiado tão importante cargo?

Ao Zé da Rosa...

Ora, meus senhores, com franqueza; eu aposto *aquillo* de que se faziam as barretinas, quando não eram da pelle d'urso, se—declarada a Praça em estado de sitio e confiado o commando supremo com a direcção de tudo ao Senhor Zé da Rosa—a cavallo n'um cabo de vassoira, com um espeto de assar cabritos, com tres *malzabetes*, dois *paus-reaes* e um *fileiras*, não tomar Valença e não levar a toque de caixa na minha frente até ás Bornetas, o Senhor Governador e todo o seu Excellentissimo Estado-maior!

E para isto, para conservar a esta latrina uns apparatus bellicos de opereta, estou en arriscado, por um descuido, por uma descarga electrica, a dar o meu passeio aereo até aos reinos da Lua, com a conservação estúpida de milhares de kilos de polvora, que uma noite podem ter a phantasia de condemnar a minha humilde pessoa áquellas maravilhosas viagens de Julio Verne.

Ora, além do perigo, imagine V. Ex.<sup>a</sup> a que enormes responsabilidades, a que enormes complicações diplomaticas, a que enormes indemnisações o nosso Governo se arrisca, conservando por cá essa materia explosiva, que dava para tanta *bichinha de rabear* e para tanto *caganitão*, se lhe quizesse dar applicação differente da que ella hoje felizmente tem: estoirar fragas e rasgar montanhas para facilitar o avanço da locomotiva.

Imagine V. Ex.<sup>a</sup> que em noite estrellada de agosto, Don Benito Naveas e sua Ex.<sup>ma</sup> Familia tomam socegradamente o *té*, na sua *habitacion* de Tuy.

Don Benito, fiel ao partido legitimista encarece mais uma vez a bondade e os merecimentos de D. Carlos, commentando tranquillamente entre saboreadas fumaças d'um *pitillo* e goles de *té*, as noticias que, sobre o Pretendente, em o numero de *miercoles*, apresenta *La Integridad*, luminosa gazeta assotainada inventora dos *malzabetes*.

«*Con seguridad, Don Carlos és muy bueno hombre; una gran cabeza; el unico rey que debia gobernar la*

*Espana; es un hombre de religion, y que tal... y que sei yo...* »

Subito, ouve-se um estampido medonho. A casa abala-se nos seus alicerces; as paredes oscillam; as traves gemem; as loiças tocam nos aparadores e saltam em furiosa dança macabra. Ouve-se um *crac* medonho, fende-se o tecto e apparece em cima da mesa *del comedor*... quem? — o Senhor Abel Seixas, em pello e em cabello, tal qual estava na cama, sem chinó, pança sumida e olhinhos espavoridos!

V. Ex.<sup>a</sup> ri-se? Pois o caso não é para isso. Se chegam uma isca de fogo ao paiol, a qualquer de nós póde succeder o mesmo.

E diga-me V. Ex.<sup>a</sup> quanto teria o nosso Governo de pagar a Don Benito pela perturbação do seu socego e — o que é muito peor — pela alimentação d'esse insondavel abysmo — a barriga do snr. Seixas — emquanto este cavalheiro, arrancado bruscamente do seu leito e atirado por esses ares em escandalosa nudez, se recusasse, pudicamente, a ostentar pelas *calles* de Tuy, no regresso á Patria, as linhas bambaleantes das suas formas esculpturaes.

Matutae sobre o caso, homens da Governança!

## XVI

### A Manifestação de 14 de Janeiro (1)

---

#### (PROTESTO)

Para cá dos limites que tracei á critica dos acontecimentos, por qualquer aspecto evidentes e impressionaveis na chronica politica d'esta terra, disponho hoje, serenamente, os apontamentos colligidos sobre a manifestação de 14 do corrente, para os sujeitar á analyse recta e imparcial, isenta de considerações pessoais ou collectivas, sem tergiversações de ameaças ou de lisonjas, a que subordinei o programma dos *Sinapismos*.

Á frente d'essa manifestação eu vi homens a quem dedico verdadeira amizade; que respeito nos actos da

(1) Estava a publicação n'estas alturas, quando em Valença se resolveu a *Questão da Musica*, nas condições que eu previ.

A *rusga* foi, porém, tão desenfreada e, sobretudo, d'uma tal inopportuna que não merece *sinapismo*: merece ventosa.

sua vida particular; que me honram com as suas relações, porque se impõem á consideração de Valença pelo seu character digno e pela sua honradez inconcussa.

Esses homens organizaram uma manifestação popular, que annunciaram como patriotica e que outros classificaram como politica. Inspirada no amor da Patria, ou na paixão partidaria, essa manifestação, evidenciada nas ruas e nas praças, discutida na Imprensa como expressão dos sentimentos d'uma parte da população, perdeu o character, para mim respeitavel, d'um acto isolado da vida particular e adquiriu a importancia d'um facto social, publico e, portanto, sob o dominio da critica.

Abstraio, pois, do meu espirito as relações que me unem a essas individualidades; e nos periodos que vou ordenar para a composição d'este artigo, declaro, outra vez ainda, que aprecio a manifestação promovida por um grupo anonymo de cidadãos e não por um grupo de individuos, d'esta ou d'aquella classe, d'aquella ou d'esta côr politica.

A violencia da phrase com que tenha de censurar qualquer aspecto d'essa manifestação, que me pareça menos digno, não irá, pois, desvirtuar a sinceridade de relações, mais ou menos affectuosas; nem poderá, tambem, ser reputada como indicio de adhesão a opiniões já manifestadas por quem, em identicas apreciações, se deixa desorientar pelas paixões partidarias que levam a applaudir toda a inepecia d'um grupo em



que se está filiado, e a estigmatizar qualquer idea, muitas vezes util e proveitosa, suggerida pelos contrarios.

Esta é a missão do critico e praza a Deus que a consciencia nunca me accuse de escrever o contrario do que ella, á luz da imparcialidade e d'um livre criterio, dicta á minha penna.

Nos periodos d'este artigo abandono a feição humoristica dos restantes. Tenho de me referir á crise dolorosa por que actualmente passa a alma da nacionalidade a que me orgulho de pertencer; e n'essa referencia, quando a humilhação nos ruboriza as faces e a recordação das passadas grandezas nos amargura e entristece, o sorriso seria uma villania e a gargalhada seria uma infamia.

\*

A força inicial dos acontecimentos de 14 do corrente não se póde attribuir á expansão d'um sentimento patriotico, provocada pela recente affronta de Lord Salisbury; na agitação do grupo que promoveu a manifestação não vibrou a alma da Patria: tumultuou o espirito d'um partido.

Mas de qualquer character, patriotico ou politico, essa manifestação, nas condições em que se realizou, envolvendo a bandeira nacional e a responsabilidade

d'uma povoação, não merece classificação diversa da que se póde exprimir com estas palavras:

foi **aviltante** para Valença.

Os homens que a promoveram não teem direito á consideração e, muito menos, ao applauso dos seus conterraneos, porque não são patriotas sinceros, nem politicos dignos. São escravos inconscientes da politica sertaneja, d'essa degradante aberração de principios sãoes, de crenças firmes, de convicções honestas, que desorienta, humilha e arrasta pela lama da indignidade, caracteres respeitaveis e talentos privilegiados.

Envolveu-se n'essa *manifestação* a responsabilidade de Valença.

Pois, em nome dos brios d'um povo que é portuez, em nome d'uma terra que amo, e que se faz respeitar no paiz pela auctoridade intellectual dos filhos que a representam nos mais elevados cargos sociaes — eu **protesto** contra o labeu infamante, com que o grupo organizador da manifestação de 14 do corrente aviltou a nobilissima attitude da Patria na desaffronta d'um insulto e na defeza de direitos conquistados pelo sangue d'esses heroicos luctadores que, — transpondo novos oceanos e descobrindo novas constellações, arrostando os ignotos perigos do *Mar Tenebroso* que a phantasia popular envolvera na nebulosa dos mythos, luctando contra a aspereza de inhospitos climas e contra as rudes vicissitudes da guerra,

— ás mais remotas regiões, ás mais distantes e mysteriosas paragens, levaram o nome portuguez, desfraldando a bandeira, onde não se lia, como nas dos modernos exploradores inglezes: **Infamia e Oppressão**, mas:

### **Liberdade. Civilisação. Progresso.**

— Impulsionou-nos, dizem, o amor da Patria. Discutamos, então, a manifestação, sob esse aspecto.

\*

Lord Salisbury, representante d'um povo egoista, perfido e covarde, cuja Historia tem a gangrena da infamia, as pustulas da devassidão e o excremento das villanias, fustigou com o chicote do seu *ultimatum* as faces de todo o homem que se honra com o nome de portuguez.

A grosseria avinhada do insulto, a brutalidade do attentado contra todos os direitos estabelecidos, a ferocidade do egoismo, a covardia da imposição d'uma besta superior em força, a dolosa argumentação abonatoria do *ultimatum* e—sobretudo— a consciencia da nossa fraqueza e da nossa impotencia para a defeza energica de direitos indiscutíveis, — afistularam

dolorosamente o coração da Patria e, de norte a sul, de oriente a poente, da cidade ao burgo, homens de todas as classes, de todas as condições e partidos, sentindo despertar, redivivo e forte, o espirito da nacionalidade e o orgulho d'outras eras gloriosas, ergueram-se, gritando: **Infamia!** — e occultaram o rosto, para que n'elle ninguém visse o rubor da vergonha e o vasquejar do desalento.

A Imprensa, o Exercito, a Academia, a Magistratura, o Commercio, a Industria, os Municipios, as Sociedades recreativas, as Agremiações de classes, o banqueiro e o artista, o pobre e o rico, — arrebatados, galvanizados pela mesma chispa de acrisolado patriotismo — disputaram primazia de nobreza nos seus protestos.

Mas no rosto de todos esses homens, na eloquencia dos seus discursos, no ardor das suas invectivas e no esgrimir da sua argumentação, eu vi sempre, evidentes, sinceros, expontaneos e fervorosos, os impulsos de nobilissimos sentimentos.

Resaltava-lhes dos labios a indignação e, a espasmos, no avineado da fronte e no amortecido do olhar, eu descubri o ancizar d'uma grande dôr e o revoltear infernal do insulto humilhante, que não se pôde vingar.

\*

Um cortejo grotesco, esfarrapado, ululante, recrutado na Parada-velha e avolumado por essa massa anonyma e inconsciente de povo, babugem na onda de todas as manifestações e comparsa indispensavel em todas as farças que tresandem a borga e a quartilhos de vinho, precedia o grupo promotor da *manifestação patriotica* valenciana.

Lá na frente, um homem de cabellos brancos, agitando a bandeira da Patria.

No conjuncto, uma arruaça carnavalesca, uma desordenada *fantochada*, scintillante de archotes, tocos de sebo e phosphoros de espera-gallego; ruidosa de gaiteiros e caixas de rufo, latas de petroleo, assobios de barro, arrotos, berros asselvajados, graçolas de bordel, acclamações roucas e avinhadas.

Nos olhos, nas faces, na voz, no gesto dos promotores da *manifestação patriotica*, uma alegria evidente, saltitante, irreprimivel, estoirando nas expansões ensurdecedoras d'um jubilo guindado aos pinos do delirio, pelo sopro bestial d'uma pandorga de encarvoados hottentotes, já celebres na *Questão da Santa*.

Abrços, fremitos de contentamento, chapcos no

ar, demonstrações de affecto, apotheoses jogralescas, guizalhadas de truão, vivas a Deus, ao Rei, ao Regedor da Parochia, ao Exercito, ás Artes, ao pendão das quinas, a Serpa, aos abbades, ao João da Gaiteira.

Á frente, um homem de cabellos brancos agitando a bandeira nacional.

Dominando a turba, no frontão dos Paços do Concelho, o escudo da Patria: a honra portugueza aviltada, as tradições gloriosas d'um gloriosissimo passado, a epopea das Indias, a harpa eolia dos *Lusíadas* vibrando, soluçante, com os derradeiros alentos do Infante navegador, de Vasco da Gama, de Alvarres Cabral, de Affonso de Albuquerque, de Gonçalves Zarco, de Tristão Vaz, de Gonçalo Cabral, de Diogo Cam, de Bartholomeu Dias, de Fernão de Magalhães, de Godinho de Eredia, de Affonso de Souza, de D. João de Castro;—a fulgentissima constellação das nossas conquistas: Ceuta, Arzilla, Cabo Verde, Açores, Madeira, o Brazil, a Guiné, Mombaça, Quiloa, Mascate, Ormuz, Diu, Calecut, Goa, Malaca, Cananor, Ceylão—empallidecendo com os clarões avermelhados da archotada.

E quando o nojento e sinistro abutre inglez, sulcando a escuridão da noite, poisava no frontão municipal e perante a *illustre, benemerita e patriotica* Commissão manchava, abrindo um pouco as pernas, o es-

cudo da Pátria, com o excremento e com o vomito — quando em todas as povoações de Portugal se erguia, energico, o brado da desaffronta e, dolente, o gemido da humilhação — das varandas d'uma casa que pertence ao Estado e que representa, entre nós, a instituição mais nobre, porque é a fiel depositaria das nossas glorias e dos nossos direitos — essas tres palavras ôcas, golfadas, em comica explosão de inconcebivel calinice, sobre os ervaços de Paysandu:

Viva Valença... **restaurada!**

.....

Fumemos um cigarro para espalhar tristezas...

.....

\*

Continuemos.

Á frente, sempre á frente, rindo, e chorando lagrimas de pathetica sensibilidade, um homem de cabellos brancos, agitando a bandeira da Pátria.

E ao longe, mais ao longe, para lá do Minho, essa nação cavalheiresca, como nenhuma, quando offendem os seus brios: a patria do Cid, de Cortés,

de Pizarro e de Balboa; povo altivo que diz aos seus reis, em Aragão: *nós, que valem tanto como vós*; que impõe a Carlos I pela bocca de Padilla, heroico chefe dos *cumuneros*, o codigo das suas liberdades; que ainda, ha pouco, se convulsionava fremente e ameaçador perante a reclamação *ingleza* do Chanceller de ferro — povo rico de generosos enthusiasmos e entusiasta de generosas ideas, nosso irmão de raça e companheiro nosso nas aventurezas emprezas d'alem mar — essa nobilissima Hespanha, escutando, absorta e commovida, os ruidos da bacchanal, o tumultuar da arruaça, o cornetear dos hymnos e a vozearia da magna caterva.

E quando esse povo, pela bocca da sua Academia, do seu Exercito, da sua Marinha, das suas Sociedades de Geographia, nos enviava calorosos brados de affecto e nos insufflava alento e coragem — a *illustrada, benemerita e patriotica* Commissão promotora da *manifestação* erguia aos ares sandações á Hespanha e desfilava perante o representante d'aquella nação, em marcha fandanga, ao compasso esbodegado do hymno da Restauração!

Á nota burlesca. a nota grosseira.

\*

Quem hoje possui vagas noções de Historia patria, no mechanismo da sua evolução politica, reco-



nhece, com verdadeiro desalento, quanto tem sido errado o plano das nossas allianças.

Desprezaram-se as affinidades da raça, a continuidade do solo, a homogeneidade das aspirações, a reciprocidade dos interesses, a igual fertilidade do clima, a riqueza dos productos, todas essas especia-lissimas condições de independencia e de defeza que, aproveitadas para beneficio commum em estreita alliança de dois povos—garantidas a liberdade e a autonomia das instituições politicas de cada um—podiam tornar a Peninsula uma facha de terreno inexpugnavel e inaccessible ás ambições de qualquer despota.

Com o rapido exame d'um mappa, a Natureza nos indica as vantagens d'essa alliança com a Hespanha.

As truanescas manifestações do *Primeiro de Dezembro* invariavelmente ajoujadas a uma oratoria desenxabida e bolorenta, cinzelada a largos traços pelo escopro da Rotina, mirabolante de imagens sedições colhidas nos marneis paludosos d'um sentimentalismo piegas em materia de patriotismo—acirrando odios contra quem respeita a nossa autonomia, acata os nossos direitos e liberdades, e partilha, com igual dedicação, o nectar das nossas alegrias nas grandes consagrações cívicas e o fel das nossas amarguras n'estes tristes dias de decadencia—devem banir-se para sempre em terras, como esta, que merecem co-tação intellectual superior á de Paio Pires.

Os sessenta annos do captivoeiro chocalham con-

stantemente nos cerebros dos gafados patriotas, para despertarem no povo o espirito da sua nacionalidade e a altivez da sua autonomia. Mas esse periodo sumiu-se nas brumas do Passado e pela heroicidade dos quarenta immortaes — o que é muito discutivel — ou por circumstancias occasionaes e propicias á nossa emancipação, ha duzentos e cincoenta annos que somos livres e independentes, entre as demais nações da Europa.

Transmittimos aos nossos filhos esse odio á Hespanha; sobre os bancos das praças, golfamos, em facanhuda oratoria, rancorosas recordações dos Filip-pes, das luctas da Independencia, das agruras do captiveiro, do despotismo de Olivares; e, entretanto, entra-nos John Bull em casa, empalma-nos as mais ricas colonias, impõe-nos esses vergonhosos tratados de 1642, 1661, 1703 (Metwen), 1810, 1842, 1878 e esse celebre tratado de Lourenço Marques, em que os dois actuaes partidos da nossa politica teem graves responsabilidades, um porque o redigiu, outro porque o approvou, embora modificado.

A Hespanha subjugou-nos por 60 annos. A Inglaterra subjuga-nos ha perto de tres seculos, dispondo da nossa Politica e absorvendo lentamente todos os elementos da nossa riqueza e da nossa vitalidade. Com a Hespanha não queremos relações, porque todos os nossos affectos são para a Inglaterra, que nos acorrenta a allianças, onde ha perfidias e traições, e nos socorre, quando lhe convém — com exercitos de

bandidos que devastam e roubam este desgraçado paiz com sofreguidão superior á do inimigo, que nos forçou a pedir soccorro.

A Hespanha festeja e acolhe bizarramente os nossos exploradores. A Inglaterra sorri desdenhosamente, orgulhosa de Stanley, o feroz Attila dos ser-tões africanos. E quando nos vê abatidos, impotentes e pobres, insulta-nos pelas boccas do poltrão Bright, do troca-tintas eleitoral Salisbury e por essa horda de bandalhos, redactores do *Times* e do *Standart*, assalariados para abafarem as asquerosas applicações dos *Telegraph's boys*.

Todavia, quando Sua Alteza o Principe de Galles vem a Lisboa gastam-se centenas de contos com a sua recepção, e quando a *graciosa* Magestade, (que graça!) Mamã do dito Principe, solemnisa o jubileu, os representantes do povo portuguez curvam-se, reverentes, em respeitosos salamaleques, aos *graciosos* pés da *graciosa* Imperatriz das Indias!

E no *Primeiro de Dezembro*, já se vê, grossa pancadaria de gaiteiros e um nunca acabar de foguetes com tres respostas.

O hymno da Restauração desperta antigos rancores e origina odios, que a Hespanha não merece. Mandar tocar esse hymno, aqui, na fronteira, exactamente na occasião em que aquella nação estremece com o insulto que o inglez nos vibrou, não denota, sómente, grosseria, denota ignorancia.

Temos, pois, já outra nota:—a da ignorancia; e como burlesca, grosseira, e ignorante, repetimos:

a manifestação de 14 do corrente foi **aviltante** para Valença,

porque aviltou a bandeira da Patria que, á frente, um homem de cabellos brancos agitava.

Examinemos agora, respeitosamente, este homem.

\*

Descubro-me perante elle.

Tem 74 annos.

É um espirito embalado pelas doiradas crenças da velhice, que se assemelham ás ingenuas convicções da mocidade.

Tem enthusiasmos pueris e cultos idolatrados.

Influe a mais rigida honestidade nos actos da sua vida particular.

É um homem antigo, como diz o povo; e n'esta epocha de decadencia, em que na alma da nação existem, narcotizados pela mais criminosa indifferença e pelo mais repugnante egoismo, todos os sentimentos nobres e todas as crenças sans — este homem continúa caminhando impassivel para o occaso da vida, com os olhos fitos n'um Ideal de Honestidade e de Convicções — especie de mytho, com que, apontando

para o Passado, tentamos hoje inocular no espirito dos nossos filhos o virus preservativo contra a Descrença e contra o Scepticismo.

Este homem conserva ainda, immarcessivel, a pureza de todos os cultos e de todas as tradições que seus Paes lhe legaram.

Crê na infallibilidade do Papa, na moralidade dos partidos, na sinceridade das convicções, na respeitabilidade dos conselheiros, na seriedade d'um *marmanjo* sertanejo qualquer, que, sentado no confessional, descansa, hoje, das fadigas que lhe vergam as pernas, depois das arruaças politicas d'hontem.

Atraz das procissões sente-se feliz e orgulhoso com o seu *habito*, marchando, altivo, ao lado do pantomimeiro, que em troca d'uma tranquiберна eleitoral chegará a ser commendador de Malta, ou Marquez. em dez vidas, de Paysandú, ou Chão das Pipas.

É fanaticamente liberal; quando, n'um dos artigos d'este livro, por inoffensivo trocadilho, lhe chamei *miguelista*, teve explosões de colera e arrancos de indignação.

Chamam-lhe: o *liberal de 34*.

Soffreu com as luctas d'essa epocha e com as seguintes.

Foi perseguido; andou a monte, passou fome e foi preso.

Respeita as instituições vigentes. Não admite manchas na vida politica de D. Pedro IV, o seu legítimo Rei. Desculpa as fragilidades d'esse sebento pol-

trão, D. João VI. Odeia os republicanos e ajudaria a enforcar um iberico.

Por consequencia, na sua alma existe, profundamente enraizado, o amor da Patria; não o amor originado no funcionalismo da barriga, mas o que parte do coração, o que é verdadeiro, intransigente e expotaneo.

Pois este homem foi ignobilmente explorado para o scenario da *manifestação patriotica* e, acorrentado pela Politica, exposto por essas ruas ao mais degradante ridiculo.

Dedilharam as cordas do seu sincero patriotismo; falaram-lhe na Patria offendida; mostraram-lhe a bandeira. Abraçou-se a ella, nervoso, soluçando, humedecendo-a com lagrimas.

Empurraram-no para a rua.

Quando na minha frente passou o grotesco cortejo, eu já não vi o velho respeitavel, nem o homem liberal. Vi um macaco vestido de azul e branco, com a corôa real na cabeça, pinchando e bailando ao som dos hymnos esmoidos pelo realejo da philarmonica africana.

De quando em quando, o realejo cessava de tocar.

Um patriota discursava á turba; outro extendia o prato e pedia a esmola dos *vivas*.

O macaco ria, ou chorava.

— *Viva a Reliquia!* — exclamavam á frente do cortejo.

— *Viva o Relicas!* — berravam os paradas-velhas.

Do liberal de 34 a Política acerdalada fizera aquillo: uma coisa ridicula, comica, irrisoria, tristemente deploravel, porque tinha cabellos brancos. Essa *coisa* já não era a Reliquia dos homens liberaes de 34; era uma *Reliquia* falsificada, de contrabando, como seria o rabo do meu gato, exposto em Santo Estevão á veneração das beatas, como uma trança de cabello de Santa Margarida de Cortona.

Á porta do Sr. Palhares, a cabeça branca d'esse velho recebia picaresca consagração, n'esta phantassiosa e alcoolica imagem:

— *Viva a Rosa de 74 annos, estramplantada para o nosso Jardim!*

E a caterva parada-velha repetia:

*Viva a Rosa Relicas!*

Do homem liberal ficou para Valença a: **Rosa Relicas.**

\*

Este homem, lendo o que escrevo deve considerar-se offendido pela rudeza da ironia.

Oxalá que a caterva dos falsos amigos, que o guindaram para o andor do Ridiculo, o respeitassem

como eu o respeito e venerassem, como eu venero, a sinceridade das suas crenças!

Homem de 34!

Escuta :

A minha idade é muito inferior a metade dos teus annos. Entrei no periodo activo da vida, quando já estavam suffocadas as agitações politicas a que assististe. Não tenho relações intimas contigo, mas respeito-te, porque és dos homens que trabalharam e soffreram para eu gosar as liberdades d'esta epocha. Não tenho a experiencia da vida que tu tens, mas peço-te que attendas ao que te vou dizer, porque conheço, melhor do que tu, os individuos que nos rodeiam, a natureza dos seus sentimentos e a sinceridade das suas crenças. Quando a minha razão principiou a funcionar, já por ahí lavrava, intensa, a immoralidade, e os homens, pela irrefutavel logica dos factos, encarregaram-se de inutilizar no meu espirito as illusões que tu ainda conservas, porque vives um pouco arredado d'elles.

Escuta, pois!

Quem, como tu, soffreu as deploraveis consequencias das nossas dissensões politicas e provou o fel d'essa malfadada epocha, em que dois partidos, irmãos no sangue, se perseguiam com encarniçado odio, a tiro, a faca, a cacete e a machado,—quem, como tu, avaliou os dolorosos transes e as indescritiveis an-



gustias que infernaram a alma das famílias e dilaceraram os affectos d'uma povoação, constantemente sobresaltada com a incerteza nas vidas e com a noticia das mortes, — quem conheceu os horrores da fome, as tristezas do exilio, os negrumes do futuro, — quem viu o corpo d'um portuguez baloiçar-se, sinistramente, na forca infamante, e viu as costas d'um homem esfarrapadas pela chibata do corneta, — quem teve amigos que foram assassinados a machado em Extremoz, arrastados, semi-vivos, pelas ruas do Porto, espingardeados nas linhas e no reducto dos Mortos, garrotados em Lisboa, fusilados em Vizeu, — quem viu cabeças, gottejando sangue, espetadas em mastros e ouviu falar das ferocidades do Telles-Jordão e do seu *menino*, bestiaes cerberos de S. Julião, — quem escutou por todo esse paiz o choro afflictivo das viúvas, o soluçar das creanças e o estertor dos moribundos entre as ruínas da Patria, ennegrecidas pela fumarada do incendio e avermelhadas pelo sangue fratricida,

homem de 34!

quem viu e ouviu tudo isso, nunca deve contribuir com a sua presença e com o seu applauso para acirrar o odio dos partidos, ou para estimular em terras pequenas, como Valença, essas divergencias de opiniões que, levadas pela allucinação á infamia das vinganças e ao rancor das represalias, podem prepa-

rar, no futuro, nova serie de horrores, como os que tu viste e como os que tu soffreste.

Esses cabellos brancos nunca se devem prender ao Passado para trazerem á terra em que vives e onde tens os teus affectos de familia, o bacamarte assassino e o facho incendiario, em que se podem transformar esses archotes do teu sequito de paradas-velhas. Devem prender-se ao Passado, mas para de lá arrancarem com o vigor da experiencia: o conselho, o ensinamento, a reflexão, que podem suffocar o ardor das paixões e prevenir os excessos da allucinação.

Tens umas convicções partidarias; acceitas um *credo* politico. Respeito essas convicções e a doutrina d'esse *credo*, porque ao teu partido deve a Patria valiosos serviços na honrosissima cruzada do seu engrandecimento, d'onde emanam a paz e as liberdades que hoje fruimos.

Sustenta as tuas idéas politicas, mas descreve, sempre, aos homens de todos os partidos o que foram as luctas e as agitações de 30 a 51.

Tu és honesto, crente, sincero e bom. Não manches a respeitabilidade das tuas cans n'essas abandalhadas orgias, onde vês como principaes heroes, *exigindo musica e borga*, ministros d'uma religião de paz, de tolerancia e amor, afeitos ás esturdias serteanejas e acerdaladas d'uma politica de barriga, de arroz de forno, e de chouriço com ovos.

Talvez que n'essas horas de esturdia algum pobre

velho agonizasse, pedindo, em vão, o amparo de Christo...

Como patriota, modera esses enthusiasmos, que tão violentamente agitam a tua alma.

Crês, acaso, na intensidade d'esta explosão de colera que Lord Salisbury provocou?

Verás como, dentro de dois mezes, não resta uma falla de todo este incendio. Temos á porta novas eleições; o vinho das *borgas* se encarregará de apagar as labaredas.

Crês na efficacia dos meios, até hoje apresentados para a nossa defeza e para a nossa desaffronta?

Será mais um triste couraçado para, em frente de Belem, chorar as nossas passadas grandezas.

Acreditas na persistencia da lucta commercial?

Dentro d'um anno, a chita e a lona virão outra vez de Manchester, porque lá, custa cada peça menos 2 *shillings* e 6 *pence* do que n'outra parte. Em mil peças, essa differença produz cerca de seiscentos mil reis que, a juro de 6 por cento, rendem oito libras annuaes. Ora, essa differença, bom homem, não se póde perder. Esta coisa de patriotismo é bonita, fica bem a todos; inspira discursos, que põem a gente a dançar na corda bamba do enthusiasmo, mas... alli, o meu visinho vende o metro da lona a sete menos cinco, e a que eu tenho custou sete vintens em algures. Nós — eu, tu, os teus amigos e os meus — vamos a quem vende mais barato. Precisamos de economizar, porque está tudo, como sabes, pela hora da Morte.

Pensa bem e reconhecerás que, hoje, a Patria não merece essas lagrimas, com que humedeceste a sua bandeira.

Vês este entusiasmo na subscrição nacional?

Lembras-te do que houve na subscrição do Baquet?

Pois ninguem se lembra das victimas e ninguem conhece a applicação que teve o dinheiro que demos.

Alegra-se a tua alma com este furor contra o inglez?

Tens visto a excitação que se levanta por esse paiz, quando algum *sotaina* arrebatada, do seio da familia para a clausura do Recolhimento, qualquer herdeira endinheirada?

Comicios — representações — protestos — morras ao Jesuita! — abaixo a reacção! — o diabo!

Quinze dias depois, já ninguem fala em tal. A rhetorica entra novamente na gaveta das coisas ricas e asseadas. Depois... Quartel general em Abrantes.

N'esta propaganda anti-ingleza só encontras entusiasmo sincero nas manifestações da mocidade e na indignação dos velhos — duas epochas da vida, que se assemelham, como sabes.

Esses que te envolveram na *manifestação patriótica* gastaram, com a esturdia e com as ultimas eleições, cerca de trezentos mil reis. Vae saber quanto elles dão para o couraçado e para os torpedeiros.

Andaram contigo em charola e adoraram-te, de

joelhos e mãos postas, como uma Reliquia dos homens liberaes.

Ataram os seus enthusiasmos aos teus cabellos brancos e elevaram, aos céos da popularidade, o balão flammejante dos patriotismos. Curvam-se arrebatados, extasiados, sensibilizados, perante as venerandas Reliquias dos homens liberaes; mas — ouve lá — pergunta-lhes se alguma vez se lembraram d'esse pobre velho de cem annos, que desembarcou no Mindello, que teve a *Torre Espada* e que para ahi viveu cego, decrepito e idiotado, com tristes patacos, emquanto que muito...

— Bom homem! Dá cá outro cigarro...

\*

Resumindo, meu velho, aconselho-te a que moderes esses teus enthusiasmos patrioticos, porque excluindo, como disse, as manifestações dos novos que ainda não roçaram as azas pela immoralidade d'estes tempos, todas essas celeumas e gritarias não valem — crê — uma das tuas lagrimas. Isto, emquanto a patriotismo. Ora, ácerca da Politica e dos homens que por cá dirigem os partidos, quando elles te agarrarem nas pernas para o andor da *santochada*, faze-lhes como eu fiz aos paysanducos, que me quizeram matar por causa da carta ao *Restaurador*:

*esguicha-os.*

Olha que, politicamente falando, entre FONSECAS, VICES & ABBADES, ou MORAES, AGOSTINHOS & CUNHAS

venha o diabo e escolha.

\*

Agora, dá-me a bandeira e grita commigo a esses *patriotas*, que te querem levar para as freguezias:

**Abaixo as mascaras!**

Vae socegado para tua casa, e deixa-me com elles, porque lhes quero dizer, ainda, duas coisas, antes que saiam da Coroadá.

---

Já podemos rir, respeitabilissima Commissão *patriotica*:

Arrancadas as mascaras, *vocellencias* ficaram o que realmente são: não patriotas, mas politicos de gaitreiro.

Disse eu, no principio d'este artigo, que a *manifestação*, quer tivesse o character politico, quer o pa-

triotico, aviltára Valença. Demonstrei a asserção relativa á segunda das classificações e vou evidenciar a indignidade da primeira.

Estes *banzés* de musicas, foguetes, vivas, archotadas, cómes-e-bebes, brindes etc., etc., podem fazer effeito entre abbades sertanejos, dos que não sabem verdadeiramente quaes são as leis de equilibrio que obrigam a gente a andar com as mãos no ar, sendo a cabeça mais pesada do que os pés.

Esses regabofes trescalam, sempre, essencias do alho, do carneiro assado, do esturro das batatas, da vinhaça, do vomito — essencias que denunciam o suborno, a pressão, a compra de voto, a immoralidade, a inconsciencia e o servilismo.

Os partidos compõem-se de homens, que nos actos da sua vida social, como nos actos da sua vida particular, acertam e erram.

Por estes e por aquelles accidentes sobem ao poder e sahem d'elle. Uns e outros decretam leis inúteis, uteis e prejudiciaes, porque infallivel dizem que só é o Papa e, ainda assim, ha muita gente que embica com essa infallibilidade.

O partido progressista, como o partido regenerador, tem tradições honrosas e tem manchas; o partido regenerador, como o partido progressista tem no seu seio homens dignos, que honram o paiz.

Quem póde, em momentos de reflexão serena, deixar de prestar homenagem de gratidão e de respeito á memoria d'esse homem, que dedicou toda a

sua existencia ao engrandecimento da Patria e que, apesar de ter palacios em Londres, morreu pobre e legou dividas: — Fontes Pereira de Mello?

Quem póde recusar-se a honrar o nome de Anselmo Braamcamp, o cidadão prestante, o character nobilissimo, a quem o paiz tanto deve?

Os defeitos da Politica portugueza, desde 32: os arranjos, as ambições, o desperdicio dos dinheiros publicos, o desamparo das instituições proveitosas, o abandono da Agricultura, da Industria, das Colonias, são communs, e d'elles teem eguaes responsabilidades todos os partidos.

Esses defeitos vem de cima e vão para cima. Apparecem nas imposições eleitoraes, na recommendação governamental dos candidatos, na necessidade das maiorias etc.; e nascem alli, nas pretensões do Sr. Abbade, que precisa de livrar os mancebos X e Y do recrutamento, nas exigencias do magnate Fulano, que pretende uma estrada para a quinta etc.

De cima vem as imposições; de baixo vão as exigencias. Ora, n'esta permutação de generos, por conta propria, ou á commissão, ganham sempre os de baixo e os de cima; e, sendo assim, claro é que deve haver um terceiro para os prejuizos: — ha o Paiz.

Isto é coisa velha e sabida.

*Vocellencias* terão a ingenuidade de suppôr que haja alguem, n'este anno de Christo, que repute sinceras, emanadas d'uma profunda convicção politica, essas ruidosas manifestações?



Na *fantochada* de 14 o que se evidenciou foi isto: a explosão partidaria de quem estava *por baixo*, a pirraça aos Moraeses, o nectar das abandalhadas vinganças, os mancebos livres do recrutamento, a provocação da *beíça* e outros elementos que a ignorância gera.

Quando *vocellencias* passavam, a gente, — emfim, por delicadeza: Maria vae com as outras — sorria e cortejava; mas cá dentro, no escaninho da nossa razão, onde, á noite, guardamos a gravata e o Senso commum, appareciam logo, nitidas e causticas, estas palavras:

### Que sucia de pataratas!

\*

Quando cahiu o partido regenerador, os progressistas promoveram egual *borga* por essas ruas; quando, ha mezes, se realisaram as eleições, P. Alexandre atordoou os ouvidos da humanidade com bombas de dynamite.

Toda a gente se riu das *gaitadas* especiaes que tiveram os Srs. Agostinho, Dr. Ladislau e outros senhores evidentemente progressistas. No coice da procição, lá iam os nossos paradas-velhas, muito lepidos e repontantes, nariz no ar, chinela rota e fralda de fóra.

Toda a gente se riu dos foguetes do Alexandre

e, até, no cerebro de alguém, fuzilaram, como relâmpagos, vividos clarões de suspeitas exquisitas...

*Vocellencias* apeedinaram o caso, como eu apeedinei, porque, enfim, Valença não é o mesmo que Urgeira, Cerdal ou Gandra (salvo o devido respeito a Montes Claros e ao Patriarcha).

Passam os annos, e quando eu suppunha que na mioleira de *vocellencias* existia algo differente do que se suspeitou no cerebro alexandrino, saltam *vocellencias* para a rua, transformando Valença no Pandemonium de Milton!

Esses espectaculos são frequentes nos grandes centros. Organizam-se os cortejos nos bairros imundos, onde o *real d'agua* obtem maior rendimento; onde o Rosa Araujo gasta seis contos na compra de votos; onde o Sentieiro e o Cagaçal conservam fechada e vigiada, durante os tres dias anteriores á eleição, a turba ignara dos cidadãos (?) votantes.

Quando a onda da escoria se alastra pelas ruas centraes, ninguem que possue senso, deixa de encarar com verdadeira repugnancia a babugem do servilismo e da estupidez.

Quem promoveu e planeou essa arruaça de 14? A Politica *pataqueira* que nas provincias provoca odios de familias, instiga resentimentos, prejudica interesses, origina represalias, prepara transferencias, requer perseguições judiciais — enquanto que

os candidatos protegidos e combatidos riem á mesa do Matta, commentando, em tom faceto, as parvas pretensões dos parvos magnates do circulo.

Foi essa *coisa* amanhada com a Ignorancia e com a Velhacaria que, ha annos, aqui inaugurou o regime das perseguições e das represalias—regime que ao carrejão d'hontem, hoje feito *trunfo*—concede a faculdade de exigir a transferencia d'um Juiz, se tal idea surgir nas torvas especulações da sua gafada orientação politica.

Ha pouco tempo, censuravamos com phrases de verdadeira e justissima indignação, a transferencia d'um funcionario publico, que lucta com difficuldades para sustentar numerosa familia. Lá foi o desgraçado para *cascos de rolhas*.

Existe, ainda, em nosso espirito o nojo que inspirou esse *processo de nullidade* tentado contra a nomeação d'um professor, por uma corporação tão zelosa pela instrucção popular, que conserva fechada **ha cinco mezes** a unica eschola que temos para o sexo feminino!

Tudo isso se classificou como indigno, como torpe, como vil.

Mudam as situações; mudam as cabeças e cá temos as represalias—essas infamissimas represalias—annunciando, pela bocca dos bigorrilhas politiqueros, novas transferencias e novas villanias para *saldo de contas*!

Os homens da actual Politica andam açodados em mysteriosas (?) combinações; escoam-se nas sombras da noite, pelos becos e travessas que conduzem ao centro (!?!); segredam, cochicham, mostram cartas e telegrammas; sorriem, piscam os olhos, ostentando parvoamente á luz do dia as multiplices transformações d'esse implacavel Ridiculo que os envolve, quando a gente se lembra que são os mesmos homens do sr. Serpa e que todos elles, de pernas para o ar, não deitam uma duzia de votos!

Em todo esse afan, em todas essas mysteriosas combinações, em todo esse serzir de esfarrapados planos, imagina V. Ex.<sup>a</sup>, querido leitor, que se tratou alguma vez de melhorar as condições materiaes do concelho, de ampliar as suas instituições, ou reorganizar a sua administração? Nem uma palavra a tal respeito!

Estudam-se, combinam-se, discutem-se *unicamente* os meios de obter as transferencias de Fulanos e de Ciceranos, como medida *inadiavel* e *urgentissima*. Nas horas vagas d'essas nojentas lucubrações, raspam-se as picheis e lavam-se as gamellas para a proxima bambochata eleitoral.

Ah Saltamontes e Grices dos dois partidos! Muito dinheiro podia ganhar quem vos apresentasse no Colyseu!

A Physiologia demonstra a hereditariedade dos defeitos organicos. A Politica d'esta terra é nojenta e a *manifestação* de 14, como producto d'essa Politica, apresentou-se com todos os vicios da origem.

Portanto, concluo, repetindo: essa *manifestação*, como patriotica ou como politica,

foi **aviltante** para Valença.

\*

### **Nota final:**

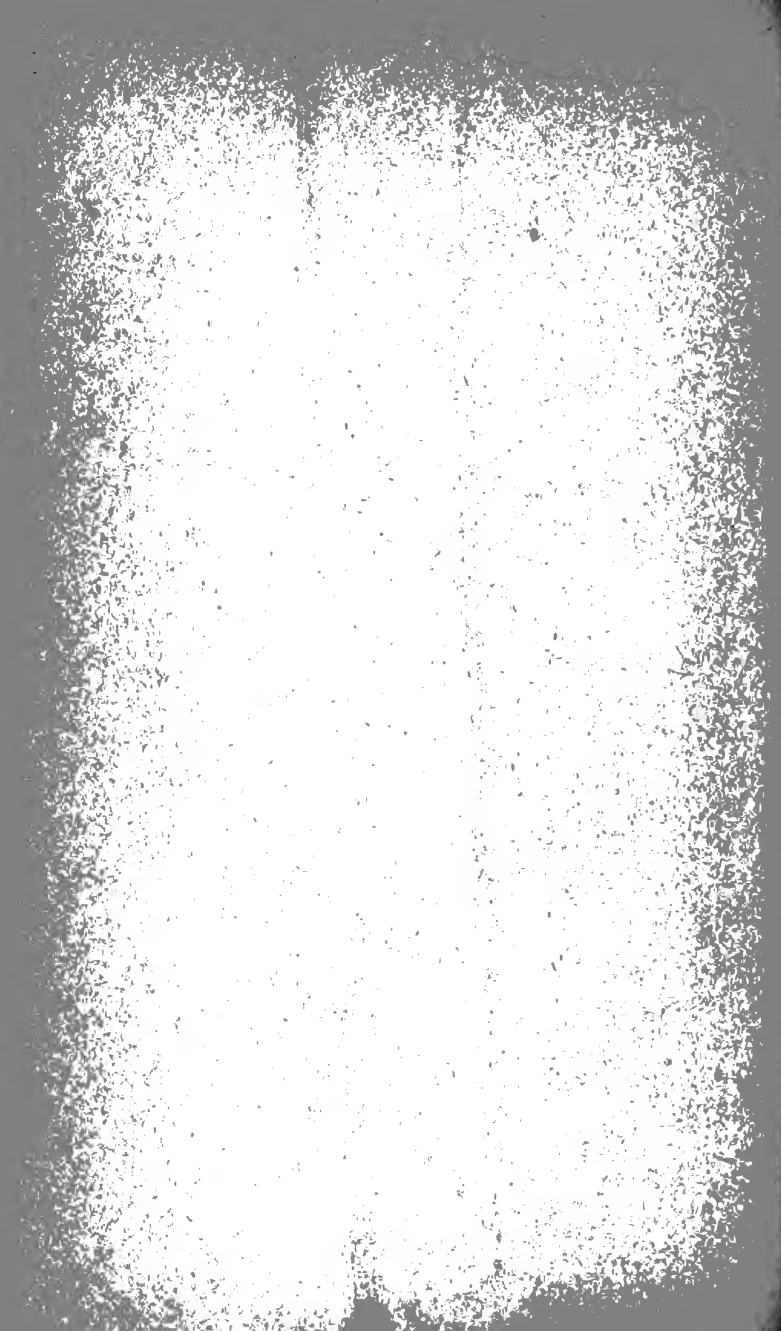
O principal heroe da *rusga* foi um abbade. Chapéo de fadista, casaco de pelles, nariz de furão, ponta de cigarro na orelha—razoavel exemplar d'esse typo muito vulgar pelo Alto Minho:—o *capador de porcos*.

Resolvo rifal-o. Bilhetes a pataco, que desde já estão á venda no *estabelecimento* do compadre Pedro.

Lembro a V. Ex.<sup>a</sup>, querido leitor, que é tempo de semear as ervilhas e convém

afugentar os pardaes.

Valença 20-1-90.



## XVII

### A Sociedade dos Provareis

(FRAGMENTO DA HISTORIA GREGA)

Como actualmente predomina nos espiritos illustrados uma tendencia absoluta para a analyse e para a investigação, parece-me que não serão aqui mal cabidas as seguintes linhas, que esclarecem, com os informes de um historiador classico, o periodo, indubitavelmente mais interessante e curioso, da civilização grega — o seculo de Pericles.

Na Litteratura e nas Artes estuda-se tenazmente o Passado, arrancando-se das trevas da tradição e das brumas da lenda, as producções maravilhosas dos grandes genios e os elementos constitutivos das grandes sociedades.

Recompõe-se a organização social da velha India; analysam-se os factores principaes d'essa assombrosa

civilização hellenica e os do immenso poderio da antiga e soberba Roma; acompanham-se os Carthaginezes e os Phenicios nas suas audaciosas correrias; reproduzem-se as maravilhas da Arte arabe e investigam-se pacientemente as Sciencias, n'esse glorioso periodo dos Omniadas, que tão brilhantes vestígios deixaram da sua dominação na Peninsula iberica.

Assim, tudo o que actualmente pôde representar para o homem illustrado, uma reliquia dos povos e das civilizações antigas—um livro, um pergaminho, um papyro, uma inscripção cuneiforme, um hieroglypho, uma lasca de silex, um fragmento de bronze, o dente d'um mastodonte, o coccyx d'um almoravide, o vomer d'um Ramsés, a tibia d'um khalifa—tem o mesmo valor, n'este culto pela Tradição, n'esta religião do Passado, que para o beaterio pôde ter um ossinho de S. Francisco, um cabellinho da venta de S. Pancracio, ou uma unha das onze mil Virgens, que ainda hoje, nos grandes estabelecimentos commerciaes de reliquias sagradas e preventivas contra be-xigas, massadores e outras coisas más, obtem elevado preço, apesar da enorme edição que se espalhou no mercado:—duzentos mil exemplares!

Nas Academias, nas Sociedades de Geographia, de Anthropologia, de Geologia, de Linguistica, de Numismatica, e congeneres, fundadas em todas as capitães e centros civilizados, já com o auxilio dos governos, já pela iniciativa particular, organiza-se e apresenta-se ao exame do publico uma verdadeira



exposição retrospectiva da actividade e da intelligencia do homem, desde as primeiras manifestações da sua vitalidade no globo terraqueo, até aos nossos dias.

Claro é que Valença não podia ficar indifferente a esta nova orientação dos espiritos cultos; e até, primeiro que n'outras terras, aqui rapidamente se desenvolveu o gosto pelas antiguidades, o culto ás coisas passadas, que o povo, na sua linguagem rude, pittorescamente classifica como: *mania* de cacos velhos.

Ha por ahi muitas collecções e muitos colleccionadores :



Teias de aranha, microbios, tarecos velhos e empregos, collecciona o sr. Sampaio. O sr. Agostinho, partidos politicos e casacophones; chinós, ovos de passarada e instrumentos de vento, o sr. Abel Seixas; o sr. Zagallo, caixas de phosphoros, officios de despedida ao Senado e santinhos; sermões gallegos e patacaria de D. João VI, a Assembleia; o Club, homens pacatos da rua de S. João; commendas e pergaminhos, o sr. Verissimo de Moraes; o sr. Leopoldo, machados de bronze, volumes do *Almocreve das petas* e coisas das edades paleolithica e neolithica; o sr. Palhares collecciona moleques, macaquinhos empalhados e uma raça maldicta de papagaios, que o

diabo inventou, para estoírar a membrana do tympano á desgraçada humanidade.

O Albininho collecciona tudo e é um colleccionador precioso, porque commenta; preparando, assim, inexgotavel thesoiro para as investigações historicas dos posteros.

Conserva cuidadosamente ordenadas por dia, mez, anno e seculo, atadas com fitinha de seda verde, azul, ou branca, conforme o signatario, todas as cartas que tem recebido, desde que traduz lettra redonda. Cada missiva mostra, no verso, uma nota explicativa:

**14 de Outubro de 1876 (e seis)**

Fulano de tal.

Valença do Minho.

(Pede-me *sete e vinte* empréstados. Desculpei-me, porque anda n'um *desarranjo completo e, qualquer dia, rae de brucos.*)

---

**5 de Fevereiro de 1869 (e nove)**

F. ou C. de tal. (1)

(Pede dez tostões — Ficam-me agora a doze e cinco . . . Preciso de me desferrar.)

---

(1) Estes F. ou C. são — já se vê — epicenos.

#### 4 de Maio de 1875 (e cinco)

Officio da Camara, convidando para a procissão de Corpus-Christi.

(Agradei tão *graduada* prova de *consideração official*. Estes, não são como os da missa do Rei. Compareci, vestindo pela trigesima sexta vez a minha casaca n.º 3. Chapeo alto n.º 7, do Roxo — Lisboa — (3\$570 com correio). Sapatos de polimento n.º 4 (5.<sup>a</sup> prateleira, 2.<sup>a</sup> estante, á direita). Gravata do Blanco (12 reales e uma perra chica; setim creme, com pintas de prata). Luvas n.º 207, do Baron.

Offereceram-me um logar graduado, ao lado do sr. Joaquim.

\*

Eu tambem tenho a mania de colleccionador. É uma coisa que não fica mal; é da Moda e até dá um certo tom distincto.

Collecciono alfarrabios, cartas de arrhas, cartapacios, papyros, foraes — toda essa papelada, que por ahi apparece furada pela traça, encarquilhada pelo tempo e com a côr que teriam os rostos d'aquelles esforçados campeões da Guia, quando batiam em retirada, acossados pelo gentio gallego.

Esta mania fez com que, ha mezes, descobrisse uma verdadeira preciosidade, no bazar de antiguidades do sr. Maia.

Imaginem V. Ex.<sup>as</sup> o meu contentamento quando alli encontrei, entre taboadas e cartilhas, rolhas e

torneiras, piões de *faniqueira grande* e ditos para *nicas*—um volume authentico, genuino, verdadeiro, do grande e immortal Plutarcho!

Tremi de commoção e de respeito com tão veneranda reliquia!

Li-o, reli-o e quasi treslia com elle.

Referia-se ao seculo do glorioso Pericles, áquelle aureo periodo da civilização de Athenas e, entre as suas paginas, fui encontrar—gratissima surpresa!—os elementos que, com verdadeiro afan, ha muito tempo procurava, para estabelecer as bases da historia d'essa mysteriosa agremiação a que Pericles presidia, e que tão poderosamente influiu no engrandecimento do povo hellenico:—a *Sociedade dos Proveres*.

Conhecendo o interesse que em Valença teem despertado os estudos, que outros auctores apresentaram, sobre esta curiosa parte da Historia antiga, offereço tambem o meu modesto subsidio, vertendo para a nossa lingua alguns periodos de Plutarcho, visto que por ahi são escassamente conhecidos os caracteres gregos.

Para os menos versados na Historia hellenica acompanharei a traducção com notas explicativas.

Fala Plutarcho:

## Os Provareis

«N'essa epocha (465 A. de C.) era Pericles o chefe do partido popular, que se intitulára o partido regenerador dos costumes, pervertidos durante a supremacia de Cimon Narigangorum e dos aristocratas, chamados progressistas.

Pericles era homem de compleição robusta, largo arcaboço, avantajado de estatura; perspicaz, de razão escorreita, assaz prudente, sobrio de costumes e de variadissima erudição, graças á influencia de Zenão d'Elea, que fôra seu preceptor.

Apesar de não ser archonte, ou stratego <sup>(1)</sup>, porque apenas tinha as honras de polemarcho, impoz-se rapidamente á consideração do Archontado, ao respeito do Areopago e ás boas graças do Eponymo Lourdes Domina.

A agudeza do seu espirito, o vasto alcance das suas ideas, a subtileza da sua estrategia e a finura da sua diplomacia, alcançaram-lhe logo no começo da sua interferencia no Governo... da cidade, o epitheto

(1) *Stratego* — posto militar, com honras de general. O *Archontado* era um dos poderes do Estado. Tinha nove membros; o terceiro, que commandava o exercito, chamava-se *Polemarcho*, mas, além d'este, havia os polemarchos inferiores, que tinham o posto inferior aos *strategos*.

*Aeropago* era um tribunal civil, que eu aqui compararei — por exemplo — á nossa Excellentissima Camara.

Intitulava-se o *Senado do Areopago*.

*Eponymo* — era o mais graduado dos *archontes* e, portanto, o chefe do partido, digo, do Estado.

de Olympico, ou Oraculus, com que o povo geralmente o nomeava.

Rodeara-se Pericles de homens illustres e poderosos, que a seu talante dirigia, para combater o grupo, ainda predominante na politica, dos partidarios de Cimon Narigangorum e do seu parente Thucydides Attila — grupo que constituia o principal elemento do partido dos eupatridas, ou progressistas, e que, por todos os meios, tentava condemnar ao ostracismo (1) e desluzir, com protervias e calumnias, o valente caudilho dos contrarios.

Apesar do seu engenho e do seu valor, nem sempre lhe foi favoravel a sorte das armas. Nas luctas com esses inimigos, graves desgostos soffreu, que profunda e dolorosamente abalaram o seu espirito e o seu esforçado animo. Ainda hoje a Historia nos menciona a derrota de Deputarium, no ultimo dia da segunda decada do decimo mez, e o desbarate da Camária, no terceiro dia — da primeira decada, do mez undecimo (2), do mesmo anno da olympiada tal — em que as tropas de Pericles abandonaram armas e bagagens, deante do grande Narigangorum II, ex-rei da Administracónia e do seu parente Thucydides Attila, bojudo stratego e chefe dos *registricos*, povo contribuinte dos suburbios de Athenas, que usava das ce-

(1) *Ostracismo* — era a condemnação ao exilio... equivalente ás actuaes transferencias.

(2) Aproximadamente 20 de Outubro e 3 de Novembro, pela nossa divisão do anno.

lebres *camisas de onze vâras* (1) e que, por essa circumstancia, era tratado com toda a *consideração official*, pela gente *graduada*.

Tivera, tambem, de valer-se de toda a sua diplomacia e arte para empalmar o pennacho, (que nos strategos do partido era distinctivo de commando) ao archonte Judex Candidatus, homem de pequena estatura, mas de respeitavel influencia, emquanto Pericles lhe não surripion, por occultos meios, o apoio e a correligionariedade do poderoso Joannus Zabumborum, sabio de reputado merito e de grande consideração popular.

Quando Pericles principiou a exercer a sua direcção politica, libertava-se Athenas, vagarosamente, da inercia em que até alli se conservara, e apurava, pouco a pouco, os seus usos e costumes; mas homens de tão superior talento, como elle, raras pessoas encontravam, na cidade, com quem podessem conviver intimamente.

Escasseava a illustração; o povo não tinha consciencia dos seus direitos politicos. Entre os pryta-mos (2) da cidade e, mesmo, entre os sacerdotes de Zeus suscitavam-se, a miudo, questões violentas; em que do argumento se passava á aggressão, recorrendo-se a todas as armas, incluindo as do *apparelho roedor*.

Dava-se pouca consideração ás auctoridades en-

(1) Estas camisas só eram usadas pelos fanaticos religiosos, porque arrancavam o coiro e . . . o cabello.

(2) *Prytamos* — cidadãos poderosos.

carregadas do Governo da... cidade; censuravam-se as gratificações, que lhes eram arbitradas em occasiões de perigo, como guerras e *epidemias*; reduziam-se *as vias*... do accesso aos grandes strategos; preparava-se, occultamente, a *transferencia*... ao ostracismo para os leaes conselheiros; increpava-se officialmente, escandalosamente, a *admissão* nas dependencias do Governo... da cidade aos adeptos do partido popular, e nem o proprio Pericles escapava á maledicencia da turba porque, surdamente, o povo, e até, a maior parte dos seus adeptos e cortezãos o accusavam de ambicioso, invejando-lhe os redditos, discutindo-lhe a rapidez e legalidade do accesso... á chefia do partido, amesquinhando a sua illustração e refutando a sua competencia na vasta Sciencia da lettra redonda.

Muitos dos homens illustres, que o rodeavam, soffreram as consequencias d'essa contumaz opposição e implacavel vindicta.

Phidias Cambronneia <sup>(1)</sup> Negoptius foi retirado do Governo... da cidade; Anaxagoras Mata Marianus foi deportado.

Abstinha-se, pois, Pericles de apparecer em publico e entretinha escassas relações, já porque a nobreza da sua jerarchia o distanciava dos thetas <sup>(2)</sup> e

(1) Este nome é derivado d'um verbo: *cambronnear*, que teye uma leve referencia em Waterloo. Vem do sanskrito e conjuga-se: eu cambronneio, tu cambronneias, etc. Indica uma função organica.

(2) Os *thetas* constituíam a classe mais inferior dos cidadãos athe-nienses.



da plebe, já porque o intimo conhecimento do seu merito e da sua importancia lhe aquilatavam de mesquinhos e ridiculos os demais proceres do Estado.

Foi perante esta necessidade de se isolar, e para reforçar os elementos de resistencia aos rudes ataques dos seus inimigos, que elle fundou a Sociedade, que mais tarde o povo denominou: os *Provareis*.

Com esse grupo de fieis adeptos praticava, então, largas horas em passeio, conferenciando demoradamente; e quando o povo folgava nos jogos olympicos, ou pythicos, se acotovellava no Odeon para ouvir as maravilhosas produções de Eschylo e de Sophocles, ou nos jardins publicos para se deliciar com os harmoniosos sons das magadias, cytharas, lyras e flautas, que compunham as orquestras d'aquelles tempos, não era raro o vêr-se ao longe, no *cabeço d'um oiteiro*, o grupo magestoso dos *Provareis*, que solemnes, graves, com movimentos vagarosos e isochronos, rodeavam o grande Pericles, ouvindo-o divagar philosophicamente sobre a miseria das coisas humanas, sobre a levianidade das gentes e sobre a ignorancia da ignorante humanidade!

No tocante a competencia, Pericles Oraculus reunia todos os dotes necessarios a um completo homem de Estado. Provera-o a Natureza de extraordinaria actividade e de genio inventivo para todos os ramos da publica administração.

Era copiosamente versado nas leis de Lycurgo, de Solon, de Pisistrato e de Lippes, tendo particular

predilecção por este ultimo legislador, cujos regulamentos, que a plebe classificava de estupidos, a todo o transe defendia, como indispensaveis á conservação da cidade e dos... seus redditos (1).

Possuia, já, noções muito positivas sobre a futura Sciencia da Economia politica. Considerando a Agricultura como fonte principal da riqueza d'um paiz, tomara a si o desenvolvê-la, dedicando-lhe particular attenção e cuidado.

Por isso, quando com o grupo de fieis partidarios divagava pelos arrabaldes de Athenás, vizitava a miudo os grandes eupatridas (2) e, para obter noções perfectas sobre a producção dos terrenos, influencia atmospherica e outras condições modificadoras, inspeccionava cuidadosamente as colheitas, examinava os fructos e provava... *as aguas*.

O povo, sempre rude e sempre ignorante, d'essas *provas* a que aquelles homens illustres frequentemente se entregavam (mormente nas tardes do verão) para interesse da Patria e da Agricultura que nada é, como se sabe, sem abundantes mananciaes que refresquem o solo e possam alimentar a planta — originou o titulo de *Sociedade dos Provareis*, com que, d'alli em diante, designava o grupo de Pericles e seus adeptos, quando lá ao longe, entre os atalhos das aldeias, via uma serie de pontos negros cami-

(1) Não pude comprehender no texto se aquelle possessivo *seus* se refere á cidade, se a Pericles.

(2) *Eupatridas* — Proprietarios.

nhando vagarosamente, ora para o norte, ora para o sul, como previamente o indicara a provavel condescendencia ou a natural liberalidade dos eupatridas amigos e partidarios.

Pericles era tambem escriptor emerito e actor de talento. A fama das suas produções chega, ainda, até nós.

Todos conhecem' a *Prisão da Santa*, a *Licença Zagallica Muzical* e a *Batalha dos Cooperativos* — comedias de fino enredo, astucioso desenlace e primorosa concepção.

Nas horas de descanso que lhe permittia a faina da administração politica, ensaiava Pericles os seus adeptos *Provareis* que depois, em conjunção propria e solemne, apresentava em publico, dirigindo-os mui circumspectamente por detraz da cortina e colhendo applausos em barda.

A comedia que obteve mais exito foi a *Prisão da Santa*. Fundava-se n'uma antiga lenda mencionada no Rig-Veda, dos hindus. Era o caso da prisão de Brahma, ao entrar n'uma velha fortaleza, contra as disposições do codigo de Manu, e levada depois pelos kshatrias <sup>(1)</sup> ao carcere, onde jaziam os infimos sudras <sup>(2)</sup>.

Este pueril e comico incidente, baseado n'uma simples questão de *bufo*, ou sopro, forneceu a Pericles recursos para ruidosamente explorar a estu-

(1) Kshatrias : — guerreiros da antiga India.

(2) Sudras : — escravos.

pidez das massas e o fanatismo do povo, que estrebuchava com arrancos de colera, quando via o feroz Attila.

Como já n'essa epocha eu trabalhava para reunir materiaes, com que podesse encetar os projectados estudos sobre a Historia da minha Patria, grandes eram os desejos que nutria de poder assistir a alguma das reuniões d'aquelles homens illustres onde, indubitavelmente, com a lucidez de tão poderosos cerebros se deviam discutir os destinos e a Politica da confederação athenico-cerveirensis.

Pude emfim conseguil-o, subornando os dmoes <sup>(1)</sup> do sacerdote Pinus Abbates que, mediante vinte talentos <sup>(2)</sup>, consentiram em me occultar na adega d'uma propriedade, a doze stadios <sup>(3)</sup> ao sul de Athenas onde, como sitio retirado e fresco, de preferencia se reuniam os *Provareis*.

Alli os ouvi; alli tive, a meio passo de distancia, todos esses homens illustres, que tão poderosamente tinham contribuido para o engrandecimento de Athenas e para a sua hegemonia na confederação.

Era uma tarde calmosa; reunidos no escuro subterraneo, os *Provareis* mais uma vez estudaram as *aguas* com abundantes e saboreadas libações. Por largo tempo ouvi um craquejar de maxillas e um glugluar de pharynges, indicios terriveis d'essas assom-

(1) Dmoes : — escravos para o serviço domestico.

(2) Talentos : — moeda grega de valor variavel.

(3) Coisa de tres kilometros...

brozas devastações, que depois inspiravam aos servos e dmoes do Abbates estas dolorosas palavras:

—*É impossivel que nas altas horas da noite, quando a pallida Phebe desce a visitar Endymion, Hades, o deus infernal, não mande a estas paragens uma praga de gafanhotos! Que prejuizo soffreram as nossas colheitas, grande Zeus!*

Concluidas as *provas*, ergueu Pericles a fronte; poz o pennacho de pennas de capão, insignia de polemarcho; afivelou a catana e as esporas; limpou os galões brancos e, trepando a um escabello, annunciou com ar solemne o thema da sua conferencia:

UM PROBLEMA POLITICO DA FUTURA ERA DE CHRISTO,  
SEculo XIX

Amigos e Provareis (1).

É commettimento facil para espirites medianamente esclarecidos a resolução de problemas na Politica contemporanea. Estudando os elementos ethnologicos, a influencia das civilizações estranhas, as as-

(1) Recordo aos meus leitores que este Pericles foi o iniciador, por suggestão, da eschola prudhommica.

pirações collectivas e as relações indestructiveis da Historia nos cyclos que as suas leis estabelecem, podemos fatalmente traçar a orientação a que os povos teem de obedecer.

Abandonarei esse campo já explorado pelo vulgo e pelos espiritos d'uma illustração comesinha. Asphyxia o meu intellecto nos acanhados horisontes do Presente. Anceia o meu espirito pelas luminosas regiões do Futuro, na lidima aspiração d'uma visualidade perscrutadora do destino dos povos e da evolução das sociedades.

Rasgar as trevas do porvir, prever as luctas e as contrariedades, guiar a incauta Humanidade nas tortuosas sendas a que o Destino a condemna, leval-a pela mão á beira dos abysmos para lhe bradar carinhosamente: *não vás além!* — é a missão que a Divindade traçou ao Genio, a isto de superior, de maravilhoso, de prophetico, que me distingue do vulgo, que me aparta da plebe, e que dá á minha individualidade, no meio d'este constante marulhar das paixões e da ignorancia humanas, a providente luz do fanal que, entre escolhos e baixios, guia o amargurado nauta nas cerradas trevas de noite caliginosa.

Transpondo um periodo de dois mil e quatrocentos annos no futuro da Humanidade, eu vou annunciar os perigos amontoados no horisonte dos povos que no seculo XIX d'uma nova era hão de occupar as ignotas regiões, que um grande mar banha e onde os phenicios já estabeleceram dominio e poderio.

Phantasiae, amigos, que viveis commigo n'uma península que, por occulta, o phenicio denominou Spania, e que me ouvis discreteando com os homens politicos d'esse futuro seculo:

*Aconselho a alliança das raças latinas. O horizonte da Europa annuncia borrasca.*

*Ha negrumes para o Norte. Não receeis o teutonico; temei o slavo! Haja outro Metternich para esse inimigo commun.*

*Bismarck é um imbecil. Com a sua germanisação fez-se testamenteiro de Frederico, o Grande. Crispi é um visionario. Salisbury um bebedo. Sagasta uma nulidade. Zé Luciano um comparsa.*

*Na Politica internacional o melhor systema é o de Machiavel. Tenho-me dado bem com elle e não quero outro.*

*Quando, na conferencia de Berlim, me pediram conselho, disse e repeti: vocês reparem no russo!*

*N'essas regiões do Norte a maré sobe e, qualquer dia, rompem-se os diques.*

*Teremos novas invasões. É a lei fatal da Historia: sangue novo para corpo velho.*

*Acautelem-se, porém, com o processo da inoculação; o russo é feroz.*

*Latinos, teutonicos, toca a reunir!*

*Bismarck, deixe essas coisas d'Africa; você tem um certo fio para isto de Politica, mas ainda está um pouco ingenuo. Appareça lá por casa, ás noites, com o seu rapaz, com o Herbert. Jogaremos a bisca de tres e terei occasião de lhes dar umas noções politico-sociaes mais amplas.*

*Emin Pacha cahiu na ratoeira de Stanley. Já quebrou a cabeça com uma tremenda borracheira. É o resultado das más companhias. Soffre as consequencias da indifferença com que ouviu as minhas recommendações.*

*Recebi hoje carta do general Deodoro. Eu tinha vaticinado a transformação politica do Brazil. No organismo monarchico apodreceu mais aquelle membro. Cortem até ao osso para que o mal não avance.*

*Isto por cá, vae mal. D. Carlos escreveu-me. O rapaz anda atrapalhadote. A Mãe telegraphou pedindo-me para lhes ir valer. Não estou para os aturar.*

*Preferiram o Barjona para a missão de Londres. Antes de partir procurou-me e conferenciamos. É dos nossos e deve-se proteger.*

*A caracteristica evidente d'esta assombrosa phase da evolução social. . . . .*  
.....



Subito ruido interrompeu o discurso do grande homem. A porta da adega abriu-se com estrepito. Assustados, os *Provareis* rodearam Pericles, como as avesinhas implumes rodeiam os paes, quando no azul dos céos paira, ou zigzagueia o milhafre.

No limiar apparecera, offegante e rubro, um paysanduco, que pronunciou estas palavras de magico effeito:

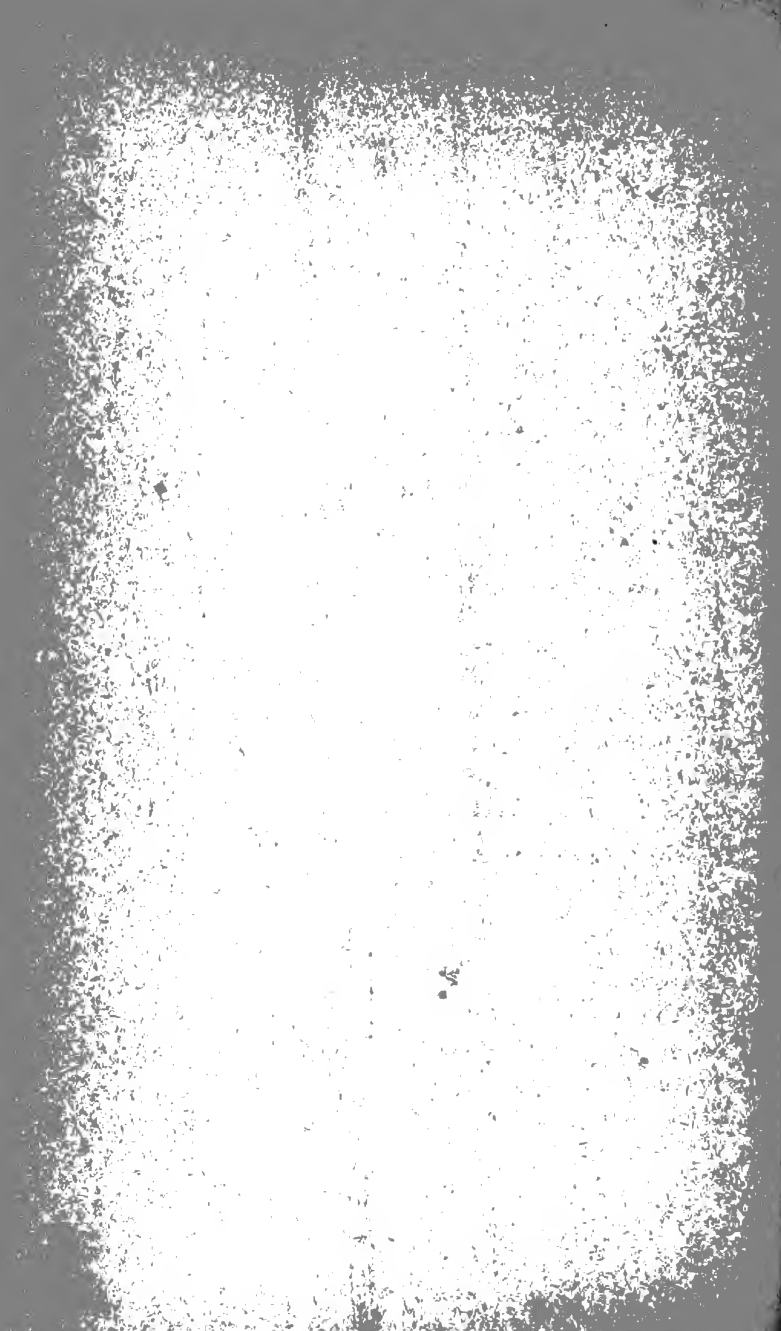
— *Oh filhos! Venho de Tuy. A Noya «matou» hoje, e sempre tem uma «agua», que é mesmo de chupeta! Póde «cortar-se» á faca.*

— **A' Noya! A' Noya!**

exclamaram os *Provareis*; e em desordenada carreira, a grandes pernadas, desapareceram ao longe, furando a linha circular do horisonte.

Que mysteriosa influencia seria a d'aquella Noya?

.....



## XVIII

### Uma recita de curiosos

(FRAGMENTO)

.....

Passou-se ao segundo acto.

O panno subiu, e á luz da ribalta appareceu o Nascimento.

Nascimento — diga-se a verdade — não é precisamente um Brazão.

Tenho assistido, por vezes, aos trabalhos d'este actor. Brazão ri, chora, soluça, tem arrancos de colera, tem na voz a doçura d'uma supplica, a suavidade d'uma prece, a meiguice d'um carinho, o vigor d'uma maldicção, o rugido d'uma ameaça.

A melancholia da saudade, as expansões do amor, as torturas do remorso, as angustias do ciume ressaltam nitidas, vibrantes, envolvendo-nos a alma —

comprimindo-a, dilatando-a — com o fluido subtil de uma verdadeira interpretação artistica.

Por *doze vintens*, eu tenho visto o Nascimento fulgurando na gloriosa constellação — grande Ursa dos nossos céos artisticos — de que fazem parte: Sampaio, Guilherme, Aurelio, Romano, Machado, Ernesto.

Com franqueza: — sem querer irritar a indisposição que no espirito do Nascimento violentamente se denunciou contra o Zinão, sem querer amesquinhar o culto idolatrado que elle nutre pela Arte dramatica, ou apoucar as suas aptidões — direi em homenagem á Verdade: Nascimento é um bar-  
baro!

É um barbaro quando pisa o palco, porque não tem naturalidade, nem expressão, nem relevo.

Apresenta-se em todas as scenas com o mesmo fato amarello, de tecido africano, que o Isidoro lhe empresta; tem para todas as surpresas o mesmo **oh!**; para todas as dores o mesmo: **ai Jesus!**; para todas as saudações o mesmo: **ora viva!**; para todos os cumprimentos o mesmo: **Como-está? Passoubem? Bem muito obrigado.**

Os pés soldam-se-lhe ao pavimento: as peças das articulações unificam-se, como se as membranas synoviacs segregassem chumbo derretido; os musculos tomam a rigidez do aço, permanecendo hirtos, inteiriços, refractarios ao imperio da vontade e á malleabilidade dos sentimentos.

Não tem flexibilidade nos movimentos, nem elasticidade nas formas que as diversas situações exigem, porque uma barreira de frieza e de immobillidade—quicá composto de espessas cellulas philosophicas (?)—se oppõe á intima e immediata transmissão dos phenomenos psychicos aos órgãos e ramificações do systema nervoso.

Predominam em todas as modulações da sua voz aquellas notas seccas, asperas, do: **Carregar!**  
**Alto!**

Denuncia-se em todas as posições a rigidez d'aquella linha d'uma convexidade opisthotonica, que a *Ordenança* militar traça para o **Perfilar!**

E assim, Nascimento, como *Boticario* da *Morgadinha*, como *carcereiro* de 1640, ou como *Mano Gaspar* do *Mano Aniceto*—é sempre o mesmo Nascimento: gordinho, obeso, rechonchudo, espartilhado, vestido de *mabella* africana.

Todavia, estudando as minuciosidades dos seus trabalhos dramaticos, analysando a mechanica dos seus movimentos, comparando a dynamica dos sentimentos que elle tenta exprimir com as manifestações da sua vitalidade no convivio diario e com os actos exteriores da sua existencia social, eu chego á seguinte conclusão que poderá ser considerada como paradoxal: Nascimento, no desempenho dos seus *papeis*, na interpretação d'um character, na reprodução d'um *typo*, consome mais Sentimento do que o Brazão. O seu trabalho psychico é superior ao

d'aquelle artista; na sua alma as situações definem-se, as individualidades esclarecem-se, as faculdades actuam. Nascimento pensa, sente e quer, como *Boticario* de Val d'Amores; mas o que não possui é esse colorido, ou — por assim dizer — essa moldura artistica que dá relevo ás interpretações e vida aos personagens.

E como a sensibilidade affectiva é um requisito indispensavel ao actor, e talvez o mais essencial, porque é ella que o guia nos reconditos escaninhos da alma de Hamlet, Nascimento, que possui essa faculdade em superior grau, tem direito a ser considerado a par de Brazão, dos Rosas, e até, ao lado de Lekain, de Kean, de Rossi, de Irving, de Krons-weg.

Vou demonstrar a existencia d'essa sensibilidade apuradissima no *Boticario* da *Morgadinha*.

---

Nascimento tem um sanctuario: — a sua officina.

Alli passa as noites e os dias, com a blusa de operario, — aplainando madeiras, envernizando quadros, esquadrandos molduras, curando a *telha* dos relogios, deitando *gatos* em terrinas quebradas, endireitando a *espinhela* a leques, brocando pulseiras, parafusando engrenagens, limando metaes, furando boquilhas, cinzelando coronhas, soldando *rabos* de colheres, aguçando pinos, collando cacos, cosendo bo-

tões, deitando *pingos* em panellas, enfiando agulhas, inventando flores exóticas de *couvelórinton*, preparando pilhas, misturando ácidos, bases, metaes, metallóides, oxydos, protoxydos, bioxydos, azotatos, azotitos, chloratos, chloretos, chloritos, etc., etc.

Nas horas de descanso que as suas occupações lhe permittem, sente-se feliz com as multiplices e encyclopedicas applicações da sua actividade e do seu engenho; consome, pacientemente, sessenta e quatro horas com o encaixe d'uma insignificante peça de metal para a sua locomovel microscopica; aplaina e replaina o *empeno* d'uma taboa para a sua mobilia; gasta uma noite, duas noites, trez noites com o estudo analytico da reacção d'um ácido sobre uma base.

Com a applicação d'uma lei chimica, no desenvolvimento d'uma formula mechanica, na adaptação d'uma propriedade physica, Nascimento concentra todo o seu ser, toda a sua actividade mental, abandonando as distracções, os prazeres, e esquecendo-se até, das horas das refeições.

No seu cerebro amontoam-se os projectos, chocam-se as theorias, amalgamam-se as applicações.

Tem o arrojo de Lesseps, a tenacidade de Edison, a phantasia de Eiffel.

A sua alma, o seu corpo, os seus órgãos, os seus musculos, estão alli:—no torno, na serra, no serrrote, no brocador, no pichel da colla, no arame dos *gatos*.

O seu engenho tem o quer que seja de epileptico: ataca trinta empresas ao mesmo tempo: mobilias, machinas photographicas, installações electricas, bobinas, telegraphos, telephones, phonographos, campainhas de alarme, etc., etc.

Vencidas as difficuldades, contornadas, cortadas e limadas as peças, nova explosão de inadiaveis projectos interrompe a conclusão dos antecedentes; e assim, Nascimento, fazendo tudo, nada faz, porque a epilepsia do engenho dá ás suas obras a incommensurabilidade do Infinito: todas tiveram principio e nenhuma tem fim.

Como se pode explicar, pois, que, annunciada uma recita de *Santo Antonio*, ou da *Morgadinha*, este homem abandone immediatamente o seu *meio*, o seu sanctuario e enthusiasmicamente se venha offerecer para desempenhar o *papel* de *Mano Gaspar*, ou de *Boticario*?

Pela extrema sensibilidade das suas faculdades affectivas.

Nascimento lê o drama, a comedia, ou a *scena comica*; a sua alma vibrou, agitou-se com o character d'este ou d'aquelle personagem; identificou-se com os sentimentos do *galan*, ou do *comico*; e, possuido de irresistivel enthusiasmo, abandona a officina, troca o *alicate* ou o *saca-trapos* pelo caderno almaço e lá vae para as muralhas metter na cabeça, em giros constantes—para traz, para deante—os periodos do *papel*.



Este enthusiasmo, em qualquer de nós—no Albino, por exemplo, que já representou de mulher, nos paysanducos, eximios na Comedia—seria uma coisa vulgar, insignificante; mas no Nascimento que nós conhecemos e que eu examinei na officina, revela uma enorme tensão de faculdades affectivas.

Os trabalhos do Brazão são correctos e são artisticos; mas este actor adquiriu já a *physiologia* dos sentimentos; os seus musculos contraem-se, por assim dizer, inconscientemente, independentes do imperio da vontade, como nas acções reflexas. Mostra no rosto a agitação d'um mar de paixões, quando na alma tem a tranquillidade d'um lago.

Alem d'isso, Brazão tem o scenario de D. Maria; tem o Keil, a luva do Baron; o talhe elegante, o perfil distincto, a perna flexivel, o bigode loiro, o monoculo—todas essas pequenas coisas que emmol-duram e aristocratizam o actor.

Nascimento tem o desbotado scenario do nosso theatro, ainda saturado de irritantes aromas dos *meios com cebolada* que, ha annos, o meu amigo S. Lima arremessava ás fauces de toda a tribu *pica-calcantes*; tem a roupa de *mabella*; a rigidez linear da *Ordenança* conturbando a flexibilidade dos movimentos; a *reacção dos acidos* paralyndo a acção dos nervos centrifugos; o *ordinario marche!* pruindo compassadamente na sola dos pés e na barriga das pernas...

\*

Examinado pelo prisma da Arte, Nascimento actor é—repito—um barbaro. Mas analysado pelo prisma do Sentimento revela-nos uma organização especialissima, que seria a gloria de nossos palcos e da nossa terra, se um defeito organico a não prejudicasse.

Nascimento ouve uma valsa de Metra, uma symphonia de Berlioz; ouve Rubinstein e Sarasate, a Patti e a Nilsson. Permanece mudo, quedo, insensivel.

Tem nas mãos uma flôr mimosa: uma *Captain Christi* ou *Bertha Mackart*; uma *Alba imbricata* ou *Countess of Derby*; a violeta, o lirio, a sensitiva. Os dedos afastam-se e a bella flôr cae abandonada, cerrando as petalas...

—*Não gosto de muzica; não gosto de flores*—diz o Nascimento.

Poderemos acreditar na sinceridade d'estas palavras pronunciadas pelo homem, em quem os insidiosos gracejos do *Mano Aniceto* exercem tal influencia e inspiram tal enthusiasmo que, arrancando-o da sua Thebaida, da sua officina, o expõem, vestido de amarello, á extatica contemplação dos *loiceiros*?

Não! Nascimento é accessivel á vibratilidade das commoções; os seus nervos sensitivos communicam ás cellulas cerebraes toda a intensidade dos enthusiasmos, mas o tal defeito organico—um enfraque-

cimento dos nervos centrifugos—oppõe-se á transmissão da força necessaria para a mechanica muscular e para a movimentação das situações dramaticas.

\*

Terminou o segundo acto. Tenho de estudar os outros *curiosos* da Companhia; mas ao despedir-me de ti, Nascimento, permite um conselho: abandona o theatro. Trata d'esse enfraquecimento do tecido nervoso.

Com seis mezes de cuidadoso regimen, pôde ser que um dia, na apothecose das nossas glorias theatraes, como já annuncio:

Sampaio—o Jeremias da Balagota...

possa tambem dizer:

Nascimento—o Irving valenciano...

.....

### NOTA

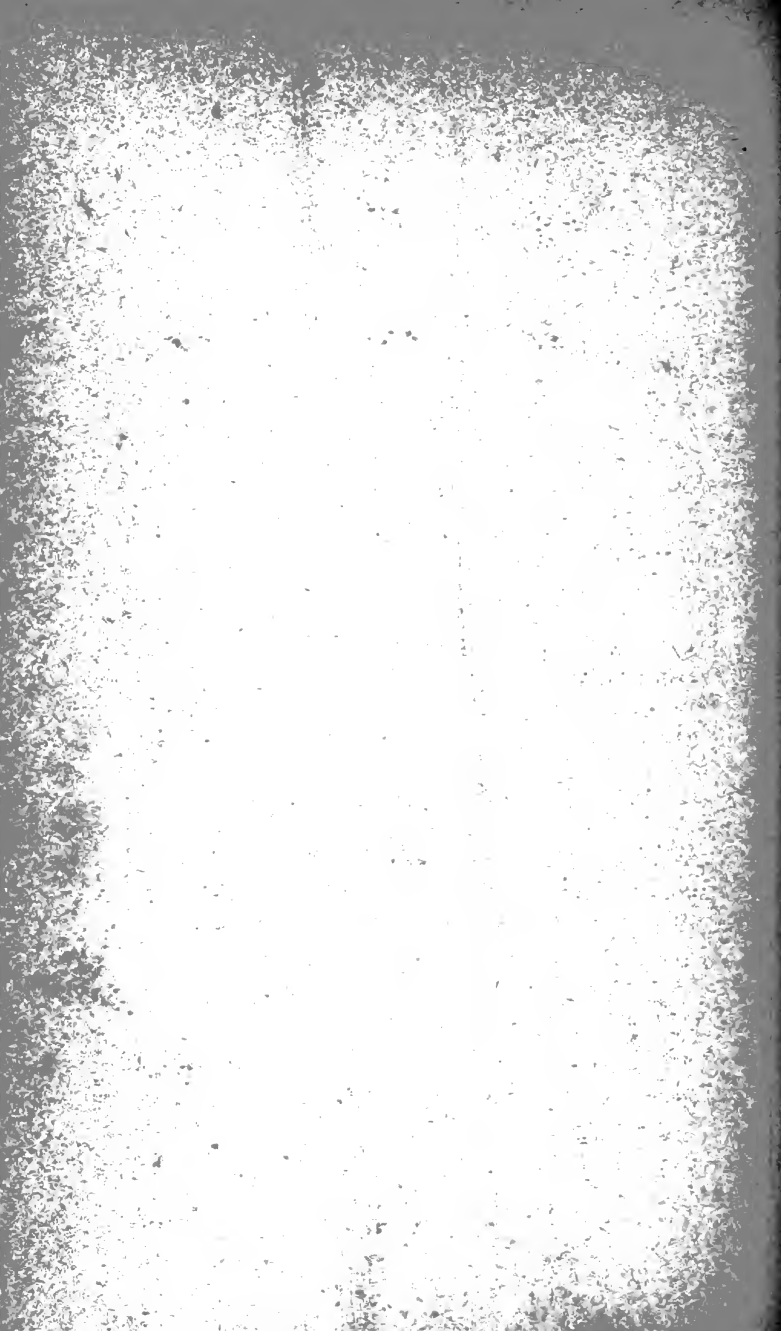
Nascimento amigo:

Este artigo já estava escripto, quando soube das tuas manifestações *anti-zinoicas*. Tem paciencia.

*Quod scripsi, scripsi*. Não vale zangar, porque o *sinapismo* que te offereço é proprio para senhoras; nem queima, nem faz bolha.

Teu constante admirador

Zinão.



## XIX

### Transferencias

(1886-1890)

**CODIGO PENAL, artigo 432.º «Roubo:—subtracção de coisa alheia...»**

**CODIGO CIVIL, artigo 2167.º: «direito de propriedade:—faculdade que o homem tem de applicar á conservação da sua existencia e ao melhoramento da sua condição tudo quanto para esse fim legitimamente adquiriu e de que, portanto, pôde dispor livremente.»**

A lei garante-nos a propriedade dos bens que herdamos, dos bens que adquirimos, dos trabalhos litterarios que produzimos, dos inventos que lançamos aos mercados, das concessões que obtivemos.

O que é hoje um curso, uma formatura?

Uma propriedade que se adquiriu em troca de valioso capital; que se grangeia, que se cultiva, que se aperfeiçoa, para que ella nos forneça os recursos necessarios ás despezas da vida.

Quando a razão principia a funcionar, levam-nos ás regiões da Sciencia, e dizem-nos: ahi tendes esses hectares de terreno; estão asperos, incultos, bravios; ha por ahi cardos, abrolhos, silvados. Trabalhae, limpae, nivelae, lavrae, semeae e colhei. Ahi ficam dois contos para despezas de grangeio.

No fim de dez ou doze annos temos o terreno apto para a cultura. Exgottamos uma boa parte do vigor da mocidade. O cerebro-arado não abriu sulcos só na terra; abriu-os tambem na fronte do trabalhador.

Com os fructos da primeira colheita obtemos uma collocação em qualquer das instituições do Estado; chamam-nos: Delegado, Conservador, Official do Exercito, Medico municipal, Professor, etc., etc.

Se no meio da improba tarefa o desanimo nos assalta, se a força de contrariedades imprevistas inutiliza os nossos esforços, e não podemos cultivar até ao fim todo o terreno que nos limitaram, contentamo-nos com uma pequena leira, esperando que mais tarde, pela persistencia no trabalho, a poderemos augmentar e desenvolver. Ficamos, então, aspirantes da Alfandega, escripturarios da Fazenda, amanuenses das Camaras, etc.

O Estado dá-nos umas tantas libras por mez e exige-nos: honestidade, seis horas de trabalho diario, *direitos de mercê*, habilitações litterarias. É um simples contracto commutativo, com todas as garantias de segurança, porque uma das *partes* é o Governo, fiscal da Lei.

No decorrer da vida, circumstancias de natureza varia, sympathias pessoas, assimilação de doutrinas, identidade de aspirações, enfeudam-nos a um Ideal, filiam-nos em um partido, aproximam-nos de um homem.

Temos a Carta constitucional, a epopéa dos *sete mil e quinhentos*, os Codigos eleitoraes,—respiramos n'uma atmospheria serena de tolerancia; é legal e correcto o nosso proceder na vida publica e nada temos, portanto, que recear com a manifestação liberrima das nossas opiniões politicas.

Succede, porém, que um marau qualquer, sufficientemente villão para rojar sem escrupulo, pela lama do servilismo, a sua dignidade de cidadão e para estender a consciencia, como um capacho de crina, nas soleiras das alfurjas onde pernoitam os politiqueiros,—por estes e por aquelles motivos embica com as nossas opiniões, incommoda-se com a nossa influencia e resolve em conciliabulo secreto da velhacaria com o rancor—promover a nossa transferencia para os Algarves, ou para as ilhas de Bijagóz.

Assobia á matilha dos rafeiros eleitoraes, promette um osso aos abbades, mostra uma codea aos fraldiqueiros e apresenta-se, com a cainçalha atrelada, ao deputado do circulo.

Ao espirito dos deputados—homens geralmente illustrados—repugna sempre a cumplicidade em taes infamias; mas perante a dentuça afilada dos rafeiros

que ameaçam esfarrapar-lhe a candidatura nas próximas eleições, a dignidade hesita, vacilla e cede por fim.

D'alli a oito dias, o *Diario do Governo* annuncia a nossa transferencia para o regimento n.º tantos, para a Comarca tal dos Algarves, ou para a repartição de Fazenda X da Beira.

\*

Sou casado, tenho tres filhos e sustento uma irman viuva. A transferencia obriga-me á venda da mobilia, das loiças, dos *tarecos*; e a urgencia d'essa venda deprecia consideravelmente o valor dos objectos.

Primeiro prejuizo.

As condições economicas de minha existencia são perturbadas pelos encargos d'um emprestimo de duzentos mil reis, que tenho de contrahir para as despesas da viagem, da nova installação, e que um nababo qualquer me empresta ao juro de seis por cento, depois de eu satisfazer umas pueris formalidades, umas cerimoniaes ninharias que a praxe recommenda — como são as assignaturas de dois bons fiadores e respectivas consortes, e a escriptura de hypotheca sobre boas propriedades, livres e alodiaes.

Cumprido isto, recebo o dinheiro, e com elle, um



titulo de eterno feudo e dependencia moral, tanto para mim como para meu filhos, ainda que, decorridos seis mezes depois de registada a *transacção*, eu me desfaça do credor, devolvendo capital e juros com muitos apertos de mão e phrases de eterno reconhecimento (1).

Parto para a minha nova collocação; despezas de caminho de ferro, transporte de bahus, carros, carroças, nova aquisição de moveis, de *tarecos*, etc., etc.; os duzentos mil reis desapparecem.

Voltemos á lei:

**CODIGO PENAL, artigo 421.º: «Aquelle que commetter o crime de furto, subtrahindo fraudulentamente uma coisa que lhe não pertença, será condemnado:**

- 1.º A prisão até seis mezes e multa até um mez, se o valor da coisa furtada não exceder a 10\$000 reis.**
- 2.º A prisão até um anno e multa até dois mezes, se exceder a esta quantia, e não fôr superior a 40\$000 reis.**

(1) Segundo as theorias recentemente apresentadas por philantropicos e honradissimos Cresus, o dever dinheiro é *coisa* pouco escorreita de dignidade. A honradez não gasta da mesma tinta com que se acceita uma lettra. Um titulo de divida — documento d'uma transacção — é assim como a *marca a fogo* que nas ancas do potro indica o nome do creador. O potro vende-se, recebe-se o dinheiro, mas o creador quando o encontra diz sempre: *aquelle é dos meus*.

**3.º A prisão correccional até dois annos e multa até seis mezes, se exceder a 40\$000, e não fôr superior a 100\$000 reis.**

**4.º A prisão maior cellular de dois a oito annos, ou, em alternativa, a degredo temporario com multa até um anno, em ambos os casos, se exceder a 100\$000 reis.**

Associemos as idéas.

V. Ex.<sup>a</sup> tem aquella quinta em algures. Uma noite, penetram n'ella tres ratoneiros, arrombam o espigueiro e levam cinco alqueires de milho. Os cães ladram, um creado grita, o regedor acode, os ratoneiros fogem, os *cabos* encontram-nos e a Borralho abre e fecha a cadeia.

— *Como foi? como não foi?*

— *Senhor! Tinhamos fome...*

— *São uns desgraçados.* — diz o advogado de defeza.

— *É preciso garantir o direito de propriedade,*  
— exclama o sr. Dr. Delegado.

— *Trinta dias de cadeia* — conclue o sr. Dr. Juiz.

---

D'essa mesma quinta, vendeu V. Ex.<sup>a</sup> para Monsão vinte pipas de vinho a quatro moedas. Vae receber o seu dinheiro—oitenta moedas—e regressa a Valença, á noite.

Ao passar na *Tomada de Barros*, um homem com chapeo largo põe-se á frente dos cavallos e, de bacarmarte em punho, diz ao cocheiro: *Faça alto!*

Outro *barbaças* enfia pelo buraco da portinhola o cano d'um revolver e diz: *Venha p'ra cá o bago!*

Apparecem mais tres vultos embuçados e V. Ex.<sup>a</sup> ouve aquelle *crac* secco e sinistro de tres bacarmartes que se armam.

V. Ex.<sup>a</sup> puxa do *Bull-dog*, ou *Abbadie*; o cocheiro aponta um revolver enferrujado, ouve-se uma detonação, depois outra; um grito, um rugido, uma praga. V. Ex.<sup>a</sup> salta do carro, desfecha outra vez, avança, recua, tropeça no corpo d'um *barbaças* que escabuja, perde o equilibrio e cae.

Quando tenta levantar-se, jogam-lhe uma paulada valente, que lhe fractura o craneo.

Não sabe do mais que se passou. D'alli a quinze dias principia V. Ex.<sup>a</sup> a coordenar umas ideas vagas que em rapidos momentos lucidos surgem no seu cerebro. Sente-se excessivamente fraco; reconhece que está na cama; leva com difficuldade as mãos á cabeça, apalpa, e encontra um turbante de pannos humidos e ensanguentados.

Balbucia uma pergunta. Recommendam-lhe silencio, que não faça esforços de memoria.

— *Muito socego e muito juizo*, diz o Esculapio.

Tres dias depois, o cerebro associa as idéas.

— *Como foi isto?* — pergunta V. Ex.<sup>a</sup> á esposa.

— *Foi d'esta e d'aquella forma.*

- *E os homens?*
- *Um morreu; tres estão presos.*
- *E o dinheiro?*
- *Roubaram-t'o com o relógio.*

### Epilogo

*Está ou não provado? etc., etc.*

### dez annos de degredo.

---

Ao ratoneiro que, talvez para matar a fome, levou cinco alqueires de milho, deu a lei—trinta dias de cadeia. Ao *barbaças* que arriscando a vida, de peito descoberto, roubou o relógio e as oitenta moedas, disse o Código penal: dez annos de degredo.

Ora, o milho e o dinheiro pertenciam a V. Ex.<sup>a</sup> por indiscutivel direito de propriedade. A falta do primeiro originou um desequilibrio insignificante nas suas finanças, que foram gravemente perturbadas pela subtracção do segundo. V. Ex.<sup>a</sup> teve de limitar as suas despezas diarias e não poudo, n'aquelle anno, mandar seu filho para Coimbra, ou para o Collegio militar, porque faltaram os meios e não quiz contrahir emprestimos.

A lei, garantindo a propriedade do cidadão puniu severamente os individuos que prejudicaram V. Ex.<sup>a</sup>

*Neminem laede*—era a formula de Kant na sua theoria sobre a Philosophia do Direito.

Lesaram V. Ex.<sup>a</sup> e a lei puniu.

\*

Comparemos os factos:

As vinte moedas representam o rendimento da quinta *tal*, em algures, que a V. Ex.<sup>a</sup> pertence por um titulo de aquisição ou posse, legalmente reconhecido.

Os duzentos mil reis que V. Ex.<sup>a</sup> gasta com as despesas da sua transferencia e os juros ou encargos de doze mil reis annuaes, serão retirados do rendimento da propriedade que V. Ex.<sup>a</sup> comprou ao Estado com os dois contos da formatura, ou com os *direitos de mercê* e com o seu trabalho diario—compra de que possui o devido titulo que é um diploma, a *patente*, etc.

Associadas as idéas, comparados os factos, consideremos agora o *barbaças* e o marau *transferidor*.

Que differença pôde haver entre o primeiro, que na *Tomada de Barros* reclamou, de bacamarte em punho, as vinte moedas, e o segundo que, desfechando o bacamarte da *transferencia*, a V. Ex.<sup>a</sup> origina um prejuizo de duzentos mil reis?

De qualquer d'esses factos não resultou o mesmo desequilibrio nos elementos economicos da sua existencia?

Não significam elles o mesmo attentado contra direitos legalmente reconhecidos?

Não houve n'elles a mesma responsabilidade, a mesma *premeditação*, a mesma consciencia da illegalidade?

Eu de mim annuncio que só reconheço uma differença entre o João Brandão, o Papa-Assucar ou Zé do Telhado e *quem quer que* fosse que promoveu a transferencia do sr. Camisão, e *quem quer que* seja que promove as transferencias que, á puridade, por ahi se annunciam.

Essa differença é a seguinte:

João Brandão, Zé do Telhado e Papa-Assucar, na classe dos ladrões são ladrões honrados e dignos. Apresentam-se na estrada, de peito descoberto, fronte erguida, expondo a vida e arriscando a liberdade.

Os *transferidores* de cá são ladrões acanalhados, ratoneiros de feira, fadistas de café de *lépes*, traiçoeiros, covardes que se disfarçam com grandes capotes e se cozem ás paredes nas sombras da noite para, em qualquer encruzilhada, combinarem os meios de, impunemente, anavalharem o funcionario publico.

Se eu souber que no pinhal de Ganfey se acoita uma malta de larapios, e se tiver necessidade de lá passar á noite, a prudencia aconselha-me a levar

um bom cacete, para quebrar o braço a um e pôr em fuga os outros.

Ora, dos *transferidores* é que eu não me posso livrar tão facilmente. Só saem quando os lampeões se apagam; só transitam por viellas, mysteriosos, impalpaveis, sumidos. Se, por acaso, d'algum suspeito e lhe arranco o capote para conhecer as feições, encontro uma cara conhecida que ainda ha trez horas me saudava e me sorria.

D'aqui a tres dias, silva a navalha nos ares.

\*

No periodo de 1886 a 1890 instituiu-se n'esta villa o regime das *transferencias* que legaliza essas infamias, estabelecendo nos differentes partidos politicos a necessidade das represalias summarias, como as disposições do codigo de Lynch.

*É preciso fazer sangue, para que os campos se definam*—disse-me, ha annos, um Machiavel indigena. Apertei o casaco e segurei o relógio. É que na estrada da Velhacaria, a Politica da minha terra avizinha-se já do pinhal da Azambuja em que hoje vivemos.

Para esta classe de scelerados—os *transferidores*—o Direito romano, as Ordenações e os Codigos nada estabelecem. Mas o Direito positivo funda-se no Direito natural e este tira os seus principios da

consciencia humana, em face das leis da Razão e da Moral.

O legislador dá sempre ao magistrado a faculdade de ampliar, segundo os dictames da consciencia, ou de alterar, segundo os usos da terra, as disposições que estabeleceu para a repressão do facto criminoso e para a defeza de direitos adquiridos.

Em nossa consciencia, pela illegalidade das causas e pela importancia dos effeitos, o caso das *quarenta moedas* e o dos *duzentos mil reis* tem a mesma classificação: um roubo.

Quem rouba é ladrão; e para nivelar a condição criminosa e as responsabilidades do *barbaças* e do *marau transferidor*, egualmente perigosos na sociedade em que vivemos, apresento o seguinte additamento ao Codigo penal:

Artigo tantos:

**Todo o homem de bem tem a liberdade de correr a pontapé pelas ruas de Valença, o servandija que, directa ou indirectamente, influa em qualquer transferencia.**

§ unico:

**Fica revogada toda a legislação em contrario.**

10-2-90.

*Zinão.*



## XX

### A questão inglesa

(NOTAS SOLTAS)

Alem-mar scintilla na escuridão a iris do abutre.

O leopardo rugiu, saltou, e cravou as garras ensanguentadas no velho Portugal.

Este enorme gigante que teve no encephalo, como cellulas, os craneos de Camões, de Gama e de Cabral; que teve por apophyses as columnas de Hercules, os rochedos do Bojador, do Boa-Esperança, do Razalgate e do Comorim; por articulações Angola, Moçambique, Mascate, Ormuz, Diu, Calicut, Malacca; por veias os filões preciosos de Sofala, de Minas e Cyaté, do Pegu e de Narsinga; por arterias o Tejo e o Zaire, o Quanza e o Limpopo, o Zambeze e o Mandovi, o Ganges e o Amazonas; por cabellos os cedros seculares do Novo Mundo; por musculos os

braços de mil heroes; por thorax a amplidão de todos os céos; por limite visual a linha de todos os horizontes; por fronteira o circulo de todos os quadrantes; por dominio a vastidão de todos os mares; por fanal a luz de todas as constellações — esse colosso que teve por servos o Çamorim e os rajahs da India, por thesoiro os abysmos aquaticos de Borneo e de Ceylão; por sonhos os mythos do Preste-Joham; por pesadelos as tragedias de Alcacer-Kibir e de Tanger; e que pela rigidez do seu braço, pela heroicidade do seu valor, conseguiu a crystallização de todas as chimeras e a realidade de todas as phantasias — eil-o ahi, prostrado, corroido pelo fanatismo religioso que ha quatro seculos lhe ulcerou os membros, enfraquecido pelos caprichos de monarchas perdularios, aviltado pela phthiriase de cortezãos servis, cancerado pela ambição insaciavel dos aulicos traiçoeiros, decrepito, pobre, agonisante... mas não morto!

Não! Não está morta a Patria! Ha n'ella quatro milhões de cellulas; e se muitas são inertes ou inuteis, covardes ou egoistas, existe nas restantes força viva sufficiente para transmittir á musculatura do heroe decrepito a energia das grandes crises e o ar-rojo dos antigos feitos.

\*

N'essa cloaca — a côrte ingleza — escoante de todas as sargetas, deposito de todas as fezes, sumidoiro

de todas as immundicies que podem existir na alma humana, as ambições e a perfidia actuaram como acidos d'uma pilha sobre o metal — oiro — dos nossos terrenos da Mashona.

Como reophoro transmissor d'essa electricidade cupida, partiu de Londres — polo negativo — o *ultimatum* de Salisbury e tocou no coração da Patria.

Immediatamente, outra electricidade se desenvolveu com os elementos positivos da Justiça e do Direito n'essa enorme pilha — a alma portugueza — que já actuou em todo o Universo com a intensidade das mais arrojadas emprezas e com a força dos mais generosos heroismos.

E então, ao contacto d'esse novo fluido, de que n'um bello impulso de ardente entusiasmo a Academia foi conductor, todos os membros do decrepito colosso se agitaram convulsivamente. Ergueu-se o heroe, d'um arranco, e magestoso de altivez, fremente de indignação — d'ahi, do promontorio de Sagres, d'onde avassallára o Mundo, arremessou para lá da Mancha o escarro do desprezo, unico desforço que a dignidade permite ás affrontas d'um villão.

Cartel de desafio não se manda a representantes de *lords*. Bright era *quaker*; Crawford, provavelmente, é castrado; condições diversas, mas eguaes na intenção — livrar decentemente as regiões trazeiras da bota d'um portuguez.

\*

A excitação da colera e a allucinação do perigo teem por vezes prejudicado a imponencia da nossa attitude perante essa malta de esbodegados borra-chões, paus-de-virar tripas encasacados, feitos de esperma de lupanar e de muco leucorrheico, que constituem na sua abjecta individualidade de *lords* a canalha servil da côrte ingleza.

*Morra a Inglaterra!* bradamos.

Não! Não se levantam gritos de exterminio contra uma nação inteira. Entre quarenta milhões de habitantes ha, tambem, opprimidos e oppresores.

A podridão e a villania condensam-se nas altas espheras do *high-life*, nos palacios da City, nos corredores de Windsor Castle, no *royal box* de Covent Garden, no Pelican Club, no Devonshire Club, no Turf-Club, onde impera, infrene, El-Rei Deboche.

Cá em baixo, labuta e moireja um povo trabalhador e geme um mundo de parias. Nos bairros imundos de Londres, no West-End, no White-Chapel, dormem ao ralento, esfarrapados e nús, centenaes de velhos e de creanças.

Agonizando pelas esquinas e escabujando nos monturos, morrem annualmente, **de fome**, tres a quatro mil pessoas.

Das camadas que trabalham sahiram Shakspeare, Milton, Jenner, Newton, Davy, Graham, Bacon, Locke, Hume, Priestley, Adam Smith, Stephenson, Wolleston, Boyle, Shaftesbury, Harvey, Stuart Mill, Spencer.

Esses homens alguma coisa fizeram em prol da humanidade e da civilização, e não é justo, portanto, que á sua memoria e ao seu nome lancemos o es-carro do insulto e o estigma da maldicção.

*Odio aos lords!* deve ser o nosso grito, porque são elles, e só elles, os nossos espoliadores.

Odio a essa aristocracia abandalhada que estrangula a Irlanda — mancha vergonhosa da civilização europea e que os magarefes da City por vezes transformam em sangrento açougue.

Odio a esses lacaios de libré que nas sessões da Lords' House vemos erectos, empertigados, orgulhosos, e á noite se curvam sobre os tapetes do *brothel* — bestiaes, apopleticos, rubros, babados, *falling on one's jaws* <sup>(1)</sup> entre saias almiscaradas e amarellas com o liquido da menorrhéa.

N'esse asqueroso quadro de infamias que em 85 a *Pall Mall Gazette* desvendou á imprensa europea ha, como actores, *lords*, só *lords* — os mesmos cana-lhas de Cleveland-Street que, ha mezes, *uns altos*

(1) Por decencia vejo-me obrigado a *inglezar* esta e outras phrases. Saiba, porém, o leitor que todas ellas, significando as mais abjectas phantasias de Lord Deboche, foram publicadas nas columnas da *Pall Mall Gazette*, em quatro numeros de julho de 1885.

*personagens* da côrte protegiam, suffocando a peso de oiro a publicidade das suas novas torpezas. São elles e só elles que fixaram o preço de 15 a 20 libras para as *fresh-girls*—*virgo intacta*—de 13 a 14 annos, que hoje são as 50:000 prostitutas—*black army* dos *trottoirs* londrinos.

São elles que para a lucta contra essas desgraçadas creanças, attrahidas infamemente aos subterraneos de West-End, inventaram a *black-draught* do narcotico.

São elles que para obterem o oiro necessario ás phantasias d'uma sensualidade bestial, constituíram a *Slaughter-House* contra os desgraçados filhos da Irlanda; que reunidos em *Royal Companies* ordenaram essas medonhas carnificinas de Pendjab e dos cipayos; e que agora, trocando em casa de Salisbury as fardas bordadas pela jaqueta de *pick-pocket*, *chypam* do mappa africano o oiro da Mashona.

Esses asquerosos Tartufos, occultando cynicamente nas casacas de *congressistas* philanthropicos e humanitarios a sua cupidez e insaciavel ambição, propozeram, ha tempos, a Portugal e ao sultão de Zanzibar um bloqueio na costa oriental, de Inhambane a Pembe, que impedisse—diziam— a importação de armas aos arabes do interior, eternos traficantes de carne humana.

O nosso governo accedeu; o bloqueio estabeleceu-se; e poucos dias depois, o governador do Cabo enviava occultamente a Lobengula, feroz chefe dos

Matabelles, com quem os arabes se entendem, 1:000 espingardas Martini-Henry com 300:000 cartuchos!

Odio, pois, aos *lords*!

Organize-se contra elles uma nova cruzada de extermínio, e que todo o portuguez tenha o direito de os correr a tiro, como a animal feroz, quando no solo honrado da Patria poisarem as suas enormes patas de tres toesas.

São elles e só elles que nos roubam. Ahi vae a *historia do caso Chire-Nyassa*.

Lord Fife, duque do dito Fife, é genro de Sua Alteza Real o Principe de Walles; casou com a princeza Luiza, uma neta da *graciosa* rainha e imperatriz Victoria.

Lord Fife é um pobresinho de Christo; das suas propriedades de Scotland e de outros bens de fortuna tem um rendimento aproximado a dois contos por dia, e como a sua *Ex.<sup>ma</sup> Consorte* é de igual pobreza, com mais umas achegas, dotação, etc., nas telhas d'aquelle desgraçado casal caem umas quarenta libras por cada hora de cada dia.

Mas succede que lá, como cá, estas coizas de nobreza custam muito dinheiro, porque é preciso sustentar a respeitabilidade da posição official, como diz o Albino, quando *entra nas idéas e no coração* da gente para dispôr os *petardos* das suas transcendentales, nebulosas e philosophicas reflexões sociaes.

Como o povo inglez embicou, ha tempos, com o

augmento da dotação da *Royal Family*, lord Fife, para ganhar o seu pataco, fez-se agiota, socio commandita da firma commercial *Samuel Scott and C.<sup>o</sup>* e director da *British South Africa Company*, a quem uma *Royal Charter* concedeu, ultimamente, 400:000 milhas de terreno africano com aquella liberalidade conhecida: *do pão do nosso compadre grossa fatia ao afilhado*.

Mas as libertinagens de West-End, do Cleveland-Street, os serviços dos rapazinhos do telegrapho, as orgias de *champagne*, os *boat-matches* do Naval Club, absorvem todos os rendimentos de lord Fife e segundo consta, ha poucos mezes, as finanças de His Lordship estavam por assim dizer: *tem-te, não caias* (1).

A concessão feita a Lord Fife, a Lord Abercorn, a Lord Gifford (cá estão os *lords*), organizadores da *African Company*, era tão importante que em Londres, o *Times* e o *Standard*, fazendo reclamo, annunciavam-na como: *Empresa colossal*. Todavia, as acções conservavam-se na *baixa* e Lord Fife, nominalmente um dos maiores accionistas, não arranjava com aquelle negocio para pagar um *little boy*.

Surgiu então uma idéa salvadora. Os nossos terrenos na Mashona eram, ha muito tempo, indicados como preciosos para explorações auríferas. Salisbury

(1) Só para bebedeiras não chegam cinco libras diarias a qualquer d'esses animaes. O duque de Edimburgo, por exemplo, exgotta ao jantar quatro garrafas de champagne e dois litros de cognac.



levou *rasca na assadura*; contractou-se o patife Johnston, compraram-se por baixo preço todas as acções da *South Company* e no dia seguinte reben-tou o *ultimatum*. Em vinte e quatro horas, cada acção obteve um premio de setenta libras. Cinco mil acções — trezentas e cincoenta mil libras.

*God save the Queen!* e vamos ás *fresh-girls!*

Odio pois aos lords! E como em Valença as ma-nifestações patrioticas ficaram no *projecto* d'um tele-gramma a Serpa Pinto, porque se repetiu, talvez, aquelle caso da subscrição para o *bucephalo* (1), eu proponho o seguinte:

Que se mande a Lisboa uma commissão para es-colher e contractar nas viellas da Baixa duas duzias de *ladies* matrafonas, das mais abandonhadas e no-jentas.

A mesma commissão contractará, tambem, dez ou doze grumetes da marinha real ingleza. Esses gru-metes serão vestidos, da cinta para cima, com o uni-forme dos boletineiros telegraphicos; da cinta para baixo, uma parra.

Matrafonas e grumetes, com seis barris de *cachaça* de 90º, serão envolvidos por uma forte rede de arame, á qual se atará um solido cabo de algumas milhas.

(1) Pag. 155.

A gente vae depois alli, a Calais, põe um pé em Douvres e atira com a *isca* para o Tamisa.

Fica um de nós a ter conta no cabo. Póde ser — por exemplo — o Fernando que é o mais entendido em coisas de pesca, como o prova annualmente na Rapozeira com os seus *botirões*. O Braga tambem póde servir, porque tem habilidade para descobrir peixes.

O Fernando, pois, senta-se em qualquer rochedo, fuma o seu cigarro, espalha as tristezas com o *Noticioso*, ou com as *latinhas* do Cruz, e quando sentir que a corda estica, signal de que o peixe *pica*, puxa vagarosamente para terra.

A meio cabo, levanta-se e vem descendo pela costa da Mancha: Dieppe, Havre, Cherbourg; Brest, S. Nazaire, Bordeaux; contorna o Golpho, Bayonne, Santander; dobra o Ortegál, Corunha, Vigo, Guardia; entra no Minho e vem subindo pela margem direita até ao *Pau-do-fio*.

A gente põe-se cá de cima, das muralhas, e recebe o cabo. Chamam-se os paysanducos e toca a puxar.

Fóra da agua a *isca*, veremos logo, agarrados a ella, todos os *lords* da *City*: Lord Fife, Lord Foife, Lord Fufe, Lord Craft, Lord Creft, etc.

O *lord* é animal amphibio, organização de batrachio; resiste bem debaixo d'agua, como se sabe.

Paysanducos continuam a puxar e vae tudo para o largo de S. João.

Os *lords* devem apparecer esbodegados, cambaleantes, tropegos.

Vem o *Parúdas* com o *bolo municipal* e divide-o pelos borrachões.

Duas horas depois, o Gamellas traz a carroça do lixo, carrega, e despeja na *Sexta*.

Extincta, assim, a raça vil, a *City* fica deserta; e como a Hygiene recommenda a collocação das fossas longe das habitações, faremos do *fashionable* bairro uma sentina para uso diario.

Ao norte: Para damas.

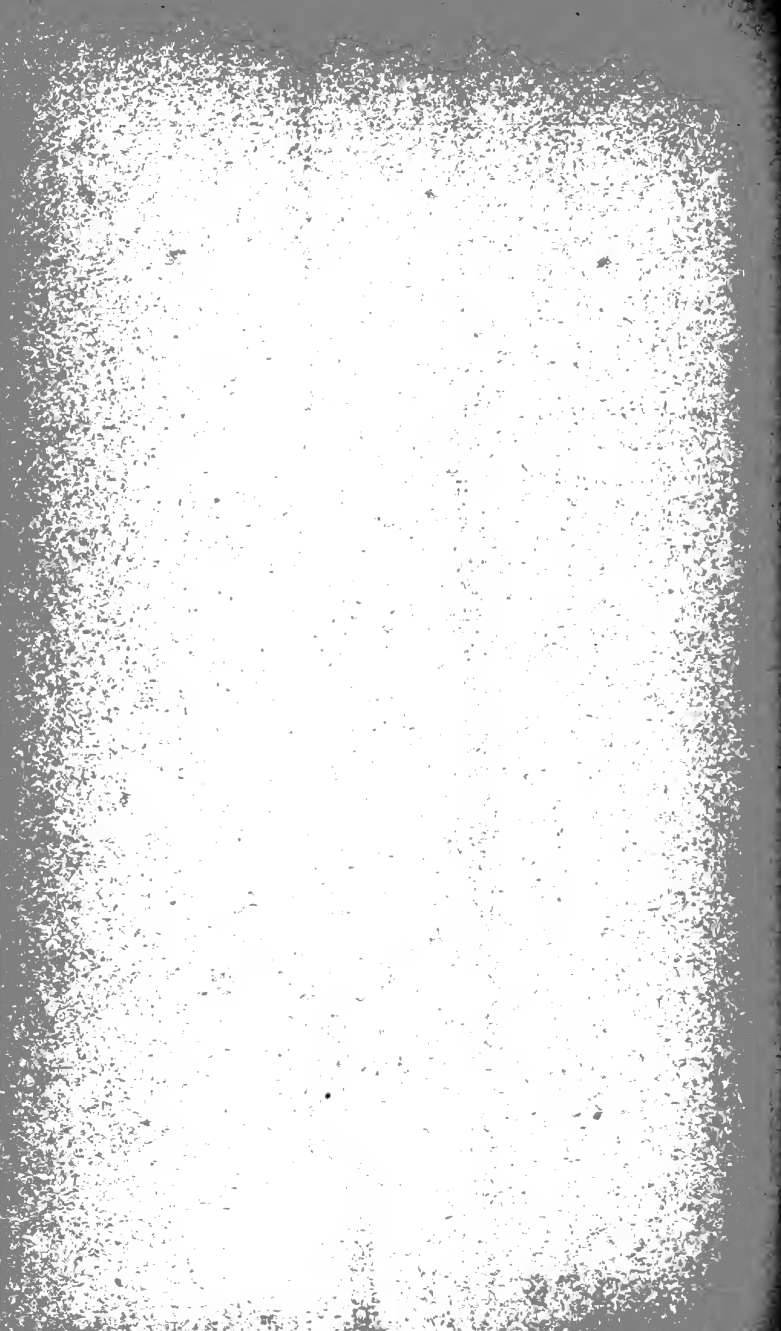
Ao sul: Para homens.

Para fazer a limpeza e fornecer papeis, ficarão:

Mr. Jacob Bright

e

Mr. Oswald Crawford.



## XXI

### A manifestação dos artistas

Em 28 de janeiro, a Direcção da Assembléa Recreativa promoveu uma manifestação patriótica, previamente annunciada nos jornaes da terra com a minuciosidade espaventosa d'um programma de *S. Telmo* ou *da Agonia*.

Não é meu intento censurar essa manifestação; mas, pelo simples facto de ella ter sido promovida por um grupo de artistas e de homens do trabalho não devo exclui-la do campo critico, onde com estes artigos analyso os factos mais importantes na chronica valenciana.

A meu vêr, essa manifestação teve uma origem que a absolve plenamente d'uns pequenos ridiculos que a amesquinharam. Originou-a um impulso de sincero patriotismo, e basta isso para escudar os pro-

motores d'ella contra a rudeza da phrase com que verberei a *fantochada* de 14.

Se essa manifestação offerece alguns lados censuráveis, se teve peripecias irrisorias, se não me inspira hoje phrases de caloroso applauso e de sincera adhesão, os seus promotores devem-no, exclusivamente, ás impressões que nos seus espiritos deixou a grande *rusga* de 14. Aproveitaram parte do programma: musica, cortejo, vivas arruaceiros, procissões *intra* e *extra*-muros, etc., abandonando deploravelmente os meios que a Razão aconselha para, em occasiões identicas, se dar a qualquer manifestação um character significativo de energia, de sensatez e —sobretudo— de utilidade.

Não me rio perante as bandeiras que n'esse cortejo distinguiram a Arte, do Commercio, como estulta e imbecilmente o fizeram alguns dos *illustres patriotas*, comparsas na ignobil farça dos abbades. Essas bandeiras significam o trabalho honrado, o homem que labuta e moireja dia e noite no sustento da familia, e que nunca serviu de laçao a qualquer magnate eleitoral para, á custa do Estado, coçar por ahí, nas esquinas, os seus setenta kilos de ociosidade; significam o artista que contribue efficazmente para a riqueza da nação; o commerciante que corre com uma boa parte dos seus interesses para as despezas das nossas mais uteis instituições e não o eunucho indifferente a todos os impulsos da Civilização e que, arrastando uma existencia ignobil, como

a da lapa eternamente presa ao rochedo, na valla commum dos inuteis desaparece, sem ter conhecido outra energia e outras sensações além das que obteve, comendo, bebendo e dormindo.

Passe, pois, o cortejo, porque perante elle, eu, descobrindo-me, exclamarei tambem:

**Viva a patria!**

\*

A Musica da *Santa* veio outra vez espancar os ares com as notas festivas dos hymnos, bufadas para os céos da Patria com a furia d'uma orchestra de Cafres.

É crença arraigada no espirito do povo que não póde haver solemnidade sem gaiteiro.

Era preciso, disseram-me, estimular, avivar o espirito da nacionalidade.

Este argumento defensor dos *paus-tesos* recorda-me as funcções luctuosas das antigas carpideiras, nas casas minhotas.

Morria o fidalgo.

Expunha-se o cadaver na sala nobre.

As mulheres e as creanças acocoravam-se sobre os tapetes.

Em volta do caixão perfilavam-se, tristes, sombrias e sinistras, seis mulheres recrutadas no audito-

rio dos Missionarios, entre as mais hystericas e lacrimosas, quando algum dos energumenos descrevia os horrores do caldeirão de Pero Botelho, o rechinar das carnes e os forcados rubros de trezentos milheiros de diabos que pinchavam sobre as cabeças chamuscadas dos condemnados.

Vinham os amigos da familia apresentar as suas condolencias.

As carpideiras irrompiam n'um chorar convulso, com todos os sons da gamma afflictiva, com todas as notas ascendentes e descendentes d'uma suprema dôr: suspiros, gemidos, gritos, berros—berros, gritos, gemidos, suspiros.

Os sentimentos quando se manifestam com violencia exercem uma forte acção de communicabilidade a que nem todos são refractarios. Vêmos lagrimas nos olhos d'uma viuva, ouvimos o casquinar de sonoras gargalhadas e o cerebro, recebendo as impressões d'essas lagrimas e d'esses risos, reproduz em nossa face os sentimentos que os motivaram: rimos quando os outros riem e choramos quando os outros choram <sup>(1)</sup>.

(1) Direi, de passagem, que isto nem sempre succede. Notam-se, ás vezes, umas anomalias, uns desvios da força nervosa que partindo do cerebro, vae actuar n'outros musculos, produzindo manifestações de sentimentos oppostos aos que nos impressionaram.

Por exemplo :

Quando vamos ao theatro e ouvimos o sr. Sampaio *jeremiando* o seu papel n'aquelle plangente e lugubre *rhythmo* d'uma *licção* de *quarta-feira de trevas* e vemos que elle tenta reproduzir com o rosto, com o gesto, com



Assim, na scena das carpideiras, ellas, a familia, as visitas, os creados, disputavam primazia em intensidade de sentimentos.

Terminada a cerimonia, os amigos compunham no rosto os traços d'uma grande dôr; distribuiam pela familia arrojados abraços e violentos apertos de mão, exprimindo entre soluços os desejos de se tornarem uteis: *se fôr preciso qualquer coisa — estamos*

os olhos, as amarguras da sua alma atribulada por esta ou por aquella situação dramatica — nós não choramos; rimos e rimos a valer, com tanto mais furor, quanto mais afflictiva é a attitude do sr. Balagota.

Outro exemplo :

Quando o sr. Joaquim, depois de ler os *Sinapismos*, solta umas casquinadas de riso tirante a verdadeiro e lhe ouvimos dizer que sim, que o Zinão tem muita graça e desde que elle, Zinão, anda na rua, elle, sr. Joaquim, põe mais uma tranca na porta, a gente — em vez de rebolar no chão aos tombos com riso provocado por tão espirituosa facecia — fica muito séria, e até sente o quer que seja que instinctivamente vae enfiando em cada mão o dedo *mata-parasitas* entre o *fura-bolos* e o *maior-de-todos*, n'aquella posição com que o meu amigo M. Silva se previne cautelosamente contra os numerosos *amigos* que no dia da Cruz — uma vez por anno, felizmente — lhe vão festejar a garrafeira.

Spencer explica isto na sua *Physiologie du rire* :

*La decharge de la force nerveuse peut se tourner en excitation pour d'autres nerfs qui n'ont pas de relation directe avec les membres et, ainsi, amener d'autres sentiments et idées.*

A individualidade do sr. Sampaio no convívio diario, por quaesquer razões desperta o riso; e a individualidade do sr. Joaquim, pela sua auctoridade *vice-administrativa* e mais predicaos ingenitos provoca a seriedade e o tal cruzamento dos dedos.

Convivendo diariamente com estes cavalheiros, as impressões que elles nos causam vão, por assim dizer, armazenar-se em nosso cerebro, condensando-se e augmentando de intensidade em força nervosa.

Quando, pelas facecias, ou pelas jeremiadas, elles nos communicam uma impressão mais forte, ha uma expansão brusca e violenta de força nervosa *armazenada*, que vae actuar em nervos e musculos correspondentes a sentimentos diversos.

*ás ordens — mandar com franqueza — adeus — é ordem do mundo — resignação — adeus...*

Fechada a porta, fechavam-se também, com ella, as valvulas das glandulas lacrimaes; e carpideiras e doridos corriam á vasta cozinha, onde pantagruêlicamente atafulhavam o bandulho com grossas postas de bacalhau cozido, abundantemente regadas por successivos cangirões de bom e espumante verdasco.

Batiam, de novo, á porta; tudo voltava á sala.

O morto lá estava; amarello, hirtó, de mãos cereáceas cruzadas sobre o peito, muito esticado dentro da sua *roupa preta* perolada de *agua benta*, exhalando fragrancias de *vinagre aromatico*, de nariz para o ar, onde as moscas esgaravatavam com as patitas, na doida e frenetica sensualidade das coegas que ellas tanto appetecem, e que o finado, dias antes, tão pertinazmente lhes recusára.

Então, a sensibilidade das carpideiras explodia pelo canal digestivo em sonoros arrotos.

E n'essa sessão solemne que constituiu a segunda parte do programma — uma verdadeira visita de pazes pela frieza da sala, pelo tremulo discursar dos primeiros oradores, pela hesitação dos *mestres de cerimonia* e pela presença da bandeira nacional que significava os restos mortaes dos nossos brios e das nossas glorias, também se ouviu — permitti que o diga, honrados artistas — um rasoavel arroto: — aquella polka final.

\*

Durante o trajecto do cortejo, a *Musica* tocou, por vezes, hymnos varios. Excluístes o da Restauração, que só os eunuchos da Rotina hoje podem admitir nas suas manifestações simontadas. Devieis dispensar tambem os outros: o da Carta e o do Rei.

O primeiro lembra a libertação da tyrannia, a emancipação dos direitos do cidadão, a queda do absolutismo, o inicio d'uma nova era de Progreso intellectual que devia esmigalhar as algemas de instituições odiosas e impulsionar-nos na bemdita estrada da Civilização, livres das trevas e dos espinhos que amarguraram os dias dos nossos antepassados.

Recorda, pois, um facto — a outorga da Carta — que trouxe jubilos, alegrias; e não é em horas de tristeza e de desalento que n'elle devemos procurar lenitivo.

O segundo solemnizou a coroação d'um monarcha — uma festa nacional em que houve bailes, recepções, salvas reaes, paradas, espectaculos de gala.

Pelo anterior argumento devia ser excluido.

O *ultimatum* inglez é, apenas, a primeira bala do assedio que essa cõrte de debochados planeou contra o nosso dominio d'alem-mar.

A espoliação de Bolama que elles tentaram em 38; a de Goa, Damão e Diu em 39; a das ilhas de Lourenço Marques em 62; a redacção da *Royal Charter* que ultimamente concedeu a Lord Fife os terrenos a oeste de Moçambique; a necessidade que elles teem de possuir, na costa africana oriental, um bom porto que dê expansão ao desenvolvimento das colónias estabelecidas no interior á sombra de perfidos protectorados; as recentes ameaças sobre as ilhas da Madeira e sobre Lourenço Marques — revelam claramente o plano da usurpação violenta de que mais tarde ou mais cedo, com pretexto ou sem elle, Portugal será victima.

Os nossos terrenos africanos, se pouco teem produzido até hoje pelo abandono a que os condemnamos, podem ser no futuro elemento valiosissimo de riqueza e de prosperidade; e na tristissima situação em que as nossas finanças se encontram, com o enorme desequilibrio que annualmente se denuncia entre a receita e a despeza, quando os encargos da divida absorvem, já, metade dos rendimentos, importantissimo é o problema colonial, porque a solução d'elle póde evitar funestissimas perturbações, póde evitar a ruina da Nação, e mais do que isso — a perda da sua independencia!

E dissei-me agora, honrados artistas e commerciantes:

Se no dia trinta e um de dezembro, quando fechaes o vosso balanço annual, reconheceis que o

*passivo* excede o *activo*—quando perante esse *deficit* encaraes, com olhar vacillante, o futuro, onde vêdes sombras e não auroras—se no anno seguinte uma nova especulação, uma nova industria vos proporcionar meios com que possaes capitalizar uns centos de mil reis collocados depois, á ordem, no Roriz,—se um dia o *Primeiro de Janeiro* vos annunciar a quebra d'aquelle banqueiro e, com ella, a perda do vosso capital, a destruição completa dos elementos com que esperaveis viver com abastança no futuro—acaso a vossa alma se pôde regosijar com o Hymno do Rei ou com o da Carta?

Pois as situações são as mesmas.

Vós e a Patria tendes annualmente um enorme passivo.

O capital que estava no Roriz—o vosso futuro—é o dominio d'alem-mar—o futuro da Patria.

A noticia da fallencia é a noticia do *ultimatum*, com esta differença apenas: uma originou-se na adversidade dos negocios, outra na ambição d'um *lord*.

Vós sois a Patria; viveis n'ella; sois a alma e o braço d'ella.

A Patria é tudo isso que vos rodeia: familia e amigos, affectos e carinhos; é tudo o que ha de bom, de generoso, de nobre e feliz na vossa existencia; é a limpidez d'este formosissimo céu peninsular, a rissonha paizagem do nosso Minho, a irradiação das nossas alvoradas, o oiro dos nossos crepusculos, o matizado dos nossos campos; é essa dulcissima me-

lancholia que ao *toque das trindades* inunda a nossa alma com a toada longinqua das canções populares, é o nobre orgulho que em vossos olhos brilha quando escutaes a epopéa das nossas gloriosas façanhas; é essa formosa cabeça de velho que vos sorri, é a esposa carinhosa que vela a vossa doença, é a creança — esse pequenino sêr feito com raios de alvoradas e crystallizações de sorrisos — a quem chamaes filho (1).

Quem offender a Patria — offende-vos.

Quem a roubar — rouba-vos.

Quem toca o hymno da Carta quando ella soffre, toca-vos o hymno do rei quando, com a fallencia do Roriz, reconheceis perdidas e inutilizadas as esperanças do vosso futuro.

\*

Despedi, pois, os gaiteiros, amigos.

Não lhes faltará que fazer.

Ahi estão os paysanducos esperando a *borga* das eleições. Lá estão os de Monsão que d'elles necessitam para as farças publicas do entrudo, em que figuram makololos e Serpa Pinto.

Uns e outros: paysanducos, makololos e santas-

(1) Oh padre capellão: que rica *tirada* para um juramento de bandeiras . . .

Só falta: é a terra que cobre os ossos de nossos avós!

cocas provam á evidencia, pela sua immobillidade mental, que, realmente, não havia razão para os sabios repellirem com tanto ardor as theorias de Darwin.

Nos cerebros de todos elles, existem irrefutaveis vestigios de hereditariedade chimpanzéca.

Distingui-vos d'elles!

\*

Á sympathia que me inspira a vossa Assembléa deveis estes periodos, onde podereis encontrar phrase aspera de sinceridade, mas não phrase humilhante de ironia.

Não vos offendaes, pois, por eu declarar que estou intimamente convencido de que nenhum de vós conhece exactamente o valor, a extensão, a situação geographica, os limites dos terrenos que a canalha dos *lords* nos pretende roubar; como sinceramente creio que a mesma ignorancia existe no espirito da maior parte dos patriotas que promoveram a grande *rusga* de 14 e que por ahi, ainda hoje, erguem as mãos ao céu, falando de *roubos*, de *direitos indiscuti-veis*, etc., etc.

Tirae-me do grupo promotor da *fantochada* umas tres ou quatro cabeças, e demonios me levem se as restantes vos disserem para que lado fica a Africa, se fica perto ou longe de Taião e se lá vivem ho-

mens civilizados como nós, se paysanducos, se orangotangos.

Em vós, tudo desculpa essa ignorancia. Sois homens do trabalho. Quando o dia nasce, principiaes a luta pela vida; quando o sol se esconde, procuraes no repouso, vigor para a tarefa de amanhã. Não podeis, portanto, dispensar o tempo necessario ao estudo d'estas questões que a Historia, a Geographia, o Direito internacional, etc., esclarecem.

Essa ignorancia existe, ainda mais profunda nas camadas populares inferiores á vossa.

Berraes, pois, que vos roubam sem conhecerdes, quanto, o que, e onde.

Consultae a consciencia e dissei-me se isto assim não succede, e se não consideraes censuravel que um homem nas ruas grite contra um ladrão, ignorando os direitos que tem de o fazer e só porque ouviu as exclamações dos outros.

\*

Reconhecereis, portanto, que podia condemnar a vossa manifestação de 28, mas se acreditaes na sinceridade d'essa sympathia que eu vos affirmei nutrir pela *Assembléa Recreativa*, se a opinião d'um homem que se ri dos que, n'outras espheras *mais illustradas*, fazem das luvas — uma coisa que o meu cocheiro usa — distinctivo irrefutavel *de sentimentos dignos e cava-*



*theirescos* (!) permiti que em poucas palavras vos indique a fôrma como eu entendo que vós devieis ter organizado a manifestação.

Nada de musicas; nada de procissões pelas ruas!

Um de vós pediria o theatro. Tres ou quatro iriam em commissão convidar qualquer dos officiaes do Regimento — que os tendes ahi illustrados e competentissimos — para uma conferencia sobre a questão do Chire-Nyassa, em que vos expozesse claramente, perante um mappa, a situação dos nossos dominios e a legalidade dos nossos direitos.

Para essa conferencia abririeis as portas ao povo, a esse eterno ignorante sempre explorado, porque o não educam; e se os vossos recursos podessem contribuir para uma verdadeira e util obra de patriotismo, a esse mesmo official pedirieis que vos escrevesse um pequeno volume onde, em linguagem chan, clara, perfeitamente intuitiva e ao alcance de todas as intelligencias, se desenrolasse a historia do nosso Passado e a historia d'essa vergonhosa alliança com a corte dos *lords*.

Distribuirieis depois, oito centos ou mil exemplares d'essa publicação pelas freguezias do concelho, pelas escholas, pelas ruas.

E então, amigos, com os brados de cólera e com as exclamações de desalento que a miragem das nossas gloriosas conquistas provocaria, poderieis compôr um hymno — um verdadeiro hymno nacional, mages-

tosos, triumphante, imponente de enthusiasmos, arrebatador de generosos sentimentos, palpitante de sincero, energico e irresistivel Patriotismo!

Poderieis então gritar:

**Viva a Patria!**

que eu, sobre a cabeça d'esses paysanducos que se riram de vós, responderia com toda a energia de minha alma:

**Honra á Assembléa Recreativa!**

## XXII

### Carta a S. Ex.<sup>a</sup>, o Sr. Administrador

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

De caso pensado reservei para esta data, em que concluo a publicação que tanto tem agitado o espirito dos seus excellentissimos administrados, a manifestação dos sentimentos que agitaram a minha alma n'essa hora solemne, em que V. Ex.<sup>a</sup> foi chamado ás graves deliberações da Administração concelhia.

E de caso pensado o fiz, Ex.<sup>mo</sup> Sr., porque necessitava que o tempo, os factos, me fornecessem elementos com que, ao collocar a individualidade de V. Ex.<sup>a</sup> n'esta curiosa galeria de celebridades valencianas, pudesse fazer ao publico um pequeno discurso apologetico com phrases e linguagem differentes ás d'essas escalrichadas apothecoses das luminarias da

terra, prenhes de *estimados cavalheiros*, de *integerrimos magistrados*, de *robustos meninos* e outras minhocas que o *Noticioso* inventa para enfeitar o anzol d'uma assignatura annual.

Hoje, porém, Ex.<sup>mo</sup> Sr., que tres mezes se sumiram nas voragens do Tempo depois d'essa augusta solemnidade da *posse*, d'esse acto d'uma respeitabilidade indiscutivel em que a imponencia das nossas instituições civis actua sobre o espirito com a pressão de cem atmospheras—hoje, em que a individualidade administrativa de V. Ex.<sup>a</sup>, evidentemente se destaca entre as auctoridades da minha terra, marchando a passo d'anjo no coice das procissões, ao lado de Sua Excellencia o Senhor Governador Pericles 1 e um pouco á frente do seu subordinado o Snr. Joaquim, muito digno e conspicuo Substituto—digne-se V. Ex.<sup>a</sup> permittir que eu lhe dedique estas linhas, onde vou synthetisar a opinião que no meu espirito existe ácerca do Senhor Administrador.

\*

Percorrendo a historia dos gloriosos feitos dos antepassados de V. Ex.<sup>a</sup> n'essa cadeira administrativa—meditando sobre as diversas aptidões e faculdades que nas sombras do Preterito, ainda hoje illuminam os vultos dos prestantes e muito dignos cidadãos que eu por ali vi atados á banda bicolor,—

comparando os feitos immorredoiros que enaltecem os annaes da Administração valenciana— desde a *borralhada* da Santa até ao exterminio da Rua Verde, desde a prisão d'aquelle feroz e sanguinario Toppman na *tomada de Barros* até ás fornadas eleito-raes da Misericordia,— com os actos de V. Ex.<sup>a</sup>, eu, Ex.<sup>mo</sup> Sr.— com franqueza — não posso exprimir o conceito que de V. Ex.<sup>a</sup> formo com palavras differentes d'estas:

V. Ex.<sup>a</sup> é o *refugo* dos administradores!

\*

E d'estas palavras escriptas com a rude sinceridade que até aqui arrepia a linguagem dos meus escriptos, acaso poderá V. Ex.<sup>a</sup> deduzir intenção desdoirante das suas aptidões intellectuaes, dos seus conhecimentos juridicos, das suas faculdades administrativas?

Se tal succede, erra o seu excellentissimo criterio.

V. Ex.<sup>a</sup> é o *refugo* dos administradores, porque tem uma carta de bacharel, porque sahiu ha poucos annos da Universidade com uma educação politico-cientifica imperfeita, rachitica, insufficiente para as funcções do elevadissimo cargo de que está investido.

V. Ex.<sup>a</sup> está saturado de ordenações, de codigos,

de paragraphos unicos, de disposições transitorias, de *subsídios*, de cartas de lei, de alvarás; conhece os trabalhos e as theorias de Bentham, de Krause, de Kant, de Grotius, de Blackstone, de Calvo, etc., etc., mas ignora absolutamente e precisamente o que é mais essencial a um Administrador, mercê da insufficiencia dos programmas officiaes e da falsa orientação que na Universidade preside á incubação d'um bacharel.

A educação social do individuo deve adaptar-se ás condições e exigencias do cargo a que se destina. Um medico aprende a curar feridas; um militar a fazel-as; um escrivão de fazenda a tirar camisas; um boticario a preparar tisanas; um paysanduco a contar cucharras; um *espírito-santo* a inspirar tolices; um Zinão a reforçar sinapismos.

Para lá da esphera profissional que a sua educação lhe circumscreve, o individuo torna-se um ser inutil, prejudicial, incommodo.

É o que succede com V. Ex.<sup>a</sup>

V. Ex.<sup>a</sup> cursou todas as cadeiras exigidas no programma official d'um bacharelado: direito romano, dito penal, dito commercial, dito civil, dito internacional. Sahiu habilitado para tudo: para defender, accusar, aconselhar, chicanar, fazer do direito torto e do que é torto direito, em questões de aguas de rega, de fóros, de fallencias, de peculatos.

Para o que não sahiu habilitado é para Administrador do concelho.

Tem V. Ex.<sup>a</sup> culpa d'isso?

Não. Tem-na quem organizou os programmas para a faculdade de Direito.

\*

Na minha humilde opinião, ao curso de Direito devia accrescentar-se mais um anno, para trabalhos praticos na cadeira de *Politica legal*.

N'esse anno, os futuros bachareis teriam de resolver, praticamente, entre outros, os seguintes problemas:

1.<sup>o</sup>

### Empalmar uma eleição

No meio da sala seria collocada a urna. Alguns alumnos representariam a opposição. Com os restantes constituia-se a mesa: presidente, secretarios, escrutinadores, olheiros, capatazes, abbades e caceiteiros.

O examinando teria de satisfazer ás seguintes provas, sem que a opposição percebesse a fraude.

- a) Introduzir rapidamente na urna um maço de listas governamentais.
- b) Riscar os nomes dos eleitores reconhecidamente opposicionistas.

- c) Incluir na *chamada* e fazer substituir por *mirones* todos os mortos da freguezia.
- d) Inutilizar imperceptivelmente com borrões de tinta as listas dos contrários.
- e) Entornar um tinteiro na urna, quando a eleição se considerar perdida.
- f) *Armar* uma *baralha* na egreja; derrubar mezas, cadeiras, quebrar cabeças aos eleitores; dar, até, pancada nos santos e fugir afinal com a urna.
- g) *Empalmar* uma acta. (Para esta prova o examinando poderia consultar os tratados especiaes que, sobre tal assumpto, tem escripto o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. M. Thomaz.

## 2.º

## Uma fala aos lavradores

Antes da eleição (modelo a):

*Olé amigo! Toque. Dê cá um abraço. — Esta é a sua filha? Está uma fiôr; tem juizo, rapariga! — Sabe que arranjei um subsidio para as obras da torre? Custou, mas arranjou-se. — Você não tem um filho no recrutamento? Recebi hoje carta de Vianna em que me dizem que vai ser isento. — Aquella é a tal propriedade em que esses ladrões lhe lançaram quatro pintos? Eu amanhã arranjo isso na Fazenda; o mais que deve pagar é um pinto. — Pegue lá*



*um cigarro. Com franqueza ; fume á vontade, que é brandinho. Não tem lume? Metta á bocca . . . Prompto! — É verdade: já me esquecia. Você é dos nossos; amanhã é a eleição. Homens honrados são do nosso lado. Já cá o tenho na cabeceira do rol — Diabo! tenho o seu nome na ponta da lingua . . . — Zé da Portella, exactamente. Aqui tem uma lista. Mande para o diabo a outra canalha. — Adeus. Ás ordens sempre, sempre, para o que quizer. — Dê cá outro abraço que é de amigo. Adeus.*

Depois da eleição (modelo b):

— V. Ex.<sup>a</sup> dá licença?

— Entre!!

— Louvado seja nosso . . .

— Que quer!?!

— Eu sou o Zé da Portella, aquelle . . .

— Venha logo, venha logo ; tenho mais que fazer.

### 3.º

**Organizar rapidamente o orçamento d'uma «borga» eleitoral, dada a capacidade cubica das barrigas dos abbades e a permeabilidade alcoolica dos tecidos intestinaes.**

A resolução d'este problema requer os seguintes conhecimentos:

- a) Saber o preço dos carneiros, dos *calhos*, do vinho, das batatas, das resteadas d'alhos, do pimentão, etc.

- b) Saber applicar o ammoniaco no caso provavel d'uma borra-cheira.
- c) Saber receitar um purgante e manejar uma seringa na delicada operação do crystal.
- d) Saber ouvir de confissão qualquer bruto que estoire repentinamente com a indigestão.

## 4.º

**Redigir uma informação favoravel á imposição de qualquer transferencia, embora ella vá lançar na miseria a familia d'um funcçionario honesto.**

**Modelo:**

*Esta transferencia torna-se necessaria e até indispensavel á boa solução dos nossos negocios. O homem é regenerador. Diz por ahí o diabo do Marianno. Alem d'isso, embirra com o A. Ora este A. segura o O., que vale os seus cincoenta votos. Com o A. não podemos contar, porque é dos amphibios e vae para quem mais der. Por aqui já se rosna na transferencia e todos berram que é uma infamia. O homem tem oito filhos. Que isso não influa no animo de V. Ex.ª Quanto mais distante fôr a sua collocação melhor, porque mais desafogados ficamos. Espero solução rapida. Resposta telegraphica. A victoria depende d'esta transferencia.*

5.<sup>o</sup>**Conclusões varias sobre a elasticidade  
do Direito administrativo**

- a) F. (governamental) *tem uma burra. Só paga decima quando fôr da opposição.*
- b) F. (gov.) *tem um rendimento collectavel de reis 100£000. Reduz-se a 50£000.*
- c) F. (oposição) *é professor e politico contrario. Retiradas as gratificações sob qualquer pretexto.*
- d) F. (gov.) *requer uma policia correccional contra X. Pedra nos autos.*
- e) F. (op.) *é filho unico e amparo da familia. Intimado para em tres horas se apresentar á inspecção.*
- f) F. (gov.) *é forte como um toiro e robusto como um Hercules. Entra ámanhã na inspecção. Isento por tísico.*
- g) F. (gov.) *é gallego e intrujão. Na gazeta do partido illustre correlegionario e probó cidadão.*
- h) F. (op.) *é homem de bem; eu tambem o creio . . . apesar de que dizem por ahí (eu não acredito) que é ladrão e salteador de estrada.*

## 6.º

**Dirigir nos campos da politiquice, com a aguilhada da administração, o rebanho dos camaristas.**

Este problema exige dois mezes de tirocinio com os boieiros do Alemtejo, para se apprender a deitar o laço e a reunir á manada qualquer boi tresmalhado.

---

Ora diga-me V. Ex.<sup>a</sup>: n'estes tres mezes em que tem empregado a sua actividade nas coisas da nossa administração não encontrou ainda em equação, sobre a sua mesa de trabalho, todos esses problemas?

E resolveu-os?

Não os resolveu, porque a sua consciencia e a sua dignidade esperam, ainda, as provas de elasticidade e de resistencia que necessitam para a tensão das patifarias politicas.

V. Ex.<sup>a</sup> tem feito um pessimo logar.

Nem come os *calhos* dos abbades, nem é paysan-duco, nem é *provarrei*, nem deita foguetes.

Se não fosse a luminosa e providencial influencia do seu Ex.<sup>mo</sup> Substituto, homem de assaz provado engenho e competencia em assumptos de Direito administrativo e ilhas adjacentes, V. Ex.<sup>a</sup> en-

vergonhava a terra, o partido e os amigos, a cujo numero eu tenho a honra de pertencer.

V. Ex.<sup>a</sup> não tem *feitio* para Administrador.

Em tantos de tal (ainda V. Ex.<sup>a</sup> não tinha na gaveta, ao lado das piugas, a banda azul e branca) entraram no seu escriptorio os cidadãos Zé Pita, Tóne do Logar e Manel Cancellá.

Este Manel trazia uma questão com o sogro por causa das aguas da rega.

Disse da sua justiça.

V. Ex.<sup>a</sup> ouviu, pensou e aconselhou.

Zé Pita, cidadão que tem as suas fumaças de doutor *lareiro*, mettem a colherada no caso, muito lepidamente e escoreito com umas objecções ao douto conselho de V. Ex.<sup>a</sup>

V. Ex.<sup>a</sup> ouviu, pensou e refutou: *artigo tantos, parographo tal*, etc.

Vae n'isto — o Tóne do Logar, *hòme* de representação e de letras gordas na freguezia, chegou-se também *ao rego* da discussão, e mettem o bedelho, descobrindo ainda outra *hypothes*.

V. Ex.<sup>a</sup> ouviu, pensou e concluiu.

Ficára o caso liquidado entre os quatro doutores, digo, entre V. Ex.<sup>a</sup> e os tres cidadãos.

— *Quanto é?* perguntou Manel.

— *Dezoito vintens!* respondeu V. Ex.<sup>a</sup>

Ficou estarrecido o homem. Nunca imaginára pagar um conselho por mais de tres patacos, muito

especialmente agora que o João Moraes os annunciava a *quatro menos cinco*, para quem se avençasse ao mez.

— *Sôr Doutor... talvez seja engano de Vóssoria, mas foi só um conselho...*

— *Foram tres e não um!* respondeu V. Ex.<sup>a</sup> com aquella cara muito arrenegada que ás vezes tanto assusta a gente.

— *Tres, meu senhor?*

— *Você não falou?*

— *E depois não falou outro?*

— *E não falou depois outro? Tres vezes seis, dezoito.*

---

Justissima era a reclamação.

Nem os sete sabios da Grecia poderiam contestar a legalidade e a exactidão d'aquella operação arithmetica.

Este simples facto revela a rispida e austera execução que V. Ex.<sup>a</sup> dá aos sacratissimos principios da Justiça e da Equidade e revela, tambem, a incompetencia de V. Ex.<sup>a</sup> para um lugar onde, tendo tres, oito, dez ou vinte consultas diarias, nada poderá reclamar, quando venham recommendadas por o sr. Joaquim, ou por outro qualquer confrade politico que se lembre de fazer favores e de adquirir

popularidade, á custa dos dois contos que V. Ex.<sup>a</sup> gastou na formatura.

Para estas coisas de Politica é preciso vêr muito ao longe, ter vista de caçador, e V. Ex.<sup>a</sup> mesmo como caçador, é um desastrado.

Nunca me hei-de esquecer d'aquella surriada que lhe fizeram os rapazes de Arão, quando V. Ex.<sup>a</sup> lá appareceu com todo o seu arsenal de guerra.

Um dia, o Rocha e o Leitão suggeriram no cerebro de V. Ex.<sup>a</sup> as glorias de Nemrod.

Depois de jantar, sahia V. Ex.<sup>a</sup> com todos os petrechos de caça, inoffensivamente mortiferos. Uma solida *escopeta* de carregar pela culatra; á cinta, um grandecissimo facalhão para escuchinar javalis; no bolso direito, uma enorme navalha de furar lobos; a tiracollo, d'um lado a cartucheira com trezentas cargas de polvora e bala; do outro lado, o canudo de cortiça com vinte e sete furões e furoas; no bolso direito do collete, um revolver de oito tiros; no esquerdo, um *box* de quebrar dentes a cães e vinte exemplares do *Noticioso* para *necessidades urgentes*; nos pés, aquellas grossas botas de sete solas impermeaveis, até, no Rio Minho; aos hombros, o capindó de borracha, gemeo do outro com que o Albino attrae a chuva por essas ruas, em dias claros e formosissimos de Primavera; atraz de V. Ex.<sup>a</sup>, ladrando, farejando, saltando vallados e alçando as pernas, se-

guia a terrível matilha, recrutada na Parada-velha: podengos de todas as raças e feitios, para coelho, para perdiz, para lobo: o *Nilo*, a *Fuinha*, o *Gigante*, —tô, *Nero!* —volta, *Farrusca!*

Assim disposto e precavido, seguia V. Ex.<sup>a</sup> por essas aldéas fazendo tremer o solo, os ceos, a terra, os mares, com o aspecto apavorador da sua ferocidade venatoria.

N'isto,—alli ao pé de Arão, um triste pintasilgo risca no ar uma curva e vae poisar no arvoredado proximo.

A matilha *amarrou*.

V. Ex.<sup>a</sup> toma ar, carrega a escopeta, aponta... toma outra vez ar... desfecha e olha.

O passarito soltára uma gargalhada de escarneo e batera as azas, voando...

Quando passou sobre a cabeça de V. Ex.<sup>a</sup>, lá do azul dos ceos cahiu uma coisa sobre o seu excellentissimo nariz.

A qual coisa, molle, pastosa, de côr cinzenta e com o feitio retorcido d'um S fez exclamar a um rapzinho que, de *carrapuço* vermelho e mãos nos bolsos, a distancia presenciava o caso:

—*Oh que grande caçador de minhocas!*

E campos fóra de Politica, Ex.<sup>mo</sup> Sr., quando encontro V. Ex.<sup>a</sup> armado de ponto em branco com a escopeta da Administração, cartucheira presa á banda azul e branca, matilha de abbades e rafeiros,

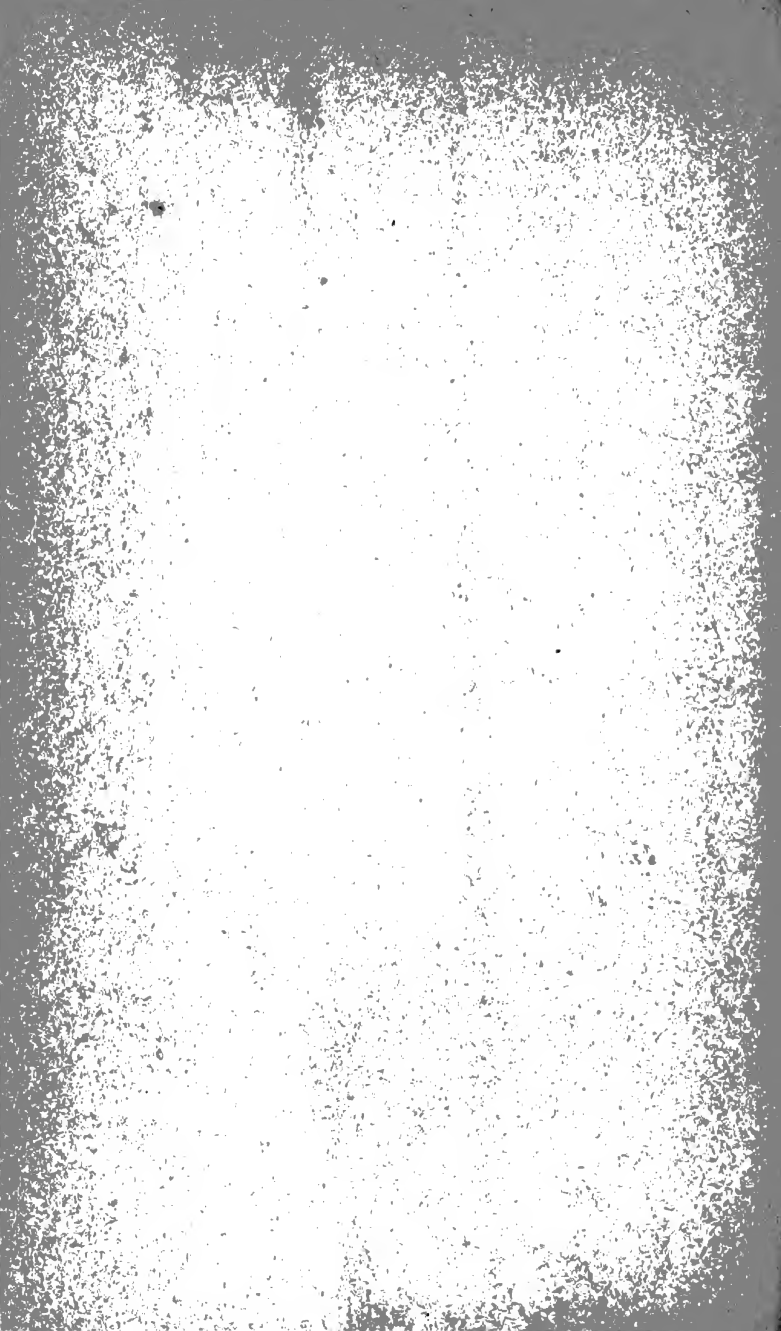


—quando verifico que V. Ex.<sup>a</sup> nem tem animo para disparar o bacamarte d'uma transferencia, nem sabe empalmar uma urna, nem falsificar uma acta, nem dirigir uma borgia de *calhos*, nem descascar uma batata, nem deitar um foguete com ropia, nem tocar n'um gaiteiro, nem mentir com cara seria, nem perseguir os professores, nem desgraçar uma familia, nem deshonnar um funcionario, nem amesquinhar um merito, eu, Ex.<sup>mo</sup> Sr., n'esta occasião em que V. Ex.<sup>a</sup> por ahi anda atrapalhado com a escopeta de dois canos que nas mãos lhe metteram, para dar o primeiro tiro contra a opposição—não posso reprimir estas palavras com que, conceituando politicamente V. Ex.<sup>a</sup>, parodio o rapazito d'Arão:

—Oh que grande Administrador das *duzias*!

Aos pés de V. Ex.<sup>a</sup>, curva-se respeitosamente o

*Zinão.*



## XXIII

### Compadres e Comadres

Decididamente, não se póde ser rapaz solteiro em Valença.

Segundo reza a minha cartilha, os inimigos do homem são tres: mundo, diabo e carne.

Cá na terra, os inimigos dos rapazes são também de tres especies: aguas de Christello, bailes e comadres.

Todos estes inimigos teem procedencia diversa: um nasce na Assembléa, outro fóra de Portas, outro na Coroada.

Todos teem um caminho:—o namoro.

Todos teem um fim:—o casamento.

Epilogo igual para todos:—o *conjugio* vos do Magalhães e a Sr.<sup>a</sup> Dona Maria do Hospital.

---

Berra-se por ahi contra os jesuitas, contra os abusos dos regeneradores, contra as tyrannias do João Cabral, contra tudo que póde affectar o livre exercicio dos nossos direitos e das nossas regalias.

Ninguem se lembra de requerer uma querela contra as *comadres* da Coroadá, que ha dezenas de annos implacavelmente lançam ao pescoço dos nossos mais airosos jovens as gargalheiras do casamento e a colleira de *paterfamilias*.

---

Em bella manhã de Abril entra um raio de sol na alcova; acaricia-nos o rosto; faz-nos cocegas no bigode e diz-nos baixinho ao ouvido: *São seis horas; levanta-te, calaceiro! Lá fóra cantam as aves, exhalam aromas as flores; está tão bonita a campina... tão risonhos estão os prados... tão diaphana a atmosphera e tão azul o azul dos ceos... Vem comigo. És livre; não precisas de ajudar a lavar os pequenos. Vamos,—veste-te, que eu espero cá fóra.*

Vinte minutos depois, respiramos por esses campos o ether das madrugadas. A nossa alma inebria-se; sentimo-nos alegres, bons, fortes e felizes, porque somos livres. Desejavamos possuir umas botas de *sete leguas*, como as d'aquelles contos da infancia; trepar a todos os oiteiros, subir a todas as collinas, saltar por todas as planicies.

Phantasiamos azas como as da cotovia que se libra nos ares, cantando hymnos de jubilo, de liberdade, de amor.

Horas depois regressamos a casa. Á entrada, a sopeira entrega-nos mysteriosamente uma caixinha dos collarinhos, ou dos pós da gomma, cuidadosamente atada com fita de seda azul.

Abrimos:

Dentro, muito secio e garrido, um palmito; ao lado, teso e perfilado, um cartão de visita:

*Fulana de tal.*

Desde aquelle momento, o *bacillo virgula* do matrimonio inficiona o nosso organismo. Perdemos a vontade de comer, damos ais, suspiramos á lua, fazemos versos, cantamos o *choradinho* e principiamos a cuidar nas roupas brancas.

Se não mudamos immediatamente de terra, unico remedio efficaz, estamos perdidos.

Que me conste, até hoje, dos atacados pela fatal molestia só resiste um — o Velloso. Se escapa até aos quarenta, vae para o museu do Inglez.

---

Perde-se em a noite dos tempos a origem d'essa funesta cerimonia: — a eleição dos compadres.

Sei que dubia é, ainda, a tradição que a localiza na Coroadá; porquanto, auctores varios e jurisconsultos sisudos estabelecem no centro da villa a instituição de tão perfidas solemnidades.

As pandectas da Assembléa, os folios da Collegiada, os annaes da Ex.<sup>ma</sup> Camara nada informam a tal respeito. Em vão os consulto em frequentes e longas vigílias.

Esta prioridade de direitos, na organização do escrutinio annual tem por vezes suscitado controversias violentas e disputas acaloradas entre os pacificos habitantes da rua de S. João e os da Coroadá; e se não fôra a sisudez, prudencia, diplomacia e tino politico dos conspícuos inquilinos do Santo Precursor, certamente já teríamos a lamentar successos graves e não pouco deploraveis acontecimentos.

No emtanto, a malquerença entre os dois povos existe e existe evidente.

Na rua de S. João, um habitante da Coroadá nunca foi um cidadão da villa:—foi, e é um *pelludo* da aldéa; e a esta offensa responde a Coroadá affirmando a superioridade dos seus costumes e dos seus habitos, allegando, com assaz persuasiva logica, que não tem lá, nem precisa, de Borrallhos ou de Egyptos.

A origem de tão lastimaveis dissensões está na eleição das *comadres*.

---

A epocha d'esta cerimonia não foi, como alguém poderá imaginar, fixada ao acaso. Fixou-se traiçoeiramente para o domingo de Ramos.

Domingo de Ramos quer dizer: Semana santa e Paschoa — isto é — *soirées* na egreja e na Assembléa e — mais ainda — chavenas de chá sem assucar preparadas pelo Cruz com agua do Christello.

Aos olhos incautos isto nada significa, mas significa muito para o espirito do observador, porque lhe mostra em caminho perfeitamente livre e desembaraçado, juncado de rosas e saturado de aromas, — a comadre e o compadre amarrados um ao outro com as fitas de seda do palmito e da caixa das amendoas. Vão alegres, risonhos, chilreando, sorrindo, despenhar-se no abysmo sombrio do matrimonio, onde o Magalhães, com uma saia de mulher aos hombros, attencioso e mitrado, lhes desfecha quatro tretas de latim.

O palmito aproxima o compadre da comadre: agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> — dou-lhe os meus sentimentos, porque foi infeliz na sorte — merecia compadre melhor, e tal, etc., — diz elle.

— Oh sr. Fulano! Por quem é! ... fui até a mais feliz. — Cú espero as amendoas. — Olhe que é uma vergonha se as não dá. — Quero vêr, eu quero vêr como se porta — diz ella.

Ao despedir, um cumprimento demorado, um sorriso, um olhar ... e compadre e comadre trocam men-

talmente, na visão doirada do futuro, o grau do parentesco.

Magalhães surge ao longe, entre nuvens côr de rosa.

A sr.<sup>a</sup> Dona Maria do Hospital pisca graciosamente o magano olho esquerdo...

---

Na quarta-feira santa, entra um rapazito no portal; bate as palmas — *sou eu!* — *faz favor?* — e entrega uma perfumada caixinha, toda alegre e catita, oiro e setim azul, recheada de amendoas e confeitos.

No fundo espreguiça-se sorrateiramente uma carta.

Rubôr ás faces, noventa pulsações por minuto, leitura tremula, arfar de seios, um suspiro, dois suspiros.

Lê-se, relê-se e torna-se a relêr a carta.

Trabalha o ferro de frisar com mais cuidado, estuda-se uma prega mais graciosa para a mantilha, flor ao peito para o que der e vier, e — entra a *comadre* na igreja.

Quando abre o livro das orações, já não atina com o *Padre-Nosso* nem com a *Ave-Maria*. Com os olhos da imaginação, só vê e lê os caracteres seguintes:



*Minha senhora.*

*Vel-a e amal-a, foi obra d'um momento. Quiz a fagueira sorte escolher-me para compadre de Vocellencia. Bemdita seja ella que me aproximou de quem, ha muito tempo, é o enlevo dos meus olhos, a alegria da minha alma, a ventura do meu coração. Tomo a ousadia de offerecer a Vocellencia as amendoas «inclu-sas». Desculpará Vocellencia. Na minha terra fazem-nas muito bem feitas. Doces d'ovos e amendoas são as especialidades. Se o Papá e a Mamã gostarem, eu mando vir mais. É bom comer poucas, porque são muito indigestas e fazem dôres de barriga. Serei correspondido n'este meu amor? Oh ceos! Quanto anhelosabel-o! De Vocellencia*

*até á morte*

## V.

Durante as *licções*, n'aquelles intervallos em que o Albino canta o seu *macarrónico*, o Padre Alexandre gargareja o melhor e o mais brunido do seu latim e os outros padrecas se revezam, previamente annunciados pelo rapaz sacrista que, de saiote vermelho, vae apagando, um a um, os treze tocos da girandola — compadre e comadre libram as suas almas pelas naves d'um mystico arroubo, ebrios de felici-

dade, de esperanças risonhas, e dulcificados fartamente com amendoas de Tuy e rebuçados de avenca.

À noite, na visita ás casas do Senhor, o compadre acompanha a comadre. Atraz, cochicham o futuro sogro e a futura sogra. As beatas, ao longe, segredam mais um casamento... Compadre e comadre já se tratam por tu. Fica combinado o *gargarejo*.

— *Amo-te — boas noites — até amanhã.*

Domingo de Paschoa.

Baile na Assembléa.

A *comadre*, quando alguém a pede para dançar de roda, está sempre comprometida. Só dança com o *compadre*.

*Compadre* escolhe os melhores doces para a *comadre*; rodeia de atenções a Mamã da dita *comadre*; entretem o cavaco com o Papá da dita *comadre*; é *vis-à-vis* do Mano da dita *comadre*.

As amigas da *comadre*, quando o *compadre* está em pé, arranjam-lhe logo um lugar ao pé da *comadre*.

— *Comadrinha vae, compadrinho vem.*

No fim da noite, entram já na conversa as roupas de linho, de panno cru, as caçarolas, as panellas.

Lá ao longe, muito ao longe, sempre em nuvens côr de rosa, a fugitiva miragem d'um cavalheiro, irreprehensivelmente encasacado, gravata e luvas brancas,—curvado em graciosa mesura perante o Papá e a Mamã.

Um pedido—um *sim*, *Papá!*—uma lagrima da Mamã—um *ai!* e um fanico.

Dois mezes depois, Padre Magalhães dá o nó; e o mesmo raio do sol, que em Abril nos despertava, penetra indiscretamente na alcova nupcial e segreda-nos ao ouvido:

*forte lôrpa!*

Annos passados, quando compadre e comadre teem quatro filhas casadoiras, são elles que reclamam a eleição.

Cada *palmito* que sai de casa é um anzol.

Para o Velloso —oh Paes de familia!—só a *coca* ou o botirão.

---

### Gentis senhoras da Coroadá!

Por piedade! Acabae com este tributo mais violento e mais horrivel do que o tributo de sete mancebos e sete donzellas que, outr'ora, Athenas pagava a Creta.

Por piedade, senhoras!

Arrebataes, annualmente, lá para cima, a melhoria dos mancebos, a nata da mocidade, a fina essencia da juventude, que depois abandonaes a essas ruas—obesos, gordurosos, crivados de callos, *paterfamilias* de *cache-nez*, lenço tabaqueiro e barretinho d'algodão.

D'aqui a pouco não ha um rapaz solteiro em Va-

lença; e como as estatísticas demonstram que, para cada mancebo casadoiro ha, entre nós, vinte damas em disponibilidade, attentae que não é risinho o vosso futuro, porque está provado á evidencia, que os rapazes de fóra sabem escapar á magia dos vossos palmitos.

Vêde o Velloso, o Leopoldo, o Gomes da Artilheiria, o Prado, o dr. Brandão.

Transijamos, pois, gentis damas:

Nós estamos promptos a enviar annualmente para a Coroada, quarenta arrobas de amendoas e quarenta dictas de rebuçados dos melhores e dos mais ricos que tenham o Có-Có, e o Telmo Parada.

Outrosim nos compromettemos ao pagamento d'um tributo annual de tres mancebos casadoiros, que vos serão entregues no domingo de Ramos, ao meio dia, em frente das *Alminhas*, com os respectivos bahus de roupa branca: camisas, ceroilas, piugas, barretinhos de dormir, pannos da barba.

Para o pagamento d'este tributo organizaremos um gremio, como o dos negociantes, na distribuição da decima.

Os tres desgraçados serão indicados pela sorte. Irão esses para as negras penas do matrimonio, mas, ao menos, os restantes poderão em todo o anno andar satisfeitos, alegres, livres de melancholias e de... *palmitos*.

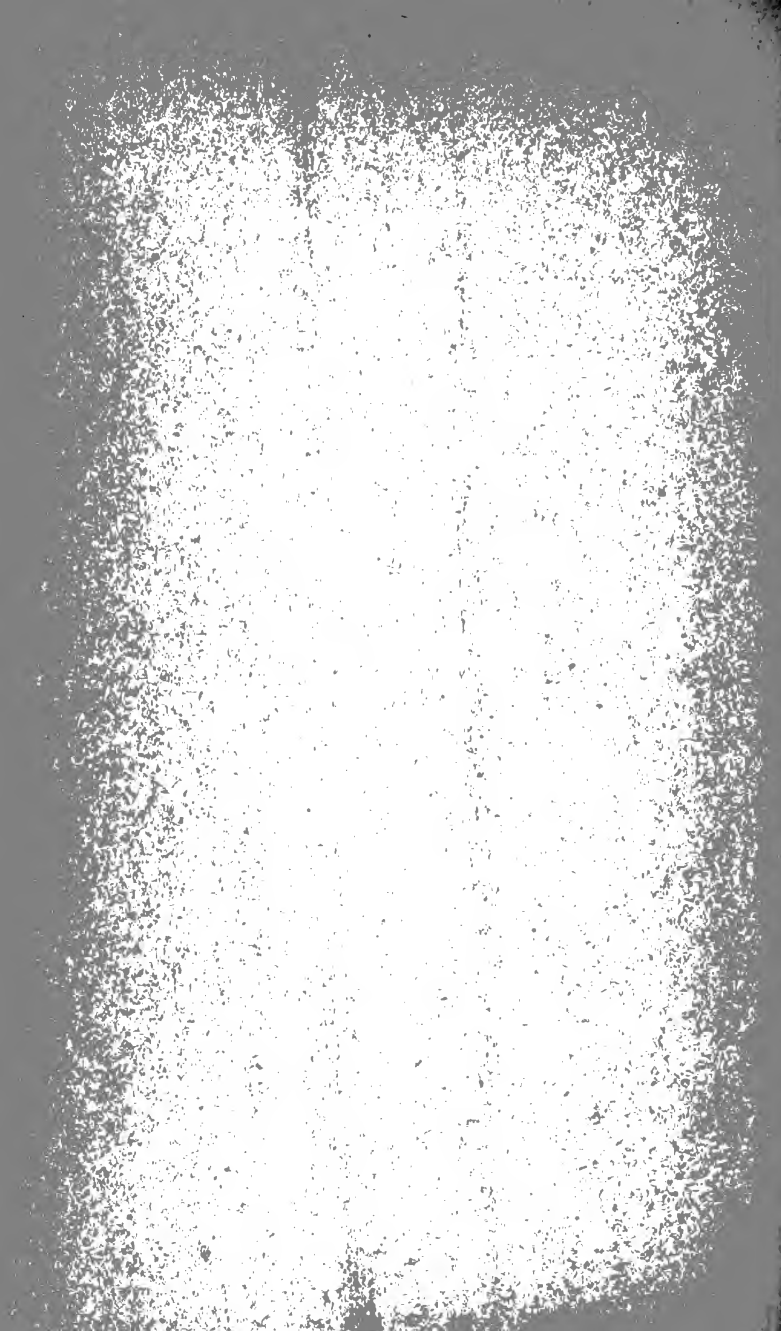
Sou casado tres vezes, senhoras! O Magalhães que o diga...

E tanto ás defunctas consortes, como á compa-  
nheira actual, quem me prendeu foi a vossa eleição.

Por isso, quando agora vejo um palmito é o  
mesmo que vêr o diabo.

Em nome da mocidade, protesto contra a

**eleição das comadres!**



## XXIV

### Ultimas palavras

Na vida social, uma povoação possui a complexidade do organismo d'um individuo. Pode estudar-se physiologicamente e psychologicamente.

Tem sentimentos, expansões, dôres, coleras, alegrias; tem órgãos, musculos, enfermidades e lesões; periodos de vigor, de engrandecimento e de decadencia.

Athenas foi a alma da civilização hellenica; Sparta teve a musculatura dos fortes na hegemonia das cidades gregas; Roma cingiu o mundo com os seus braços de ferro; na gloria dos seus triumphos e das suas conquistas teve a vertigem da sensualidade e do prazer; libertinou-se, effeminou-se e apodreceu na enxurrada das sargetas.

Paris ri; e Londres, embrutecida com o *gin*, com as *fresh girls* e com os deboches de Cleveland-Street, offerece o nojento bandulho ao facalhão de Jack, ou escouceia no *match-box* do Pelican Club, em que dois homens se esborracham a sôco, com grande gaudio d'isso que é a quinta essencia da pelintrice, do egoismo, da ambição, do orgulho, da *pataqueirice* réles da viella e que nas altas espheras do *High-life*, em *Leicester Square*, no *Regent's Park* ou no *Covent Garden* se intitula pomposamente — um *lord*!

Appliquemos aqui, aquella conhecida theoria de Broca sobre a relação entre o volume cerebral e a intelligencia.

O volume do cerebro pode, segundo o eminente sabio, indicar maior ou menor desenvolvimento intellectual.

Ora, o que é o cerebro?

É a parte pensante do organismo.

N'este individuo social — uma povoação — onde o devemos procurar?

Na sua parte illustrada; nos filhos que se distinguem pelas manifestações da sua actividade mental, e, assim, poderemos dizer que o numero d'elles está para a consideração e importancia intellectual do individuo — povoação — como o volume do cerebro está



para o individuo — homem. — Tanto maior, quanto mais illustrada, tanto menor quanto menos culta.

E admittido isto, desassombradamente podemos affirmar que nenhuma outra povoação do paiz, com egual numero de habitantes — nas cathedras do Ensino superior, nas elevadas posições do Exercito, nos altos cargos da Magistratura, na Classe medica, na Advocacia, no Commercio e frequentando ainda os cursos superiores — tenha numero egual, que não superior, de filhos, e tão, que não mais, distinctos.

Mas, honrosa como é esta superioridade tambem ignobil e infamante é a indolencia a que nos entregamos, com que abandonamos os nossos direitos politicos, com que ficamos de bocca aberta e mãos nos bolsos, na triste impassibilidade do fackir, assistindo, impotentes como um eunucho, a essa activa evolução que impulsa as mais insignificantes povoações, transformando-as com os benesses das modernas instituições e levando-lhes as arterias á hematose dos grandes centros civilizados.

O titulo de *burgo padre*, com que realmente este concelho é mencionado em Lisboa, deve ser para nós mais degradante do que a marca a fogo do grillheta e do forçado.

Tempo é de nos libertarmos d'essa tristissima condição de barregan, em eterna dependencia de qualquer tia, velhaca e rufona que á nossa custa encha a pança e o *pé de meia*.

Na choldra da prostituição politica do nosso paiz

ha circulos que necessitam de caricias e de namoro; ha circulos fieis, ainda que rarissimos; ha-os de pernas abertas para quem mais der, e ha-os *pataqueiros* destinados a desvirgar os meninos lisboetas, ou a entregar o corpo ao primeiro pandego, que lá de Bijagóz ou de Paio Pires, se lembre de passar por elles, fazendo caminho para ir ajudar a embolar os toiros no curro de S. Bento.

Esta é a nossa triste condição.

---

Ha seis ou oito annos que n'este *burgo podre* se manifestaram uns debeis symptomas de vigorização politica. Regosijei.

Pareceu-me que ainda poderia ver Valença como as outras terras; á mesa do orçamento, com o seu logar marcado e o seu talher, e não como então estava: debaixo do banco, apanhando de quando em quando o osso esfolado e o pontapé do *gajo* que a levava pela trela do voto.

Vans esperanças! Antes o Passado. Appareceu effectivamente a Politica, mas esfomeada, esqueletica, larvada, com manhas de gato lambareiro e caricias de cadella aluada.

Anichou-se por ahi, comendo á *tripa-forra* e passando o tempo ao sol, de barriga para o ar e carcela desapertada.

Tem dichotes de histrião e insultos de fadista. É

insupportavelmente porca: onde toca deixa baba; onde poisa deixa excremento. Quando fala não deita perdigotos, deita escarros; quando escreve não o faz com tinta, mas com pus.

Se graceja causa náuseas, se chora provoca o pontapé.

Examinada physiologicamente encontramos-lhe deficiência de órgãos. É impotente e a impotencia organica reflecte-se na alma, porque não tem enthusiasmos, nem aspirações, nem... vergonha.

Conjuga só um verbo:—comer; só conhece um pronome:— nós.

Muda de patrão de tres em tres annos. Pouco se importa com isso. Se elle a trata-mal, agacha-se, servil e humilde; se a trata bem, esfarrapa-lhe uma cannela ou levanta a perna e... molha-o.

---

Um ataque de epilepsia politica agita actualmente os magnates eleitoraes.

Está no chôco novo deputado...

Indigitam-se dois filhos da terra como candidatos.

A rua de S. João torce o nariz...

Esta rua de S. João representa os mesmos *chimpanzés* que, em tempos, rejeitaram o sr. dr. Illidio Ayres para facultativo do Hospital e o sr. dr. José Vieira para medico da Camara.

Para que V. Ex.<sup>a</sup> conheça bem a gente que o ro-

deia, sr. dr. Pestana, aconselho-o a que peça pormenores ácerca das discussões que o seu nome provocou nos *centros*.

*Arrufos, grêves, amuos, etc.*

Diz V. Ex.<sup>a</sup> que o Zinão é *politico* e *má-língua*.

Contra a primeira accusação protesto respeitosa-mente, e rogo a V. Ex.<sup>a</sup> que faça melhor conceito do meu character.

Emquanto á segunda, direi a V. Ex.<sup>a</sup> que tem mais a recear da *boa-língua* e da *fidelidade* dos seus *pseudo-partidarios*, do que da critica zinoica.

Eu defendi sempre a candidatura d'um filho da terra, emquanto que os seus *amigos*... Informe-se, informe-se V. Ex.<sup>a</sup>, porque talvez isso lhe seja proveitoso.

Os trabalhos eleitoraes tem peripecias engraçadissimas que davam para novo volume de *Sinapismos*.

Abstenho-me, porém, de explorar esse inexgotavel filão de ridiculos, existente na massa cerebral—grude de sapateiro e pura secreção de rins—dos nossos politiqueiros.

Tenho na minha frente dois filhos de Valença. Não sei, nem quero saber qual d'elles tem mais probabilidades de vencer.

Oxalá que todas as difficuldades desapareçam; que todas as indisposições terminem, que todos os

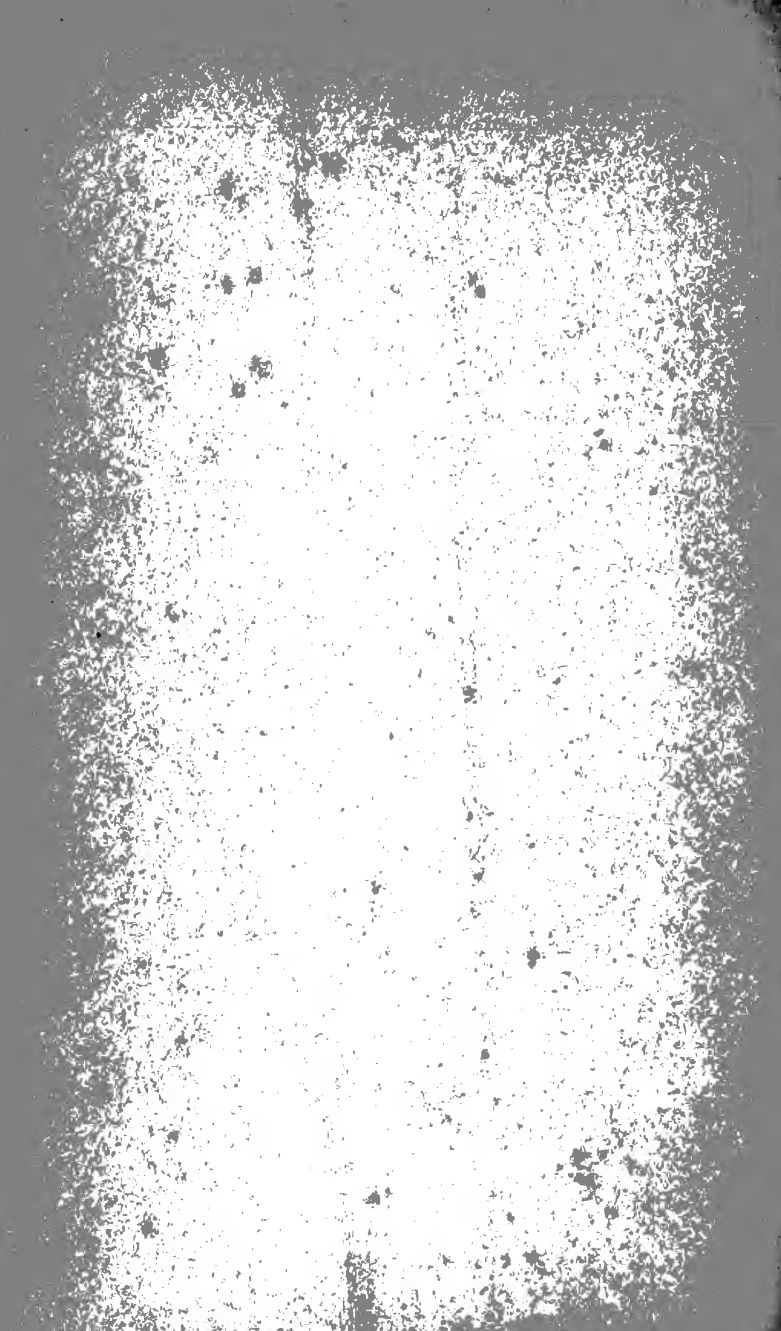
esforços se reunam e que esta terra possa, finalmente, ter em S. Bento um representante útil e proveitoso, como deve ser qualquer dos seus filhos.

Seja qual fôr o vencedor e a opinião politica que perfilhe, eu saúdo n'elle o valenciano que recebe o mandato dos seus patricios, e oxalá que a eleição de 30 de março de 1890 seja o inicio d'uma politica digna, purificada de trampolinices, de arruaças, de *borralhadas da Santa*, — independente de histriões e de tartufos, que até á data teem manchado a consideração d'esta terra com o infamissimo labéo de

**burgo podre!**

Eis o que para Valença deseja o *má-língua* do

*Zinão.*



# Indice

---

	Paginas
Duas palavras .....	5
Aos pobres de Valença .....	9
I — O microbio .....	13
II — Passe-Calles .....	23
III — Carta a Sua Ex. <sup>a</sup> o Sr. Governador de Paysandu .....	63
IV — Uma descoberta do dr. Charcot .....	79
V — Perfis .....	91
VI — Coisas de egreja .....	105
VII — Litteraturas .....	127
VIII — Quimtilinarias .....	135
IX — Politiquices .....	145
X — Violetas .....	169
XI — Os quadros da Collegiada .....	177
XII — O senhor deputado .....	189
XIII — Carta ao Zé Senso .....	201
XIV — A Questão da Musica .....	209
XV — As muralhas .....	235
XVI — A manifestação de 14 de janeiro .....	247
XVII — A Sociedade dos Provareis .....	279
XVIII — Uma recita de curiosos .....	299
XIX — Transferencias .....	309
XX — A questão ingleza .....	321
XXI — A manifestação dos artistas .....	333
XXII — Carta a Sua Ex. <sup>a</sup> o Sr. Administrador .....	347
XXIII — Compadres e comadres .....	363
XXIV — Ultimas palavras .....	375

## Emendas

---

PAG.	LINH.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
54	24	d'uma fôrma	d'um modo
112	22	origem	viagem
127	46	eminente	imminente
162	10 e 46	Luiz xi	Luiz xiv
177	11	paleolithica	paleolithica
180	12	as borrasse	os borrasse
205	22	corcodilo	crocodilo
239	5	nada valeram	nada valerem
318	25	anavalhareu	anavalhar

A' perspicacia e benignidade do leitor confiamos outras irregularidades que n'essas paginas possa encontrar.





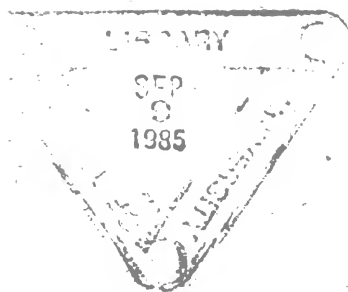
COFFEE BRAND

LIBRARY

SEP

1900





**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

PQ  
9261  
Z55S5  
1389  
C.1  
ROBA

